

Deborah Smith

Da autora de *Doces Silêncios* e *A Doçura da Chuva*

Regresso a Casa



Deborah Smith é uma das autoras americanas mais lidas em todo o mundo: a sua obra já vendeu mais de três milhões de exemplares. Nomeada para diversos prémios importantes, como o *RITA Award* da *Romance Writers of America* e o *Best Contemporary Fiction* da *Romance Reviews Today*, foi distinguida com o Prémio de Carreira atribuído pela *Romantic Times Magazine*.
No catálogo da Porto Editora figuram os seus romances *A Doçura da Chuva*, *Segredos do Passado*, *O Café do Amor*, *Milagre* e *Doces Silêncios*, que obtiveram assinalável êxito junto dos leitores portugueses.

Regresso a Casa
Deborah Smith

Publicado em Portugal por
Porto Editora
Divisão Editorial Literária – Lisboa
Email: dellisboa@portoeditora.pt

Título original:
On Bear Mountain
© 2001, Deborah Smith

Tradução: Elsa T. S. Vieira

Design da capa: Manuel Pessoa
Imagens da capa: © Shutterstock.com

1.ª edição em papel: abril de 2018

Porto Editora

Rua da Restauração, 365
4099-023 Porto
Portugal

www.portoeditora.pt
ISBN 978-972-0-67653-5

Dedicatória

Todos os livros crescem e adquirem a sua própria estrutura, com os ossos a formarem um animal misterioso que ninguém – nem mesmo o autor – tinha visto antes. Esta história evoluiu em padrões maravilhosos e desconhecidos, por vezes desenvolvendo partes desnecessárias e voltando a absorvê-las, às vezes caminhando pesadamente sobre uma dúzia de pés, depois correndo em apenas dois. Quero agradecer a estes amigos leais, carinhosos e muitíssimo talentosos por me ajudarem, por fim, a dar à luz uma criatura de carácter forte, cabeça orgulhosamente erguida e coração terno: Sandra Chastain, Gin Ellis, Debra Dixon e Martha Shields.

Este livro é dedicado a cada Picasso de beira de estrada que pinta o paraíso numa tábua velha, a cada escultor de objetos encontrados que transforma uma lata ou um serrote velho num *object d'art*, e a todos os outros sonhadores com a coragem de criar algo maravilhoso a partir do nada.

Este livro é para a minha mãe. Sentirei sempre a tua falta. E para Hank, que me explicou exatamente o que são uma cambota e uma mola de *buggy*, como é difícil dobrar varetas de aço e como podemos tornar um tacho de ferro velho à prova de ferrugem. Por estas e muitas outras sabedorias partilhadas em trinta anos de casamento, amo-o.

Mostrem-me um herói e eu escreverei uma tragédia.

F. Scott Fitzgerald

Prólogo

Jurei envergonhar Quentin Riconni se ele morresse nos meus braços naquele dia, ali, naquela montanha no estado da Georgia, sob o céu frio de inverno.

– Os Powell não fazem o luto como as outras pessoas – murmurei em voz trémula contra o vento que redemoinhava sobre o elevado vale montanhoso. Aproximava-se uma noite difícil; a geada mataria todas as criaturas vivas e vulneráveis, incluindo ele.

»Vou passar o resto da vida a contar a toda a gente quem tu eras, porque te amei e porque nunca mais fui a mesma depois da tua morte. E hei de fazer-te parecer muito melhor do que eras, mais forte e mais carinhoso do que alguma vez tiveste intenção de ser. As pessoas vão achar que me encantaste com conversa fiada e a tua beleza. Terei de lhes explicar que não eras grande falador nem eras assim tão giro. Queres mesmo que eu minta?

Os olhos dele continuaram fechados, os lábios ligeiramente entreabertos, a respiração a formar agora apenas uma leve neblina no ar gelado. Há pelo menos uma hora que não respondia a nenhuma das minhas perguntas. Eu estava deitada ao seu lado, a tentar mantê-lo quente. A luz da fogueira tremeluzia-lhe no rosto. Nas cidades e casas, nas quintas e estâncias dos vales por baixo de nós, as lareiras lançavam o seu calor decorativo. Mas aqui, cá em cima, onde apenas as almas mais resistentes conseguiam sobreviver, o fogo era vida, e apenas promessas ditas em voz alta conseguiriam manter ao largo os medos mais sombrios.

– O Arthur acredita em ti – continuei. – Agora tu tens de acreditar *nele*. Ensinaste-o a ser um homem e ele não te deixará ficar mal.

O céu amadurecera em tons gelados de roxo e dourado por cima das árvores nas montanhas Apalaches. O Sol que se punha no crepúsculo cinzento-azulado arrastava consigo os últimos minutos da vida de Quentin para lá do horizonte. Rezei por um milagre. O meu irmão, Arthur, partira em busca de socorro há horas.

Pressionei com mais força o sítio no tórax por onde a bala trespassara Quentin. «Se tivéssemos chegado uma hora mais cedo», diriam os socorristas. Um minuto mais cedo. Um segundo mais cedo. Eram sempre as pequenas frações de tempo que arruinavam as pessoas. Eu sabia que a ajuda acabaria por chegar, mas nessa altura seria tarde de mais. Ele nunca sobreviveria à longa viagem para descer a montanha. Toquei-lhe nos lábios, à procura de algum sinal de respiração, mas não o encontrei.

Ele partia com o pôr do Sol.

Há escolhas que são feitas por nós antes mesmo de nascermos. Algumas tradições estão solidificadas em padrões imutáveis aos quais se espera que nos conformemos, as juntas bem soldadas, as forças e fraquezas encaixadas no devido lugar. Não projetamos a nossa própria sombra enquanto não sabemos quem amamos e qual é o nosso lugar. Só então compreendemos.

Às vezes, é preciso partir o molde feito para nós, ou então morrer a tentar.

Parte Um

1

Quando eu era pequena, parecia-me que a nossa quinta isolada ficava no fim de um caminho que conduzia a uma terra mágica onde apenas os Powell e as lendas podiam sobreviver. Mesmo pelos padrões da montanha, os terrenos de Bear Creek eram demasiado pedregosos para serem cultivados, íngremes de mais para os madeireiros e demasiado isolados para caçar. Havia apenas um sítio nivelado minimamente utilizável, e era o nosso planalto de dois hectares com vista para o vasto bosque do vale. A fita sinuosa da nossa estrada estreita de terra batida subia e descia e curvava entre o bosque, ao longo de um quilómetro e meio, antes de chegar a uma estrada pavimentada de duas faixas. Na aproximação à nossa propriedade só se encontravam estreitas faixas de decoração nos sítios onde o sol batia. Nesses locais, a natureza explodia em malmequeres, campainhas, antiquadas rosas frisadas escapadas de algum caramanchão dos Powell há muito desaparecido, e junquilhos amarelos que tinham migrado de canteiros mais domesticados. Era aí que eu vivia, com pais que sabiam que nós éramos especiais. Nasci no dia em que o nosso destino partiu ao nosso encontro.

Numa manhã fria de março, em 1966, um comboio de mercadorias da Southern Railways concluiu a longa viagem de regresso a casa, vindo de Nova Iorque. A grande locomotiva e a comprida fila de carruagens emergiram do último túnel de granito coberto de musgo sob as antigas montanhas Apalaches, subiram uma encosta íngreme ladeada de grandes abetos, rododendros e outras árvores, e entraram num planalto elevado perto da fronteira entre a Georgia e o Tennessee.

Ao olhar para leste, sobre a paisagem assombrosa de montanhas cinzentas ainda à espera da primavera, o maquinista talvez tenha avistado o fumo distante da chaminé centenária da propriedade dos Powell, se o vento estivesse a soprar na direção certa. Dentro dessa casa caiada eu tinha cinco horas de vida, encontrava-me em segurança nos braços da minha mãe e não imaginava que o meu futuro estava a chegar à cidade.

O comboio abrandou com a imponência do poderio industrial, enquanto o apito saudava a fábrica de ração das Indústrias Tiber, o aviário das Indústrias Tiber e a fábrica de transformação de aves das Indústrias Tiber, nos subúrbios da cidade. Um quilómetro e meio mais à frente desceu uma encosta suave, a apitar alto, e entrou no cenário civilizado de Tiberville.

Sob a cúpula das árvores de ramos despidos, carros e carrinhas enchiam as bonitas ruas da cidade como se houvesse um festival. No terminal ferroviário de Tiberville, várias centenas de pessoas aguardavam o comboio.

Os melhores lugares à frente da plataforma estavam ocupados por um grupo de cidadãos notáveis. O resto do condado aguardava abaixo do nível da plataforma, partilhando com os cães da cidade o parque de estacionamento de gravilha. Esta casta incluía avicultores contratados pelos Tiber, empregados da sanguinolenta fábrica de processamento de galinhas dos Tiber, gente selvagem da montanha que ganhava a vida de formas mais rebeldes envolvendo álcool, caça e carros, e ainda o

meu pai, Tom Powell.

Às 11h52m o comboio parou no terminal histórico de Tiberville. Dentro de uma das carruagens vinha a escultura de um urso nativo da Georgia. A matriarca da cidade, a velha e excêntrica Betty Tiber, que ainda estava ligada aos Powell por ser filha da famosa Bethina Grace Powell Tiber, encomendara-a para a Universidade de Mountain State.

O escultor era um artista desconhecido de Brooklyn chamado Richard Riconni. Ninguém em Tiberville ou no condado de Tiber fazia ideia do que esperar dele, exceto a menina Betty e o meu pai de espírito artístico, que tinham engendrado o plano para uma escultura de urso feita de *souvenirs* locais, como dizia a menina Betty, ou «lixo», na maneira de falar mais simples do meu pai. «O sangue Powell é que lhe deu esta ideia disparatada», insistiam alguns Tiber, e não como um elogio.

Os Tiber e os seus amigos albergavam visões idealistas e desesperadamente esperançosas de uma estátua clássica que pudessem expor de forma imponente nos relvados bem tratados de Mountain State. Ou, no mínimo, uma peça de arte moderna que não envergonhasse velhinhas e sacerdotes. Assim, quando a porta da carruagem se abriu, todos se aproximaram para ver a primeira escultura ianque em Tiberville. E recuaram no instante seguinte.

O urso preto abstrato agigantava-se sobre eles, tocando no teto da carruagem com o lombo curvado. Tinha os flancos abertos, feitos de barras de aço, e pernas curtas e grossas de metal torcido que terminavam em patas de ferro negro com garras curvas e elegantes. A cabeça era nobre e maciça, feita de secções de ferro martelado que se uniam numa estrela espantosa de soldaduras sobre o focinho. Dois buracos negros na cabeça olhavam para o nosso mundo com o efeito desconcertante de olhos misteriosos e conhecedores. Mais do que com um urso, a escultura parecia-se com um Omnívoro do Universo, um espírito sereno com o poder de divertir, irritar ou iluminar.

O paizinho adorou a escultura assim que a viu. Nas profundezas das costelas abertas, suspenso em arames de aço, havia um pedaço de metal derretido em forma de coração, que fora em tempos o carburador do velho trator *Ford* de 1922 do seu avô, Oscar Powell. Esse trator tinha lavrado fielmente duas gerações de terra para horta e pasto em Bear Creek. Centrada à volta de um núcleo tão terra a terra e leal, e batizada em nome de toda a população ursina do mundo, a escultura do Urso tornou-se de imediato um membro da família.

– É linda – comentou o meu pai em voz alta, uma voz solitária no silêncio aturdido. As pessoas à sua volta continuavam de olhos erguidos para a escultura enorme, mudas de assombro ou embaraço. Os representantes da Universidade de Mountain State quase se engasgaram. A família Tiber fundara a universidade em finais do século dezanove e, desde então, tinham patrocinado metade dos edifícios do *campus*. Betty Tiber em pessoa inaugurara o novo bar e as bancadas de betão para o campo de beisebol da universidade. Não podiam rejeitar esta terrível piada de ferro-velho. Betty estava no hospital, a recuperar de um enfarte ligeiro, mas mandara avisar que viria de ambulância, nessa tarde, para ver o seu orgulho.

Todos os Tiber na plataforma da estação lançaram olhares fulminantes ao meu pai.

– Tommy, chega aqui acima – ordenou John Tiber no seu tom mais magistral de presidente dos Rotários. – Diz-me que tu e a minha avó não sabiam que esta maldita coisa seria assim.

O paizinho saltou para a plataforma, sorridente. Atrás dele, toda a multidão se riu com gosto. John Tiber franziu o sobrolho ao sentir a sua autoridade impugnada e a dignidade menosprezada. O pai dele morrera novo, um Tiber simpático e alcoólico, e depois disso a mãe pura e simplesmente definhara. John passara a juventude a tentar compensar a desonra dos pais, por isso não lidava bem com humilhações. Agora, pela primeira vez na história de Tiberville e do condado de Tiber, a sua família via-se alvo de uma troça muito *pública*. Desse momento em diante, o senhor John, como toda a gente lhe chamava, odiaria e temeria o efeito da escultura.

O paizinho enfiou as mãos nos bolsos do casaco puído e abriu ainda mais o sorriso.

– Johnny, a escultura é como *tem* de ser – disse ao primo, que estava vermelho como um tomate. – É *mesmo* para fazer as pessoas pensar duas vezes. É feita de coisas boas e de coisas más… ruína e alegria, esperança e perda… é a *vida*, Johnny.

– A vida não é feita de lixo e disparates. – O senhor John, que não tinha sequer trinta anos, mas já estava a ficar careca e rotundo, era o capitão perfeito da sociedade desta pequena cidade, de fato castanho, com um alfinete de ouro das Indústrias Tiber a defender a fina gravata preta da brisa de março. O meu pai, mais ou menos da mesma idade, era pobre, escanzelado pelo trabalho árduo e adoravelmente simples; vestia as suas melhores jardineiras, camisa branca, com um chapéu castanho coçado no cabelo acobreado, e os olhos calorosos repletos de assombro enquanto estudava a abominação ursina trazida por ele e por Betty Tiber.

– É perfeita – declarou.

Furioso, o senhor John deu um passo em direção a ele, parou e cerrou os punhos. Só o afeto de uma vida inteira o impediu de lhe dar um soco na boca. Afinal de contas eram primos e isso significava alguma coisa, apesar de os Powell já não serem formalmente reconhecidos como família ou convidados para o círculo social dos Tiber. Em pequenos, os dois tinham sido grandes amigos e, cada um à sua maneira, eram os guardiões da comunidade. Uma palavra do paizinho podia resolver disputas entre as Indústrias Tiber e os criadores de galinhas contratados do condado.

– Tommy – resmoneou o senhor John –, acabas de fazer recuar as relações entre as nossas famílias uns cem anos.

– O Urso tem coração – insistiu o meu pai. – Tem alma.

Coração e alma. Era a crítica artística típica do meu pai.

– Agora esta cidade tem uma autêntica obra de arte para admirar e discutir – continuou o paizinho. – Pode mudar as nossas vidas, fazer-nos ver o mundo com outros olhos.

– Tem é uns cinco mil dólares das poupanças da minha avó – retorquiu o senhor John. – Devia tê-la obrigado a passar-me uma procuração antes de vender as ações da *Coca-Cola* e de começar a

falar com nova-iorquinos.

Fez um sinal brusco aos homens para fecharem a porta da carruagem e o Urso desapareceu, pelo menos temporariamente. O espetáculo chegara ao fim. As pessoas de Tiberville e do condado de Tiber voltaram aos seus empregos, às suas casas, às suas aulas, às suas vidas, entre risos ou exclamações de indignação mal contida. A vida não voltaria a ser a mesma.

Quando o paizinho voltou para a nossa quinta, nesse dia, subiu a correr as escadas velhas e caiadas e gritou:

– Victoria, a escultura é uma coisa linda de se ver! Vai mudar a forma como as pessoas veem o mundo por estes lados!

A mãezinha estava aconchegada no quarto, enrolada em mantas para se proteger das correntes de ar que viviam como fantasmas felizes na casa da quinta Powell. Respondeu, em tom devotado:

– Não tenho dúvidas, se assim o dizes – enquanto me aninhava contra o peito nu. Eu nascera em casa porque os hospitais eram contra a sua religião. Essas modernices do Novo Testamento não eram para ela.

O paizinho sentou-se ao lado dela na cama de pinho e, com grande paciência, contou-lhe tudo sobre a segunda obra de arte mais maravilhosa que já vira, depois da filha que acabara de chegar a este mundo. Beijou-me a testa e os lábios sorridentes da mãezinha e depois falaram sobre o meu nome.

– Tem de ser um nome de urso, por causa do que aconteceu hoje – sugeriu ele. – Gostava de dar à nossa menina o nome de Ursula. Estive a estudar esse nome. A Ursa Maior e a Ursa Menor, sabes… os padrões de estrelas no céu? As constelações? Ursula significa «Pequeno Urso». Calculo que isso deve deixar feliz o espírito do urso da nossa família. E também em honra do Urso de Ferro. É o que vou chamar à escultura. Tenho a sensação de que isto é importante, no panorama geral das coisas! Gostava de conhecer o Richard Riconni e de lhe apertar a mão por ter construído esta escultura! É um homem que sabe que temos de procurar dentro de nós próprios e conhecer os nossos ossos para ver aquilo de que somos feitos! – O paizinho acariciou-me a cabeça com os dedos calejados. O meu cabelo era acobreado e revolto, como o dele. – É isso que vou ensinar a esta menina! A ser uma ursa de ferro!

A mãezinha, que conseguia ver a escultura sagrada dentro das ideias excêntricas do paizinho, limitou-se a acenar em sinal de concordância e amor. Eu mamava no seu peito, satisfeita e inconsciente da responsabilidade que acabara de me ser atribuída.

Para o melhor e para o pior, eu e o Urso de Ferro tínhamos chegado.

*

Cinco estados e mil e seiscentos quilómetros a norte dali, Quentin Riconni estava encolhido ao

lado do aquecedor na sala de estar fria do pequeno apartamento de Brooklyn onde vivia com os pais. A divisão estava mobilada com móveis de napa baratos e as estantes repletas de enciclopédias, livros de arte e romances. Espalhadas pela sala, em cima da mesinha de café, dos suportes dos candeeiros e nos cantos, havia uma dúzia das esculturas mais pequenas do pai dele, como estranhos elfos metálicos. No parapeito da janela da sala, uma cópia em gesso da *Cabeça de uma Mulher*, de Picasso, olhava para uma rua de árvores enfezadas, entradas de prédios sujas de lixo e lojas com grades nas montras.

Quentin escrevinhava febrilmente no seu diário, um caderno de argolas no qual colara o símbolo grego do infinito, uma imagem elaborada da máquina do tempo de H. G. Wells e uma fotografia de jornal de Muhammad Ali, conhecido ainda nessa altura como Cassius Clay. No topo da capa do caderno, em letras de imprensa que Quentin traçara a tinta, estavam as palavras *O Meu Credo*. Este não era um menino de oito anos vulgar. Estava a contar a história da sua vida até então e dos eventos recentes que estavam prestes a *mudá-la*.

Há dois anos, quando eu era pequeno, pensava que Brooklyn era o mundo. A mamã diz que, enquanto Brooklyn tiver bibliotecas, somos *mesmo* o mundo. Ela é bibliotecária, por isso sabe do que fala. Ela garante que da praia de Coney Island eu consigo ver a Europa, se pensar nela com força suficiente. A nossa parte de Brooklyn é feia, mas o resto da cidade não é má. O papá diz que a fealdade está na maneira como olhamos para as coisas. Eu não sei. Vejo coisas na nossa rua que *são* apenas *feias*. E só vai piorar.

Hoje descobri que o papá não pode continuar a viver connosco. Vai para uma cidade que fica a três ou quatro horas de carro, onde um homem que comprou uma das suas esculturas tem um armazém vazio que ele pode usar como estúdio, para ter mais espaço para trabalhar. Tudo o que o papá tem de fazer é cuidar do edifício. Não temos dinheiro para arrendar um sítio desses por aqui. Ouvi dizer que é mesmo grande.

O papá contou-me que as pessoas costumavam guardar fogões, colchões e outras coisas no armazém antes de o anterior dono ter tido problemas com o FBI. A nossa vizinha de cima, a senhora Silberstein, disse-me que é provável que haja mafiosos enterrados debaixo do chão. A mamã garantiu-me que o papá não se importa com os fantasmas dos mafiosos. Cresceu rodeado deles.

Só vamos ver o papá aos fins de semana, até ele ficar rico e famoso com a sua arte. Ele acha que só vai demorar um ano ou dois, quase de certeza. Mas a mim parece-me uma eternidade e não sei o que faremos sem ele. Apanhei a mamã a chorar na cozinha (e a minha mãe NUNCA chora) e ela jurou que era porque tinha aberto o saco das cebolas que estava em cima da mesa. Fingiu bater no saco com a bengala. «Tomem lá, cebolas», disse. Eu fingi que ria.

TAMBÉM NÃO VOU CHORAR. TENHO DE CUIDAR DA MINHA MÃE.

Até à semana passada, o papá trabalhava para o senhor Gutzman. O papá chama-lhe «Goots».

Goots é um alemão. Ele tem uma grande oficina moderna onde arranja mossas em carros caros. Acha que o papá é o melhor bate-chapa no estado de Nova Iorque e tem pena de o perder, mas tem a certeza de que o papá voltará assim que ficar sem dinheiro. A mamã respondeu-lhe que vivemos como espartanos e não precisamos de muito dinheiro. Precisamos, sim, de boa arte e de boas ideias.

Durante muito tempo, Goots deixou o papá usar um canto da oficina para construir arte de metal. Às vezes o papá levava-me lá e eu ajudava.

– Fazemos o metal falar connosco – explicava-me. – Mostrar-nos aquilo que quer ser. Somos como Deus. Estamos a dar-lhe vida.

O padre Aleksandr da escola de St. Vincent's (onde eu ando) não gostaria de saber que o papá diz essas coisas, mas nunca lhe contarei, nem na confissão, nem em lado nenhum, mesmo que por isso vá parar ao Inferno. O meu pai é o melhor pai e o melhor homem do mundo!

Uma vez, ele fez uma grande coisa retorcida a partir de umas escadas de ferro e Goots comentou:

– Argh! O que é ISSO? Foi apanhado numa tempestade? Um camião passou-lhe por cima?

O papá explicou-lhe que era para parecer uma coisa partida e fazer as pessoas pensarem no que era estar partido, mas Goots abanou a cabeça grande e soltou um novo «argh». Depois um homem rico de Heights veio buscar o carro à oficina e *comprou* a escultura por duzentos dólares!

Colocou-a na sala de espera do seu consultório.

Era médico das costas.

Depois disso, o papá e a mamã ficaram entusiasmados, mas durante muito tempo o papá não vendeu nem mais UMA escultura e quase desistiu. Eu via que ele se sentia mal. Costuma ser muito calado e às vezes fico assustado não o consigo fazer falar. Não tenho medo de que me bata, mas parece que fica com vontade de bater a si próprio. Até deixou de ir aos museus ao domingo connosco. A mamã estava sempre a abraçá-lo. A senhora Silberstein diz que ela é a médica do coração do papá.

Mas depois, em novembro, ele arranjou um cliente importante para a sua arte e tudo mudou! Uma senhora pagou-lhe cinco mil dólares para fazer um urso. Um URSO! O papá colocou-o num comboio e mandou-o para a senhora há duas semanas. DAQUI ATÉ À GEORGIA. Estive a ver no mapa.

O papá mencionou que o urso era especial e que lhe tinha ensinado algumas lições. Percebe-se mais ou menos que é um urso, e isso é MUITO ESPECIAL, porque na maior parte das vezes ninguém consegue perceber o que é que as esculturas do papá representam. A mamã diz que é o espírito da vida, o que significa que o papá encontrou a sua vocação. Para mim, parecia apenas um urso com os ossos todos à mostra.

Este urso também vai tornar o papá importante, segundo a mamã, apesar de nunca ter acabado o ensino secundário! E ela sabe dessas coisas, porque andou na universidade! O papá não quer saber da escola, mas adora ler, por isso ele e a mamã dão-se muito bem. Exceto por ele detestar a Igreja. Cresceu num orfanato da Igreja onde as pessoas eram más, e tem uma cicatriz de cinto no ombro, eu

já vi! Mas obrigou-me a ser acólito e etc., porque a mamã queria e St. Vincent's é uma boa escola católica, e eu não pago nada para lá andar porque a minha mãe tinha uma tia maluca chamada tia Zelda que deixou o seu dinheiro todo a St. Vincent's. Até me deram o nome de um velho padre que lá dava aulas de Latim.

Os Riconni estão a tentar construir algo importante há cerca de cento e cinquenta anos e, até agora, não tem corrido muito bem. O meu bisavô morreu a trabalhar na construção da ponte de Brooklyn. O meu avô morreu a construir pontes temporárias para o Exército num rio francês durante a Segunda Guerra Mundial. Os Riconni morrem facilmente e nunca chegam a velhos.

Por isso o papá quer construir arte que faça as pessoas lembrarem-se do nosso nome e das nossas ideias GRANDIOSAS. Tem de se despachar. Já não restam muitos Riconni na América. Só eu, ele e a mamã, parece-me. E ela ao princípio era uma Dolinski.

E agora ele vai-se embora, tudo por causa da sua arte. Por causa do urso de cinco mil dólares. Aquele MALDITO urso! É um urso GRANDE como o caraças. Na oficina de Goots, olhou para mim lá de cima como se soubesse que eu não era tão grande como ele. O papá diz que as esculturas falam com ele. (Não é maluco. Temos alguns vagabundos malucos na nossa rua, por isso sei ver a diferença.) Que o Urso o incentivou a arriscar. A despedir-se do emprego e tornar-se um escultor a sério.

Estou com muita dificuldade em perceber o que é que este Urso pensa que está a fazer. Não é justo. Estou preocupado.

Mas não vou chorar. Não… vou… chorar!

Só que me sinto como se estivesse a enferrujar por dentro. E isso dói.

Numa manhã bonita e fria de abril, Richard Riconni atirou um saco de roupas para a caixa da sua velha carrinha, onde já estavam o equipamento de soldadura, uma caixa de tachos, talheres e pratos, uma cama de armar militar, um saco-cama e uma caixa com os seus livros – uma coleção muito lida de obras sobre arte e escultura. Era um homem alto, de ombros largos, com os nós dos dedos grossos, cabelo italiano escuro e olhos cinzentos brilhantes. Quando caminhava pelos passeios sujos atraía olhares de admiração das mulheres que passavam por ele com os sacos de compras na mão, a caminho das lojas com grades nas montras e de apartamentos degradados com fechaduras pesadas na porta. Era um bairro complicado, e estava a piorar. Hoje em dia, as pessoas caminhavam depressa. Se tivesse outra opção ou dinheiro suficiente, nunca deixaria Angele e Quentin ali.

Richard tinha uma relação de amor-ódio com as suas esculturas, que espelhavam a sua dura batalha com a vida em geral. Estava constantemente a desmanchar as suas obras e a começar de novo, ou a deixá-las inacabadas, furioso com elas. Os metais que usava – retirados de carros para a sucata, de eletrodomésticos velhos, de cercas corroídas e de antigos telhados de chapa, e de todos os outros detritos desta sociedade que com tanta frequência o rejeitava – recusavam-se por vezes a

sujeitar-se às formas que ele imaginava. Só o Urso de Ferro lhe saíra com facilidade. Nunca se esqueceria disso.

Até esse momento, quando acabou de arrumar as coisas na velha carrinha, conseguira não levantar os olhos para a janela do pequeno apartamento no quarto andar do prédio. Sabia que eles estavam a observá-lo. Agora, ergueu lentamente a cabeça. O filho, tão parecido com ele, e a sua adorada mulher estavam à janela, e sentiu um aperto no coração. Eles acenaram, com sorrisos forçados.

Angele Dolinski Riconni manteve a mão erguida, encostou os dedos ao vidro e prendeu-o com o seu olhar ardente, por trás dos óculos de armações pretas. O cabelo escuro e ondulado ainda estava despenteado das carícias do marido. Parecia mais alta, apesar de ser de estatura média, e mais forte, apesar de ser esguia. Para Richard, a mulher sempre parecera maior do que a vida, sempre os elevara a ambos com a sua profunda reverência por conhecimento e os seus ideais.

Angele desprezava a pena, dos outros ou de si própria. Já tivera mais do que suficiente ao longo da vida. A sua perna direita fora esmagada quando era pequena, num acidente de carro que lhe matara a mãe. O pai tinha-as abandonado anos antes. Angele guardava recordações de terapias dolorosas e anos de recuperação solitária passados no excêntrico apartamento da sua tia Zelda em Manhattan, onde as cadeiras, sofás, estantes e até os armários da casa de banho estavam cheios de centenas de bonecas de porcelana e ursinhos de peluche antigos.

Angele crescera mergulhada nos livros para escapar ao mundo apinhado e miniaturizado da tia Zelda. Depois de a tia Zelda morrer sem lhe deixar nada, mudara-se para Brooklyn, atraída pelo emprego na imponente biblioteca, que tanto adorava. Arrendara um quarto numa pensão para mulheres católicas e instalara-se numa vida satisfatória, mas demasiado solitária.

Um dia, estava a arrumar as prateleiras na biblioteca quando conheceu Richard.

– Menina, preciso de encontrar um livro sobre teoria de escultura moderna – pedira ele, numa voz profunda com um sotaque saído das zonas piores da cidade. Estava a olhar para ela através de um espaço entre os livros na prateleira. Moreno, musculado, com um fato-macaco de mecânico, não parecia um amante de livros. Contudo, Angele achou os seus olhos gentis e decididos, e pareceu-lhe também sincero.

Precisamente quando estava prestes a responder, um segurança aproximou-se.

– Fora daqui – ordenou o guarda. – Se quer andar a aborrecer as bibliotecárias, ao menos limpe-se.

Richard endireitara-se com o orgulho feroz daqueles que são muitas vezes menosprezados. Os seus olhos cintilaram e cerrou os punhos. O guarda pousou a mão no bastão que tinha no cinto.

– Eu respondo por este leitor, Charlie – interveio Angele. – É um conhecido meu. Veio diretamente do trabalho. Estamos à procura de um livro.

O guarda franziu a testa, pediu desculpa e afastou-se. Richard olhou para ela com intensidade.

Angele não estava acostumada a ser olhada por homens daquela maneira. Usava óculos e precisava de uma bengala para andar. As suas saias simples e blusas brancas passavam a mensagem de que a moda frívola atrapalhava os objetivos sérios. Um pensamento vívido ou um parágrafo extravagante podiam fazê-la levar as mãos finas ao cabelo castanho curto, como que para arranjar mais espaço no cérebro – por isso parecia sempre despenteada. Até esse momento, nunca lhe ocorrera que algum homem a pudesse achar *sexy*.

Este, porém, fitava-a como se quisesse comê-la viva e fazê-la gostar.

– Porque é que me defendeu? – perguntou ele.

– Veio à procura de respostas e o meu trabalho é encontrá-las. Ninguém devia ser obrigado a sair de uma biblioteca.

Ele contornou lentamente a estante e aproximou-se devagar, dando-lhe oportunidade de recuar. Ela não o fez.

– Bem preciso de todas as respostas que me puder dar – admitiu. Ela nunca desviou os olhos. Ele mostrou-lhe um esboço feito numa folha de papel que tinha dobrada no bolso. Era um conceito muitíssimo rebuscado para uma escultura que queria construir, quando tivesse um sítio melhor onde trabalhar. – Quero ver se estou apenas a copiar uma peça de Boccioni de que me lembro. Boccioni era um escultor, um futurista…

– Que fascinante! – Ela estudou o desenho e depois o homem, como se tivesse encontrado um diamante. – Esse movimento artístico específico debruçava-se sobre a tecnologia do século vinte, não era? Não foi o primeiro passo significativo na reverência da era das máquinas?

Ele fitou-a, dominado por uma adoração absoluta e instantânea. Nunca ninguém compreendera ou partilhara esta sua paixão obscura.

– Alguma vez quis *ser* alguém – perguntou, devagar –, e de repente percebeu *quem*?

Ela susteve a respiração e assentiu com um aceno.

– Posso oferecer-lhe um café e uma sanduíche – continuou ele, bruscamente. – Se tiver tempo.

– Oh, *sim*! – Nesse dia, encontrou-se com ele depois do trabalho. Nos dez anos que se seguiram, estiveram sempre juntos. Ela nunca perderia a fé nele e nos ideais que ambos acalentavam.

Dez anos volvidos, na rua por baixo da janela do apartamento, Richard olhou para ela e pensou: *Podias ter arranjado muito melhor do que eu*. Amava-a porque ela acreditava que arranjara o melhor quando casara com ele.

Pousada no parapeito da janela, entre a mulher e Quentin, a cópia de gesso de *Cabeça de Uma Mulher* de Picasso também o fitava. Angele oferecera-lha num aniversário há vários anos. «Cabeça, coração, alma e sonhos», escrevera no postal. «Tens tudo. És o único homem que conheço que compreende esse dom.»

Richard levantou a mão e fez sinal a Quentin para descer. Ele e Angele tinham concordado que Quentin devia ter algum tempo a sós com o pai antes de este partir. Quentin desapareceu da janela

num um tiro. Richard continuou a fitar o rosto devotado de Angele. Dez anos de amor, casamento e sonhos impossíveis – uma colisão do mundo de ruas perigosas de Richard com o mundo iluminado de Angele –, em pose sobre lascas de ferro e aço.

Quentin empurrou a porta pesada do prédio e desceu a correr os degraus de cimento. Depois estacou de repente e fez um esforço evidente para se recompor.

– Papá, estou pronto – declarou em tom firme. – Tenho andado a ler sobre os césares romanos. Quando eles iam para a guerra, os filhos formavam uma fila e davam-lhes presentes.

Enfiou a mão debaixo da camisola de malha e tirou um pacote de postais que fizera em cartolina. Estavam todos já selados e endereçados ao Sr. Quentin Riconni. No verso de cada cartão colara cabeçalhos tirados dos jornais. «Satélite *Surveyor* encontra lar seguro na Lua.» «Manifestantes antiguerra dizem: "Tragam os soldados para casa."» «Na televisão, *O Caminho das Estrelas* leva-nos para longe de casa.»

– Para poderes escrever-me. E para te lembrares de casa – esclareceu Quentin, estendendo os postais.

Richard aceitou-os com ar sério.

– São fantásticos. Fantásticos. – Admirou-os por um instante enquanto esperava que o nó na garganta se desfizesse. – Anda cá, vamos sentar-nos na carrinha para a nossa conversa de homem para homem.

Entraram e fecharam as portas. Com cuidado, Richard pousou os postais no banco de napa rasgado, acendeu um cigarro e pôs a mão de fora da janela aberta, vendo o ar fresco de primavera levar o fumo.

– Quero que saibas com que tipos maus tens de ter cuidado. Vês aquele lá à frente, no outro quarteirão? Ao pé daquela velha carrinha amarela?

– Sim, senhor.

– É um drogado. Vende droga. É novo por estes lados, mas acho que não é o único.

– Eu não falo com ele.

– E se ele falar contigo?

– Ignoro-o, como a mamã me diz para fazer quando os outros miúdos troçarem de mim por andar em St. Vincent's. Usar o cérebro e não os punhos. Tenho uma boa cabeça, por isso não preciso de ter uma língua comprida. – Recitou obedientemente as litanias da mãe.

– E se o drogado continuar a tentar falar contigo? E se ele tentar dar-te droga? Ou se disser alguma coisa que não deve à tua mãe? – Richard fitou-o com gravidade e esperou. Quentin hesitou, mas não por falta de confiança. O miúdo era brilhante, um excelente aluno, e graças a Angele nunca teria de trabalhar numa oficina nem de se preocupar com dinheiro. Seria alguém importante, talvez um médico ou um advogado. Teria um título e letras antes do nome.

Se sobrevivesse ao bairro. Richard queria ter a certeza de que isso acontecia. Olhou para ele e

pensou, preocupado: *Eu e Angele pusemos o miúdo entre a espada e a parede. Ensinámos-lhe coisas diferentes. Ele está confuso*. Quentin continuou calado, a pensar.

– Não me respondas o que a tua mãe quer ouvir – ordenou Richard –, e sim o que *eu* quero ouvir. O que vais fazer àquele drogado se ele se tornar perigoso?

Quentin soltou a respiração. Semicerrou os olhos e sorriu.

– Vou dar-lhe um pontapé nos tomates.

– Isso mesmo! E depois vais contar ao Alfonse Esposito e ele manda prender o filho da mãe. – Alfonse, um bom vizinho, era detetive na Polícia de Nova Iorque. – O mesmo se aplica a qualquer pessoa que cause problemas a ti ou à tua mãe. Como o Frank Siccone. É um maldito agiota e os filhos são ladrões. Não atures porcaria deles. *Capisce*?

– *Capisce*. – Quentin assentiu com um aceno e Richard viu-o levar a mão ao queixo. Desconfiava que ele já tinha sido agredido pelo filho de Siccone, Johnny, que era mais velho e maior.

– A tua mãe quer que sejas um bom acólito, um menino que não se mete em lutas nem diz asneiras. Eu sei que tu tentas. Falas bem, estudas, és inteligente. Tenho muito orgulho em ti. Quando estiveres ao pé dela, continua a agir como ela quer. Porque ela tem razão. Um dia, vais ser alguém. – Richard inclinou-se para ele. – Mas quando estiveres cá fora… – apontou para a rua – ages como eu, ouviste? Falas como o teu pai, lutas como o teu pai e certificas-te de que as pessoas sabem que não podem meter-se contigo… nem com a tua mãe. Porque estes vadios por aqui não querem saber se sabes falar latim. Não querem saber se és inteligente. Estão-se borrifando para os césares romanos. E eu sei que eles te chateiam por causa do uniforme da escola, da gravata que tens de usar e essas coisas.

– Oh, não passam de uns *imbecis* idiotas – assegurou-lhe Quentin com grande desdém. – É o que a senhora Silberstein acha.

– Sim, mas se os deixares abusarem de ti, um dia matam-te.

Quentin endireitou as costas, orgulhoso.

– Não se vão meter *comigo* – garantiu. – E não me vão matar. E eu cuido da mamã. Juro.

Richard puxou-o para si e deu-lhe um longo abraço. Ficaram agarrados um ao outro algum tempo, depois beijou o cabelo escuro do filho e afastou-se.

– Tens de ser o pior rufia do bairro, está bem? E o melhor aluno. Vemo-nos de quinze em quinze dias. Vou mandar instalar um telefone, por isso podes ligar se precisares de mim.

– *Capisce*.

– Toma. Não sou nenhum imperador romano, mas tenho um presente para ti. – Tirou do bolso do casaco de lã um objeto comprido e reluzente e estendeu-o para Quentin, que assobiou baixinho. Pegou com cuidado no cabo prateado e estreito, soltou o fecho lateral e, com um gesto do pulso, abriu a lâmina comprida e fina.

– É bem melhor do que o meu canivete – sussurrou. – Obrigado, papá.

– Explica-me como é que a deves usar.

– Nunca a abrir por diversão, porque não é um brinquedo. Nunca a mostrar ao padre Aleksandr. Nem à mamã. Nunca cortar ninguém a menos que tentem fazer-me mal primeiro.

Richard acenou. Quentin fechou a lâmina mortífera devagar e enfiou a navalha no bolso. Olhou para o pai com o rosto pálido e infeliz, os lábios apertados. Estava na hora das despedidas.

– Tens mesmo de ir trabalhar para tão longe? – perguntou. – É quase no Canadá.

– Sim, tenho de ir. É de graça, o sítio é grande e tenho o dinheiro da escultura do Urso para finalmente começar a sério. O teu pai não é nenhum vadio. Aconteça o que acontecer, hei de fazer com que te orgulhes de mim.

– Já me orgulho.

Despenteou o cabelo de Quentin.

– És bom miúdo – disse, em tom brusco. – Agora dá-me uma frase ou duas em Latim e depois desaparece daqui e vai para cima. Tens de ser o homem da casa para a tua mãe, ouviste?

Quentin saiu da carrinha, fechou a porta e encostou-se à janela do lado do passageiro. Respirou fundo várias vezes e Richard viu, com o coração apertado, que ele estava a controlar-se para não chorar. *Ele ficará bem,* rezou*, desde que consiga encontrar o equilíbrio entre o idealismo e os factos frios e duros*.

– *Ars longa* – declarou Quentin, por fim. – *Vita brevis*. – *A arte é longa. A vida é curta*.

Richard sorriu.

– Muito bem, espertinho. O que é que isso significa?

– Que quero que vivas para sempre – respondeu Quentin com maus modos; depois, deu meia-volta e afastou-se antes que as lágrimas aparecessem.

2

Dezenas de alunos de Mountain State (e mais do que alguns respeitáveis ex-alunos) envidaram esforços noturnos para queimar, cortar ou desfigurar o Urso de Ferro, mas este erguia-se digno e inviolável, com as quatro patas firmemente plantadas no solo, no seu lugar de honra num pátio circular de tijoleira entre o canteiro de narcisos e as sebes de azálea do edifício da administração.

O ódio dos Tiber pela escultura cresceu de ano para ano. Um empregado ressentido da fábrica Tiber ripostava com maus modos ao senhor John: «Vá fornicar com o seu Urso de Ferro», antes de sair porta fora. Uma amiga mordaz no clube de campo era ouvida a sussurrar: «A minha casa pode não ser tão boa como a dos Tiber, mas pelo menos eu sei a diferença entre arte e sucata.»

Eu costumava sentar-me à sombra da escultura enquanto o paizinho raspava os *graffitis* que a desfiguravam. Ele ensinou-me que a vida era uma obra de arte que construímos em torno de pontos de viragem toscamente soldados, de imaginação e de esperança. Que cada nascimento, cada morte, cada alegria e cada desgosto moldavam os nossos destinos a partir do nada, enquanto estávamos ocupados a fingir que mandávamos na nossa própria construção.

– O mundo está cheio de riquezas vulgares – constatava, enquanto limpava e pintava o seu adorado Urso. – Se não formos felizes, não há nada que o dinheiro nos possa comprar. Mais vale passar sem ele.

E nós passávamos sem ele.

O paizinho não queria saber de dinheiro e, desde que conseguisse ganhar o suficiente para as nossas necessidades básicas e para os pagamentos da hipoteca dos aviários, de boa vontade dava o resto aos vizinhos que ainda tinham menos do que nós. A mãezinha também não precisava de dinheiro e confortos. O seu cabelo castanho e macio era preso numa trança, não usava maquilhagem nos olhos grandes e verdes, e estava sempre perfumada com o aroma a pão quente e pó de talco, o seu único perfume. Fora criada numa família de evangelistas muito rigorosa. Conhecera o meu pai num dos serviços religiosos da família, que montara a sua tenda nos subúrbios da cidade nesse verão. O paizinho ficou revoltado quando, durante o sermão, os pais dela lhe estenderam uma caixa cheia de cascavéis. A mãezinha tinha dezasseis anos acabados de fazer. Aos olhos deles, estava na altura de pôr à prova a sua fé. O meu pai viu-a enfiar a mão trémula na caixa. Não emitiu qualquer som quando uma cobra a mordeu no dedo, mas ele soltou um grito.

Abriu caminho até ao púlpito, pegou nela e correu para o hospital mais próximo, perseguido pela família dela, em fúria. Manteve ao largo os familiares fanáticos e homicidas até a mãezinha, meio desfalecida, admitir que queria ser tratada por um médico. Podia ser uma alma perdida, mas queria viver. A família renegou-a ali mesmo. Uma semana depois, ela casou com o paizinho no tribunal do condado, mas jurou nunca mais voltar a pôr os pés num hospital. Tinha de honrar o mais possível a sua herança perdida.

Não só não queria saber de dinheiro, como desconfiava do mais pequeno indício de ganância, considerando-o digno dos piores demónios do Inferno.

– Segura numa ponta desta nota de um dólar – pediu-me, quando eu tinha cinco anos. De olhos esbugalhados, segurei na ponta do papel. – Segura com força! Fecha os olhos.

– Estão fechados! Estou a segurar, mãezinha!

– Sentes a puxar do outro lado? – Era ela que estava a puxar, mas, enfeitiçada por todo aquele drama, não reparei.

– Sim! – Estava hipnotizada.

– É o Diabo!

Larguei a nota, olhei para ela horrorizada e recusei-me a voltar a tocar-lhe.

– Ele pode ficar com ela!

A mãezinha assentiu com a cabeça, orgulhosa.

– Quanto mais te agarrares ao dinheiro, com mais força ele e os seus demónios puxam. E continuarão a puxar até te arrastarem com eles para as profundezas do Inferno.

Depois disso, passei anos sem tocar em dinheiro.

O que devíamos sentir pelos Tiber, segundo ela, era pena; a sua cobiça por dinheiro e por louvores era o que os condenava. Todos os dias tentavam o Diabo, com as suas casas ricas e os seus luxos.

– As suas boas obras não passam de cinzas – insistia a mãezinha –, porque não conseguem dominar o pecado do orgulho e nenhuma dádiva é piedosa se for feita a pensar em recompensas.

Era verdade que os Tiber aplicavam o seu nome a tudo o que construíam na cidade, e as paredes do escritório do senhor John, na sede das Indústrias Tiber, estavam cobertas de placas e diplomas a louvar as suas obras de caridade. Mas também era verdade que a mãezinha vinha de famílias tão oprimidas que recorriam à religião para embotar a dor. Eu não me sentia pobre, por isso nada disto fazia qualquer diferença para mim.

Eu tinha o lar mais fantástico do universo. A nossa casa na quinta, o celeiro, os pastos e os anexos ficavam ao fundo de um caminho tão antigo que eu costumava encontrar pontas de setas muito mais antigas do que as ali deixadas pelos cherokees. Antes de os caçadores os começarem a perseguir, os ursos hibernavam no fundo das ravinas impenetráveis da quinta e nas acolhedoras grutas de granito. Eu agachava-me sob protuberâncias de rocha e imaginava-me coberta de pelo, com garras, a governante de todas as almas selvagens.

Incluindo eu própria. Havia muitos sítios por domesticar, tanto no interior como no exterior, onde as crianças tinham de encontrar o seu caminho, sozinhas.

Em Tiberville, quando eu era pequena, não havia creche, nem jardim de infância, nem espaços de ocupação de tempos livres com recreios repletos de equipamento colorido feito de plástico macio

com arestas arredondadas. Uma vez por semana, o paizinho começou a deixar-me no parque do centro comunitário, atrás da fábrica Tiber. Aí, eu cabriolava alegremente com três dúzias de outras crianças de cinco anos, arriscando a vida nos baloiços de ferro afiado e nos escorregas íngremes de metal.

Este glorioso evento semanal era criado e patrocinado pelas Indústrias Tiber, que forneciam bolachas, sumo e doutrinamento. «O Dia de Brincadeira dos Pequenos Cidadãos» pretendia atrair as famílias mais isoladas para o mundo civilizado da cidade, onde os seus filhos podiam sofrer uma lavagem cerebral de modo a ficarem convencidos de que os Tiber eram patrões benevolentes e progressivos.

Suponho que John Tiber insistira para que a sua própria filha de cinco anos, Janine, frequentasse o «Dia de Brincadeira dos Pequenos Cidadãos» porque queria que todos acreditassem que os Tiber, apesar de controlarem quase toda a cidade, eram apenas pessoas normais. Janine, porém, já compreendia bem o seu lugar no mundo. Era a princesa das galinhas gordas. Nós, os outros, éramos apenas frangos escanzelados.

Janine usava bonitas jardineiras e blusas, tinha o cabelo loiro preso em totós perfeitos e guinchava quando a mais pequena partícula de sujidade maculava as suas peúgas com folhos. Tirava tudo aquilo que queria – fosse uma bolacha, o lugar na fila para os baloiços ou o brinquedo de outra criança. «Meu», declarava com vigor, afastando a vítima com um empurrão.

Eu tentava não reparar nela. Uma pobre pecadora condenada, era o que ela era. Eu era melhor, mais justa. Quando as senhoras distribuíam pacotes de gomas – a minha comida preferida – dava sempre o meu a outra criança, sentindo-me elevada por um voto de pobreza, pelo sacrifício e pela esperança rebuscada de que Deus ficaria tão impressionado que me daria mais gomas. Nunca aconteceu!

Ao princípio, Janine parecia pressentir que era melhor não se meter comigo. Eu era uma criança alta e bem constituída, com músculos já fortalecidos pelas horas passadas a ajudar a mãezinha e o paizinho a limpar as capoeiras. Mas Janine era rápida, pequena e astuta, pelo que, quando finalmente se acercou de mim, um dia, conseguiu tirar-me a única coisa que ninguém devia tentar retirar da minha posse. O meu livro de *A Noite de Natal*. O livrinho de capa dura com esse poema clássico fora um presente de Natal do meu pai. Eu já tinha decorado todo o poema. O Natal fora há seis meses, mas o livro ia comigo para todo o lado.

– Meu – sussurrou ela entre dentes, e depois tirou-me o livro e fugiu a correr. Persegui-a até à porta do Centro Comunitário, mas ela refugiou-se no interior. A sua mãe, uma elegante *socialite* de Atlanta chamada Audrey Tiber, impediu-me de entrar.

– Vá lá – exigiu a senhora Tiber em tom delicodoce, agitando um cigarro comprido entre os dedos cheios de diamantes –, deixa-te ficar lá fora. Estás demasiado suja para entrar.

– A Janine tirou-me o meu livro, minha senhora – queixei-me.

– Bom, estou certa de que já to devolve. – E fechou a porta.

Esperei com impaciência junto dos baloiços, a minha mente um vulcão fervilhante e silencioso. Estava rodeada pelo burburinho de crianças a brincar descontraídas, nenhuma das quais tinha a noção de que não passavam de futuros avicultores contratados pelos Tiber ou operários nas suas fábricas. Esse seria também o meu destino, ou pelo menos era o que os Tiber acreditavam. O meu estômago contraiu-se com fúria e ansiedade. O meu livro. O meu adorado livro. Os livros eram sagrados. Era o que o paizinho dizia. Finalmente, Janine voltou a sair. Não havia sinais do meu livro.

– Onde está o meu livro? – perguntei em voz baixa.

– É meu – respondeu ela, e afastou-se, indiferente.

O desejo de vingança cegou-me. Puxei o pesado baloiço de ferro para trás, o máximo que consegui, e larguei-o. Acertou-lhe na parte de trás da cabeça, deitou-a ao chão e fê-la *desmaiar*. Corri e olhei para ela. Não se mexeu durante alguns segundos. O cabelo loiro por baixo do rabo de cavalo estava sujo de sangue. *Nenhum ruído se ouvia*, pensei, petrificada. *Nem sequer o de um Tiber*.

Janine tinha um traumatismo craniano e um golpe na cabeça que levara dez pontos. A senhora Tiber baniu-me do «Dia de Brincadeira dos Pequenos Cidadãos». No meio do histerismo e das acusações lançadas contra mim nessa tarde, ganhei reputação de ser uma combatente pela justiça literária, uma criança obstinada e sem remorsos, apesar de, na verdade, eu estar apenas tão preocupada que nem conseguia falar.

No entanto, o pior de tudo foi a forma como a senhora Tiber humilhou o meu pai quando ele chegou.

– Tom Powell – ralhou, altiva –, se sabe quem lhe põe a comida na mesa, é melhor ensinar a sua filha a comportar-se. Um pouco de boa vontade e boas maneiras não é pedir muito dos funcionários do meu marido.

– Minha senhora – retorquiu ele, na sua voz profunda e rouca da montanha –, peço desculpa pela escolha de métodos da minha filha.

– Isso é uma desculpa, não um *pedido* de desculpas!

– Tudo o que posso conceder-lhe é o meu prato de comida vazio, minha senhora.

– Vou fazer com que cancelem o seu contrato! Veremos o que diz quando não conseguir pagar as contas e o xerife lhe for tirar a quinta.

– Não há necessidade de conversas dessas, senhora Tiber – respondeu o paizinho com toda a calma; mas lembro-me da preocupação nos olhos dele e da forma como segurava o chapéu de palha manchado de suor à frente do corpo, como se estivesse de pé perante um juiz. E tive a certeza de que nunca mais, *nunca mais* faria fosse o que fosse para o voltar a deixar à mercê de um Tiber.

Na carrinha, de regresso a casa, desatei a chorar.

– Vá lá, não fizeste nada assim tão mau – garantiu ele num tom carinhoso, embora não me

compreendendo. – Vamos à universidade falar com o Urso.

A escultura era a sua inspiração em todas as alturas difíceis. Nesse dia, o focinho metálico estava coberto por uma tinta roxa e alguém lhe pendurara um rato morto no traseiro. O paizinho atirou a carcaça do rato para longe e sentámo-nos no relvado do edifício da administração, ao lado das patas do Urso.

– Achas que o Urso está envergonhado por estar assim?

– Não sei.

– Ele sabe do que é que é feito. Nada pode alterar isso. – Talvez, afinal, desconfiasse de que eu vira a sua humilhação. O paizinho acendeu um dos cigarros que trazia sempre numa cigarreira de cabedal macio no bolso da camisa. Fumou com satisfação, como se estivesse a partilhar o cachimbo da paz com a escultura. – Por dentro, ele está ótimo.

Ergui os olhos para aquela criação imensa. Conseguia imaginar a escultura a ganhar vida e a descer em direção a Tiber Crest, a grande mansão de colunas brancas onde Janine vivia. Imaginei-o a devorara a casa de uma só dentada. Depois de alguns instantes a saborear essa fantasia pecaminosa, peguei na mão do meu pai.

– Vou para o Inferno – admiti.

Ele sorriu.

– Não vais nada. O Urso diz que és justa.

– Achas mesmo que ele consegue falar?

– Claro que sim. Mas o Urso acha que existe poder no silêncio e na imobilidade. O poder de guardarmos os nossos pensamentos e percorrermos o nosso próprio caminho. O Urso não fala connosco como tu pensas. Transmite-nos ideias que somos demasiado teimosos para aceitar. O Urso não suporta ignorância.

Senti as lágrimas a arderem-me nos olhos. Escondi-as do paizinho e, no meu íntimo, fiz uma pergunta ao Urso. *Diz-me como posso deixar as pessoas orgulhosas de nós*. Não obtive resposta, pelo menos uma resposta que eu estivesse preparada para ouvir.

Mais tarde, o paizinho perguntou ao senhor John pelo meu livro e viemos a saber que a mãe de Janine o tinha *deitado fora*. O senhor John não se ofereceu para o substituir porque a mulher gritara com ele por obrigar a filha a brincar com aquela gentinha reles e, furiosa, fora para casa da mãe em Atlanta quando ele se recusara a cancelar o contrato de criador de frangos com meu pai.

– Eu só queria o meu livro – queixei-me à mãezinha. – Não é justo!

Ela fixou em mim os olhos verdes e sérios enquanto preparava massa de biscoitos numa tigela de madeira. As suas mãos fortes trabalhavam a massa macia com uma determinação inabalável, tal como trabalhava a minha alma.

– O Senhor está a ensinar-te uma lição sobre querer e precisar, filha. Não perdeste o livro… ainda o tens na tua cabeça. Não importa se a Janine Tiber tem o corpo do livro, porque tu continuas a

ter o seu espírito. Ninguém te pode tirar isso. Se entregares o coração a bens materiais estarás sempre preocupada com eles e a odiar alguém por tos querer tirar.

– Sim, mãezinha – respondi, abatida. A lição era difícil de engolir. Uma pessoa tinha de ser criada numa submissão absoluta para acreditar que o martírio era substituto para a justiça. A aceitação racionalizada da opressão era a saída dos oprimidos. Eu não era uma pacifista.

Janine Tiber era uma pedrinha que continuaria no meu sapato, a revestir-se de camadas de vingança não concretizada. Ela dava-se a grandes trabalhos para me dizer e fazer coisas cruéis, o que eu tolerava com a paciência manhosa de um predador em hibernação. Por fim, acabei por compreender como era baixo o meu lugar no mundo das pessoas como Janine Tiber, e havia dias em que estava tristemente convencida de que toda a gente conseguia cheirar em mim o fedor da pobreza, como se fosse merda de galinha.

Formei um escudo de dureza. Mal camuflada por um cabelo que explodia em caracóis energéticos, um rosto sério com o maxilar contraído, e olhos azuis que estavam sempre semicerrados numa expressão desconfiada, elaborei, no meu íntimo, planos para conquistar o meu destino. Retirei coragem do facto de ser uma pequena heroína para todas as crianças pobres que Janine vitimizara, o que me deu ânimo para continuar a tentar.

A minha reputação como Powell começara, e isto era algo que tinha a sua relevância no condado de Tiber. A fama dos Powell remontava a várias gerações. Era preciso pouco para as velhas histórias voltarem à boca das pessoas.

Tudo começara com um galês e uma mula.

Em 1874, na costa da Georgia, Erim Powell saiu de um barco vindo do País de Gales, trocou um livro de poesia da sua autoria por uma mula velha e dirigiu-se ao interior. Um mês depois usou a sua última maré de sorte num jogo de cartas e ganhou quarenta hectares de terra nas montanhas acima de Atlanta. No seu país de origem ganhava a vida como professor, mas o que preferia era escrever poesia. No entanto, sonhava em prosperar nos territórios selvagens da América. Sonhava em possuir terra.

Levou a sua mula até uma encruzilhada na montanha, onde a família Tiber e os seus escravos já tinham construído várias cabinas grandes e um armazém que vendia tudo. Os Tiber eram fidalgos cultos, provenientes de clãs ingleses há muito estabelecidos na Carolina do Sul. Já estavam atarefados a traçar estradas e a delinear lotes.

A mula caiu por terra e morreu. Erim percorreu a pé os últimos oito quilómetros até às suas terras por um trilho que, há séculos, levava os ursos aos seus santuários de inverno. Uma vez que não era agricultor, não se importou por a maior parte da propriedade estar salpicada de grutas, ensombrada por encostas acidentadas cobertas de loureiros ou consumida por pequenas ravinas onde todos os verões nasciam amoras silvestres em arbustos altos e espinhosos.

Os Tiber podiam ficar com a sua cidade civilizada; Erim batizou o seu reino de Bear Creek, a Ravina do Urso. Quem sabe se foi o destino ou justiça poética que o trouxeram até aqui, para dar início à nossa dinastia americana?

Às vezes, tudo depende apenas do sítio onde a mula cai para o lado.

Os nossos primeiros problemas sérios com os Tiber tiveram lugar um ano depois da chegada de Erim ao condado de Tiber, quando Erim seduziu a cozinheira deles. Ela chamava-se Annie Walker. Era três quartos irlandesa e um quarto índia cherokee, e fora treinada nas artes culinárias por uma francesa da elegante cidade costeira de Savannah. Os irmãos de Annie, colonos, impediram os Tiber de enforcar Erim quando este casou com ela.

Impávidos e serenos, Erim e Annie construíram uma herdade. Ele fazia e vendia uísque de milho de primeira qualidade, escrevia dezenas de poemas épicos que, por algum motivo, não sobreviveram em papel, e depois construíra uma escola com troncos de madeira e começara a ensinar qualquer criança ou adulto que quisesse aprender a ler e a fazer contas. Estava aberta a todos – brancos, negros, escravos ou livres, e também aos poucos nativos cherokee mestiços, como a família de Annie, que tinham conseguido ficar na zona depois da expulsão dos índios pelo governo na década de 1830.

Mais uma vez, os Tiber não ficaram satisfeitos. Tinham trazido consigo um escravo, chamado Daniel Washington, e a respetiva família. Daniel era um excelente ferreiro e por isso conquistara um certo respeito. Os Tiber já tinham percebido que os escravos podiam facilmente desaparecer nas montanhas e nunca mais serem encontrados. Para garantir que Daniel estava satisfeito o suficiente para não ter ideias dessas, deixaram-no montar a sua própria forja e ficar com o dinheiro que ganhava. Pouco depois, Daniel comprou um terreno contíguo à quinta dos Powell em Bear Creek.

Erim e Annie acolheram os Washington de braços abertos e, em segredo, Erim ensinou os filhos de Daniel a ler. Os Tiber, que desconfiavam de que Erim era uma influência desestabilizadora, rapidamente abriram a Academia de Tiberville, uma instituição privada na cidade, e permitiram que os filhos de Daniel a frequentassem – uma cedência assombrosa. Essa academia viria mais tarde a ser a Universidade de Mountain State.

Erim e Annie tiveram cinco filhos, um dos quais se perdeu na floresta quando era pequeno e nunca mais foi encontrado. Durante anos, depois disso, Annie e Erim gravaram mensagens sentidas nas árvores da propriedade Powell, como se o filho perdido pudesse andar à procura do caminho de regresso a casa. Na nossa sala de estar, havia um tronco que o avô Joshua cortara da última árvore mensageira, onde ser podia ler: «Querido filho, estamos à espera.»

Por volta de 1900, quando Annie era já uma velha de pelo menos setenta anos, ela própria desapareceu. Um grupo de cherokees de Oklahoma estava de passagem pela cidade, a caminho de uma reunião na reserva da Carolina do Norte, e é possível que ela tenha ido com eles, uma vez que

ainda tinha família na reserva. Ou talvez tenha saído numa das suas expedições de gravar árvores e caído nalgum buraco ou por um penhasco.

Erim, de coração partido, insistia que sabia a verdade. Ela transformara-se numa mãe ursa. Annie era uma cherokee do clã dos ursos, e considerava-os animais sagrados. Não o obrigara, a ele e aos filhos, há muitos anos, a prometer que nenhum Powell alguma vez caçaria ursos? Assim, transformara-se perante os olhos dele e desaparecera entre os espinheiros de amoras de Bear Creek, de onde ficaria a olhar por todas as crianças Powell no futuro, sempre à procura do seu menino perdido.

O jeito que Erim tinha para contar histórias fez com que esta se espalhasse por todo o condado. Os Tiber disseram: «Oh, já sabem que os galeses veem coisas quando bebem.» De qualquer maneira, como urso ou como mulher, Annie nunca mais voltou. Depois de Erim morrer, uma versão trocista da sua história foi publicada no *Tiberville Weekly News*, numa coluna de história intitulada «Disparates à Antiga». Mais tarde, estes artigos seriam recolhidos, bem como outras patranhas desrespeitosas sobre os Powell e demais famílias da montanha que os habitantes da cidade consideravam pitorescas, e os Tiber publicaram um livro nos anos trinta. O livro vendia-se nas lojas locais desde então, um insulto que nenhum Powell alguma vez esqueceria.

Bethina Grace Powell Tiber era a filha mais nova de Erim e Annie. Pelos relatos da família Powell, era forte, inteligente e bonita, e fora levada ao desespero por um marido Tiber que lhe batia e a arrastava pelos cabelos acobreados pelos corredores da sua grande casa vitoriana em Elm Street. Pelos relatos dos Tiber, era astuta, manipulativa e uma vagabunda arrivista. Fosse qual fosse a verdade, era filha da sua mãe, uma aventureira à procura de uma alma perdida, e neste caso essa alma era a sua.

Bethina Grace tinha quarenta e um anos de idade em 1910, e foi então que fez as malas, entrou num comboio de passageiros e deixou a cidade, abandonando o marido, que era presidente do banco de Tiberville, e os filhos ainda jovens, incluindo a menina Betty que, apesar de tudo, a recordava com afeto. Os Tiber contrataram detetives para a encontrar. Esses investigadores descobriram que ela partira para o Brasil com um homem, e esse homem era também um dos nossos – Nathan Washington, o neto mais velho de Daniel Washington. Um homem negro, claro.

Ele e Bethina Grace tinham crescido perto um do outro em Bear Creek e brincado juntos em crianças. Provavelmente estavam apaixonados desde adolescentes, mas sempre conscientes de que esse amor era impossível. Nathan partiu para Cuba ainda jovem e tornou-se marinheiro, mas nunca a esqueceu, nem ela a ele.

O ultraje que se seguiu à notícia deste escândalo despertou o Ku Klux Klan e trouxe a desgraça a todo o condado durante vários anos. Queimaram-se cruzes em Bear Creek, a escola que Erim construíra foi incendiada, os Washington perderam um dos seus adolescentes, linchado às mãos de

uma multidão furiosa, e o desprezo pelos Powell tornou-se uma tradição da família Tiber.

Depois disso, os Powell nunca mais prosperaram. Só os mais duros e os mais obstinados ficaram, e não havia muito que fizesse os restantes querer voltar.

À medida que o tempo foi passando, a menina Betty era a única Tiber que se recusava a culpar-nos por a sua mãe Powell ter fugido com o negro Nathan Washington. Alta e corpulenta, com pele corada, cabelo ruivo e uma gargalhada que fazia lembrar um clarinete, a menina Betty não parecia um profeta, mas conhecia bem as profundezas da infelicidade humana e não queria ver mais ninguém passar por isso.

Na juventude, levara uma vida relativamente normal em Tiberville – frequentara a Academia para Raparigas na universidade e fizera uma viagem de fim de curso a Inglaterra, de onde regressou com um veterinário inglês com quem se casara durante a longa viagem por mar. Foi com ele que os Tiber entraram na indústria avícola e, juntos, ele e a menina Betty chocaram uma casa cheia de filhos.

Porém, no verão de 1928 ele morreu de poliomielite, bem como três das filhas de ambos. De coração partido, a menina Betty lançou-se numa cruzada para proteger o resto da sua prole e todas as crianças do condado de Tiber. À frente da Sociedade de Voluntários para a Saúde, construiu uma clínica de pólio na cidade para que as vítimas locais não tivessem de ir receber tratamento longe de casa. Percorreu todas as estradas de terra batida a distribuir panfletos sobre higiene e prevenção, e lia-os aos que eram analfabetos.

Todas estas ações cívicas eram razoáveis, à luz da sua perda e da situação desesperada em geral. No entanto, ela deixou também de ir à igreja, começou a estudar o budismo e outras religiões orientais, mandou vir um xamã cherokee da Carolina do Norte para colocar talismãs protetores pela casa, consultou inúmeros médiuns e videntes e envolveu-se numa série de outros rituais preocupantes, com a intenção de afastar os ciclos de morte epidémica e medo que se apoderavam de Tiberville e de todo o condado. Tornou-se uma vergonha para os Tiber. Tinha endoidecido. «É o seu sangue Powell», murmuravam.

Quando o meu pai nasceu, em 1940, a reputação de excentricidade da menina Betty era já uma lenda local. Ela acreditava firmemente que a sua potente combinação de ciência, fé e pura magia tinha salvado o condado de Tiber de uma praga de proporções bíblicas. Afinal de contas, o condado tinha as taxas de incidência de pólio mais baixas do Sul, e a doença não se atrevera a atacar a sua família na última geração. Ela própria criara dois filhos e muitos netos saudáveis, incluindo o seu neto preferido, John.

Apesar da desaprovação da família Tiber, para quem os últimos poucos Powell podiam muito bem desaparecer do mapa, a menina Betty levava o paizinho consigo e com John em viagens regulares pelo condado, pelo que ele e o primo cresceram lado a lado no banco do *Cadillac* poeirento, a ajudar a menina Betty a recolher dinheiro para as suas causas.

O verão de 1953 foi quente e abafado. A terra parecia mirrar para fugir ao sol. Os cães escondiam-se em alpendres sombrios, os veados refugiavam-se nas ravinas mais fundas, os canteiros de flores murchavam, os frangos sufocavam aos milhares. O pai do meu pai, Joshua, um homem bondoso que dava aulas de Inglês no ensino secundário, e os seus irmãos mais novos, Davy e Albert, apanharam pólio e morreram os três. Um mês depois, o meu pai e John Tiber começaram também a ficar febris.

A menina Betty e a mãe do meu pai, Mary, aguardaram em desespero para ver se os adolescentes recuperavam ou se cediam à paralisia fatídica. A menina Betty foi até à nossa quinta e percorreu as ravinas. Quando era pequena, antes de o escândalo da mãe explodir nas suas vidas, ela brincara em Bear Creek, explorando os maciços de loureiros com os seus primos Powell e os filhos dos vizinhos Washington.

Conhecia a lenda da avó Annie e do seu espírito inquieto.

– Vou à procura de ajuda no mundo dos espíritos – comunicou a Mary. – Se a avó Annie andar mesmo por aqui, tenciono pedir a proteção dela. Diziam que ela olharia sempre pelas nossas crianças. Não salvou as minhas meninas e não salvou os teus filhos Davy e Albert, por isso deve estar zangada connosco por alguma razão. Tenciono saber qual.

– Bom, está bem – respondeu Mary com prudência, porque tinha medo da menina Betty. – Eu fico a fazer o chá enquanto falas com o fantasma.

Uma hora depois, Betty subiu a colina, cambaleante, de braços no ar e aos gritos. Vinha corada de excitação e com o cabelo grisalho despenteado. Trazia silvas e folhas secas coladas ao vestido e às meias, como se estivesse magnetizada.

– Os nossos rapazes sobreviverão – garantiu a Mary. – Vi o espírito do urso! A avó Annie falou comigo! O Tommy e o Johnny vão ficar bons! E em breve haverá uma cura para a pólio! Eu prometi honrar os ursos. Temos de trazer os ursos de volta a Bear Creek, Mary! A maldição acabou, Mary!

E tinha razão. Uma semana depois, o paizinho e John Tiber estavam recuperados. No entanto, existem outros tipos de maldições, e o meu pobre futuro pai, que tinha apenas treze anos na altura, teria de viver com elas. A menina Betty queria mantê-lo na escola e, um dia, mandá-lo para a universidade para estudar Artes, mas a minha avó, orgulhosa, recusou. Ele era agora o homem da família, por isso teria de trabalhar. Havia contas para pagar.

A menina Betty, com relutância, foi fiadora de um empréstimo bancário para que Mary conseguisse construir dois aviários em Bear Creek, e contratou-a como criadora para o negócio dos Tiber. As Indústrias Tiber forneciam os pintos, a ração e os medicamentos. O agricultor fornecia os aviários e o trabalho duro e incessante. Depois dos pagamentos da hipoteca e das despesas gerais, o rendimento anual mal chegava para pagar as contas de uma família. O paizinho e a mãe dele tornaram-se mais dois servos dos Tiber, acorrentados a uma hipoteca e a um negócio de criação a longo prazo.

Algumas semanas depois, o paizinho fez a sua primeira pintura – ursos presos em jaulas de circo – na parede de um dos aviários. A mãe dele pintou a parede por cima e deu-lhe uma tareia, como se ele tivesse perdido o juízo. O paizinho voltou a pintar os ursos. Ela bateu-lhe outra vez. Ele não se conseguia conter – o sofrimento, a frustração, eram demasiado fortes. Da terceira vez que pintou os ursos, a mãe percebeu que ele não sobreviveria se não pudesse decorar o futuro sombrio que lhe calhara em sorte.

No espaço de um ano, as vacinas de Salk e Saben começaram a erradicar a pólio, tal como a avó Annie prometera. A menina Betty deu início a uma campanha em grande escala para devolver a população de ursos ao condado de Tiber. Durante mais de uma década, contratou homens para capturar ursos em zonas mais elevadas da montanha e os soltar entre nós, para horror da sua família e da maioria dos restantes cidadãos. O paizinho tornou-se o seu jovem e resoluto ajudante, espalhando milho para os ursos recém-chegados quando o inverno era mais rigoroso e tentando afastar os caçadores, mas em vão. Os ursos foram rapidamente mortos ou escorraçados, muitas vezes sob a orientação dos familiares da própria menina Betty, incluindo o senhor John. A cada ano que passava, a menina Betty e o paizinho ficavam mais revoltados e com menos esperança de conseguirem levar a cabo a sua missão.

Foi então que tiveram a ideia da escultura. Num folheto encontraram um pequeno artigo sobre voluntários em obras de caridade noutras partes do país. Um desses voluntários era Richard Riconni, que doara recentemente uma peça de arte moderna para um leilão de angariação de fundos. Fizera-a com os aparelhos metálicos das pernas de vítimas da pólio. A escultura era descrita apenas em termos vagos e diplomáticos, sem qualquer indicação do valor de venda, ou se fora sequer vendida. Porém, quando o paizinho mostrou o panfleto a Betty, ambos se iluminaram com inspiração. Ela escreveu a Richard Riconni com as suas ideias para a escultura de um urso. Queria colocá-la nos terrenos da Universidade de Mountain State.

«Quero festejar a vitória da ciência e da tecnologia sobre a ignorância e o medo», escreveu ela. «Quero festejar a nossa união com a mãe natureza e, assim, prestar homenagem ao grande urso preto que olha por todos nós. Quero fazer as pessoas PENSAR. E faço intenções de que exista pelo menos um urso neste condado de que ninguém se conseguirá alguma vez ver livre.»

Richard Riconni respondeu, entusiasmado: «Passei a vida à espera de uma oportunidade destas.»

Pouco depois, o paizinho e a menina Betty enviaram-lhe uma carruagem de carga cheia de lixo local e velhos pulmões de ferro.

«É o sangue Powell», murmuraram os familiares Tiber com má cara quando souberam o que Betty fizera.

E o resto é história, à espera de nos apanhar.

3

A mãe de Quentin raramente levantava a voz, mas quando foi anunciada a classificação final do Concurso Regional de Engenharia, categoria de *Design* Estrutural, gritou de entusiasmo. Depois colocou as mãos à volta da boca e berrou como uma louca na plateia apinhada do centro de convenções de Boston:

– Ele ganhou! Padre Aleksandr, o Quentin ganhou!

O padre Aleksandr correu para a casa de banho dos homens, onde Quentin acabara de lavar a cara.

– Então, Quintus, *o Magnífico*, já acabaste de vomitar? – brincou o bonacheirão padre polaco com o seu sotaque carregado, tirando um pacote de lenços de papel do bolso das calças. – Despacha-te! *Carpe diem*!

Quentin limpou a boca com um lenço de papel e perguntou em voz rouca:

– Quem ganhou?

O padre Aleksandr riu-se.

– Foste tu!

Quentin soltou um grito de espanto. O padre pegou-lhe num braço e correram juntos para a sala enorme, onde estavam reunidos alunos do ensino secundário de todo o nordeste, com os respetivos projetos. Quentin, agora com treze anos, tinha quase um metro e oitenta e era um quebra-corações de olhos cinzentos, pestanas compridas, cabelo escuro, quase preto, e pele lisa e dourada, marcada apenas por duas finas cicatrizes adquiridas em lutas, uma perpendicular à beira do lábio inferior e outra na cana do nariz. Já começara a desenvolver o físico do pai, de ombros largos e ancas estreitas, e jogava futebol americano em St. Vincent's.

A mãe abraçou-o e depois posaram para fotografias ao lado de um modelo de aço cintilante da ponte suspensa que ele desenhara.

– Temos de ligar ao papá! – exclamou Quentin.

– Não é preciso – retorquiu o pai, atrás dele. – Consegui chegar a tempo.

Quentin rodopiou, surpreendido, e viu o pai a sorrir-lhe, com a neve derretida a pingar do casaco, o cabelo escuro salpicado de gelo. A carrinha avariara-se a pouco menos de dois quilómetros dali e viera o resto do caminho a pé. Deram um abraço apertado e o pai deu-lhe palmadas de alegria nas costas. Quentin passara todas as férias de Natal no armazém, a construir o modelo para o concurso sob a supervisão atenta do pai. De certa forma, era uma vitória partilhada.

Quando os juízes entregaram a Quentin um troféu, um diploma e um cheque de mil dólares, ele olhou para o cheque com o coração a bater tão depressa que nem queria acreditar. A mamã declarara que se ganhasse algum dinheiro iria para a poupança da universidade, mas queria desesperadamente poder comprar presentes para ela e para o pai. Ainda assim, o mero facto de saber que podia fazê-lo

era uma satisfação rara.

Fora o concorrente mais novo a chegar às finais regionais. Ninguém esperava que ele ganhasse; ninguém, a não ser os pais.

– Os meus dois génios – disse a mãe orgulhosa, com um braço à volta dele e o outro em redor do marido.

– Sim, este tem o talento do seu velhote para o metal – acrescentou o pai, olhando com alegria para Quentin.

Quentin assentiu com um aceno e abraçou-o outra vez. Lembrar-se-ia dessa noite como um dos poucos momentos verdadeiramente felizes que partilhara com o pai.

A vida não estava a correr como o papá planeara. Seis anos depois de sair de casa continuava a andar cá e lá, passando apenas uma média de quatro dias por mês no apartamento de Brooklyn. As suas esculturas vendiam-se, mas só davam dinheiro suficiente para pagar as despesas e, às vezes, nem isso.

– É só uma questão de tempo – insistia Angele. Mas nunca mais houvera outro triunfo como o da escultura do Urso.

«Sonhadores», chamavam-lhes os vizinhos do bairro de operários, ao falar dos pais de Quentin. «O que pensam que vão conseguir?»

– *Ars gratia artis* – respondia Quentin, em tom grave. *A arte pela arte.* Aprendera a falar quando era preciso, mas em tom calmo, sem nunca denunciar as suas emoções. Tinha agora poucos problemas com os arruaceiros da vizinhança. Uma noite, encostara a navalha ao pescoço de Johnny Siccone e avisara-o em tom baixo, mas claro, que o cortaria de orelha a orelha se alguma vez voltasse a meter-se com ele.

Depois disso, Johnny deixou-o em paz.

A cada ano que passava Quentin ficava mais parecido com o pai – mais calado, menos paciente, com os olhos mais intensos e tendência para estados de espírito mais desolados. Sem o ordenado do papá na oficina, a vida no apartamento oscilava entre uma crise financeira e a seguinte. A mamã nunca contava nada disto ao papá, que estava convencido de que as coisas iam andando. *Nil desperandum*, escreveu ela numa carteira que Quentin encontrou por acaso. *Nunca perder a esperança*.

– Posso arranjar trabalho a entregar mercearias depois das aulas – ofereceu-se Quentin. – E aposto que o Goots me contrataria para varrer o chão e limpar os filtros de tinta. – Quentin não acrescentou que Goots já o convidara a trabalhar na *outra* oficina quando fosse mais velho, se quisesse. A mamã não sabia que Goots tinha uma oficina onde desmantelava carros roubados, na cave de um prédio velho a poucos quarteirões dali. Quando Quentin lhe agradeceu a oferta, recusando-a, o grande alemão abanou a cabeça com pesar e afirmou:

– O teu pai também recusou sempre essa oferta. Podia ter ganhado bom dinheiro a trabalhar com… ah… carros *usados*. Vocês, os Riconni… Afinal estão à espera de quê? De um milagre?

Quentin riu-se e não respondeu. Mas a verdade era que a família bem precisava de um milagre.

– Posso varrer o chão no Goots – repetiu.

Angele abanou a cabeça com vigor.

– O teu trabalho é seres o melhor aluno possível. O teu trabalho é conseguires uma bolsa de estudos completa numa universidade de excelência.

– Posso fazer isso na mesma, enquanto varro o chão ou entrego mercearias.

– Não. Nós conseguimos viver com o dinheiro que temos. O que *não* podemos fazer é estar com meias-medidas no que diz respeito à tua educação.

Quentin fitou-a com ar suplicante, mas a mãe não cedeu.

A cada oportunidade que tinha, fechava-se no quarto e sentava-se a uma secretária metálica que o papá lhe fizera, com vergas finas de aço corroído. Escrevia no diário, tocava-se e fantasiava com Carla Esposito, a morena provocante que estava rapidamente a tornar-se uma mulher. A mãe de Carla morrera quando ela era pequena, deixando-a a criar sozinha o seu próprio modelo de feminilidade. No mundo de Carla, a maior parte dos homens e rapazes eram como o seu devotado pai viúvo, Alfonse: conseguia fazê-los comer da palma da mão sem qualquer dificuldade.

Estava sempre a convidar Quentin para ir a sua casa quando Alfonse trabalhava até tarde na esquadra, e Quentin não resistiu durante muito tempo. Contudo, quando por fim se encontravam na cama dela, no quarto cheio de folhos, ambos meio despidos, ele declarou: «Não podemos fazer isto ainda», e saiu. Ela era um ano mais nova, tinha apenas doze anos. Sentia-se orgulhoso do seu autocontrolo. Carla tivera um ataque de raiva e chamara-lhe *maricas*, mas mais tarde pedira desculpa e admitira que estava com medo de que o pai os matasse aos dois. Quentin também pensara nisso. E naquilo que a sua própria mãe faria.

Recordou a si próprio que era um *homem*, com todas as conotações nobres da palavra. Um homem tinha de se controlar quando estava com mulheres. Por mais rude ou ordinário que o papá fosse na companhia de outros homens, Quentin nunca o vira tratar uma mulher com outra coisa senão uma preocupação galante.

Assim, Quentin canalizou as suas energias para a escola e para os livros, sonhando com futuros heroicos, sempre a ler, mas sem nunca deixar de afiar a navalha de ponta e mola que o pai lhe dera. Vivia no medo constante de que a família estivesse em perigo, um perigo causado por forças que não conseguia prever, nem sequer descrever. As dificuldades e os estados de espírito do papá formavam uma nuvem indistinta e escura que pairava sobre eles, sempre a prometer chuva.

Numa caixa, debaixo da cama, tinha os velhos brinquedos que o pai lhe fizera anos antes – monstros barulhentos feitos de arame, porcas e parafusos; carros para desmontar, com pequenas roldanas a fazer de rodas; e dezenas de blocos de construção, de formas e feitios fantásticos e

intrincados, todos feitos de tubos, anilhas de latão e outras coisas sortidas que o papá salvara do contentor da sucata de uma oficina de reparações.

Este mundo de metal irregular rebolava, mexia-se e recusava-se a ficar no mesmo sítio, tal como acontecia no mundo real. Quentin pegava de vez em quando nos blocos de construção e tentava, sem sucesso, construir algo que não se desmoronasse assim que lhe virava costas.

No entanto, tal como o pai, a sua capacidade de ver padrões e de discernir estruturas ocultas era-lhe instintiva. Em criança, desmontara a mesa de cabeceira manca e voltara a montá-la. Quando viu que já não abanava, a mamã pensara que o soalho tinha assentado. Inspecionou todas as tábuas do soalho, preocupada, enquanto Quentin a observava e tentava conter o riso.

– Oh, tu! – exclamou, orgulhosa, quando ele por fim confessou. – Tenho a certeza de que vais ser um construtor nato.

Ele anunciou que queria ser arquiteto e a mãe fitou-o sem a mínima sombra de dúvida.

– Um *mestre* arquiteto – corrigiu.

À medida que a sua necessidade de ordem crescia, Quentin estudava incessantemente cada uma das engenhocas de metal, como se estivesse a jogar xadrez com peças desconhecidas. Um movimento errado podia deitar tudo por terra – toda a sua vida, descontrolada.

Espero que não caia, rezava Quentin.

– Eh, Riconni! – gritou Meyer Bratlemater com um sorriso de satisfação cruel no rosto escanzelado. Meyer era o tipo de fedelho que provocava à distância e depois fugia. – Espero bem que o teu velho venda qualquer coisa depressa, porque foram despejados do apartamento! – E, com estas palavras, refugiou-se dentro da padaria dos pais.

Quentin tinha acabado de virar a esquina da rua em frente dessa padaria. Estivera a estudar na biblioteca para o teste de Física e trazia os braços cheios de livros. Olhou para o fundo da rua e viu, horrorizado, que Meyer não estava a mentir, o filho da mãe irritante. No passeio em frente do prédio havia uma pequena montanha feita das coisas dos Riconni – mobílias, as esculturas pequenas do papá, roupas, os livros da mamã, tachos e panelas e muito mais –, tudo a desabar para a estrada, como lixo.

Desatou a correr, atirando os livros para um caixote de maçãs ao passar em frente à mercearia e desviando-se das pessoas que andavam nos seus afazeres vespertinos na rua movimentada. As pessoas afastaram-se, segurando melhor as suas coisas e olhando em volta à procura de um polícia. Ele tinha agora quinze anos e era mais um homem feito do que um rapaz, alto e musculado. A expressão do seu rosto assustou-as.

A senhora Silberstein, velha e rechonchuda, vestida com uma bata florida de cores vivas, com nódoas de sopa no avental, estava de guarda às coisas, usando um chapéu de chuva preto como arma. A mamã sempre fora uma boa amiga da vizinha idosa, cuidando dela quando estava doente, levando-

lhe comida, fazendo-lhe recados. Quentin também ajudara muitas vezes. A senhora Silberstein era o mais parecido com uma avó que alguma vez tivera.

– Para trás, para trás – gritou ela a um trio de homens corpulentos. Eles riram-se e esticaram os braços, como se estivessem num duelo de espadas. – Como se atrevem? – ameaçou. – Levam com o chapéu de chuva se partirem mais alguma coisa!

A réplica de gesso da escultura de Picasso, *Cabeça de Uma Mulher*, estava em cacos no meio do chão, como um melão rebentado com entranhas brancas.

Quentin lançou-se sobre o grupo com um rugido de fúria, de punhos levantados. Dois dos homens caíram de costas, um deles com o nariz ensanguentado, o outro agarrado às virilhas. O terceiro, contudo, acertou em Quentin com um soco no lado da cabeça e fê-lo cair de joelhos. Quando conseguiu ver claramente outra vez, os três homens tinham desaparecido e a senhora Silberstein estava inclinada sobre ele, a falar baixinho em iídiche e a acariciar-lhe ansiosamente o rosto.

– Pobre rapaz, oh, pobre *boychik* – gemeu. – Liguei para a tua mamã há meia hora. Ela deve estar mesmo a chegar.

Quentin levantou-se, a cambalear. Determinado, despiu o blusão de ganga, apanhou os cacos da escultura e embrulhou-os para não se perderem.

– Por favor, não lhe conte que eu me meti numa luta.

– Claro que não! Mas aqueles *gonifs* estúpidos estavam a pedi-las! – A senhora Silberstein cuspiu para o chão, revoltada.

Um táxi parou e a mamã saiu, atirando um punhado de moedas – o dinheiro do almoço – para as mãos impacientes do taxista. Quentin firmou as pernas e entregou o Picasso destruído à senhora Silberstein, que o segurou como se fosse um bebé. Quando a mamã o viu, e depois olhou para a montanha de todos os seus bens, ficou branca como a cal, com expressão trágica nos olhos. Estava embaraçada por ambos, mas o seu olhar destruído partiu o coração do filho.

– Eu vou resolver isto, mamã – prometeu em tom firme, como se pudesse fazer alguma coisa.

Com movimentos rígidos, ela estendeu os braços, como se conseguisse pegar naquela montanha terrível de pertences íntimos. Tirou um livro do meio da confusão, alisou as páginas dobradas, fechou-o e endireitou as costas com uma força de vontade férrea.

– Fica aqui a olhar pelas nossas coisas – pediu a Quentin. – Eu vou falar com alguém para arranjar um pequeno empréstimo. Só o suficiente para pagar as rendas em atraso. Depois levamos as coisas outra vez para cima e ficará tudo bem. O teu pai nem terá de saber. Senhora Silberstein, nem sei como lhe agradecer pela ajuda.

– Como podia não ajudar? Vocês são como família. Só tenho pena de não vos poder emprestar o dinheiro.

– Já ajudou muito.

Quentin deu um passo em frente quando a mãe se virou. Tinha no peito um turbilhão de angústia e

frustração.

– Vais ao MacLand, não vais? – Bernie MacLand era um prestamista e agiota, ainda pior do que os Siccone.

Ela assentiu com um aceno.

– Dinheiro é dinheiro. Apenas uma necessidade utilitária. Tem calma. – Pousou-lhe a mão no rosto, fitou-o nos olhos com expressão autoritária, deu meia-volta e coxeou rua abaixo, apoiada na bengala, com o sobretudo castanho e coçado a esvoaçar como as asas de um pardal.

Ao cair da noite o apartamento parecia outra vez normal. Quentin colou cuidadosamente os cacos da réplica de Picasso, enquanto a mamã o observava com olhos cansados, mas satisfeitos. Depois deitou-se no sofá da sala e ele sentou-se no quarto a olhar para o chão. O silêncio era tóxico.

– Vou trabalhar para o Goots – anunciou na manhã seguinte. – Já sou crescido o suficiente para me poderes proibir. Tenho de ter um emprego em *part-time* ou voltaremos a ser despejados.

Ela pousou o pão que estava a partir para torradas. Baixou a faca de serrilha sobre a mesa de tampo de cerâmica rachado, com as pernas pintadas de amarelo desbotado. Olhou sem ver para um antigo frasco com cravos frescos. Desde que Quentin se lembrava que ela tinha sempre flores na mesa da cozinha, numa pequena jarra de cristal que pertencera à tia Zelda.

– A minha jarra partiu-se ontem – disse ela em tom baixo e inexpressivo. – Encontrei-a debaixo de uma cadeira.

Quentin fez uma careta.

– Onde estão os cacos? Talvez consiga colá-los…

– Não. Deitei-os fora. Nem tudo pode ser consertado. Por mais que tentemos. – Ergueu os olhos para ele, abatida. – Eu não consegui consertar a minha família.

Quentin sentou-se diante dela e pegou-lhe nas mãos estendidas.

– Não consegues consertar as nossas vidas sem a minha ajuda. Fizeste o que podias. Se o velho se importasse mesmo…

Ela ficou tensa.

– O que é que chamaste ao teu pai?

Quentin fitou-a durante um longo momento, com o maxilar contraído.

– É só a maneira de falar. Desculpa.

– Nesta casa, ele é o teu pai, e vais respeitá-lo.

– Já não somos propriamente chegados.

– Eu sei, e isso preocupa-me.

– Ele está a viver naquele armazém há sete anos. *Sete*. Está na altura de parar de se iludir e voltar. Arranjar um emprego a sério. Facilitar-te um bocadinho a vida.

– Mas sabes que sempre foi por opção minha que nunca falei ao teu pai nos nossos problemas financeiros. Ele já tem muito com que se preocupar. Tem uma exposição a abrir uma galeria para o

mês que vem, e dois compradores que vão visitar…

– E é por opção minha que vou trabalhar para o Goots. Se tenho de deixar que o papá continue a acreditar que não está a levar-nos à ruína… então tu tens de me deixar ajudar. É justo.

Ela fechou os olhos, tirou os óculos e levou as mãos à testa. Quando olhou novamente para ele tinha a boca apertada numa linha determinada, a decisão tomada.

– Quero que as aulas estejam sempre em primeiro lugar. Se as notas começarem a baixar, largas o trabalho.

– Tens a minha palavra. E a minha palavra tem valor, mamã. Não te vou desiludir.

– Achas que o teu pai me desiludiu?

Ele não falou, mas a mãe viu a resposta cruel no seu rosto. Baixou a cabeça, derrotada.

Assim, Quentin foi trabalhar para a oficina de Gutzman.

– Queres trabalhar no outro lado? – perguntou-lhe Goots em tom sedutor. – Ganhas cinco vezes mais e tens metade do trabalho.

Quentin atirou ao ar um martelo de borracha e brandiu-o habilmente, como se fosse uma espada.

– Só quero arranjar mossas e pintar para-choques riscados. Obrigado, mas esse outro lugar não é para mim.

– Dá-lhe tempo. Vai ser – garantiu Goots, e riu-se.

No outono seguinte houve um avanço na carreira do papá. Ele contou-lhes que a viúva de um homem de negócios de uma cidade rica do Norte se apaixonara pelo trabalho dele. A mulher decidira dar uma festa no armazém, para apresentar o papá aos amigos da comunidade artística. O papá mandou-lhes dinheiro para comprarem bilhetes de autocarro e, numa tarde quente de setembro, Quentin e a mãe partiram para estar presentes no evento dessa noite. A mamã estava empolgada. Quentin não se sentia tão animado há anos.

O armazém era um edifício enorme de metal e madeira, com um pequeno parque de estacionamento alcatroado em frente. Ficava na orla de um pinhal de árvores anémicas, num velho parque industrial. Nessa noite de outono, porém, as grandes janelas brilhavam com uma luz dourada e o parque estava repleto de carros. Ouvia-se o som distante de uma banda e lá dentro havia quase cem artistas e patronos das artes a deambular entre as estátuas do papá, enquanto empregados lhes serviam champanhe e aperitivos. A mamã estava nervosa e fora de si de alegria. O papá estava sério e extraordinariamente atraente, no seu fato preto novo. As mulheres não conseguiam tirar os olhos dele.

A anfitriã, a «investidora», como o papá se referia a ela, não era propriamente velha, afinal. A mamã partira desse princípio porque o papá mencionara que ela tinha cabelo branco. Era uma mulher imponente, talvez com uns sessenta anos; usava um fato de calças e casaco preto e chique que lhe evidenciava as curvas, e o cabelo, embora fosse branco, estava cortado num penteado escadeado e

elegante. *Bolas, não é nenhuma velhinha enrugada*, pensou Quentin com surpresa quando lhe foi apresentado.

– Oh, és tão parecido com o teu bonito pai – elogiou ela em voz rouca, e acariciou-lhe a palma da mão.

Quentin estava a lembrar-se disto e a pensar em como as pessoas eram engraçadas quando menos se esperava, encostado ao para-choques de um carro nas sombras do parque de estacionamento, longe do alcance do único candeeiro de rua aceso. Tinha a cabeça a andar à roda depois do copo de champanhe que o papá lhe oferecera com grande cerimónia, e do outro que surripiara de um tabuleiro quando a mamã não estava a ver. Sorriu na escuridão, tirou um cigarro do bolso do casaco e acendeu-o. A mãe ter-lhe-ia tirado o cigarro dos lábios e obrigado a comê-lo, se o apanhasse. Já o fizera uma vez.

– Estou sempre a ler os avisos dos médicos em relação ao tabaco – declarara.

– Oh, mã'… – respondera ele, atrevido e rebelde, e ainda engasgado com o tabaco esmagado. – Se começas a dar ouvidos a médicos malucos vais acabar por achar que tudo faz mal. Ouve, eu não bebo álcool e não fumo droga, qual é o mal de um cigarro ou dois?

Ela fitara-o num silêncio aturdido, com os olhos gelados.

– O meu título é *mãe* – enunciara por fim –, e na minha casa vais falar *como deve ser*, enunciando as palavras e evitando o calão, porque és uma pessoa culta com respeito por ti próprio e por mim. Sei que aprendeste a agir como um dos rufias da vizinhança quando não estás na minha presença, mas *não* permitirei que te tornes num bandido debaixo do meu nariz.

Ele ficara embaraçado o bastante para fazer um pedido de desculpas sincero, mas continuara a fumar um cigarro de vez em quando, às escondidas. Nessa noite, quando ouviu pessoas a aproximarem-se, ocultou rapidamente o brilho do cigarro com a mão e recuou mais para as sombras. Era poupado com os seus vícios.

Vários convidados, um grupo de homens e mulheres, saíram do armazém e pararam junto de um carro enquanto um dos homens procurava as chaves no bolso. Quentin ouviu uma gargalhada.

– O trabalho do Riconni é bastante bom, talvez até brilhante – comentou uma mulher, a rir –, mas toda a gente sabe que ela o escolheu pelo seu trabalho na *cama*, não como artista. – Ouviram-se mais risos.

Quentin atirou o cigarro para o chão e ficou tenso e atento, à escuta.

– Talvez ele seja uma descoberta legítima – sugeriu um dos homens. – Sem segundas intenções. A arte pela arte.

Mais gargalhadas.

– Ela nunca investe dinheiro sem levar o pobre desgraçado para a cama primeiro. *Nunca*. É parte do que a atrai em toda esta cena artística. Foi ela própria que o confidenciou a uma amiga minha, certa vez, depois de uns *martinis*. Garanto-te que o Richard Riconni conquistou o seu lugar entre os

lençóis antes de ela lhe passar o cheque.

Não disseram mais nada e entraram para o carro. Quentin afastou-se rapidamente, antes que os faróis do veículo o apanhassem. Encostou-se à parede do armazém, ofegante, com a mente num turbilhão.

Eram tretas, mexericos cruéis, uma maldita mentira. O papá *nunca* trairia a mamã, nem por dinheiro, nem pela sua arte, nem por nada. As palavras «É só uma mentira» giraram-lhe na cabeça até a sua respiração se acalmar e conseguir pensar melhor. Muito bem, *pensa*. A mamã pregava as virtudes da lógica e da análise metódica. Os padrões surgiam-lhe com facilidade, como quando empilhava os blocos de construção com as suas uniões frágeis. Tinha o olho do pai para a perspetiva, para visualizar formas, contextos, como uma junção encaixava, como uma costura de solda unia o metal ao metal no ponto mais forte.

Formulou um plano simples. Depois acendeu outro cigarro, agachou-se e fumou em silêncio, com as mãos agora tão calmas que teria conseguido remover o coração do peito do pai com precisão cirúrgica.

Tinham reservado dois pequenos quartos num motel a quatrocentos metros do armazém. À meia-noite, o papá ainda estava a acompanhar os últimos convidados à saída e a fechar o edifício. Quentin e a mãe foram andando até ao motel. Ela insistia em fazer longas caminhadas como parte das suas rotinas diárias, apesar de a perna não a deixar andar muito depressa. Cantarolou no ar ameno de setembro, contemplou o céu, apontou-lhe as constelações com a ponta da bengala e divagou em voz alta sobre teorias do universo e da criação, enquanto Quentin só conseguia responder-lhe com monossílabos.

Quando chegaram, ela deixou-se cair, satisfeita, numa cadeira junto à porta do quarto, com o vestido preto e simples a ondular à sua volta, descalçou os sapatos e apoiou a perna magoada na cama.

– Foi maravilhoso ver o teu pai rodeado de pessoas que compreendem o trabalho dele, que lhe dão o devido valor! – Suspirou, contente. – Vendeu cinco peças! Cinco! Não por somas astronómicas, mas isso não importa. As pessoas que aqui estiveram são colecionadores de qualidade. Vão falar. A notícia vai espalhar-se.

Quentin estava de pé no centro do quarto. Não conseguia sentar-se. Uma energia sombria percorria-lhe as veias. Sentia um formigueiro na pele. As paredes estavam a sufocá-lo. Foi à casa de banho e mudou de roupa, enfiando umas calças de ganga, uma camisola de futebol velha e um blusão. Até as suas roupas habituais lhe pareciam ásperas, como se pudessem raspar-lhe a pele até fazer sangue.

– Há um salão de jogos na esquina – disse. – Passámos por lá quando chegámos. Estava cheio de jovens e pessoas… pareceu-me giro. Acho que vou jogar um ou dois jogos de *flippers*, está bem?

– Oh, Quentin, é tão tarde…

– Não me demoro.

Ela estudou-o por um instante e desistiu.

– Está bem, mas por favor tem cuidado.

Quentin saiu para a noite e, para o caso de a mãe estar a ver, percorreu uma dúzia de metros até uma esquina bem iluminada, onde havia uma estação de serviço, uma pequena mercearia e o salão de jogos. Depois escondeu-se nas sombras, deu meia-volta e seguiu pela estrada paralela ao parque industrial. Em poucos minutos chegou ao armazém e viu a velha carrinha do pai estacionada. Não havia outros carros.

O seu coração acalmou. Pelo menos *ela* não estava ali. O seu pior receio não se concretizara. Ainda. As janelas amplas nas paredes altas do edifício estavam levemente iluminadas. Quentin dirigiu-se a uma porta lateral, viu que não estava trancada e entrou. Encontrava-se num canto escuro, onde o pai guardava os materiais. Viu-se cercado por pilhas de chapa, de chassis de automóveis e de outras peças. Começou a procurar o caminho pelo meio da sucata quando ouviu um estrondo e o grito sufocado do pai.

Correu e depois estacou, de olhos esbugalhados. O pai despira o casaco, a gravata e a camisa, e estava agora no meio do armazém, de calças e com uma *T-shirt* manchada de suor. Tinha o rosto contorcido em fúria e desespero. Segurava com ambas as mãos uma marreta e, enquanto Quentin olhava, ergueu-a acima da cabeça e baixou-a sobre uma escultura feita de faixas curvas de metal. A peça relativamente delicada tombou, e uma mossa enorme apareceu no *design* frágil.

O papá soltou um rugido rouco e brandiu de novo a marreta. A sua expressão era diabólica, lívida, tão cego com emoções cruas e penosas que Quentin se curvou, agarrado à barriga, como se tivesse levado um soco. O que estaria a torturá-lo? A noite fora um sucesso, vendera o seu trabalho, ganhara alguns milhares de dólares e conseguira a atenção de pessoas importantes na comunidade artística. Por que raio estava a destruir tudo?

Quentin viera para o confrontar com o que ouvira, para lhe pedir a verdade, mas agora só conseguia olhar, assustado, para a cena de fúria. O pai continuou a soltar gemidos incompreensíveis e gritos de raiva enquanto destruía escultura após escultura. Por fim, atirou a marreta para o lado, agarrou nas peças mais pequenas e arremessou-as, cambaleante, aos gritos, para o caos das outras esculturas caídas ou destruídas.

Quentin deu um passo em frente e pensou: *Vou agarrá-lo antes que se magoe*, e, a seguir: *Não podes! Não podes deixar que ele saiba que o viste neste estado!* O dilema fê-lo hesitar. O rosto do pai estava inundado de suor ou lágrimas, ou ambas as coisas. Correu para o equipamento de soldar, a um canto, e começou a puxar as ferramentas penduradas, arremessando chaves inglesas, tenazes e tudo aquilo a que conseguiu deitar a mão.

Quentin não aguentava mais. Certo ou errado, avançou com cautela em direção ao pai, que ainda não o tinha visto e estava a levantar uma barra de ferro pesada o mais alto que conseguia. Atirou-a

contra o grosso vidro industrial de uma das janelas, que se desfez em pedrinhas cintilantes, como uma chuva sólida. Depois o papá caiu de joelhos, subitamente calmo, e escondeu o rosto nas mãos.

– Angele – gemeu.

Quentin sentiu a cabeça a andar à roda. Isto estava relacionado com a mãe, e também com a outra mulher. Tinha a ver com vergonha e frustração. O que viera discutir com o pai era inútil, e a pergunta que trazia estava respondida. Recuou lenta e silenciosamente, e saiu do armazém pela porta por onde entrara.

Estava a tremer. Passou as mãos pelo rosto molhado.

– Maldito sejas, papá – murmurou em voz quebrada, odiando-o e amando-o ao mesmo tempo, com vontade de o ver sofrer, mas também de o salvar de si próprio.

Por fim, caminhou até ao salão de jogos, onde fingiu interesse por ver as outras pessoas a jogarem nas máquinas. Quando voltou para o motel, a carrinha do pai estava no parque de estacionamento e a mãe enfiou a cabeça de fora da porta do quarto.

– O papá está a dormir – murmurou. – Estava exausto. Dei-lhe uma aspirina e fiz-lhe uma massagem nas costas. Deu um jeito a arrastar algumas esculturas depois de as pessoas saírem. Vemo-nos de manhã, está bem?

– Está bem – respondeu Quentin, e foi para o seu quarto.

Deitou-se completamente vestido em cima da cama, sem conseguir dormir, entorpecido, gelado, a morrer por dentro. Nunca fez perguntas ao pai sobre aquela noite, e o pai nunca lhe falou sobre ela. Mas estaria sempre ali, entre eles.

4

Lá fora, no mundo normal, constava que havia *hippies* por todo o lado, que os árabes tinham o petróleo todo, aparecia um homem a correr nu em cada evento público importante, e o presidente Nixon estava prestes a demitir-se. Mas eu tinha os meus próprios problemas.

Estava escondida entre os fetos no cimo da ravina, acompanhada pelos gatos da quinta, algumas das galinhas de estimação particularmente aventureiras e do cão da quinta, *Bobo*. Trazia comigo a pequena máquina fotográfica do paizinho, numa correia à volta do pescoço. Andava à caça de provas fotográficas da existência da avó Annie.

Ouvi as folhas do loureiro no outro lado da ravina a mexerem-se e levantei a câmara. O nosso vizinho, Fred Washington, enfiou a cabeça negra e grisalha entre os ramos do loureiro, tentou segurar-se a um ramo fininho que nunca sustentaria o seu peso, desequilibrou-se e caiu de rabo. O senhor Fred ia a caminho do regato para apanhar isco. O balde metálico aterrou em cima do loureiro, como uma coroa.

– Que diabo andas a fazer, criatura? – gritou-me ele.

Eu tinha apenas oito anos de idade e era muitíssimo inteligente, mas não estava equipada para a vergonha que se apoderou de mim naquele momento.

– Urso! – gritei, como se tivesse visto alguma coisa. Ele olhou em volta, sobressaltado.

– Foge, rapariga!

Larguei a máquina fotográfica e fugi, trepando a encosta íngreme até à segurança do nosso pequeno pasto, cercado por bom arame farpado resistente.

Mais tarde, o paizinho e eu fomos à quinta dos Washington e eu ofereci ao senhor Fred um bolo caseiro feito pela mãezinha e um pedido de desculpas. Ele aceitou ambos com boa vontade. O senhor Fred era viúvo e nunca tivera filhos. Estava reformado depois de quarenta anos a ordenhar as vacas de um homem branco que possuía uma vacaria. Tinha as mãos retorcidas pela artrite e os joelhos perros de tantos dias a fio sentado num banquinho de ordenha.

Sentámo-nos no alpendre um bocadinho, a comer fatias de bolo e a beber copos de leite gordo da vaca do senhor Fred. Fora o irmão dele que o Klan enforcara, ainda adolescente, nos anos difíceis depois de Bethina Grace e o seu tio Nathan terem fugido juntos. Nessa altura ainda havia muitos Washington no condado, mas o Klan forçara a maioria a partir, até restarem apenas os pais obstinados do senhor Fred, que juraram criar os outros dois filhos no condado de Tiber só para irritar os assassinos do seu rapaz, para que eles vissem esses filhos triunfar.

Quando os rapazes cresceram, só havia dinheiro suficiente para mandar um deles para a Universidade Morehouse em Atlanta. Decidiu-se que seria Jonah, o irmão mais novo do senhor Fred. Jonah formara-se em História e era agora professor em Harvard. Mandava dinheiro e presentes para o senhor Fred, mas quase nunca voltava para visitar o lar da sua infância.

O senhor Fred fitou-me com ar grave.

– Não sou urso nenhum, rapariga, e não tentes tirar-me mais fotografias. – Assenti com um aceno.

– Sim, senhor.

Ele viu um arranhão de silva no meu braço, entrou e voltou com uma latinha de unguento.

– *Bálsamo para Úberes do Dr. Akin* – indicou, e espalhou um pouco no meu braço. – É bom para tetas de vaca doridas e para arranhões de silvas.

Unguento para tetas. Contive o riso e cheirei o braço com ar solene. Daí em diante, para mim, o cheiro mentolado da pomada estaria sempre associado ao perdão.

– Obrigado, senhor Fred – agradeceu o paizinho. – Se quiser, venha jantar connosco esta noite. – Convidava-o sempre, mas o senhor Fred nunca aceitava, tal como não aceitou dessa vez, apesar de provavelmente termos família em comum, algures, se Bethina Grace e Nathan tivessem tido pelo menos um filho juntos.

Pensei nisso enquanto o paizinho e eu regressávamos a casa. Os únicos legados dos Powell e dos Washington eram a terra e uma capacidade famosa de ter ideias interessantes e partir em aventuras, como a avó Annie e os outros. Assim, de uma maneira ou de outra, mudávamos de forma e desaparecíamos.

Jurei que nunca faria isso.

A menina Betty estava a morrer. Todos o sabiam, incluindo ela, que esperava a morte com resignação, na cama, na mansão grandiosa onde nascera, a ouvir os murmúrios sedutores das pessoas que perdera – a mãe, as filhas e o marido. Eu e o paizinho fomos visitá-la e, de pé ao lado da cama de dossel, tentei não olhar para o seu rosto mirrado, mas sim para as recordações da sua vida. Tinha agora dez anos de idade, o suficiente para dominar a arte de fingir indiferença quando estava a morrer de medo da morte.

Em cima das mesas de cabeceira de verga havia figuras e estatuetas de ursos pretos e fotografias do Urso de Ferro. Ao lado, pequenos retratos em tons sépia do marido e das filhas perdidos, e de John, o seu neto preferido, que o espírito de urso da avó Annie Powell salvara da pólio, quer ele acreditasse nisso ou não.

– Tenho notícias para si, menina Betty – disse o paizinho em tom gentil. – A Victoria vai ter outro bebé!

– Oh, que bom – murmurou ela em voz fraca. – Há tanto tempo que querem ter mais filhos. Aposto que desta vez vai correr tudo bem.

Eu sorri, radiante.

– Espero que seja uma irmã.

– Espero que o teu desejo se realize. Uma irmã tão bonita e forte como tu. – A menina Betty estava quase cega devido às cataratas e mal me conseguia ver. Pousou as mãos finas e frias no meu rosto, examinou-me as feições com as pontas dos dedos e confirmou ao meu pai aquilo que

descobrira. – Tommy – murmurou, no seu sotaque elegante –, tinhas razão em relação a ela.

– É verdade, menina Betty.

– É uma criança sábia, Tommy. Ela ouve. – Os meus silêncios eram muitas vezes confundidos com atenção, quando de facto serviam para ocultar um turbilhão de raiva contida e esquemas febris. Como de costume, não me consegui conter. Sempre quisera fazer-lhe uma pergunta relacionada com as questões do orgulho Powell, e esta podia ser a minha última oportunidade.

– Menina Betty, odeia a sua mãezinha Powell por ter fugido? – perguntei.

Os seus olhos baços sorriram.

– Odiá-la? Oh, minha querida menina. Vou contar-te um segredo que mais ninguém sabe. Nem os meus irmãos e irmãs, nem os meus filhos, nem os meus netos. – A menina Betty pegou-me nas mãos e olhou para mim. – Ela disse-me que tinha de partir – murmurou. – E eu disse-lhe para ir.

Olhei para ela, de boca aberta. Ao meu lado, o meu pai murmurou baixinho, espantado:

– A sério?

– O meu pai era mau para ela. Foi o melhor.

– Mas era a sua mãezinha – insisti.

– Eu sabia que ela me amava. O facto de alguém partir ou nos desapontar não significa que o amor desapareceu. Por vezes, é nessas alturas que ele é mais forte. Quando o sentimos tanto que até dói. – O meu silêncio deixou bem claro que esta explicação estava para além do alcance da minha compreensão. Um leve sorriso passou fugazmente pelo rosto enrugado da menina Betty. – Um dia compreenderás. Todos chegamos a essa conclusão, quer queiramos, quer não. O nosso Urso sabe, não sabe, Tommy?

– Sim, senhora – confirmou ele com um aceno.

Pestanejei.

– Menina Betty, acha que o Urso de Ferro fala com as pessoas?

– Claro que sim. Como achas que me tornei tão sábia?

– Nunca falou *comigo*.

– Oh, sim, fala contigo também. Ele está cheio de *vida*, minha querida. Está a ensinar, e tu estás a aprender. Nunca deixes de tentar ouvir o que ele te diz para não esqueceres. Nunca deixes de ouvir o teu coração. – Soltou um suspiro profundo. A sua enfermeira, irmã do senhor John, uma mulher de meia-idade altiva e corpulenta chamada Luzanne Tiber Lee, entrou no quarto e começou a fazer-se atarefada. Não gostava muito de nós.

– Está na hora de descansar – declarou em tom brusco, deixando atrás de si a fragrância de *Chanel N° 5* e um leve odor a cão. Tinha ao colo o seu adorado beagle, *Royal Hamilton*, batizado com os nomes dos filhos, Royal e Hamilton, e tratado por *RH*. *RH* abanou a cauda curta; pelo menos ele estava contente por nos ver.

– Cuide de si – murmurou o paizinho à menina Betty, inclinando-se para lhe beijar a testa.

– E tu cuida de ti e de tudo aquilo que amas, incluindo o nosso Urso – murmurou ela, de olhos postos em mim.

– Assim farei – respondi baixinho.

Enquanto nos dirigíamos à carrinha, à sombra das árvores no passeio, vi o paizinho a limpar uma lágrima do canto do olho.

– Não chores – pedi, aflita, apertando-lhe a grande mão calejada enquanto os meus olhos se enchiam também de lágrimas.

– Olha quem fala – retorquiu ele, com um sorriso.

– Para onde achas que as pessoas vão quando morrem?

O meu pai pensou por um momento, enquanto continuávamos a andar, e dei por mim a contar o ritmo dos nossos pés como se fosse o tiquetaque de um relógio.

– Acho que podemos ir para onde quisermos – respondeu ele. – Aposto que a menina Betty irá para o fundo das ravinas fazer companhia à avó Annie.

Eu ainda acreditava que, um dia, havia de erguer os olhos da água do riacho no fundo da ravina e ver a avó Annie a olhar para mim, com um focinho de urso e pelo preto, por isso tal ideia fez-me sentir melhor.

– Sendo assim, acho que vou ter de procurar *duas* velhas ursas.

Ele riu-se, pegou-me ao colo e beijou-me na face.

A menina Betty morreu nessa noite, perto da meia-noite, sem chegar a acordar. Eu, o paizinho e cerca de vinte outros homens acampámos junto do Urso de Ferro. Corria o rumor de que o senhor John tencionava mandar uma equipa de homens com maçaricos para desmembrar a escultura antes do nascer do dia, agora que a avó morrera e lha deixara, confiante de que o neto faria a coisa certa. Bom, aos olhos dele, aquela era a coisa certa.

Eu tinha a cabeça a zumbir de cansaço e encostei-me ao paizinho, que me enrolara numa manta. Enquanto dormitava e acordava, via sombras estranhas no Urso, causadas pela luz das lanternas que os homens tinham colocado à sua volta. Estes homens eram personagens de aspeto duro; havia alguns criadores de galinhas, mas, na sua maioria, eram homens que viviam nas profundezas do mato, isolados, que nunca aceitariam viver numa cidade. Fumavam, mascavam, cuspiam, e alguns bebiam de pequenas garrafas de bolso. Tinham vindo porque lhes chegara aos ouvidos que Tom Powell precisava de ajuda.

Eu não compreendia nada disto, e estava prestes a dizê-lo quando um camião apareceu. Todos os homens se levantaram. Eu também. Apertei o cobertor à minha volta e vi o senhor John dirigir-se a nós, seguido por vários trabalhadores. O senhor John estava sério e agitou ambas as mãos em gestos firmes.

– Tommy, essa escultura vai voltar para o lugar de onde nunca devia ter saído: o ferro-velho. Sai

da frente.

O paizinho deu um passo em frente.

– Não posso deixar que faças isso, primo. – Todos os homens cerraram fileiras à volta dele, de olhos postos no senhor John. Um deles, alto e barbudo, asseverou em tom gutural:

– O que o Tom Powell disser é o que vai acontecer.

O senhor John estava a ficar mais vermelho a cada minuto que passava. Hesitou e olhou com nervosismo para as mãos dos homens que o paizinho tinha consigo, pois sabia que todos eles teriam uma pistola ou uma faca escondida nas jardineiras ou calças de mato, e que não teriam problemas em sacar das armas.

– Oiçam lá, rapazes, isto não é uma luta e não é problema vosso. Esta escultura é minha. Tenho o direito de fazer com ela o que bem entender. E tenciono nunca mais ter de lhe pôr os olhos em cima.

– Eu fico com ela – propôs o paizinho. – Tiro-a daqui esta noite mesmo, ponho-a na minha propriedade. Podes contar a toda a gente que desapareceu no ar, se quiseres.

– Quero-a destruída.

– O corpo da tua avó ainda nem arrefeceu e já queres destruir uma coisa que sabes que ela tanto amava?

– Respeitei a minha avó ao permitir que isto aqui ficasse durante dez longos anos. Cumpri o meu dever.

– Um dever destes nunca está concluído, Johnny. Se deitares abaixo esta escultura, haverá ressentimentos no ar durante anos. Não estás a pensar com clareza.

– O que queres tu fazer com essa coisa?

– Olhar para ela, pensar sobre ela, *sentir* sobre ela. Podes odiar o Urso, tens todo o direito. Queres saber a única coisa que é imperdoável numa obra de arte? Quando não desperta quaisquer sentimentos, para o bem ou para o mal.

O senhor John não disse nada. Um homem construía segurança. Construía um nome para si próprio e para a sua família. Não andava por aí a *sentir* fosse o que fosse em relação à arte.

– Posso vender-ta – lembrou-se de súbito. – Se acreditas assim tanto nesta estátua, pagarás por ela.

O paizinho pagara o valor do Urso com a sua dedicação e cuidados ao longo de dez anos, mas foi rápido a responder:

– Eu pago. Faz o teu preço.

– Duzentos dólares.

– Não tenho tanto dinheiro. Posso pagar-te vinte dólares por mês.

– Quarenta por mês. É pegar ou largar. E o Urso fica aqui até fazeres o último pagamento.

O senhor John estava a exigir aquilo que considerava ser-lhe devido, a reclamar a autoridade que o paizinho lhe retirara em frente dos homens. O meu pai engoliu em seco.

– Quarenta por mês. De acordo. E levo o Urso comigo no outono.

Apertaram as mãos à luz das lanternas, enquanto o grupo de homens testemunhava o negócio mais estranho da história de Tiberville. Eu estava tonta de surpresa e tinha um gosto amargo na boca. Quarenta dólares por mês parecia uma fortuna; e se a mãezinha precisasse de remédios? Ela já tinha perdido três bebés antes deste.

O mundo movia-se demasiado depressa para mim e, por alguma razão, eu estava com medo. A menina Betty tinha partido, sabe-se lá para onde. Tentei imaginá-la a vaguear por Bear Creek em forma de espírito, por fim unida à sua família de todos os tipos, incluindo os ursos. Mas teria algum bem resultado de toda esta desgraça? Ergui os olhos para o Urso de Ferro. *Diz-me*, implorei. Mas não obtive resposta.

O outono chegou finalmente, após uma eternidade, e o Urso veio viver para Bear Creek. Tínhamo-nos privado até dos prazeres e necessidades mais básicos para conseguir poupar os quarenta dólares que o paizinho dava ao senhor John todos os meses. Nas primeiras semanas de gravidez, a mãezinha parecia estar a passar bastante bem, e costumava pôr as minhas mãos na sua barriga.

– Sentes o nosso bebé a mexer-se, querida? – perguntava. – É o teu irmãozinho ou irmãzinha.

Mas agora estava grávida de sete meses, inchada e pálida. Nesse dia, eu e ela sentámo-nos de pernas cruzadas no chão, debaixo de um carvalho que soltava as suas folhas avermelhadas sobre nós a cada leve brisa.

O senhor Fred engatou o trator e puxou o Urso de Ferro pela rampa de um camião emprestado, estacionado junto das árvores que davam sombra ao nosso quintal.

– Um bocadinho mais para a esquerda – gritou o paizinho por cima do barulho do motor do trator e das enormes patas de ferro do Urso a raspar na rampa de madeira. O suor escorria-lhe pelo rosto. Tinha as jardineiras cobertas de pó de cimento e lama. Só nessa manhã dera os retoques finais na plataforma que construíra para o Urso. Eu tinha bolhas nas palmas das mãos de o ajudar a fazer cimento num carrinho de mão, e salpicos de tinta branca seca no cabelo.

O meu pai estava de pé em cima da plataforma de um branco imaculado, de pernas abertas e braços no ar enquanto orientava o progresso do senhor Fred. Um sorriso radiante iluminava-lhe o rosto. Estava a conduzir uma sinfonia. Estava no Louvre em frente a uma pintura de Degas. Estava a dar graças aos céus. Era um homem santo a invocar toda a beleza menosprezada do mundo, a chamá-la para se instalar ali, na nossa quinta, porque nós éramos especiais.

Nunca amei o meu pai tanto como naquele dia.

O sol da tarde penetrava através dos flancos do Urso, lançando a sua sombra estranha e esquelética sobre nós. A mãezinha recuou. Apertou-me a mão e rezou em silêncio, com os lábios a moverem-se sem tirar os olhos de cima do meu pai. Com a outra mão, acariciou a barriga

proeminente, como se quisesse acalmar o bebé dentro de si.

Sempre que o vento mudava de direção, mais folhas caíam e o nosso fedor pessoal erguia-se. Senti o cheiro acre e desagradável das capoeiras nas botas dela e nos meus ténis sujos – o aroma de trabalho árduo, poucas recompensas e realidade dura. Tive medo de que o cheiro a fizesse vomitar outra vez.

Ela nunca desviou a atenção do paizinho.

– Imagino que o homem que fez este Urso estará algures a rir-se de nós por lhe darmos tanta importância. – Foi a primeira e última vez que a ouvi dizer algo menos obediente e compreensivo. Não que o paizinho lhe exigisse uma lealdade submissa. Era apenas a forma como ela fora criada para tratar o marido. – Só espero que não nos traga mau-olhado – acrescentou, e apertou o casaco coçado sobre a barriga.

Apertei-lhe a mão, pacientemente.

O crepúsculo caiu. Reconfortada pela gloriosa chuva de fagulhas amarelas, como milhares de pirilampos a dançar, vi o paizinho soldar as patas de ferro pretas do Urso à sua nova fundação permanente. Vi as fagulhas subirem e desaparecerem entre as estrelas no céu arroxeado de outono.

– Porque casaste com o paizinho? – perguntei à minha mãe. – Achas que ele tem poeira de lua na cabeça? – Alguém na escola me dissera isso.

– Se ele tem poeira de lua, então a Lua devia estar orgulhosa – retorquiu ela. – O teu paizinho tem um coração do tamanho do mundo. Foi por isso que casei com ele.

– Ainda temos algum dinheiro? O paizinho tem andado a dar dinheiro às pessoas a torto e a direito.

– Ora, claro que sim. – Afastou os olhos dos meus. – Temos mais do que suficiente.

Um dia, ouvi o meu pai comentar com um velho que o seu sonho era transformar as capoeiras em estúdios de arte para os amigos usarem.

Como é que pagaríamos as contas? pensei. *Como é que comeríamos?* Comecei a roer as unhas e a contar os tostões que poupava. Quem me dera que o Urso me pudesse ter avisado de que este era o último outono em que as minhas preocupações seriam tão leves.

Foi o dezembro mais frio dos últimos anos. Havia gelo na água da velha banheira que o paizinho colocara no pasto para a vaca leiteira que tínhamos comprado ao senhor Fred. O meu pai achara boa ideia termos o nosso próprio abastecimento de leite, já que em breve haveria em casa duas crianças em crescimento.

Nesse sábado, ele levantou-se antes do nascer do dia, tal como eu, e juntos demos comida às galinhas e ordenhámos a vaca. O bebé estava quase a chegar e a mãezinha estava tão cansada que há uma semana que não saía da cama. Não deixava o paizinho levá-la ao médico, e ele, mais do que obedecer à vontade dela, aceitava-a.

– Todos têm a sua própria ideia de Deus – lembro-me de ele me confidenciar. – A tua mãezinha

afastou-se dessa ideia o máximo que alguma vez se afastará quando eu a levei para tratar da dentada de cobra. Na sua maneira de pensar, não pode correr o risco de desafiar de novo Deus.

– Talvez devesses *obrigá-la* a ir ao médico – respondi, preocupada. – E depois Deus podia ficar chateado *contigo* por isso. E se eu explicar a Deus que fui eu que a obriguei a ir ao médico? Aposto que Deus não faria mal a uma criança.

O paizinho riu-se até às lágrimas.

– Sabes que Deus é uma obra de arte e que o podes pintar da cor que quiseres? O Deus da tua mãezinha neste momento tem a cara encarnada, de tanto se rir do teu bom senso.

Nesse sábado, ele ia trabalhar a carregar feno para um agricultor numa cidade vizinha. Pagavam bem, embora, claro, o paizinho nunca admitisse que precisávamos de dinheiro. Tudo o que o afastasse das galinhas dava-lhe prazer. Nessa manhã, antes de sair, deixou o número de telefone do patrão junto do grande telefone preto na parede da cozinha.

– Se a mãezinha se sentir mal – avisou-me –, ou se acontecer alguma coisa que te assuste, podes ligar para o homem para quem vou trabalhar hoje. Ele chama-me e eu venho logo.

– Eu cuido da mãezinha – prometi com firmeza, tentando parecer indiferente à ansiedade nos olhos dele, embora tivesse o coração aos saltos por medo de ficar sozinha com uma tão grande responsabilidade. Depois de ele sair, fiz torradas no forno e levei um prato à mãezinha, com colheradas do seu doce de uvas e um copo de leite fresco. Ela mordiscou metade de uma torrada e bebeu alguns golinhos de leite. Quando recusou o resto, olhei para a comida como se me tivesse traído.

– Posso fazer panquecas – sugeri. – As panquecas não te dão a volta ao estômago.

Ela viu a expressão no meu rosto e estendeu o braço.

– Minha querida – chamou-me, em voz fraca e terna. – Anda cá aquecer-me. Eu estou bem.

– Panquecas, mãezinha – repeti com firmeza.

– Não. Anda cá, filha.

Cedi à emoção e enrosquei-me ao lado dela, debaixo das mantas. Massajei-lhe a barriga enorme por cima da camisa de dormir. Ela gemeu de satisfação e depois adormeceu, de testa franzida. Pus-lhe a mão no peito e contei os batimentos do seu coração. Ela parecia tão frágil, em comparação comigo. Quando o sol ia alto do outro lado da janela, adormeci também.

Acordei com um movimento abrupto. O sol ainda jorrava através das janelas; não tinha passado muito tempo. Mas agora ela estava bem acordada e a suar, com os olhos semicerrados. Saltei da cama e vi-a apertar as mantas.

– Mãezinha? Mãezinha? – chamei em voz alta. – Vou ligar para o médico.

– Não! – Lentamente, relaxou. Olhou para mim e conseguiu sorrir. – Eu estou bem. Vou explicar-te o que tens de fazer. Vai chamar a senhora Maple. O número dela está na agenda telefónica. Ela que venha ficar aqui comigo.

Roberta Maple era uma mulher mais velha, que ajudara no meu parto. O paizinho não mencionara nada sobre ligar para a senhora Maple.

– Eu… é melhor ligar para o paizinho – insisti. – O paizinho pediu-me para o chamar.

– Mas eu não estou doente. Não achas que te diria se estivesse?

– Mãezinha…

– Chiu. Vai chamar a senhora Maple.

– Pensei que ela só vinha quando as pessoas têm bebés. Estás a… – Estaquei, assustada. – Estás a ter o bebé?

– Não vou ter bebé nenhum hoje, querida – garantiu ela depressa, com um sorriso demasiado animado. – O nosso bebé só deve chegar depois do Natal. Agora vai chamar a senhora Maple. Só preciso de companhia.

Apanhada num dilema de informação contraditória, desci as escadas, trepei para o banquinho que me ajudava a chegar ao telefone e liguei para Roberta Maple. Ela confirmou que viria imediatamente. Peguei no papel com o número do trabalho do paizinho e estudei-o como se pudesse revelar-me algum conselho secreto.

Enfiei o papel no bolso das jardineiras e voltei a subir para cuidar da mãezinha até a senhora Maple chegar. Foi a pior decisão que tomei nesse dia.

O horror paralisara-me os ossos. A senhora Maple e Sue Tee tinham-me banido para a cozinha há mais de três horas, onde estava a esforçar-me por conseguir ouvir alguma coisa. De súbito, ouvi a mãezinha gritar. Saltei para o banquinho, agarrei no telefone, procurei o papel no bolso e marquei o número. Quando um homem atendeu, gritei: «Diga ao Tom Powell para vir depressa para casa!» e desliguei. Depois tirei da prateleira a lista telefónica de Tiberville. Tinha as mãos a tremer tanto que mal consegui pôr o dedo por baixo do número do médico.

O Deus da mãezinha bem podia ficar zangado comigo para o resto da minha vida, eu não queria saber. Estava a marcar o número quando Sue Tee Harper me intercetou e tentou arrancar o auscultador das minhas mãos. A ajudante da senhora Maple era magra, com dentes saídos, e vestia um avental ensanguentado por cima de umas calças castanhas largas. Tinha o olhar endurecido de uma mulher pobre da montanha sem quaisquer ilusões sobre as realidades da vida.

– Rapariga, o que estás a fazer?

– Vou chamar o médico!

– Chamar o médico? – Imitou-me, com a voz aguda e esganiçada. – Valha-me Deus, rapariga, os teus pais não têm dinheiro para médicos!

– Mas ele virá, mesmo assim!

– Faz o que te mandaram. Larga o telefone. Deus está a cuidar da tua mãezinha. Vai sentar-te no alpendre a rezar.

– O meu paizinho vai ganhar dinheiro. VOU CHAMAR O MÉDICO!

– Não vai ganhar o suficiente para pagar a um médico. – Apontou na direção do pasto. – Gastou o dinheiro do médico naquele mono que têm para ali. Se queres gritar, vai gritar com o Urso, ouviste? A tua mãezinha não tem dinheiro para médicos, e bem gostava de ter, neste momento. Mas sabe que o teu pai enterrou todo o dinheiro para médicos naquele ídolo maléfico.

Recuei, de boca aberta. Em que havia de acreditar? Passos apressados desceram as escadas. A senhora Maple entrou na cozinha, com algo enrolado num lençol ensanguentado.

– Tira-a daqui! – gritou a Sue Tee.

Sue Tee pegou em mim pelo braço para me puxar, mas eu agarrei com a outra mão num suporte para toalhas, de ferro, cravado na parede ao lado do lava-louça. Os antepassados de Fred Washington tinham forjado aquela barra de ferro e, tal como eles, era forte, negra e feita para durar.

– Raios te partam, rapariga! – gritou Sue Tee, puxando enquanto eu me segurava. Olhei para o pequeno volume embrulhado, imóvel, o embrulho que a senhora Maple pousou em cima da mesa da cozinha.

– Já te disse para a tirares daqui! Tenho de voltar para cima.

Sue Tee gemeu, puxou e eu caí para o chão. Enquanto tentava levantar-me ela empurrou-me para fora, atirou-me o meu casaco e trancou a porta. Depois correu para a mesa e afastou um canto do lençol. Através dos vidros da porta tive um vislumbre de um rostinho minúsculo e imóvel. Quando ela voltou a tapá-lo com o lençol senti a raiva apoderar-se de mim. O que é que ela estava a fazer? O bebé da mãezinha ia sufocar, assim tapado!

Peguei num pedaço de lenha da pilha encostada à parede do alpendre e parti um dos vidros. Sue Tee virou-se e levantou as mãos enquanto eu enfiava o braço pelo buraco para destrancar a porta.

– Fora! Fora! – gritou enquanto eu corria para dentro de casa. – Mas o que é que te passou pela cabeça, rapariga? – Desviei-me e ela agarrou-me pela gola do casaco. Brandi o pedaço de madeira que ainda tinha na mão e acertei-lhe no queixo. Ela gritou, puxou-me para me virar para ela e apontou furiosa para o lençol.

– Queres meter-te nisto? Está bem! O teu irmãozinho está *morto*. O corpo dele está ali! Agora importas-te de me ouvir e ir lá para fora?

Estaquei, paralisada. O pau caiu-me da mão. Não conseguia registar tudo ao mesmo tempo; a minha mente recusou-se a ouvi-la.

– Sue Tee! – gritou a senhora Maple lá de cima. – Preciso de ti!

– Eu já venho, e quando vier espero bem que aqui não estejas – avisou Sue Tee, e saiu a correr. Com esforço, pus um pé à frente do outro, ganhando velocidade à medida que me aproximava da mesa. Estiquei a mão e puxei o lençol, que se abriu. E ali estava ele, o meu irmãozinho, com a pele azulada, olhos fechados, o rosto pequenino tão imóvel como o de um gatinho adormecido. Não vi um bebé morto. Vi o meu irmão. O meu irmão. Não estava morto. Era do tamanho de um bebé normal.

Não ia deixar que este bebé morresse.

Peguei nele, ainda enrolado no lençol, e corri para fora de casa. Quando os pintos sufocavam nos aviários, depois de os camiões dos Tiber entregarem novos carregamentos, o paizinho pegava em todos os corpos inertes que conseguia, e eu ajudava-o. Levávamo-los a correr para a gamela da água do gado e mergulhávamo-los nela. Às vezes o choque da água fria reanimava-os, outras vezes não. Mas tentávamos sempre.

Era para aí que eu me dirigia com o bebé. Ele estava inerte, parecia não haver esperança, mas corri o mais depressa que consegui. Ajoelhei-me e enfiei-o, com lençol e tudo, entre o arame farpado da cerca por trás da gamela, e mergulhei-o na água gelada por um segundo; depois tirei-o e voltei a mergulhá-lo.

Não obtive reação. Desenrolei o lençol e submergi-o, nu, mais uma vez. Não conseguia voltar a fazê-lo; parecia tão duro e cruel para aquele pequeno corpo enrugado, e ele continuava mole como uma boneca de trapos.

O que fazer, o que fazer? Apertei-o contra o peito, abri o casaco e enfiei-o lá dentro, e atravessei o pátio aos tropeções. A coragem estava a ceder lugar ao medo e à infelicidade; de súbito, fiquei cega pelas lágrimas. Bati em qualquer coisa com o pé e tropecei, caindo de lado. Embatera na plataforma de cimento do Urso de Ferro, e agora, ao olhar para cima enquanto tentava recuperar o fôlego, vi o Urso por cima de mim. Estava caída sob a sua grande cabeça, a olhar para a confusão de rede e peças e partes que escondiam o céu cinzento.

– É tudo por tua causa! – gritei. – Tu ficaste com o dinheiro do médico!

Por baixo do casaco, contra o peitilho das jardineiras e a flanela transpirada da minha camisa, senti movimento. Sentei-me, a tremer, e abri um dos lados do casaco. O meu irmão fechou uma mãozinha minúscula encostada à minha camisa, abriu a boca e começou a chorar. Olhei para o Urso. Talvez me tivesse ouvido e sentido culpado?

Tinha medo de me mexer, de magoar o bebé, de o fazer deixar de estar vivo, agora que estava. Encolhi-me ali, com o casaco muito bem fechado à volta dele, a olhar para a casa, com a mente vazia enquanto esperava que alguém viesse – *por favor, por favor* – confirmar que a mãezinha também estava bem. O Urso salvara o bebé. O Urso havia de a salvar. Outra coisa não faria sentido.

Pouco depois a carrinha do paizinho apareceu a derrapar no caminho. Ele saltou de trás do volante, deixou a porta aberta e correu para dentro de casa. Tentei levantar-me e segui-lo, mas tinha os joelhos a tremer demasiado. Encostei-me à base de cimento do Urso e esperei. O bebé continuava a emitir sons suaves e estava agora a contorcer-se.

Finalmente o paizinho saiu de casa, viu-me e correu para mim, aos tropeções. A expressão do seu rosto fez com que eu me encolhesse de dor. Quando chegou junto de mim, desatei a chorar; abri o casaco para ele ver o bebé.

– Ele não está morto, paizinho. A mãezinha também está bem, não está? Eu tentei chamar o

médico.

O meu pai deixou-se cair no chão ao nosso lado e passou um braço sobre mim. Enfiou a outra mão dentro do meu casaco e segurou levemente a cabeça do bebé.

– Não podemos pedir mais do que um milagre – murmurou, e depois a voz falhou-lhe e chorou também, apertando-me contra si, com a outra mão ainda a amparar o meu irmão.

Eu estava aturdida. Ele não precisava de me dizer que a mãezinha tinha morrido. Sentia esse vazio debaixo da pele, entre as veias, à volta do coração. Não havia dinheiro para o médico porque o paizinho fora um tolo e a ideia de Deus da mãezinha matara-a – ele e o Urso de Ferro tinham deixado Deus fazê-lo. De olhos secos, em estado de choque, olhei para a escultura. O Urso não salvara o meu irmão. Ele matara a minha mãe.

5

Quentin sentou-se no degrau de pedra à entrada do prédio, na escuridão da noite de outono, a tentar estudar à luz de um candeeiro de rua. Tirou um cigarro do bolso e voltou a guardá-lo. A senhora Silberstein e as outras mulheres mais velhas da vizinhança fariam queixa dele à mãe se o apanhassem a fumar. Nunca pareciam reparar nos traficantes de droga e pedintes que ocupavam todas as esquinas, mas repariam se vissem Quentin Riconni a fumar um cigarrinho. Continuavam a olhar pelos seus.

O mantra de Quentin era não se meter em sarilhos, nem sequer dos pequenos. Faltava-lhe um ano para acabar o ensino secundário e os professores de St. Vincent's consideravam que ele tinha boas hipóteses de conseguir a bolsa de estudo que quisesse. Imaginava-se no Instituto de Tecnologia do Massachusetts, o MIT. Para ele, era a melhor escola de Engenharia do país.

Abriu o livro de Cálculo sobre os joelhos. Perdido na sua concentração, não ouviu o som dos saltos de cunha de Carla Esposito no passeio.

– Oh, Quent, *merda*. Outra vez? – disse ela, suavemente. Quentin ergueu os olhos, sobressaltado.

Os sapatos faziam com que Carla parecesse quase tão alta como ele. O cabelo preto fluía em camadas, num penteado à Farrah Fawcett. Vestia calças de ganga à boca de sino e uma blusa rosa choque por baixo de um casaco de cabedal comprido. Não trazia *soutien* debaixo da blusa. Tinha os olhos contornados por rímel preto carregado, os lábios pintados de rosa-choque, tal como as unhas. Tinha quinze anos a caminho dos trinta. Se Alfonse a apanhasse com aquele aspeto colocá-la-ia num convento.

Sentou-se no degrau abaixo de Quentin e suspirou profundamente, encostando os seios à coxa dele. Quentin e Carla tinham ultrapassado os limites da honra e da castidade há pouco tempo. O desfloramento mútuo acontecera com uma intimidade apressada e embaraçada, por baixo de uma árvore num parque próximo. Desde então, aproveitavam todas as oportunidades para melhorar as suas competências.

– Cortaram-te outra vez a eletricidade? – O seu tom de voz era gentil.

Após um instante a olhar para o livro, ele fechou-o com força.

– Pois.

– Pensei que as contas já estavam controladas.

– A minha mãe tem andado a mandar mais dinheiro para o velho do que eu pensava, às escondidas. Ele está a enviar trabalhos para galerias fora do estado. Não que venda grande coisa. Raios, mal consegue cobrir os custos de envio! Depois teve de substituir a máquina de soldar e outros equipamentos. É por isso que lhe tem mandado dinheiro. Eu devia ter percebido que se passava alguma coisa quando ela arranjou um segundo emprego. Trabalha duas noites por semana numa livraria.

– Podias vir para minha casa. O meu pai trabalha até tarde.

– Obrigado pelo convite, mas não estou com disposição.

– Isso pode mudar. – Enfiou a mão entre as pernas dele e apertou, mas Quentin pôs a mão sobre a dela em sinal de aviso. Apesar disso, fitou-a com desejo. Carla era atrevida, leal e ambiciosa e queria sempre deixá-lo feliz, quer isso fosse bom para ele ou não.

Ela sorriu.

– Apanhei-te! – O sorriso desvaneceu-se quando ele abanou a cabeça. – Vem lá para onde há luz, por favor… ou então eu podia subir até a tua mãe chegar. Vamos brincar aos médicos às escuras.

– É assim que esta gente toda por aqui acaba com filhos que não quer.

– Eu não. – Deu uma palmadinha no bolso das calças. – Roubei preservativos no Tivolii's. A velha russa virou costas e eu tirei-os de trás do balcão.

– E és filha de um detetive da polícia!

– Não quero engravidar. Ainda vou ser alguém. Custe o que custar. E tu também. Vamos sair daqui e viver do outro lado da ponte… podemos viver em Central Park, numa *penthouse*! Com motorista! Eu tenho a beleza e tu tens os miolos. – Carla já ganhara uma dúzia de concursos de beleza locais, e até participara como modelo num catálogo de roupa. Apertou-lhe a coxa e os seus dedos deslizaram mais para cima. – Não te preocupes com a conta da eletricidade. Isso não importa. Anda, eu consigo animar-te. Não gosto de te ver assim.

– Só me apetece bater com a cabeça na parede e explodir.

– É só a luz!

– Odeio que nos cortem a maldita eletricidade. Odeio a forma como a minha mãe baixa a cabeça sempre que olha para uma conta. Odeio quando ela não consegue olhar para os olhos do homem da mercearia porque ele não lhe fia mais nada. Odeio a forma como o meu velho todos os anos lhe promete que as coisas vão melhorar. O mês passado conseguiu expor algumas peças numa grande galeria no Soho. As pessoas riram-se delas. Há sempre um ou dois que ficam fascinados com o trabalho dele e compram alguma coisa, mas nunca o suficiente. Segundo a opinião geral, está muito à frente do seu tempo. Até pode ser mas que é que isso importa? Ele passou uma semana sem dormir. Eu quero as coisas como deve ser, percebes? Nunca farei promessas que não possa cumprir. Eu cuido das minhas responsabilidades. – Estava agora quase a gritar e agarrou nos ombros de Carla. – Sou um homem, um *homem*, e tenho os meus deveres. Não posso fazer nada em relação à eletricidade, mas não sou nenhum vagabundo!

Ela deu-lhe um soco no braço.

– Sabes que eu te amo! Quero ajudar!

– E eu já te expliquei uma data de vezes que não *quero* que me ames e que não *quero* a tua ajuda. *Capisce?*

– Tens outra miúda! É por isso que estás a falar assim! Quando descobrir quem ela é, mato-a!

Quentin passou a mão pelo rosto e suspirou.

– Não há miúda nenhuma. Só não quero que ninguém me ame. *Ninguém*. Miúda *nenhuma*. Nem tu, nem outra qualquer.

– Porquê?

– Não preciso de amor. De que serve o amor?

– Um dia ainda vou casar contigo!

– Queres casar? Arranja um marido. Mas eu não. Nunca. Não acredito no casamento.

– És um mentiroso!

– Pensa o que quiseres. Mas chega de falar nisso. *Chega*. – Endireitou-se de forma ameaçadora, indicando que mais uma palavra e ia levantar-se e voltar para casa. Já tinham tido aquela discussão antes. Ela nunca acreditara e ele nunca cedera.

Carla levantou-se, furiosa e de punhos cerrados.

– Vai à merda. Vai à *merda*! Eu sei o que é isto. Achas que para o ano te vais embora para uma universidade importante e que nunca mais voltarás, e que eu sou apenas uma idiota de Brooklyn que esquecerás num instante. Não sabes tudo, Quentin Riconni. Não sabes *nada*. Nem sequer sabes onde é que a tua mãe trabalha mesmo à noite!

Ele levantou-se, instantaneamente alerta.

– O que queres dizer com isso?

Carla empalideceu. Os seus olhos encheram-se de lágrimas e a fúria dissipou-se.

– Merda – sussurrou entre dentes. Não tivera intenção de se descair.

– Estás a falar do quê?

– Quentin, eu… merda. *Merda*. – Baixou os ombros, abatida. – O meu pai descobriu porque os detetives estão sempre a ter informações sobre estas operações. Tentou dissuadi-la, mas ela obrigou-o a prometer que não te contava nada. Que era provisório.

– O quê?

Os lábios de Carla tremeram com os remorsos.

– Está a fazer trabalho de escritório para o MacLand.

O agiota. MacLand era lama debaixo de uma pedra. Tinha tipos que partiam joelhos e dedos às suas ordens. Era um filho da mãe sem coração.

De pronto, Quentin acompanhou Carla a casa e beijou-a na escuridão ao lado das escadas.

– Tenho assuntos a tratar – disse-lhe, e deixou-a ali a chorar.

Olhou para as estrelas enquanto percorria as ruas escuras da cidade, o tipo de ruas que ninguém devia percorrer sozinho. Aquela parte de Brooklyn estava entalada sob faixas estreitas de céu, e o cheiro a gasóleo, comboios e lixo invadia a noite. Os candeeiros de rua brilhavam como olhos amarelos. Curvou os ombros dentro do blusão numa postura ameaçadora e enfiou as mãos nos bolsos das calças, fechando uma delas sobre uma pequena pistola automática, a outra sobre a navalha.

Um homem emergiu das sombras de um beco.

– Eh, o que fazes por aqui? Tens alguma coisa para um amigo? – perguntou em voz arrastada, e estendeu a mão para tentar agarrar no braço de Quentin.

Num abrir e fechar de olhos, Quentin sacou da navalha, abriu-a e levantou-a, encostando-a ao peito do homem.

– Arranco-te o coração – avisou baixinho.

– Eh, calma, calma. – O desconhecido recuou de novo para o beco, de mãos no ar, deu meia-volta e afastou-se a cambalear.

Quentin guardou a faca e continuou a andar depressa, com os joelhos a tremer. Um *Camaro* reluzente e artilhado encostou na esquina. Quentin aproximou-se e entrou. Johnny Siccone, moreno e corpulento, de cabelo preto desgrenhado, sorriu-lhe com ar irónico.

– Ainda não perdeste a coragem?

– Claro que não. – Quentin sentia-se como se tivesse um balão cheio de água dentro do peito. Apoiou as mãos abertas nos joelhos das calças de ganga, para limpar o suor. Johnny levou-o até aos Heights e inspecionaram os carros estacionados numa rua de casas bonitas e antigas.

– Vai – ordenou Johnny. – Aquele.

Quentin saiu rapidamente e correu para um pequeno *Mercedes* escuro. Com um gesto rápido do instrumento que tinha na mão, abriu a porta e entrou na viatura elegante. Com mais um gesto o motor ganhou vida. Conduziu até território familiar, seguido por Johnny, e virou para a rampa de acesso à oficina ilegal de Goots.

– Valha-me Deus – exclamou Goots quando abriu a porta da oficina e viu o *Mercedes*. A rir e a murmurar elogios em alemão, separou várias notas de cem dólares do maço que tinha no bolso e olhou para Quentin. – Queres trazer-me mais?

– Sim.

Goots hesitou.

– Ouve, chama-me idiota se quiseres, mas tenho de te dizer uma coisa. O teu pai não havia de querer que fizesses isto.

– Vai contar-lhe?

O tom gelado na voz de Quentin assentou em cima do corpulento alemão como um manto de aviso. Goots nunca se metia em problemas que não fossem seus. Gostava de furtos pacíficos. O sorriso jovial reapareceu, por baixo dos olhos astutos.

– Eu não. O que fazes com a tua vida é entre ti e o teu pai. – E encolheu os ombros.

Quentin regressou a casa a pé, com o dinheiro no bolso, os joelhos a tremer e vontade de vomitar. *De minimus non curat lex. A Lei não se preocupa com questões insignificantes*. Esperava bem que não, porque agora era um ladrão de carros. Não um sonhador como o papá, que estava a transformar-se numa das suas obras de arte esqueléticas perante os olhos do filho e da mulher. Agora Quentin

seria apenas um tipo a cuidar da família, a identificar padrões que tinham de ser quebrados.

Comunicou à mãe que Goots o promovera a assistente mecânico e lhe dera um bom aumento. Acrescentou que sabia do trabalho dela com MacLand e que queria que ela o deixasse. Ele cobriria a diferença com o aumento de salário.

A mãe pareceu muitíssimo aliviada. Odiava trabalhar para MacLand e viver com o medo e a vergonha de alguém descobrir. A ajuda de Quentin era agora uma necessidade, não podia negá-lo. Ele cumprira a promessa de não descurar a escola, apesar de estar a trabalhar, portanto com certeza que uma promoção na oficina do bom Goots não tinha mal nenhum. Estava cansada, sozinha, constantemente deprimida. O desespero crescente de Richard aterrorizava-a. Por vezes falavam ao telefone durante horas, à noite, enquanto ela o tentava reconfortar, encorajar.

O mundo parecia fechar-se à sua volta.

– Tenho de agradecer ao senhor Gutzman – propôs, com uma dignidade estafada.

– Não é preciso – respondeu Quentin com um sorrisinho. – Garanto-te que mereço o que me paga.

Daí para a frente, Quentin roubou carros. Era bom nisso. Dava à mãe o máximo de dinheiro que podia sem levantar suspeitas. O resto guardava no quarto. Carla descobriu o que ele andava a fazer através de uma namorada de Johnny Siccone. Ficou assustada por ele, mas também excitada. Quentin deu-lhe uma nota de cem dólares e ela perdoou-lhe.

À noite, deitava-se na cama e desejava não ter de fechar os olhos. Quando dormia tinha pesadelos em que era abatido a tiro na rua. Escreveu uma longa carta para os pais, a contar tudo e a pedir-lhes perdão, que fechou e escondeu entre os romances militares e os livros de história bélica que enchiam a estante. Era um dos seus fascínios mais recentes – os homens e as suas máquinas de destruição, os seus heroísmos, os seus ideais épicos, as suas mortes honradas a defender Deus e a Pátria. O avô morrera na Segunda Guerra Mundial, um herói.

Não um ladrão de carros.

Quentin saiu da oficina de Goots – a oficina legítima – durante a sua pausa, encharcado em suor. Tinha as calças e a *T-shirt* salpicadas de tinta preta. Estava a lavar a cara numa torneira no lado de fora da oficina quando viu a carrinha do pai aproximar-se.

Endireitou-se lentamente. O papá tinha agora quarenta e poucos anos e começava a ficar grisalho nas têmporas. O seu rosto endurecera durante estes anos difíceis e era como uma rocha em bruto. Toda a suavidade lhe desaparecera das feições. Tinha olhos frios como aço.

– Entra – convidou. – Quero que conheças uma pessoa.

Por um minuto, Quentin não se mexeu. O pai aparecera a meio da semana, com aquela expressão no rosto, para o levar a conhecer alguém? Sentiu os cabelos arrepiarem-se na nuca. Passava-se aqui algo de muito errado. Depois respondeu:

– Está bem, como queiras. Até parece que eu não trabalho.

Entrou na carrinha sem outra palavra.

O papá não falou mais durante a viagem. A velha camisa de xadrez e as calças de caqui estavam salpicadas de pequenas queimaduras, para onde o maçarico de corte atirara farpas de metal incandescente. Tinha o cabelo chamuscado à frente. Devia ter saído do armazém à pressa.

Quentin preparou-se para problemas. Meio distraído, apercebeu-se de que percorriam comunidades de Brooklyn melhores e piores do que a sua, uma paisagem dominada às vezes por rostos negros, outras vezes por rostos brancos, desolada ou confortável, o tecido irregular de uma cidade enorme que engolia os seus habitantes. Por fim, o papá entrou pelos portões de um grande cemitério, tão apinhado de túmulos e pequenos mausoléus que quase não havia espaço para os vivos caminharem.

A confusão de Quentin intensificou-se quando o pai continuou a conduzir pelos caminhos estreitos, parando por fim no meio da floresta de mortos.

– É a poucos metros, para aquele lado – indicou, apontando para uma área de lápides baixas e simples. Quentin seguiu-o, mudo de curiosidade, desviando-se das campas de pedra. O papá ajoelhou-se ao lado de uma lápide e sacudiu as folhas secas da superfície gravada. Quentin aproximou-se e olhou para baixo.

«Jeanne Louise Riconni», podia ler-se na lápide, entre as rosas nela gravadas. As datas indicavam que tinha apenas dezoito anos quando morrera e que estava morta há quase vinte e cinco anos. O papá passou os dedos calejados sobre o nome.

– A minha irmã.

Quentin agachou-se e ergueu os olhos da campa para o pai, incrédulo.

– Porque é que eu nunca soube que tinhas uma irmã?

– Não gosto de falar sobre ela. Nada a pode trazer de volta. Morreu quando eu tinha mais ou menos a tua idade. Era uma santa. A alma mais doce que alguma vez conheci, até conhecer a tua mãe. Se queres compreender alguma coisa sobre mim, é aqui. – Apontou para a lápide. – Cresci muito depressa, nesse ano.

– Como é que ela morreu?

– Pólio. Não conseguia respirar. Puseram-na num pulmão de ferro. Parecia um caixão. Só a cabeça ficava de fora. Eu costumava entrar na clínica às escondidas para lhe fazer companhia. Não queria saber se ela podia ou não me contagiar. Era tudo o que eu tinha neste mundo. Vê-la dentro daquela máquina… era como se estivesse a ser devorada viva. E não estava a melhorar.

– Mas a máquina impediu-a de morrer mais cedo.

– É esse o dilema, não é? Nunca sabemos se havemos de odiar ou amar uma coisa dessas. – Fez uma pausa e ergueu o olhar escuro e ardente para Quentin. – Foi para ela que fiz a escultura do Urso. Foi graças a ela que tive essa encomenda. – Quentin abanou a cabeça, sem compreender. A irmã do papá morrera muito tempo antes do Urso. O pai continuou: – A senhora da Georgia que encomendou

o Urso leu sobre mim num boletim da March of Dimes. Eu fiz algum trabalho de voluntariado para eles em honra da memória da Jeanne Louise. Arranjava os aparelhos ortopédicos para as pernas, reparava muletas. Eles escreveram um artigo e mencionaram que eu queria ser escultor. Essa senhora, Betty Tiber, era como se chamava, viu o artigo e escreveu-me. Perdera parte da família com pólio. Queria uma estátua em memória deles.

Explicou-lhe como isso se traduzira na escultura de um urso, mas Quentin quase não o ouviu. Onde é que ele queria chegar com isto? O velho viera de tão longe só para lhe contar esta história? Estaria a ficar louco?

Quando o pai acabou de falar, Quentin fitou-o atentamente.

– O que se passa? Porque quiseste contar-me tudo isto?

– Porque a vida não é o raio de uma *escolha*. É uma dádiva, e se deres cabo dela não há segundas oportunidades. Nunca compreenderei por que razão a Jeanne Louise morreu e eu não. Decidi conquistar a minha vida. Será que merecia viver?

– Claro. Era a hora dela, não a tua.

– Não me recites as merdas que os padres te ensinam.

Quentin levantou as mãos, sem saber o que dizer, e de repente a fúria fervilhou dentro dele, a frustração e a revolta a queimarem-lhe o cérebro.

– O que queres de mim? Queres que eu diga que a tua vida tem sentido e objetivo e que estás a fazer um ótimo trabalho a aproveitar aquilo que a tua irmã não teve? Queres que minta?

A expressão do pai endureceu como uma máscara de ferro. A raiva eletrificou o ar entre os dois. Levantaram-se.

– Não vim aqui para falar sobre mim, nem sequer sobre nós os dois – declarou o papá entre dentes. – Neste momento, a única coisa que me interessa és *tu*. Tu, e as responsabilidades que tens de assumir antes de deitares a tua vida por água abaixo.

– Assumi a responsabilidade pela minha vida e pela *nossa* família desde que tenho idade suficiente para perceber que tu não o farias.

O pai bateu-lhe – limitou-se a erguer o punho e deu-lhe um soco na boca. Aconteceu com tamanha força e rapidez que Quentin não teve tempo de reagir. Caiu para trás em cima de uma campa, ficou ali um minuto até conseguir ver outra vez e soergueu-se num cotovelo. Levou a outra mão à boca e limpou o sangue do lábio inferior. O papá agachou-se ao lado dele e fitou-o com um olhar implacável.

– És um miserável ladrão de carros – acusou.

Silêncio. Quentin não se mexeu, não falou, limitou-se a olhar para ele. Sentiu o sabor do seu próprio sangue, acompanhado por uma vaga de vergonha.

– Como descobriste?

– Através de velhos amigos que conhecem o Goots. Quando foste trabalhar para ele eu sabia que

isto podia acontecer, mas não interferi. Pensei com os meus botões: *O meu filho tem honra. A mãe ensinou-lhe o significado da palavra e eu ensinei-lhe o espírito. Se o Goots lhe oferecer a opção errada, ele recusará. Tenho de o deixar provar quem é*. Mas não foi isso que fizeste.

Devagar, Quentin limpou a mão nas calças de ganga. Estava a tremer, angustiado. Ainda queria ter a aprovação do pai e, quando percebeu que isso não mudara, ficou chocado e amargurado. Contudo, não conseguiu conter anos de ressentimento e sofrimento.

– Quem és tu para me dar sermões sobre honra? És um péssimo pai e um marido ainda pior. Eu roubo carros para pagar as contas. A mamã sempre te escondeu os nossos problemas financeiros. E tu nunca te deste ao trabalho de querer saber mais.

Confessou com detalhes grotescos os problemas com os cobradores, o despejo, o trabalho para MacLand.

– E sei que foste para a cama com aquela mulher que te patrocinou – concluiu aos berros. – Sei que o fizeste para ela te dar dinheiro.

A raiva do pai foi substituída por uma expressão estupefacta e depois desesperada. Fechou os olhos e inclinou a cabeça.

– Não me venhas falar sobre honra – continuou Quentin, quebrando aquele silêncio horrível. – Não te metas na minha vida! Estás a matar a mamã e eu deixei de querer saber de ti há anos! Vai ser um artista e seguir o teu sonho, mas deixa-me em paz!

Silêncio. O pai levantou-se devagar e estendeu-lhe a mão para o ajudar. Quentin afastou-a.

– Eu consigo cuidar de mim sozinho. Se era isso que querias, foi o que conseguiste.

O pai deixou-o ali sentado, regressou à carrinha sem dizer mais nada e saiu do cemitério. Passado algum tempo, os sons de pássaros e do trânsito distante preencheram o silêncio normal e Quentin olhou em volta, pestanejando, aturdido, como se estivesse a acordar.

Gatinhou até à campa de Jeanne Louise. Não havia qualquer vitória ou sabedoria nas suas palavras. Pousou a mão na lápide da tia, o único símbolo de uma rapariga há muito morta, que inspirara Richard Riconni a ser mais do que julgara possível.

– O que é que eu acabei de lhe fazer? – perguntou, com voz embargada.

O silêncio dos mortos foi a sua única resposta.

– Que bela confusão que arranjaste. Estás despedido – comunicou-lhe Goots no dia seguinte. – Despedido da oficina e como ladrão. Despedido. Lamento muito, acredita.

Quentin, que acabara de chegar ao trabalho, olhou para ele como se aquilo fosse uma piada.

– O que é que eu fiz? Oiça, em relação a ontem, o meu velho apareceu com um problema e tive de ir com ele a um sítio. Sim, devia ter avisado alguém de que ia sair, mas…

Goots agitou a mão para o silenciar.

– Não foi nada disso que aconteceu. O teu pai veio falar comigo ontem à noite. Avisou-me de que

ou te despedia ou me denunciava à polícia. Como sei que ele podia muito bem ir falar com o Alfonse Esposito e acabar-me com o negócio, não tenho escolha. Por outro lado, respeito muito o teu pai e sei que ele só está a pensar no teu bem.

– Há mais sítios para trabalhar. Sabe a que me refiro. Não vou parar.

– Ah! Tem um bocadinho de juízo. Tu não és como os outros que roubam carros. Não és nenhum Johnny Siccone. Tens inteligência e vais para a universidade. Não arrisques tudo. Ontem, Deus mandou-te uma mensagem através de um anjo. O teu pai. Se fosse a ti, dava-lhe ouvidos.

– O meu velho não é anjo nenhum e é tarde de mais para eu mudar.

E Quentin saiu.

Quentin não roubou mais nenhum carro durante o resto do verão e outono. Goots tinha uma operação relativamente segura e eficiente. Quentin conhecia outros que, segundo constava, eram de confiança, mas demorou algum tempo a confirmar se assim era. Deu por si a pensar que o pai aprovaria esta técnica metódica, apesar de saber que essa ideia era ridícula. Pensava constantemente no pai.

E depois chegou a notícia. No gabinete do padre Aleksandr, com os painéis de madeira escura nas paredes, Quentin recebeu um envelope do MIT. Enquanto o padre sorria, Quentin abriu-o e leu que a universidade estava a oferecer-lhe uma bolsa de estudos completa para Engenharia. Tencionava terminar mais cedo as aulas em St. Vincent's e podia começar no MIT na primavera, se quisesse. Um peso ergueu-se dos ombros de Quentin. Estava surpreendido por se sentir tão espantado. A fé que a mãe tinha nele, e que tantas vezes sentira ser infundada, afinal estava certa.

E, se ela estava certa em relação a ele, talvez tivesse razões para acreditar também no papá.

Nessa tarde fria de outubro, esperou junto às portas maciças da biblioteca de Brooklyn, lançando olhares atrevidos às raparigas que passavam, desafiando mentalmente os homens a atravessarem-se no seu caminho, mas, na realidade, tão empolgado por trás daquela fachada que mal conseguia estar quieto.

Brincou com a navalha dentro do bolso como se fosse um talismã, encostado às paredes grossas da biblioteca, ao lado das enormes portas de bronze *art déco* que, quando era pequeno, o faziam sentir-se como uma formiguinha que entrava para roubar migalhas. Agora, desafiava qualquer símbolo de aprendizagem e poder a tentar fazer com que alguma vez se voltasse a sentir ignorante. Quando a mãe saiu do grande edifício, com uma sacola de livros pesada sobre o ombro magro e a mala pendurada na bengala, Quentin correu para dela. Tirou-lhe as coisas que a atrapalhavam e pousou-as com cuidado no chão enquanto a mãe o fitava, confusa. Depois abriu os braços e puxou-a para si num abraço apertado.

– O que é? – perguntou ela, ofegante, fitando-o de olhos muito abertos, a pergunta amplificada pelas lentes dos óculos.

Ele recuou.

– Vou para o MIT na primavera – respondeu.

Os olhos dela brilharam e encheram-se de lágrimas. Soltou um grito de alegria, abraçou-o e apertou-o sem o querer largar. Contudo, aquilo que começara como um momento de alegria rapidamente se tornou desesperado. Ainda agarrada a ele, a mãe começou a tremer e depois a soluçar com o rosto escondido no seu ombro. Quentin ficou tão espantado que só conseguiu balbuciar: «Mamã? Mamã?» enquanto lhe dava palmadinhas nas costas.

Ela tentou acalmar-se, sufocando os sons de infelicidade, trémula.

– Desculpa, desculpa – conseguiu dizer, por fim. – Não é por tua causa. Estou tão feliz. É um sonho realizado. Mas… gostava que o teu pai estivesse aqui. Gostava… Estou tão preocupada, Quentin. Sei que se passa alguma coisa.

Quentin pegou na sacola e na mala dela e conduziu-a até à praça em frente da biblioteca.

– Senta-te, respira fundo – pediu-lhe, e sentaram-se ambos num banco. – O que se passa?

– Ele não ligou ontem à noite. E passei o dia a tentar entrar em contacto com ele. – Inclinou-se e limpou os olhos na camisola azul. Quando se endireitou, pegou na mão de Quentin e abanou a cabeça. – Não deve ser nada. Não quero estragar-te este momento, a sério.

– Não faz mal. Conta-me como estão as coisas com o papá.

– Ele anda muito deprimido. Desde o verão, parece que a sua capacidade de ver esperança no futuro se evaporou. Ele *mudou*, Quentin, perdeu a chama que o fazia continuar. Antes, por mais angustiado que estivesse com o trabalho e a carreira, por mais que sentisse que o sucesso era impossível, acreditava sempre no que estava a fazer. Mas ultimamente parece ter desistido. *Desistido*.

Quentin ouviu tudo aquilo com um nó no estômago. Fora *ele* que fizera isto ao pai – castigara-o, destruíra-o. E nunca fora essa a sua intenção.

– Vou pedir um carro emprestado para ir lá esta noite. – Fez uma pausa e acrescentou: – O Goots empresta-me um.

– Eu vou contigo.

– Importas-te que vá sozinho? Fico lá para amanhã. Passo algum tempo com ele, conversamos. Temos coisas a resolver. Só nós os dois.

A mãe apertou-lhe a mão e fitou-o atentamente. A ansiedade foi dando lugar a uma esperança renovada e Quentin viu a cor regressar-lhe ao rosto pálido.

– Se pudesses fazer isso – refletiu ela baixinho –, eu considerá-lo-ia tão digno de celebração como a tua bolsa de estudo.

– Eu falo com ele. Prometo.

– Ele disse-me que está a pensar em voltar para casa.

Quentin ficou muito calado durante um instante.

– Ele vai *desistir*?

Ela assentiu com um aceno.

– E, Deus me perdoe, eu *quero* que desista. Nunca pensei dizê-lo, mas sinto tanto a falta dele, e ele tem trabalhado tanto lá em cima, sozinho… Não lhe tem feito bem nenhum. Se conseguirmos trazê-lo para casa, podemos cuidar dele. Havemos de encontrar outro sítio que ele possa usar como estúdio. Pode ser um recomeço. Ele está tão isolado.

Quentin devolveu-lhe o olhar sem vacilar. A bolsa de estudo era um prémio que podia oferecer ao pai como prova de que os homens Riconni tinham futuro neste mundo. *Ambos* tinham futuro, e o passado podia ficar para trás. Levantou-se. Sentia-se confiante e quase entusiasmado.

– Vou trazê-lo para casa – prometeu.

Chegou ao armazém pouco depois de escurecer, num dos carros pessoais de Goots, um *Corvette* vermelho de 1959.

– Para te dar sorte – comentara o alemão com um grande sorriso –, menino universitário.

À sua frente, a luz dos candeeiros de rua à volta do armazém encheu Quentin de antecipação, embora não conseguisse ver luz nas janelas do armazém. O papá devia estar sentado à secretária, com o candeeiro ligado. A carrinha dele encontrava-se no parque de estacionamento.

Quentin carregou várias vezes na campainha da porta lateral, mas não obteve resposta. De testa franzida, contornou o edifício, experimentou os mecanismos em duas portas de correr enormes, verificou outra entrada lateral, mas estava tudo trancado. Regressou à primeira porta e passou mais cinco minutos a tocar à campainha, em vão.

Sentiu um arrepio na espinha. Começou a fazer uma lista mental de todas as possibilidades. Alguém viera buscar o papá para jantar. O papá estava a dormir na pequena área onde vivia e não ouvira a campainha. O papá estava concentrado num esboço ou no modelo de alguma escultura e decidira ignorar qualquer visita.

O papá estava com uma mulher.

A última ideia surgiu-lhe na mente de forma inesperada. Por mais que tentasse afastá-la, recusava-se a desaparecer. Não podia pura e simplesmente voltar para Brooklyn e dizer à mãe que o pai não estava. E também não queria ficar sentado no carro, às escuras, à espera de que o pai voltasse do jantar.

Em particular, não queria ficar ali parado a criar aquele género de congitações mentais. Tirou um par de instrumentos compridos e finos do bolso das calças e, com cuidado, enfiou-os na fechadura da porta. Após um minuto de manipulações hábeis, a fechadura abriu-se. Empurrou a porta de metal pesada, entrou na ampla escuridão e fechou a porta atrás de si. O eco metálico deixou-o inquieto. O papá já não guardava os seus materiais naquele canto.

Avançou com cautela ao longo da parede até encontrar um interruptor. Quando o ligou, uma

lâmpada iluminou o cubículo de contraplacado que o pai construíra para servir de escritório e área residencial. A cama de solteiro estava vazia e feita. Não havia pratos, nem sinais de uma refeição recente no lava-louça ou no velho fogão que o pai instalara. Na parede por trás da secretária metálica viu uma fotografia amarelecida da escultura do urso, com uma cópia do cheque de Betty Tiber emoldurada ao lado.

Quentin ergueu os olhos para as vigas nuas e para a claraboia suja, como se o papá pudesse estar sentado lá em cima, a pregar-lhe uma partida. Pôs as mãos à volta da boca.

– Eh, papá! Estás cá ou não?

Não teve resposta. Espreitou para a escuridão do armazém. Recuou um passo na direção da porta e depois parou, porque sentiu algo deslizar debaixo da sola do sapato. Quando se baixou, viu que era um envelope fechado.

O papá escrevera na parte da frente, em letra de imprensa: «PARA O JOEY ARAIZA. JOEY, LÊ ISTO ASSIM QUE ENTRARES. NEM MAIS UM PASSO. LÊ ISTO PRIMEIRO.»

Joey Araiza era um estudante de Arte de uma das universidades locais. O papá deixava-o usar um espaço a um canto. Joey construía caixas de chapa de aço e depois empilhava-as. Caixas de aço eram a totalidade da sua *ouvre* artística. E ele venerava o papá.

Muito bem, então Joey viria de manhã. Quentin colocou o envelope em cima da secretária e dirigiu-se a um painel elétrico na parede à saída do cubículo. Ligou todos os disjuntores. O interior do armazém encheu-se de luz das lâmpadas industriais instaladas bem acima dele. Dezenas das estranhas esculturas de ferro do pai olharam para ele, reluzentes e frias, e ao mesmo tempo inquietantes na sua personalidade. Talvez falassem *mesmo*, como o papá lhe assegurava quando Quentin era pequeno.

Percorreu cuidadosamente um caminho estreito entre o labirinto, espreitando para o meio da floresta de metal retorcido e sentindo-se um idiota. O papá rir-se-ia se o visse a caminhar de forma tão silenciosa, como se as esculturas o pudessem ouvir.

O pai separara a área de trabalho e a área de soldagem com uma divisória improvisada feita de rede montada numa moldura de tábuas. A rede estava coberta com uma lona grossa. Quentin aproximou-se e espreitou para trás da divisória. Viu apenas uma parede coberta de ferramentas e material de soldadura, e no meio do chão as mesas de trabalho, a máquina de soldar e os maçaricos do pai. Nada fora do sítio. Soltou a respiração, aliviado, e continuou a avançar.

– Bom, assim sendo, vou deitar-me na tua cama e esperar – disse em voz alta. – Tens de estar em algum lado e vais acabar por voltar.

Quentin soltou uma fungadela aborrecida, virou-se para regressar ao cubículo e reparou então na casa de banho do armazém, do outro lado da área de trabalho. A porta estava aberta. Entrou no espaço escuro e acendeu a luz.

O pai estava deitado de costas no chão de azulejos rachados, com a cara virada para a porta e,

portanto, para Quentin, os olhos abertos e cegos. Vestia uma das suas camisas de trabalho, um par de calças de ganga com marcas de queimaduras e botas. O cabelo estava apenas um pouco despenteado, as pernas compridas abertas de forma descontraída, o braço esquerdo dobrado sobre o peito. O braço direito estava esticado, com os dedos fortes imóveis e relaxados, e neles a coronha de uma pistola que trazia sempre consigo na carrinha.

O chão por baixo do corpo estava coberto de sangue coagulado. O cheiro ergueu-se como num matadouro.

Quentin nunca conseguiria recordar completamente o que fez ou sentiu nos minutos que se seguiram. Por fim, deu por si sentado lá fora, no degrau da porta, em silêncio na escuridão, sem emitir um som, sem chorar, sem se mexer.

Tinha as mãos cobertas de sangue seco, cor de ferrugem. Como um louco, tentara procurar o bater do coração no peito do pai e, com o seu toque, remediar aquilo que o empurrara da beira do abismo em que sempre caminhara. Mas ele sabia a resposta.

Fui eu que o matei, pensou.

6

Quentin receou que a mãe morresse de desgosto. Vigiava-a como um falcão. Ela não falava sobre o pai, não olhava para as fotografias dele e ainda não conseguia tolerar a ideia de falar sobre os trabalhos que continuavam no armazém. Ia trabalhar e voltava para casa quase sem pronunciar uma palavra, num silêncio tão profundo que os clientes da biblioteca a tomavam por surda-muda. Estava pele e osso, não dormia, e passava muitas noites sentada na sala em frente da pequena televisão, com os livros abertos no colo, mas sem olhar para eles. Os seus olhos estavam sempre distantes, a fitar um ponto a mil quilómetros dali.

Na gaveta da mesa de cabeceira tinha a carta de despedida do papá. Tinham-na encontrado fechada num envelope mais pequeno dentro daquele que deixara para Joe e onde dava instruções ao pobre estudante de Arte para chamar a polícia, informá-los de que encontrariam o corpo dele na casa de banho, e depois sair sem olhar para trás.

Para Angele, escrevera: «Estou vazio de ideias e de esperança. Já não há imagens dentro de mim à espera de que eu lhes dê forma. Não cumpri as promessas que fiz, nem a ti, nem ao Quentin, nem a mim. Vende tudo para a sucata e vive a tua vida. Peço perdão por te fazer isto, a ti e ao nosso filho. A culpa não é de ninguém senão minha. Amo-vos demasiado para continuar a arrastar-vos para o fundo do poço comigo.»

No fim, perdera a fé em si próprio muito antes da mamã, e antes até de conseguir compreender que, ao ir viver para o armazém, o papá fizera o mais puro gesto de criação, um sacrifício distorcido feito por amor. Quentin culpar-se-ia para sempre.

Joe Araiza foi acompanhando o interesse nas esculturas. Várias publicações de arte importantes escreveram artigos sobre o papá. Os seus admiradores compraram mais peças nos seis meses após a morte dele do que em toda a sua vida. *Os artistas mortos são mais colecionáveis*, pensava Quentin com amargura, quando se lembrava do pai. Ele surgia-lhe em pesadelos, cansado, ensanguentado, com o peito rasgado, de mãos estendidas, a falar sem palavras. Quentin acordava sempre com lágrimas nos olhos, frustrado, a tentar ouvir o pai. Estaria a tentar avisá-lo de algo? Talvez do mesmo destino?

Não. *Não*. A mãe ficaria para sempre acorrentada ao legado do papá, mas Quentin rejeitava-o. A vida era para fazer o que tinha de ser feito, manter a distância e estar atento aos padrões que podiam matar. *Não ames o que não podes salvar, não queiras o que não podes ter, não precises daquilo que podes ter de pagar com a vida*.

Nem Carla conseguia ultrapassar esta barreira. Estivera ao lado dele todos os dias desde o suicídio – leal, carinhosa e sempre segura de que o sexo, o amor e a ambição cega resultariam em benefício de Quentin e de si própria. Só que Quentin não pensava em Carla quando não estavam juntos. Via-se ao espelho e tentava perceber como podia ser tão frio. Era um sinal. Não precisar dos

outros havia de o proteger da maldição que lhe levara o pai.

Joe Araiza trouxe-lhes as caixas com os papéis do papá. A mãe começou a organizar os esboços e apontamentos, tirando notas em blocos.

– Tenciono gerir e proteger o legado do meu marido – explicou a Joe, que a observava, assombrado. – E esse legado, mais do que sobreviver, crescerá. Prometo.

– Hão de perceber que ele era um génio – garantiu-lhe Joe.

Ela fitou-o sem pestanejar e assentiu com um aceno. Só conseguia continuar a viver porque era capaz de se convencer a si própria de absolutos. Escreveu uma carta à Universidade de Mountain State em Tiberville, Georgia:

«Faz-me muito feliz pensar na escultura preferida do meu marido a adornar os terrenos da vossa instituição. Estou certa de que tem sido objeto de grande admiração e discussão ao longo desta última década. O meu marido faleceu recentemente, mas a sua obra, os seus objetivos e o seu legado viverão para sempre em criações monumentais como o vosso urso. Ao organizar os arquivos dele descobri que tinha dado um nome à escultura: Ursabedoria. Este nome caricato recordou-me que, além do seu brilhante talento artístico, ele era também um homem com sentido de humor apurado. Seria possível dizerem-me como está o Ursabedoria? Ficaria muito grata por quaisquer fotografias ou histórias relativas a ele que me pudessem enviar.»

Uma noite, Quentin regressou do seu passeio e encontrou-a sentada no degrau do prédio com a senhora Silberstein, que parecia estar a consolá-la. A mãe ostentava uma expressão chocada.

– O que se passa? – perguntou ele.

– O que se passa é o que os *imbecis* naquela universidade *ridícula* fizeram – respondeu a senhora Silberstein em tom aceso. A mamã estendeu-lhe a carta recebida da administração de Mountain State:

«Cara senhora Riconni, lamentamos informar que após o recente falecimento da senhora Herbert J. (Betty) Tiber, a escultura de um urso por ela encomendada foi retirada dos terrenos da universidade e posteriormente destruída. A Universidade de Mountain State não possui nem virá a possuir quaisquer fotografias ou outras informações relativas à escultura.»

– Eu tinha sonhado voltar a vê-la – confessou a mamã baixinho. – Sonhava vê-la admirada e famosa.

Quentin pousou-lhe a carta no colo.

– Se pudesse, traria a escultura de volta para ti – afirmou em voz rouca.

Todos aqueles anos, tantas esperanças, a vida do pai, a sua própria honra. Se pudesse, devolver-lhe-ia tudo. Tudo. A infância de Quentin começara com o Urso, e acabou também com ele.

Numa noite gelada do princípio de março, Quentin roubou um *Jaguar*. Foi até Manhattan, tirou o carro cinzento e elegante de um parque de estacionamento coberto e, ao passar sobre a ponte que reclamara a vida do seu bisavô, perguntou-se se estaria a tentar ser apanhado. Quando entrou no beco

onde ficava a oficina de desmantelamento de carros, já no seu território, buzinou e saiu do carro, como sempre, encostando-se às sombras enquanto esperava que o dono da oficina, um negro chamado Marshall, abrisse as pesadas portas de aço.

Marshall estava a demorar-se nessa noite, pensou. Tirou do bolso um isqueiro prateado barato e, distraído, pôs-se a brincar com ele. O estalido metálico da tampa pareceu ecoar nas paredes de tijolo à sua volta, ou convocar outro som em resposta. Quentin endireitou-se, com os cabelos da nuca arrepiados. Apercebeu-se, tarde de mais, de que o estalido que ouvira não era um eco e sim o som de um revólver a ser destravado.

– Polícia! Não se mexam! – gritou alguém, e depois uma segunda voz repetiu a ameaça. A luz de uma lanterna cegou-o e ouviu os passos de vários agentes a saírem a correr de uma porta ao fundo do beco. Deu três passos rápidos na direção da estrada, agindo por instinto, antes de ver outro trio de polícias a correrem para ele vindos dessa direção.

Quando parou, o primeiro grupo já estava em cima dele. Foi dominado e atirado ao chão. Sentiu uma dor aguda no queixo e o sabor a sangue na boca. Havia homens sentados em cima dele, de pé em cima dele, a pisarem-lhe as costas com os calcanhares, a puxarem-lhe os braços para trás com tanta violência que quase lhos arrancaram das articulações antes de lhe unirem as mãos com as algemas.

De súbito, os homens afastaram-se e ele conseguiu respirar. Levantou a cabeça e viu as pontas dos sapatos bem engraxados de Alfonse Esposito. O pai de Carla agachou-se ao lado de Quentin. Alfonse tinha um rosto comprido e sério, patilhas grisalhas no cabelo preto e um nariz já fraturado meia dúzia de vezes. No entanto, vestia-se e falava com uma elegância desconcertante.

Agora, disse em tom baixo e impassível:

– Há muito tempo que tinha as minhas suspeitas, mas não quis contar nada à tua mãe. Ontem apanhei a Carla com um punhado de notas. Ela não admitiu que o dinheiro era teu, mas não sou estúpido. Vais safar-te disto com o cadastro limpo… faço-o por consideração à tua mãe. Mas podes ter a certeza de que será nas *minhas* condições. A tua mãe é uma senhora como deve ser, que sempre confiou em ti, e agora vais partir-lhe o coração como o teu velho fez. E devia matar-te por envolveres a minha filha numa coisa destas.

– Então mate-me – respondeu Quentin baixinho, inundado por uma apatia gelada. E encostou a cabeça ao pavimento ensanguentado.

– Ter-te-ei ensinado um código de honra tão complexo que não o conseguiste seguir? – perguntou-lhe a mãe, tão baixinho que teve de se esforçar para a ouvir. Estavam sentados frente a frente à mesa da cozinha, depois de ele ter sido libertado sob fiança. Quentin tinha a boca inchada e uma das faces roxa. De ombros abatidos, uniu as mãos grandes e hábeis em cima do tampo da velha mesa de fórmica, como se ainda estivesse algemado.

– Ajudei-te a pagar as contas – lembrou em voz rouca. – E guardei o resto.

– O Alfonse vai mandar-me o dinheiro que a Carla escondeu na conta dela. Milhares de dólares. Tenciono doá-lo todo para caridade.

– Esse dinheiro era a minha maneira de tomar conta de nós os dois. E do papá, se ele não tivesse desistido. Era para o futuro.

– Achavas que o teu pai te ia sempre desiludir? – perguntou, em voz trémula e emocionada. – Estavas convencido de que ele nunca provaria o seu valor?

– Sim.

– E por isso tornaste-te um ladrão. Um mentiroso. Um traidor. E fizeste da Carla Esposito tua cúmplice. Uma rapariga que te ama tanto. Todas essas escolhas foram um bálsamo honrado para o teu orgulho?

Quentin fez uma careta ao ouvi-la descrever as suas opções.

– Assumo a responsabilidade. Fiz o que tinha de fazer.

– Não, fizeste o que era mais fácil e chamaste-lhe necessidade. O teu pai morreu por nós, e isto foi o que lhe deste em troca. Que vergonha.

Ele não respondeu. A mãe ergueu o queixo, com os olhos a cintilar. Estava descomposta, as roupas amarrotadas, o cabelo castanho revolto e salpicado de fios cinzentos.

– Tenho sido fraca desde que ele morreu. Entreguei-me ao luto quando havia trabalho a fazer. Confiei em ti, contei contigo para assumires o controlo da tua própria vida, para seres o homem que eu pensava que ele te tinha inspirado a ser.

Quentin baixou ainda mais a cabeça. Não pediu o perdão da mãe nem lhe gritou que o pai não merecia qualquer defesa. Estava magoado, profundamente magoado, por tudo.

– Vou compensar-te – prometeu, em voz áspera.

– Não, vais compensá-lo a *ele* – corrigiu a mãe, e deixou-o ali sentado, mais sozinho do que alguma vez se sentira em toda a sua vida.

Alfonse conseguiu um acordo com um juiz que lhe devia favores. O juiz manteria a detenção de Quentin fora do seu cadastro e as acusações seriam retiradas, na condição de Quentin se alistar no Exército.

O castigo parecia excêntrico, num mundo pós-Vietname onde o serviço militar se tornara uma glória duvidosa, mas não muito perigosa. No entanto, significava a perda da preciosa bolsa de estudos, o afastamento de casa e a tragédia da desilusão da mãe. Quentin destruíra mais um dos sonhos dela.

– O meu filho irá para o Exército para se redimir – garantiu ela quando Alfonse lhe deu a notícia. – Não tenho a menor dúvida.

Estava a sofrer demasiado para deixar alguém perceber o quanto ficara devastada, e temia desfazer-se em nada se admitisse a destruição da sua família, dos seus objetivos. Assim, começou a

treinar para não demonstrar qualquer emoção. Quentin nunca mais pôde contar com ela para um sorriso ou um abraço carinhoso. Sabia que merecia a rejeição da mãe e sabia que tinha de conquistar o respeito dela, mas aquilo quase acabou com ele.

Abriu uma caixa que tinha no armário, tirou anos de cadernos escritos, levou-os para baixo e queimou-os num beco. Salvou apenas um, o primeiro, de quando tinha oito anos, para se recordar de que, ao princípio, amara e fora amado da forma mais simples imaginável.

No dia em que partiu para se alistar, a mamã ficou a vê-lo da janela, como fizera quando o papá saíra de casa. Quase dez anos separavam esses dias, mas agora ela já não sorria. Com um vestido preto e sóbrio, levantou a mão numa despedida formal. Do passeio, Quentin ergueu os olhos para ela, angustiado e já cheio de saudades, e tão furioso consigo próprio que se sentia entorpecido. Visitara Alfonse na noite anterior.

– Venho pedir-lhe para olhar pela minha mãe – dissera ao detetive, que o observou com olhos escuros e argutos enquanto fumava o seu cachimbo.

– Assim farei. Tens a minha palavra. Em troca, peço-te que acabes a tua relação com a Carla. Nada de cartas, nada de telefonemas. Deixa que ela te esqueça.

Alfonse tinha enviado a filha para casa de uma tia nos subúrbios de Chicago. Quentin ouvira dizer que a tia a fizera praticamente prisioneira. Recebera apenas uma carta dela, enviada através de uma amiga: «Vou amar-te eternamente. Esperarei por ti para sempre.»

Quentin mandara-lhe mil dólares que conseguira guardar, com um bilhete breve: «Peço desculpa por tudo. Não esperes por mim.»

Os seus objetivos estavam agora reduzidos a muito pouco. Sobreviver. Merecer o direito de estar vivo. Nunca mais ser magoado e nunca mais magoar as pessoas de quem gostava. Tinha de encaixar a ordem de Alfonse nesta nova estrutura. À medida que o silêncio se prolongava, Alfonse semicerrou os olhos.

– Diz-me uma coisa, com franqueza. Amas a minha filha?

Após um instante, Quentin respondeu com simplicidade e verdade:

– Não.

– Obrigado. Nesse caso, estarás a fazer-lhe um favor.

Quentin soltou a respiração.

– Não voltarei a contactá-la. Tem a minha palavra.

E assim acertara todas as contas com a sua velha vida, a sua infância, tanto quanto podia. Ergueu a mão num gesto de despedida a Angele Dolinski Riconni, a sua mãe, e ao único lar que alguma vez conhecera. Depois entrou num táxi sem sequer olhar para trás.

Quando ele desapareceu de vista, Angele encostou a mão ao vidro da janela e chorou.

*

A mãezinha não devia ter morrido; o bebé não devia ter sofrido. Eu estava tão furiosa e tão triste que pensei que ficaria transparente e desapareceria. Convenci-me de que a mãezinha me teria pedido para chamar o médico se tivéssemos dinheiro para isso – se o paizinho não tivesse comprado o Urso de Ferro. A sua religião fundamentalista, as suas peculiaridades, o seu tradicionalismo obstinado, tudo isso se evaporou da minha mente. Ela tornou-se sagrada, perfeita, um anjo que não podia ser acusado de nada.

O paizinho batizou o bebé com o nome de Arthur, afirmando que era um nome heroico, originário na antiga língua galesa dos seus antepassados, de um tempo de mito e fantasia, de uma antiga lenda celta. Nas lendas antigas, prestava homenagem aos ursos, tal como o meu nome. Arthur foi um herói no dia do seu nascimento, e era sem dúvida alguma um milagre – eu não conseguia odiá-lo por ter causado a morte da mãezinha. Penso que soube logo que ele não era completamente normal, que ficara danificado. Um médico informou-nos de que podia ter um atraso mental.

O paizinho respondeu-lhe que isso não tinha importância, que havia espaço no mundo para todo o tipo de criações. Olhei para ele, miserável e vingativa. Queria gritar: *Devias importar-te. A culpa é tua*. No entanto, as palavras ficaram dentro de mim, a fermentar. Gostava tanto do meu pai que a fúria e a desilusão não tinham para onde ir senão os ossos da minha alma, onde acabariam por endurecer e apertar.

Na escola, o horror duplo da verdade voltou a atingir-me. Janine aproximou-se de mim e murmurou:

– É melhor seres simpática comigo, senão peço ao meu pai para *desenterrar* a tua mãe, porque vocês vivem de caridade e foi o paizinho que pagou o funeral dela.

Chamei-lhe mentirosa, claro, mas ela repetiu a acusação em tom presumido e, ao fitá-la, cega de raiva, percebi que nem mesmo Janine Tiber mentiria em relação a uma coisa dessas. Ainda assim, levantei o punho e dei-lhe um murro na boca. Ela perdeu o seu último dente de leite da frente graças a mim, mas nunca se queixou a ninguém que eu lhe tinha batido, mais uma prova de que não mentira. Não estava disposta a correr o risco de ter de explicar o que fizera para me provocar.

Nunca perguntei ao meu pai quem cobriu os custos do funeral. Se o senhor John lhe emprestou o dinheiro, o paizinho pagou-lhe e nunca me contou, mas os estragos estavam feitos.

O meu pai chorou a morte da mãezinha durante muito tempo, mas, para o castigar, nunca chorei à frente dele. Ele usava a aliança fina de ouro dela num fio ao pescoço. Eu dormia com as camisas dela, enrolada nas suas camisolas, envolvia-me em tudo o que lhe pertencera que me servisse de alguma forma. Mesmo então, naquelas primeiras semanas e meses, eu já estava outra, zangada, distante. O paizinho começaria a aperceber-se disso à medida que eu crescia, mas na altura não deu por nada.

Em noites de luar, saía sorrateiramente de casa atrás dele e via-o de pé ao lado do Urso de Ferro,

com o rosto molhado das lágrimas erguido para a Lua branca e solitária. O desgosto dele pela morte da mãezinha ultrapassava o meu, o que tornava mais fácil, de alguma maneira, aprender a esconder a falta que ela me fazia e como o culpava. Não podíamos dar-nos ao luxo de ter duas pessoas na família de olhar perdido na Lua. Eu conhecia agora a minha força. Via o mundo do paizinho – a sua arte, as suas pequenas excentricidades – como egoísta e míope. Afinal de contas, fora eu que salvara Arthur, que o devolvera à vida.

Nessas noites, depois de o paizinho voltar para dentro, eu aproximava-me do Urso. Levava sempre comigo um pequeno ramo de árvore. Com todas as minhas forças, batia nos dentes e curvas e ângulos inquebráveis da escultura, furiosa por o desgosto da magia perdida e da confiança traída não deixarem sequer uma marca, não despertarem uma centelha de compreensão da parte daquela criação que tinha o poder de me roubar tudo o que eu amava. «Mentiroso, assassino, ladrão», entoava entre dentes. Onde antes floresciam fantasias, começaram agora a ganhar raízes regras duras. Eu fugiria deste reino governado por forças que não conseguia controlar. E tornar-me-ia tão inquebrável como aquela coisa indiferente que tentava destruir.

Parte Dois

Vinte e dois anos depois

7

Angele tinha um álbum com recortes sobre os feitos do filho, embora ele não soubesse. Entre os recortes havia um artigo retirado de uma revista de veteranos. O autor entrevistara um soldado que prestara serviço com Quentin na Guerra do Golfo em 1991:

«O capitão da nossa companhia de *Rangers* era um oficial de carreira chamado Riconni, mas pusemos-lhe a alcunha de *Raio X* porque tinha uma capacidade extraordinária de ver para dentro das coisas. Era capaz de desmontar fosse o que fosse, consertar a avaria e voltar a montar tudo, como novo. Nem sequer precisava de diagramas. Armas, canhões, se calhar até um tanque, se fosse preciso – não havia nada que o capitão Riconni não conseguisse memorizar e desmontar.

»Ouvi dizer que ele vinha de um bairro complicado na zona de Nova Iorque – tinha aquela atitude de rufia de rua, quando era preciso, mas era também muito sofisticado e culto. Tinha um olhar de quem já viu coisas que não conseguiu resolver nem esquecer, e talvez fosse por isso que estava no Exército há tanto tempo. Não havia muita coisa à espera dele em casa. Era uma pessoa de fácil convívio, mas ninguém se metia com ele. Gostava de ler poesia e essas coisas. Até falava latim, por amor de Deus!

»Mas estava sempre lá quando precisávamos dele. Uma vez, um *Humvee* passou por um campo minado pelos iraquianos e ficámos com cinco homens gravemente feridos, aos gritos. Estavam no meio do maldito deserto, onde só vivem camelos, sem sequer um arbusto para servir de orientação ou ponto de referência. Ninguém se atrevia a chegar perto do *Humvee*. Mas o capitão Riconni observou durante um bocado os sítios onde as minas tinham explodido e depois encontrou um caminho seguro para chegar aos homens – fez cinco viagens para lá e cinco viagens para cá, enquanto nós todos olhávamos para ele, tão embaraçados que nem sabíamos onde nos enfiar. Os oficiais costumavam mandar os tipos mais rasos do pelotão nesses trabalhos. Nunca arriscavam o seu próprio cabedal.

»Mas o capitão Riconni tirou aqueles homens todos do campo minado e nunca hesitou um passo. Foi assombroso e ao mesmo tempo assustador. Mais tarde, o coronel perguntou-lhe como o fez, e o capitão Riconni respondeu apenas: "Tudo segue um padrão. Só temos de o encontrar."

»Quando a nossa companhia voltou para os Estados Unidos, o Exército deu-lhe umas medalhas e falaram dele nos noticiários, e foi quando soubemos que o pai tinha sido um artista – escultor ou coisa parecida – por isso pensámos que talvez o capitão tivesse herdado um talento qualquer… um olho para as coisas, percebe, como uma memória fotográfica. Mas um dos homens arranjou coragem para lhe perguntar se herdara o talento do pai, e a expressão do capitão Riconni ensombrou-se e respondeu-lhe que o único talento do pai era para puxar o gatilho. Nunca percebemos o que raio queria dizer com aquilo, e ninguém teve coragem para lhe fazer mais perguntas. Ele deixou o Exército pouco tempo depois. Suponho que já tinha provado o que queria provar, fosse lá o que

fosse. Sempre tive curiosidade de saber o que terá sido feito dele.

»Muitos dos tipos mais duros têm sítios vedados dentro da cabeça que ninguém quereria visitar sem guarda-costas. Esse capitão era o homem mais corajoso que já conheci, mas estou convencido de que já tinha passado por alguns campos minados muito antes de estar na guerra.»

Angele sentia o coração partir-se sempre que lia esta última parte, apesar de nunca ter confessado a Quentin o quanto se preocupava, o quanto ainda chorava pelas palavras que ambos tinham deixado de trocar. Ele, por sua vez, nunca lhe contou que salvara a vida a outros homens e que lhe tinham chamado herói.

Aquele ano incrível, que acabou em sangue no cimo de uma montanha selvagem da Georgia, começou, para Quentin, na sala privada de uma das maiores casas de leilões de Manhattan. Estava por trás de um espelho falso, a olhar de cima para uma multidão de ricos colecionadores de arte, com a intensidade e a frieza de um lobo divertido. Ia fazer quarenta anos e começavam a surgir-lhe alguns fios de cabelo cinzento nas têmporas. No entanto, ainda era magro e musculado, um homem disciplinado, de gostos sóbrios, mas elegantes, com feições fortes e delineadas como as linhas de uma espingarda.

Vestia um fato cinzento e o seu cabelo brilhava sob as luzes suaves. Podia ser apenas mais um homem rico, como os que estavam sentados do outro lado do espelho, se não fossem as mãos calejadas, a tatuagem do Exército escondida debaixo da manga da camisa e uma postura reservada, profunda e vigilante, que indicava algo muito menos elegante do que aquilo que o fato prometia.

Os sete anos desde que deixara o Exército não tinham sido fáceis, ainda que bem-sucedidos. Era agora proprietário de uma companhia de recuperação arquitetónica. Os sonhos de ser arquiteto ou construtor há muito que tinham desaparecido. Hoje, com precisão e uma certa compaixão pelos tesouros perdidos, desmantelava as casas de outras pessoas.

No bolso das calças cinzentas ainda trazia o presente do pai, a fina navalha de prata, com a lâmina sempre afiada. Guardava-a mais por nostalgia do que por utilidade, embora ainda houvesse ocasiões em que a segurava discretamente nos dedos fechados.

Angele estava sentada ao lado dele, de costas muito direitas e ar orgulhoso, enquanto observava também o leilão do outro lado do espelho. Uma cabeleireira de Manhattan mantinha-lhe o cabelo grisalho perfeitamente cortado e penteado. No rosto, ostentava as rugas suaves do sofrimento e da sabedoria.

Há muito que trocara os óculos por lentes de contacto, e as saias baratas tinham sido substituídas por fatos de saia-casaco simples, mas de bom corte. Não usava joias, à exceção da aliança de ouro lisa que Richard lhe dera. Caminhava com a ajuda de uma bonita bengala de madeira, com um castão de bronze, que Quentin moldara a partir de metal encontrado no armazém do pai. Tudo o que Angele fizera de si própria – tanto em imagem como em substância – fizera-o para homenagear o sacrifício de Richard e a sua obra.

No mundo da arte, Angele era conhecida como o *Anjo de Aço*, uma piada respeitosa que indicava a fama que angariara como única promotora da obra do marido. Ao longo das últimas duas décadas, escrevera inúmeros artigos sobre as peças dele, persuadira museus a exporem as suas esculturas, organizara exposições em galerias e bombardeara os críticos de arte em busca de apoio.

Até conseguira persuadir uma pequena editora a publicar um livro com fotografias das esculturas e excertos dos apontamentos de Richard. Ainda ia amiúde à livraria do Museu de Arte Moderna e, quando os empregados não estavam a olhar, punha o livro sobre Riconni em lugar de destaque nas prateleiras.

Por fim, encenara um golpe promocional extraordinário. Conseguira arranjar uma reunião com o imprevisível Lucca, o atual menino querido dos estilistas italianos, e convencera-o a expor algumas das esculturas de Riconni como peças de decoração num dos seus salões mais pequenos em Paris. As esculturas eroticamente masculinas de Richard encaixavam na perfeição no mundo de Lucca. «Inspiram tanta vida, tanta sensualidade, uma *necessidade* ardente de satisfação, muito como o meu próprio trabalho», declarara numa entrevista à *Vanity Fair* sobre o trabalho de Riconni.

Pouco tempo depois, havia esculturas de Riconni em todos os seus salões europeus e em Nova Iorque. À medida que as esculturas se começavam a vender, uma após outra, a compradores de renome, o mundo artístico começou a reparar. De súbito, Riconni era o nome que todos os colecionadores importantes de arte moderna tinham de possuir. Anunciaram um leilão. Seriam vendidas todas as peças restantes da coleção de Riconni, num dos eventos mais falados dos últimos anos.

Era hoje.

– Vão vender a peça a que o teu pai deu o nome de *Ausência* – comunicou Angele a Quentin. Mais uma criação elegante surgiu em palco, girando devagar numa plataforma circular. Os identificadores numerados do público levantaram-se como sinais militares, e o cântico elegante do leiloeiro subiu de tom de forma teatral.

– Eu vi-o construir aquilo – lembrou-se Quentin. – Num verão.

Uma língua canina comprida lambeu-lhe a mão e Quentin ficou grato por isso. Acariciou a cabeça do grande cão castanho-claro deitado aos seus pés, em cima do sobretudo cinzento comprido que Quentin atirara para o chão descuidadamente. *Hammer* lambeu os sapatos de Quentin com afeto e continuou a roer o osso de vaca que os funcionários da casa de leilões tinham ido comprar a um restaurante à pressa. Nada era demasiado extravagante para os herdeiros de Richard Riconni ou para os seus animais de estimação.

– *Esperança e Luz*, artigo número cento e cinquenta e sete, *vendido* – entoou o leiloeiro, batendo com o martelo no pódio de madeira reluzente. – Duzentos e vinte e cinco.

O som do martelo chegou à pequena sala privada através de uma coluna de som que lhe emprestava a adequada tonalidade surreal. Duzentos e vinte e cinco mil dólares.

– Porque é que o teu pai não pôde viver para ver isto? – perguntou Angele. – Sei que ele está connosco, a olhar por nós em espírito, mas ainda assim. *Ainda assim*.

Quentin inclinou a cabeça, mas recusou-se a ser arrastado para as reflexões da mãe. Ela queria acreditar na visão bondosa que o padre Aleksandr tinha dos suicidas. O padre garantira-lhe que Richard estava a olhar por eles de um lugar especial concedido pelo papa. A fé religiosa era um dos muitos apoios que Quentin eliminara da sua vida. Considerava-a uma curiosidade, não uma necessidade.

A mãe ficou tensa perante o silêncio dele.

– Nunca desejas que o teu pai estivesse vivo?

– Desejo que o papá soubesse o quanto tu o amavas.

– E tu?

– Era meu pai. Tento não pensar nisso.

Ela fitou-o, zangada, como se uma versão de si própria mais jovem e mais fácil de magoar estivesse a tentar vir ao de cima. Sobre a mesa antiga e delicada ao lado de Quentin havia um monte de catálogos reluzentes especialmente preparados para o grande leilão de hoje. O título estava gravado a letras douradas. *Richard Riconni: Ícones do Milénio Industrial*. Angele abriu um dos catálogos e obrigou-se a olhar para a única página que evitara até agora.

Nela, estava uma fotografia a preto e branco, em baixa resolução, da escultura do Urso. Os críticos de arte chamavam à escultura um «ponto de viragem de conceção». Por baixo da fotografia, uma única linha de texto resumia o destino da escultura: «Infelizmente, esta obra-prima magnífica e única, das primeiras de Riconni, foi destruída em 1976. (Proprietário: Universidade de Mountain State, Tiberville, Georgia.)» Tocou na página.

– Merecia melhor do que ir parar a um monte de sucata. Era a mais importante para ele. E para mim.

A frieza de Quentin vacilou por um instante e declarou com carinho, tal como o adolescente enlutado tantos anos antes:

– Se pudesse, traria a escultura de volta para ti.

De súbito, lágrimas deslizaram pelas faces de Angele. Virou-se, com os ombros a tremer enquanto tentava recompor-se. Desde que o filho saíra de casa, ainda adolescente, poucas vezes aceitara a ajuda dele, a sua compreensão ou o seu afeto. Quentin olhou em volta à procura de lenços de papel e, não encontrando nenhum, arrancou duas flores de um arranjo de rosas, que lhe ofereceu.

– Rosas? – inquiriu ela. Conteve um soluço e encostou as pétalas vermelhas ao rosto. *Hammer* levantou a cabeça, ansioso com a aflição dela. Pousou a grande cabeça no colo de Angele e fitou-a com olhos castanhos e preocupados. Quentin salvara-o de um contentor. O animal estava eternamente agradecido a todos os Riconni.

– Artigo número cento e cinquenta e oito, *vendido*! Um vírgula um – anunciou a voz do leiloeiro

na coluna. *Um milhão*.

A palavra, subentendida, mas não pronunciada, ecoou no silêncio aturdido da sala. Os valores eram incompreensíveis. A triste ironia de tudo aquilo estava para além das palavras. Os anos de devoção solitária de Angele, os amargos e intermináveis remorsos de Quentin e o sacrifício angustiado de Richard, tudo isso estava finalmente a ser valorizado.

A um preço muito elevado.

*

«Ursula, não deixas um homem ser homem. És demasiado independente. És como um pequeno negócio sem interesse em investimento exterior.» Foi um professor que me disse isto, na universidade, depois do nosso terceiro e último encontro.

Tinha razão. Eu crescera decidida a ser autossuficiente e a nunca aceitar bases de entendimento que permitissem a mera sobrevivência, uma característica tão típica dos Powell. Nada de meios-termos para mim, embora alguma da minha reserva derivasse apenas da infância passada na pobreza em Bear Creek. A minha confiança gélida era, na realidade, apenas uma camada de proteção aprendida em muitos anos a viver ao lado de merda de galinha.

Enquanto estudava na Universidade de Emory, trabalhei dezasseis horas por dia, sete dias por semana, para poder comprar uma pequena livraria antiga num bairro envelhecido de Atlanta. Nos primeiros anos após me ter formado, compensei os prejuízos da livraria com um emprego em *part-time* como supervisora do turno da noite numa fábrica de enlatados nos subúrbios a sul de Atlanta. Era motivada pela necessidade de segurança – não propriamente de dinheiro, mas de bens e ideias com que pudesse contar. Afastava todos os homens que me poderiam ajudar – desafiava-os, esmagava-os, fazia-os fugir a toda a velocidade pelas encostas da minha montanha pessoal.

«As mulheres atraentes não costumam querer ficar sozinhas como tu», lançou-me um ex-namorado enquanto fazia as malas para se mudar para a Europa.

«As mulheres inteligentes são todas atraentes», respondi.

Gostava de pensar em mim própria como a estátua de uma nobre romana. Aos trinta e dois anos de idade, media um metro e oitenta, com cabelo comprido cor de moedas velhas, um corpo forte, bem proporcionado, e um rosto quadrado com olhos azuis rodeados por pestanas castanhas.

E tinha finalmente arranjado um homem agradável, fiável e simpático com quem *passar o tempo*, como diziam as velhas mulheres da montanha. Era um investigador do Centro de Controlo de Doenças. Muito inteligente, muito lógico, muito asseado. Conheci-o quando arrendei o apartamento por cima da garagem atrás da casa dele. Continuava a viver lá e a pagar-lhe renda mesmo após vários anos de intimidade e de pedidos de casamento rejeitados. Ele não gostava muito da situação. Mas eu estava satisfeita.

Nunca seria como a minha mãe, jurei. Nunca amaria um homem ao ponto de deixar que os sonhos dele me matassem. Assim, afastava-me de pessoas ou memórias que me magoavam ou podiam magoar – e, em particular, do paizinho. Pelo menos, era o que dizia a mim própria.

Gostava de pensar que era uma pessoa feliz e *certa*.

Mas estava muito errada.

A manifestação «Salvem as Lojas de Peachtree Lane», por mim organizada, teve lugar num dia perfeito para protestos públicos: soalheiro, céu azul, dezoito graus, um tempo inesperado no meio do inverno gélido de Atlanta. Eu andava entre a multidão, de bloco de notas em punho, com todo o humor de um comandante sorridente. Parecia a guarda prisional de uma prisão feminina chique: vestia calças de seda pretas, uma camisola preta e um casaco de lã castanho, e tinha o cabelo preso numa trança francesa apertada. As pessoas engoliam em seco e faziam o que eu mandava. Distribui autocolantes com a frase: «SALVEM PEACHTREE LANE» e ofereci às crianças lápis prateados do grupo de alfabetismo local. «LEIAM, APRENDAM, CRESÇAM», ordenavam os lápis.

As ruas de duas faixas que levavam à comunidade de Peachtree Lane, ladeadas de árvores e normalmente calmas, estavam apinhadas de carros estacionados e pessoas. Eu contratara dois polícias fora de serviço para orientar o trânsito na zona das lojas. A multidão espalhara-se para o parque do outro lado da estrada, onde havia pessoas a fazer piqueniques na relva e a dançar sob o sol dourado ao som da banda de um clube da moda na zona de Buckhead. A banda, que doara o seu tempo, tocava uma mistura de baladas antigas, *swing* e canções populares.

Distraída, cantarolei entre dentes *Unforgettable* de Nat King Cole. A vida devia girar à volta de questões de substância, valores duradouros, ideias e ações capazes de suportar qualquer teste. Eu instalara-me num bairro com idade e caráter, e agora estava a lutar para salvar um quarteirão de velhas lojas de tijolo que tinham tido a sorte de escapar à demolição até àquele momento.

– Quer assinar? Oh, muito obrigada. Deus o abençoe. – Armada com este mantra de beldade sulista, eu era imparável. Sabia como ser educada e, ao mesmo tempo, intimidante, um estilo que aprendera com a falecida Edythe Ellis, a famosa ex-proprietária da minha livraria. Edythe era originária de boas famílias antigas de Atlanta, uma aristocracia construída sobre gerações de boas maneiras sulistas e astúcia.

No parque de estacionamento, duas dúzias de escritores autografavam os seus livros sentados atrás de mesas compridas. Parte dos lucros iria para o fundo jurídico da Associação de Comerciantes. Eu colocara propositadamente as mesas no meio do parque de estacionamento degradado e cheio de buracos, para chamar a atenção para o pessegueiro gracioso e antigo que residia numa pequena ilha no meio do betão rachado, rodeado por pedras de granito grandes o bastante para servirem de bancos. Várias centenas de fãs aguardavam pacientemente em filas organizadas por cordas, com os seus livros para serem autografados. Eu colocara um grande cartaz

no pessegueiro que dava nome à rua das lojas, de modo a que todos na fila o conseguissem ver. «SEM A VOSSA AJUDA, EU SEREI O PRIMEIRO A PARTIR.» Fazia o que fosse preciso e não tinha vergonha nenhuma.

Enquanto avançava ao longo da fila de leitores com os livros debaixo do braço, convencendo-os a assinar a minha petição, ouvi uma voz, humilde e gentil, mas a subir de tom.

– Por favor, não tire mais bolachas… A sério, pelo menos pode assinar a petição?

Virei-me a tempo de ver uma mulher bem vestida abanar a cabeça enquanto tirava uma bolacha de gengibre a Harriet Davies. Harriet, uma mulher pequena e rechonchuda, vestida de fazenda macia, era a dona do salão de chá Magnolia ao lado da minha loja. Fazia-me lembrar as personagens em tons pastel dos livros de Beatrix Potter. Eu crescera a defender ferozmente Arthur de quem se metia com ele; ao ver a aflição de Harriet, fiquei furiosa.

– Não me envolvo em política – respondeu a mulher a Harriet, e depois, com indiferença, remexeu no cesto de bolachas que ela tinha em cima da mesa da petição e deu uma bolacha a uma amiga. As bolachas eram em forma de animais.

– Se não há assinatura, não há girafa – disse eu, intercetando ambas as bolachas embrulhadas em celofane. Enfiei-as no bolso do casaco. Não tinha paciência para os parasitas deste mundo. Todos eles eram uma Janine Tiber a roubar-me o livro. «Meu» era o seu único argumento.

«Não nesta geração», respondia eu.

– O que pensa que está a fazer? – reclamou a mulher, indignada.

– Peço desculpa, minhas senhoras, mas por estes lados o ativismo social tem regras. Vá lá, porque não assinam a petição para nos ajudar?

– Pode ficar com as bolachas, sua estúpida – retorquiu a primeira mulher. Dei um passo ameaçador na direção delas.

– Desculpe? – perguntei, em tom baixo e gelado que prometia uma bofetada à moda antiga. A mulher ergueu as sobrancelhas. A amiga interveio rapidamente.

– Tiffany, ela não está a brincar – e puxou-a para o meio da multidão.

Harriet olhou para mim como um coelhinho satisfeito.

– Ainda bem que usas os teus poderes para o bem e não para o mal, *Supermulher*. Quem me dera ter a tua coragem.

– «Às vezes, até viver é um ato de coragem» – citei.

– Quem disse isso?

– Séneca.

– Oh, um dos teus filósofos romanos. Aposto que ele nunca teve de proteger um cesto de bolachas de gengibre.

Voltei ao meu trabalho com a petição.

– Ursula, preciso de alguns antecedentes sobre si – pediu-me uma repórter do *Atlanta Journal*. Eu infiltrara-me de tal maneira na comunicação social, como proprietária de uma pequena livraria à procura de publicidade, que tratava pelo primeiro nome metade dos repórteres da cidade.

– Terry, não precisa de saber nada sobre mim. Não mereço mais do que duas linhas ao fundo do seu artigo sobre a manifestação.

– Sim, mas estou a pensar em escrever uma reportagem para a *Atlanta Magazine* sobre o panorama local de livrarias independentes.

– Não há nenhum panorama local de livrarias independentes. Só resto eu.

– Exato. E agora está a lutar contra quem quer construir um centro comercial. As grandes cadeias de livrarias não conseguiram acabar consigo, mas os centros comerciais da América talvez o façam. Não é irónico?

– Odeio ironia. A minha livraria não é apenas um marco histórico, é um ícone da comunidade literária sulista há sessenta anos. Ninguém vai vender pomada para as hemorroidas e alugar filmes do Adam Sandler no sítio onde Truman Capote passou uma tarde inteira a beber grogue quente e a ler os seus livros em voz alta. Pode ter a certeza.

– Antecedentes – repetiu ela. – Não mude de assunto.

Dei-lhe o resumo autorizado: presidente da Associação de Comerciantes de Peachtree Lane, licenciada com mérito em Emory, sem me esquecer de promover o império editorial que funcionava na minha sala dos fundos, a Editora Powell, cuja carteira consistia de dois autores principiantes de que ainda ninguém ouvira falar.

– Algo mais pessoal – insistiu ela.

– Às vezes, nos meus dias bons, acham-me parecida com a Julia Roberts. Nos dias maus admitem que se enganaram.

– Constou-me que o seu pai está à frente de uma cooperativa de artistas qualquer nas montanhas.

Fitei-a em silêncio durante algum tempo.

– O meu pai tem inquilinos que se autointitulam «artistas populares». Vivem nas antigas capoeiras, que ele transformou em casinhas miseráveis depois de eu ir para a universidade. Os inquilinos enganam-no, roubam-no e abusam da sua generosidade. Um deles foi preso por vender metanfetaminas e o governo quase nos confiscou a quinta. Disse-lhe que ou fechava as casas ou nunca mais lá punha os pés. Ele não o fez, e eu não voltei. Isso foi há dois anos.

– Oh! Estou a ver. Desculpe.

– Tenho de ir continuar a espicaçar as gentes. Encontramo-nos amanhã no Rib Shack para beber um copo.

Ela sorriu, atrapalhada, enquanto eu me afastava. Bastava mencionar o paizinho para me deixar um nó no estômago. Os meus amigos de Atlanta tinham uma vaga ideia de que eu mandava regularmente dinheiro para um pai e um irmão autista, algures nas montanhas, mas nunca tinham

visitado a minha casa e não faziam ideia de que eu estava muito longe do lugar a que pertencia e de que acabara por partir o coração do meu pai, tal como ele partira o meu quando a mãezinha morrera.

Depois de comprar o negócio a Edythe, eu instalara um toldo às riscas sobre a montra e um bonito corrimão de ferro à volta do pátio nas traseiras, onde colocara uma mesa de café em ferro forjado e duas cadeiras pesadas do mesmo material. Era aí que comia, mesmo quando estava frio. Precisava de estar ao ar livre e, se fechasse os olhos, estava em Bear Creek.

Numa das minhas pausas da tarde, a doutora Cesara Lopez-Jones sentou-se lá fora comigo, com a mão direita de molho numa tigela de água morna que eu lhe forneci. A doutora L-J, como as pessoas lhe chamavam, era uma bem-sucedida autora de livros de autoajuda e tinha um programa de rádio como terapeuta, ouvido em todo o país.

– Ah, sabe tão bem – suspirou ela.

– Pus um unguento antigo na água – expliquei. – É uma coisa que compro sempre que vou de visita a casa. – Como se tivesse lá ido nos últimos tempos. – Um vizinho do meu pai costumava usá-lo. Segundo ele, era a única coisa que o ajudava com a artrite.

– Tenho de arranjar um abastecimento para mim. Como se chama?

– *Bálsamo para Úberes do Dr. Akin*. – E depois confirmei: – É para as tetas doridas das vacas.

A doutora L-J arregalou os olhos e desatou a rir.

– Bom, as vacas gostam. – Riu-se outra vez. Peguei num maço de cigarros e acendi um. Ela olhou para mim de lado. – Então começou a fumar? O seu Gregory saudável não detesta o hábito?

Sorri enquanto pousava a mão com o cigarro no corrimão de ferro. Costumava deixá-lo arder entre os dedos sem voltar a levá-lo aos lábios.

– Não é nada do outro mundo.

– Já há data para o casamento?

– Não temos pressa.

– Estou a ver. Ele foi passar o fim de semana fora?

– Sim, a apresentar um trabalho.

– Longe da vista, longe do coração.

– Doutora, está a ser intrometida.

– Pode crer. Tenho-a visto ficar cada vez mais dura e mais determinada de ano para ano. Isso preocupa-me.

Muito bem, isto ia ser a minha sessão de terapia particular, por mais que eu o quisesse evitar. Fitei-a nos olhos.

– A minha vida amorosa não é importante. Mas gostava de ouvir os seus conselhos em relação ao meu pai.

– Ah! Vamos a isso. A doutora está de serviço. – Inclinou-se para a frente, pousou o copo de vinho e tirou um punhado de aperitivos de queijo caseiros da travessa. O cheiro pungente a mentol do

bálsamo chegou-me ao nariz. O cheiro a casa.

Respirei fundo e contei-lhe como estavam as coisas com o paizinho. Finalmente tinha falado com ele sobre os meus sentimentos em relação à morte da mãezinha e ele olhara para mim como se eu lhe tivesse arrancado o coração do peito. Não tínhamos voltado a conversar desde então. A doutora L-J estudou-me com ar compreensivo.

– A honestidade pode magoar, mas costuma ser o melhor caminho, a longo prazo, ainda que nem em todas as situações.

Abanei a cabeça e soltei uma risada fatigada.

– Estou farta de honestidade.

– Disse-lhe alguma coisa em que não acreditasse, quer na altura, quer agora?

Após um instante de silêncio, suspirei.

– Não. Estou zangada com ele desde que era pequena. Zangada e magoada.

– Vá ver o seu pai. Abrace-o. Está na altura de deixar o passado para trás. Diga-lhe apenas que gosta dele. Não tem de aceitar tudo o que ele faz.

– É demasiado fácil – insisti. – Isso não vai resolver os problemas.

– Bom, claro que não. Tem de aprender a não se meter na vida dele e a aceitá-lo como ele é, ele tem de respeitar as suas opiniões, que são diferentes das dele, e ambos têm de ceder, o que pode levar o resto das vossas vidas. Mas pode dar início ao processo, pelo menos. Alguma vez conseguirá ser feliz se não tentar?

– Oiça, *feliz* é uma palavra que procuro amiúde no dicionário só para ver se compreendo a definição.

– Está a procurar no dicionário errado. É preciso trabalho, tentativa e erro, correr riscos.

– Vou lá amanhã, almoçar com ele – acedi lentamente, as palavras a prenderem-se a âncoras.

– E diga-lhe que gosta dele – repetiu a doutora.

– Tenho de pensar sobre esse assunto. – Nem sequer conseguia pronunciá-lo agora, por isso não sabia se o conseguiria fazer no dia seguinte, mas ia tentar.

– Prometa – ordenou a doutora L-J.

Levantei uma sobrancelha.

– Dou-lhe a minha palavra de que vou tentar.

Ela riu-se.

– Você está enrolada em aço. Não sufoca dentro dessa armadura?

– Fiz uns buraquinhos para respirar.

Conversámos mais algum tempo sobre medos e cedências, entes queridos e comunicar com os mortos, ou melhor, com as memórias de todas as pessoas que representamos neste mundo, sobre ouvir as vozes deles tão bem como a nossa.

– Tem jeito para este negócio dos conselhos – brinquei.

Ela tirou a mão dorida da água e sorriu.

– O meu próximo livro devia chamar-se *Bálsamo de Tetas para a Alma.*

Ouvimos a sineta da porta da loja. Presumi que fosse um dos meus funcionários que tivesse entrado para ir à casa de banho. Levantei-me e entrei.

– Como vão as coisas lá fora?

O doutor Jonah Washington fitou-me com afeto. O senhor Fred morrera alguns anos antes. Neste último ano, Jonah reformara-se da carreira de professor em Harvard e chocara toda a gente ao mudar-se para a fazenda do irmão em Bear Creek.

E agora, sem explicação, conduzira duas horas desde o condado de Tiber e estava ali, na minha livraria. Era um homem negro baixo, rechonchudo, com uma barba grisalha bem aparada e cabelo da mesma cor – sempre muito bem vestido nas fotografias, mas nesse dia parecia ter-se vestido à pressa: calças de bombazina velhas com suspensórios de cabedal, camisa de flanela, sapatos enlameados e um corta-vento amarrotado.

– Doutor Washington, fico tão contente por ter vindo à manifestação! – Espantada, dirigi-me a ele de mão estendida. De súbito, a sua expressão bondosa e triste atingiu-me sem aviso, e percebi. Parei a curta distância dele, assustada. Baixei a mão. – É o meu pai ou o Arthur? – perguntei.

Ele falou em voz baixa e profunda, a voz de almas forjadas em desgostos silenciosos.

– O teu pai – respondeu.

8

Na casa funerária, segurei nas mãos o rosto simples e tranquilo do paizinho e implorei-lhe que abrisse os olhos. Quando ele não o fez, pousei a cabeça no seu peito e cantei-lhe uma canção de embalar. Por mais estranho que pareça, isso ajudou-me a não perder o controlo. Tinha de pensar em Arthur. Temia a profundidade do meu próprio pânico e desespero.

Os inquilinos do paizinho contaram-me que ele tinha caído de joelhos, sem qualquer aviso prévio, ao atravessar o pasto abaixo do Urso para ir buscar um escadote ao celeiro. Enquanto todos corriam para ele, o meu pai pousou a mão no coração, virou-se e conseguiu ainda esticar-se sobre a relva macia de inverno. Ia limpar os algerozes da casa das folhas de outono, dos ramos partidos e de uma franja castanha e seca de ervas de verão que aí tinham ganhado raízes. Eu sabia o que ele tinha dito antes de ir buscar o escadote porque todos os invernos, quando eu era pequena, pedia desculpa à casa da mesma maneira. *Está na altura de tirares o colar, minha velhota*.

Arthur andava na ravina, junto ao ribeiro, numa das suas buscas diárias de animaizinhos selvagens e pássaros a quem chamava amigos, e por isso não viu o nosso pai cair. Mesmo antes de ir buscar o escadote, o paizinho pedira aos inquilinos para o ajudarem a ver as notícias em todos os canais locais de Atlanta, para o caso de eu ter sido entrevistada na manifestação. Telefonara a toda a gente que conhecia para se vangloriar. Estava sempre a falar bem de mim, sempre na esperança de que eu voltasse para casa. Tinha o seu orgulho. E eu herdara-o.

Assim, o paizinho morreu onde provavelmente gostaria de ter morrido, sob o olhar do Urso de Ferro. Terá a estátua falado com ele, como Arthur achava que falava? Nunca o saberia.

E nunca poderia pedir-lhe desculpa.

Arthur e eu dormimos na grande cama do paizinho na primeira noite depois de ele morrer, eu enrolada numa manta, em cima das cobertas, Arthur encolhido debaixo delas. Dormíamos muitas vezes juntos em pequenos, quando ele estava assustado ou confuso, o que acontecia com frequência. À medida que ele crescia, fui-lhe explicando coisas como sexo, irmãs, tabus e boas maneiras. Ele compreendeu. Tinha uma noção tão precisa e ansiosa dos seus próprios espaços e limites que não queria sequer que a minha mão roçasse nele enquanto dormia.

Agora, porém, encostou a cabeça ao meu ombro e chorou. O meu irmão autista tinha o poder da metamorfose mental. Regra geral, vivia os seus dias como um pequeno mamífero inofensivo – um ratinho, um esquilo, um coelho – e às vezes como um pássaro, uma cobra ou um peixe, raramente algo perigoso. Na maioria das vezes, era um ursinho bebé. Tinha vinte e dois anos de idade e mais de um metro e oitenta, era magro, esguio e belo, e albergava uma congregação de espíritos animais dentro de si. Nessa noite, era um cachorrinho triste.

– Conta-me histórias sobre nós – murmurou.

Voltei a contar-lhe todas as nossas lendas, para ele e para mim. Erim e a avó Annie, a menina Betty, a mãezinha e as cobras, o encontro do senhor Fred comigo junto ao ribeiro, a salvação do paizinho da epidemia de pólio, e depois o Urso de Ferro – como nascera, como chegara à cidade e como Richard Riconni, um homem que nunca tínhamos conhecido, vira dentro dos nossos corações. Era a versão da história do Urso que o paizinho costumava contar, não a minha.

Enquanto falava acariciei-lhe o cabelo, que era comprido, de um castanho reluzente, como o da nossa mãe. Ele chorou durante horas. Depois de o meu irmão adormecer, olhei para o teto, onde as tábuas estreitas do *design* antigo pareciam ondular na escuridão. Estava à procura de padrões, de respostas, mas não encontrei nada, ou então não as conseguia ver.

Na manhã seguinte, Arthur puxou-me lá para fora e levou-me até ao Urso. Olhou para a escultura com uma expressão vazia no rosto e agarrou-se aos seus flancos com tanta força que ficou com os nós dos dedos brancos. Senti um arrepio; ele parecia perdido nalguma comunicação silenciosa e frenética. De súbito, recuou com um salto, de boca aberta, mãos fechadas sobre o peito. Virou-se para mim.

– Irmã, foste-te embora – afirmou, com a voz embargada. – Já não nos querias. O paizinho ficou triste. Chorou. Para onde foste? Para onde é que *ele* foi?

Por um momento irracional pensei: *O que é que essa coisa está a dizer-te sobre mim? É tudo mentira*.

– Oh, meu amor. Desculpa, desculpa. Vou tentar explicar-te tudo. O que interessa é que voltei. Cuidei de ti quando eras pequeno e vou cuidar de ti agora. Não te preocupes.

Ele ergueu as mãos para o Urso de Ferro. Estava a tremer. Uma nova torrente de palavras brotou-lhe dos lábios.

– Sozinha sozinha sozinha. A mãe ursa está tão sozinha. Está toda vazia dentro das costelas. As minhas costelas também estão vazias. Não sei o que fazer! Já ninguém gosta dela. Vai morrer! Como o paizinho!

Apertei-o contra mim e ergui os olhos, revoltada, para a escultura. Era como se tivesse outra vez dez anos e estivesse a jurar lutar contra ela em nome do bom senso e da redenção da família Powell. *Mentirosa, assassina, ladra de corações*.

O paizinho tinha guardado o testamento dentro de um frasco de fruta vazio, numa gaveta da cómoda no quarto dele e da mãezinha, e era muito simples. «Deixo tudo o que tenho e amo à minha filha, Ursula. Confio nela para cuidar do irmão, da quinta e do Urso de Ferro. Deixo-lhe todo o bem e todo o mal que a nossa família foi e virá a ser. Deixo-lhe os meus erros, a minha tristeza, a minha fé e o meu amor. O anjo da mãe olha por ela, e sei que ela tem coração para dar sentido a tudo isto.»

O senhor John esteve na casa funerária todas as noites. De súbito, dei por mim a apreciar a presença dele, a cabeça calva com alguns fios de cabelo grisalho, o rosto amável, os modos cordiais

e a delicadeza de quem põe as mulheres num pedestal, as gravatas de seda com um padrão de minúsculos logótipos das quintas Tiber. Estava mais velho, mas não diferente.

– Aparece quando quiseres – insistiu amavelmente. – Não quero que penses que tens de assumir os problemas do teu pai sem um amigo neste mundo. Podes contar comigo para te dar conselhos e para te ajudar no que for preciso.

Nunca aceitaria ajuda de um Tiber, mas não lho disse.

Janine também apareceu, assinou o livro de condolências e apertou-me a mão nos dedos frios e bem cuidados.

– O teu pai era sem dúvida uma pessoa *única*. – Como se isso fosse uma doença.

– Era bom a aturar as fraquezas dos outros – respondi. – Até tolerava a devoção falsa e as boas maneiras da treta.

Era um comentário indelicado e desnecessário, mas só conseguia pensar que ela ainda tinha o pai dela e que a vida era muitíssimo injusta. Pestanejei e Janine estava a olhar para mim com ar furioso.

– Seja como for, os meus sentimentos pela tua perda – concluiu ela em tom frio, e afastou-se.

Minutos depois vi-a a ir-se embora num *Jeep* de último modelo, com faróis de nevoeiro cromados e o logótipo das Indústrias Tiber de lado, o cabelo cor de mel a esvoaçar, o corpo esguio delineado por um fato saia-casaco azul-escuro. Em breve assumiria a presidência do império das galinhas dos Tiber. O senhor John educara-a para isso. Janine formara-se em Gestão, tal como eu, e era agora o braço-direito do pai. Construíra uma bonita casa num lote de terreno na cidade.

A temperatura caiu a pique no dia do funeral do paizinho – à tarde, já estava abaixo de zero. Os sinos da igreja ecoaram pela cidade enquanto nos deslocávamos desde o imponente edifício vitoriano da casa funerária, na praça do tribunal, num longo cortejo liderado pelo carro do xerife, com as luzes do tejadilho acesas. Os condutores que vinham em sentido contrário encostavam as viaturas, em sinal de respeito.

Por fim a procissão chegou à igreja metodista de Tiberville, em toda a sua grandiosidade de tijolo branco, e ao grande cemitério a ela contíguo. Parei, estupefacta. O cemitério estava cheio de gente. Havia carros e carrinhas estacionados de ambos os lados da estrada ao longo de quase um quilómetro. Eu não estava à espera que mais de duas dúzias de velhos amigos enfrentassem o frio para o enterrar na campa ao lado da mãezinha.

– O que se passa? – perguntei em voz alta. Arthur e eu estávamos sozinhos no meu carro e Arthur não falara o dia inteiro. Ele encolheu-se no banco e tapou o rosto com as mãos.

Vi indumentárias coloridas, chapéus bizarros decorados com flores de plástico, grandes crucifixos erguidos acima de cabeças encanecidas, um cartaz pintado à mão onde se podia ler: «RIP IRMÃO POWELL», e outro com a frase: «O URSO DE FERRO VIVE PARA SEMPRE», o que me causou um arrepio. Lágrimas de gratidão encheram-me os olhos. Estas pessoas peculiares faziam parte da vasta

rede de artistas populares e artesãos que o meu pai cultivara, e vinham de todas as partes do Sul.

Na frente da multidão, do outro lado da campa do paizinho, estavam John Tiber e um punhado dos membros mais velhos da família, todos com ar respeitoso e sincero, muitíssimo bem vestidos, a olhar para o resto das pessoas com incredulidade.

Vi o rosto grave do doutor Washington e acenei em agradecimento pela sua presença. Ele retribuiu o aceno. Jonah Washington tinha uma presença e uma dignidade tremendas, com o rosto redondo, a barba, os óculos de armações metálicas. Era provavelmente a primeira vez, nos cento e cinquenta anos de história das nossas famílias, que um Washington se assumira em público, à frente de todos, como vizinho e amigo dos Powell.

Os cinco inquilinos atuais do paizinho estavam num grupinho perto de nós. Um bando de maltrapilhos. Tentei ignorá-los. Arthur apertou-me mais a mão. Olhou para o caixão em cima do suporte mecânico e para o buraco discretamente tapado com um pano. O seu bonito rosto, tão parecido com o da nossa mãe, contraiu-se de repente. Os olhos azuis franziram-se até estarem fechados. Eu reconhecia os sinais.

Pus-me em bicos de pés e sussurrei-lhe ao ouvido:

– És o quê, meu amor?

– Uma toupeira – murmurou ele, com a voz embargada. Isto significava que queria ir para debaixo do chão com o paizinho, ou pelo menos confirmar que o mundo aí era seguro. Com um nó na garganta, pedi-lhe para não se preocupar, já que o paizinho não ia viver nesse sítio. Ele fechou os olhos com mais força.

Assim que o sacerdote terminou o curto sermão, um rapaz de cabelo comprido no meio da multidão levou aos lábios um velho trompete amarelo e tocou uma canção melancólica.

Era a última Powell de Bear Creek, a senhoria, a guardiã do meu irmão, a proprietária do Urso de Ferro.

Não. Nunca senti que o Urso era meu. Não fui eu que o herdei.

Ele é que me herdou a mim.

*

– Um, dois, três… *Puxem* – ordenou Quentin, enquanto ele e uma equipa de três homens, enviada por um negociante de antiguidades, tentavam içar uma laje de mármore importado com mais de duzentos e cinquenta quilos através das portadas do sótão de uma antiga fábrica têxtil em Brooklyn. Quentin comprara a velha fábrica, convertera os pisos inferiores em apartamentos e arrendara-os. O último piso era a sua residência e a sede do negócio. Havia dias em que amaldiçoava essa decisão.

O mármore estava envolto numa teia de cabos, todos ligados ao braço de um guincho enorme que Quentin instalara na parede exterior do edifício. Se simplesmente largassem a laje, ela sairia sem

controlo pelas portas e o seu peso faria o cabo partir-se.

– Mais uns centímetros. *Dese prisa* – incentivou. Os homens, suados, empurraram. Quentin encaixou um ombro sob a laje e firmou as pernas. Aqui, não era o herdeiro do legado e da fortuna de Richard Riconni. Aqui, não era um homem de negócios bem vestido a ajudar a causa da mãe. Aqui tornava-se elementar – uma criatura de ferro, carne e sangue, envolto em ganga suja e na sua própria noção de ordem.

De súbito, um dos homens escorregou e caiu, e as pernas de Quentin cederam um pouco enquanto se debatia para segurar sozinho aquele lado do mármore. A aresta estava a pressionar o peito do pobre trabalhador.

– Socorro! Cuidado! – gritou a vítima, aflita.

Quentin apoiou um joelho no chão, com todos os músculos em esforço máximo.

Algures atrás deles, o sargento do Exército aposentado Harry Bodine Johnson, conhecido como *Popeye* por causa dos antebraços musculados e do temperamento rezingão, berrou:

– Filhos da mãe, ou *levantam* essa porcaria ou a *largam*!

Empurrou a alavanca de controlo do motor do guincho, esticando perigosamente o cabo mais alguns centímetros. Ao lado dele, *Hammer* ladrava como um louco.

Quentin pensou que as suas costas se iam partir. Sentia a pressão nas articulações dos joelhos, nos ombros, no pescoço. *Tenho de transformar uma carga estática numa carga dinâmica e preciso de um ponto de apoio*. Tentou ignorar o tremor nas pernas.

– Larguem essa laje! Capitão, é uma ordem! – gritou *Popeye*, que nunca se esquecia de que treinara em tempos um recruta inexperiente chamado Riconni.

Mas Quentin acabou por conseguir empurrar um pé para a frente, encontrou o ponto de apoio de osso, músculo e determinação que procurava, e conseguiu erguer a laje o suficiente. Com uma forte explosão de fôlego, ele e os restantes dois homens empurraram o mármore através da abertura, deixando-o a baloiçar suavemente, suspenso no ar.

Quentin sentou-se ao lado do homem caído. Estavam ambos encharcados em suor.

– *Muchas gracias* – agradeceu o homem, ofegante.

– De nada. – Limpou a testa, levantou-se e ajudou o outro homem a fazer o mesmo. O trabalhador estava a tremer. Quentin continuava firme como uma rocha. Os homens fitaram-no com assombro.

– Raios, patrão – disse o que falava melhor inglês. – Até parece que estas coisas acontecem todos os dias.

– Tudo aquilo a que um homem consegue sobreviver, não pode ser assim tão mau. – Quentin pôs um charuto na boca e encolheu os músculos exaustos dos ombros.

Porém, depois de a equipa se ir embora, com a laje presa de forma segura no camião, esticou-se no chão de madeira do apartamento, num dos poucos espaços não ocupados pelo seu inventário, que incluía prateleiras de lareira elaboradas, frontões gregos, pilhas de cercas de ferro forjado e caixotes

de azulejos pintados à mão. *Hammer* deitou-se ao seu lado e farejou-lhe a cara. Quentin agarrou-lhe o pelo do pescoço e sacudiu-o com ternura.

– Quando não cai nada, é um dia bom. É esse o objetivo, não é? – *Popeye* entrou e sentou-se num caixote, a esfregar os joelhos doridos. Quentin fechou os olhos e sorriu. – Estou a ficar velho, sargento.

– Estás a *fazer-te* velho, isso é verdade. – *Popeye* falava lentamente, com um sotaque arrastado do Kentucky que parecia reconfortante mesmo quando estava a gritar obscenidades. – Desde que o trabalho do teu pai fez de ti um homem rico, estás a ficar entediado e imprudente. O que é que queres provar? Que não és do sangue dele e não precisas do seu dinheiro?

Quentin fechou as mãos sob a cabeça e olhou para as vigas maciças que cruzavam o teto. O telhado da velha fábrica possuía uma simplicidade brutal que ele adorava.

– Não preciso de nada – esclareceu.

«É mais do que certo que um filho herde os benefícios do sucesso do pai», insistira a mãe, e jurara que o dinheiro seria para ele. Falava como se ele fosse parte do trabalho do pai, apenas mais uma peça que tencionava gerir com dedicação. Nunca falavam sobre as desilusões que o filho lhe dera, apenas sobre o orgulho. Mas ele sabia que a mãe ainda queria aquele arquiteto do MIT, aquele filho de ouro por quem se sacrificara, aquele rapaz que venerava Richard Riconni tanto como ela. E esse rapaz já não existia.

– O dinheiro não importa, desde que uma pessoa tenha um teto por cima da cabeça e meios suficientes para garantir que ele sempre lá estará – lembrou a *Popeye*.

O velho soldado soltou uma fungadela desdenhosa.

– Leste isso num dos teus livros idiotas? Já dormi com putas baratas que tinham ideias mais interessantes.

Quentin fitou-o de olhos semicerrados. Nunca fora tarefa fácil gostar do homem mais velho. No quartel, uma noite, durante a recruta, o sargento encontrara um livro sobre Freud na camarata de Quentin.

– És doente da cabeça, rapaz? – ribombara. – Então por que raio estás a ler coisas sobre médicos da cabeça? És algum *mariconço,* rapaz?

Quentin respondera em voz bem alta, vermelho de raiva, em sentido.

– Freud escreveu sobre *grandes pilas*, sargento! Saberia disso se tivesse lido o livro!

– Estás a armar-te em esperto, seu italiano de merda?

– Sim, senhor!

Por essa resposta, passara várias semanas da recruta num autêntico inferno de tarefas extra e castigos pesados. Nunca se queixou, nunca pediu misericórdia, e um dia o sargento, impressionado, disse-lhe:

– Meu rapaz, és o filho da mãe mais sozinho e mais duro do planeta, a seguir a mim.

E Quentin confirmara com um aceno.

Vinte e dois anos depois, *Popeye* resmungou, com a mesma devoção rude que demonstrara na altura:

– Então agora andas armado em forreta?

– Sei aquilo de que preciso para viver.

– Sabes aquilo de que precisas para *morrer*. Eu podia ter puxado o mármore lá para fora. Sim, o cabo podia partir-se e deixá-lo cair em cima do raio do camião. E depois? Tens seguro. Podias comprar um camião novo àqueles tipos. Mas não podes comprar um esqueleto novo.

Quentin sentou-se e fletiu os braços e as costas.

– «Cuidado com as correntes douradas que te prendem. O teu espírito move-se íntegro, em solidão.» Li isto num livro de poesia, sargento.

– Poesia, uma *merda* – respondeu *Popeye*. – Andas à procura de respostas na ponta do lago onde as vacas vão mijar.

– Quer dizer para termos cuidado com aquilo que amamos. E quem amamos. Cada pessoa e coisa com que nos preocupamos é um fardo que acedemos a carregar. Depois de lhe pegarmos, não podemos voltar a pousá-lo.

– Tens medo que esse peso caia em cima de ti e estás sempre a testá-lo para ver se isso acontece. E um dia destes vais descobrir!

Quentin sorriu e levantou-se sem mais uma palavra. Estivera no Exército dezasseis anos e estava na calha para uma promoção a major quando o deixara, depois da Guerra do Golfo. Na vida militar era fácil não pensar, não sentir. Durante o seu tempo de serviço fizera um curso de Engenharia básica, estivera destacado por todo o mundo, prestara serviço em forças de manutenção da paz em várias crises internacionais e conduzira outros homens em combate. No entanto, depois do incidente com uma mina, percebera que ainda não queria morrer, pelo menos não tão longe de casa.

Agora ganhava a vida a desfazer as memórias de outras pessoas, não as suas. Conforme o ponto de vista, era um negociante de sucata ou um especialista em antiguidades. Desmantelava mansões, fábricas – qualquer edifício em que as partes valessem mais do que a soma das mesmas. Depois fornecia tudo a uma rede de negociantes, desde tijolos do século dezoito feitos à mão a lintéis Tiffany.

Dirigiu-se ao escritório, uma área no canto definida por filas de armários de arquivo, equipamento de escritório e uma velha secretária em cima da qual tinha um computador, e consultou o *e-mail*. A maioria das encomendas chegava por essa via, o que significava que raramente via os clientes em pessoa. O negócio tornara-se um processo eficiente e isolado, tal como o resto da sua vida. Era assim que preferia.

Ao lado do escritório, do outro lado de uma porta dupla marroquina trabalhada, ficava a zona onde Quentin residia. Transformara um dos lados do enorme sótão no seu apartamento, um espaço

agradável e simples, mobilado e equipado com peças que decidira salvar e guardar para si. A enfeitar a parede por cima da cama tinha um ornamento de cornija do século dezoito. Um arco de mogno velho, corroído e furado pelo bicho, mas ainda assim estranhamente belo, emoldurava a janela da cozinha. Cobrira com vidro grosso a base de uma fonte de pedra, partida e gasta, para fazer uma mesa. Os inquilinos consideravam que ele tinha uma visão de artista, facto que ele negava sempre.

Mas o pai também gostava de coisas perdidas, e Quentin nunca se esquecera disso.

– Estas peças trazem-nos algo – dizia o papá. – Aquilo que sabem, aquilo que recordam, a glória que tiveram em tempos. Elas falam, se ouvires com atenção.

Às vezes, os inquilinos de Quentin subiam ao sótão para admirar e desenhar as peças guardadas no enorme inventário. Na sua maioria eram jovens que procuravam lançar uma carreira como artistas ou músicos. A ironia não passava despercebida a Quentin – o facto de, sem saber porquê, atrair esse tipo de pessoas. Só *Popeye* sabia que, quando eles não conseguiam pagar a renda ou precisavam de ajuda com as contas, vinham falar com Quentin e este resolvia o assunto.

Popeye seguiu-o agora até ao escritório com determinação militar, tirando um resto de charuto bem mordido do bolso da camisa e atirando-o para a rua pelas portadas abertas, antes de as fechar ao frio de março. Nascera na sala dos fundos de um bordel no Kentucky e fora criado por estranhos tão cruéis que ainda hoje não mencionava os seus nomes. Alistara-se no Exército logo a seguir à Segunda Guerra Mundial, com apenas dezasseis anos. Nunca casara, não tinha filhos, não havia um lugar a que chamasse casa. Quando aparecera para visitar Quentin, depois de se reformar, parecia uma alma perdida. Quentin contratara-o como assistente e dera-lhe um pequeno apartamento no piso de baixo.

Popeye apontou para ele.

– Se és um filho da mãe assim tão duro e não queres nada que te pese nos ombros, como explicas o bando de miúdos miseráveis a quem arrendas os apartamentos, e como explicas um par de vadios como *nós*? – Apontou primeiro para si e depois para *Hammer*.

– Tu ganhas o teu sustento – respondeu Quentin, sem tirar os olhos do ecrã.

– Vais acabar como eu.

– Espero que sim, sargento – respondeu, com um olhar divertido. – És o maior imbecil do bairro.

O sargento soltou uma torrente de imprecações que quase abafaram o toque do telefone. Quentin levantou a mão para lhe pedir silêncio quando ouviu a voz aflita de Alfonse Esposito.

– A tua mãe está no hospital – disse.

Ela estava a dormitar num quarto privado quando Quentin chegou ao hospital de Manhattan. Desmaiara durante uma reunião com um gestor financeiro. Alfonse levantou-se da cadeira ao lado da cama quando Quentin entrou. O seu cabelo negro estava agora quase todo branco, trazendo um ar de

elegância cosmopolita às feições rudes e pele morena. Era comandante de esquadra e tencionava reformar-se dentro de um ano. O seu olhar era severo, mas preocupado.

– Ela é uma valente – murmurou. Quentin olhou para a mãe, branca como a cal, de olhos fechados, e pousou a mão na dela por cima das cobertas. Resistiu ao impulso de lhe procurar a pulsação. – Queria ir para casa diretamente das Urgências – continuou Alfonse. – Tive de ameaçar que a algemava à cama se fosse preciso. Eles querem fazer alguns exames. – Baixou ainda mais a voz. – A tensão arterial estava alta. O médico diz que já deve estar assim há algum tempo. Desconfio que ela nos tem escondido isso.

– Com certeza – murmurou Angele, e abriu os olhos. Depois franziu-os. – Alguém me passa os óculos, por favor? – Alfonse pegou num par de óculos de armações metálicas que estava em cima da mesa de cabeceira. Ela colocou-os na cara e Quentin sentiu-se aliviado. Estava pálida e abatida, mas já se parecia mais consigo própria. Nunca se habituara a vê-la de lentes de contacto. – Eu estou bem. Acho que foi uma crise de nervos durante uma discussão sobre fundos mútuos.

– Pensei que o dinheiro te ia manter ocupada – exasperou-se Quentin. – Pensei que *querias* estar ocupada, agora que tudo o resto está resolvido. Queres que contrate um gestor de negócios para tratar disso?

– Não quero um desconhecido qualquer a gerir o futuro da nossa família. – Fez esta declaração com toda a calma, sem intenção de insultar, mas com firmeza. Deixara bem claro que, se ele se recusava a aceitar parte do legado do pai, quer fosse financeira, espiritual ou criativamente, então não tinha nada que se envolver com as questões monetárias. – Continuas a não respeitar o que este dinheiro representa – continuou, em voz baixa. – Não respeitas a memória do teu pai.

Quentin virou-lhe costas e aproximou-se da janela, para deixar as palavras passarem através dele. Nunca lhe contara nada a respeito do adultério do pai e nunca o faria. Tal como também nunca lhe confessara a última conversa que tivera com ele e o sentimento de culpa que ainda o assolava.

– Respeito-te muito, a *ti* – respondeu por fim –, e não quero que passes o resto da vida ralada com cada cêntimo que fizemos com as esculturas. Se é para isso, prefiro pegar no dinheiro e atirá-lo ao rio.

– Não tenho mais nada por que viver – lançou ela de repente, com voz rouca. Pareceu lamentar de imediato a indiscrição e franziu a testa. – Não espero que compreendas. Alfonse, podes deixar-me falar com o Quentin a sós?

– Claro – respondeu Alfonse, embora fechando a porta com força ao sair.

Quentin virou-se, olhou para a mãe, pensativo, puxou uma cadeira e sentou-se ao lado da cama.

– Vais *mesmo* falar comigo? É assim tão difícil abrires-te sobre o que te está a incomodar?

Angele brincou com os lençóis, um movimento nervoso tão pouco habitual nela que uma vaga de preocupação invadiu Quentin. Viu a mãe apertar o tecido nos punhos, muito calada, como se estivesse irritada consigo própria, e olhar para o teto.

– Está bem. Estou de rastos. Durante anos, tive uma missão na vida. Agora não tenho nada para fazer. Nem sequer me apetece sair da cama de manhã.

– Tens vários milhões de dólares para gerir. Tens muito em que pensar.

– Isso é apenas dinheiro.

– Conseguiste o que querias. O papá é uma estrela. Ninguém se esquecerá dele. O seu trabalho está exposto em todo o mundo. Reforma-te. Casa com o Alfonse.

Ela fitou-o, sobressaltada.

– O Alfonse?

– Achas que não sei o que se passa entre vocês? Há anos que sei.

– É só um amigo.

Quentin pensou nestas palavras em silêncio, entristecido. Vira a mãe a tomar o pequeno-almoço com Alfonse no café da esquina demasiadas vezes para acreditar que se encontravam por acaso.

– Não precisas de esconder a tua relação. Eu não tenho nada contra.

– Estarei *sempre* casada com o teu pai.

– Ele morreu há mais de vinte anos. De certeza que gostaria que ficasses com o Alfonse.

– E *estou* com o Alfonse. Somos bons amigos.

– O Alfonse é louco por ti. Tratá-lo como se fosse apenas uma escolha de segunda é insultuoso para ele. Não viste a cara que ele fez ainda agora? Como achas que se sentiria ao ouvir-te afirmar que não tens nada por que viver?

– Estou a levar um sermão sobre romance de um solteirão de quarenta anos sem qualquer vida familiar? – Angele apertou de novo os lençóis, suspirou e estremeceu. – O que é que eu alcancei? Todo este sucesso nunca poderá trazer o teu pai de volta, nunca me fará sentir que fiz a única coisa perfeita que o espírito dele queria, nunca fará com que tu recuperes a capacidade de gostar dele… ou de gostar genuinamente seja de quem for!

– Tenho tudo aquilo de que preciso. Vamos falar dos teus problemas, não dos meus.

– Oh, não. Quando acordei, depois do desmaio, pareceu-me que tinha estado a falar com o teu pai em sonhos. *O Quentin está a seguir o mesmo caminho que eu*, avisou-me. *Não o deixes*. Se não encontrares um pouco de felicidade real, podes acabar… podes… – Parou, levou os dedos aos olhos e tentou recompor-se. Quando baixou as mãos estava de novo controlada. – Chega desta conversa. Deixa-me ser clara. Não sei do que andas à procura, mas quero que tomes algumas decisões em relação ao teu futuro. Os milhões do leilão são teus… agora ou mais tarde, quer tu queiras, quer não. Gostava de poder acreditar que o nome Riconni e tudo aquilo que representa… incluindo o dinheiro… passará para as gerações futuras.

– Queres que me case com alguém só para começar a procriar?

A mãe olhou para ele.

– Quero que encontres uma mulher digna de ti e do nosso nome. Quero que cases com ela e a

ames como o teu pai me amou. Quero que tenhas filhos. Quero ter netos.

Quentin ocultou a raiva que crescia dentro de si. Quando era jovem, prometera a si próprio que nunca seria como o pai, e isso incluía nunca ter um filho que pudesse atraiçoar, ou que o pudesse atraiçoar a ele.

– Se fosse assim tão simples – lembrou –, casaria com a Carla.

Angele suspirou.

– Meu filho, perdoa-me por ser tão direta… Nunca falaria assim em frente do Alfonse; embora ele esteja bem consciente das fraquezas da filha, é algo que o atormenta… Quentin, a Carla é temperamental e frívola. Desperdiçou a sua inteligência e a sua juventude com maridos fúteis e *contigo*. Se não fosse uma mãe tão dedicada às filhas, não tenho dúvidas de que já se teria atirado da ponte por causa da tua recusa em te comprometeres. Ela procura-te quando precisa de dinheiro e de conselhos, tu abres-lhe os braços e ela continua a viver na fantasia de que, um dia, casarás com ela e serás um padrasto para as suas filhas.

– É uma velha amiga. Ajudo-a quando ela precisa de ajuda. Não me aproximo das filhas para que não vejam em mim uma figura paterna. Não tenho a mínima intenção de casar com a Carla ou com qualquer outra pessoa.

– Então não a deixes ficar suspensa por tua causa. Para de lhe emprestar dinheiro e de a usar de forma tão conveniente quando não tens outra mulher. E sim, sei que não te faltam mulheres. As inquilinas no teu prédio são presas fáceis para ti. Compreendo que se envolvem de boa vontade, mas vão-se embora quando tu lhes partes o coração. O problema da Carla é que nunca conseguiu desistir de ti. Ela lembra-se do rapaz que parecia amá-la, e confunde-o com o homem que não consegue amar ninguém. Estás a dar cabo da vida dela com a tua intenção mal orientada de ser bom para ela, de não deixar desaparecer alguma memória de ti próprio que te recusas a admitir que não queres perder.

Quentin fitou-a com a reserva tensa de um filho adulto perante uma mãe, mas ela apertou os lábios em expressão determinada. Ao longo dos anos, desde que deixara o Exército, houvera períodos em que ele e Carla tinham estado juntos, era verdade. Havia nessa relação um certo calor, um padrão confortável.

– Não perco tempo a debater o sentido da minha vida nem o caminho que vou seguir. Não serve de nada, na minha opinião.

– Não podes continuar assim.

Quentin levantou-se e, abruptamente, perguntou:

– Ainda gostas da tua casa? – A mãe comprara uma residência agradável num bairro melhor há alguns anos, quando começara a receber algum dinheiro das esculturas.

– Que raio é que isso tem a ver com a conversa? – inquiriu ela. – Estou muito contente na minha casinha. Só gostava de ter mais espaço para livros.

– Podes mudar-te para onde quiseres. Um apartamento de luxo na cidade, aqui. Uma casa de

campo. Que tal uma casa em Martha's Vineyard ou nos Hamptons? Com uma doca. Oh, o Alfonse ia adorar. Podíamos dar-lhe um veleiro como deve ser para substituir aquele velho barco.

A mãe olhou para ele como se fosse um chulo a pedir-lhe que se vendesse de corpo e alma.

– Estás a ver-me a viver no luxo e a esquecer que o teu pai alguma vez existiu?

– Não – respondeu ele, com toda a paciência. – Estou a ver-te a gozar a vida que mereces. – Hesitou e depois, em voz tensa, acrescentou: – A vida que ele abandonou. Uma vez, ele contou-me que a irmã o fizera prometer que viveria duas vidas, por ele e por ela. É isso que tens de fazer. Viver a vida que ele desperdiçou.

Angele fechou os olhos. Quando os abriu, estavam brilhantes das lágrimas.

– Se pelo menos eu conseguisse encontrar alguma paz de espírito. Algo que pudesse fazer pela memória dele, algo mais pessoal. Não se trata do dinheiro… eu consigo gerir o dinheiro. E *vou* fazê-lo bem, porque quero que os nossos *netos* tenham oportunidades maravilhosas graças a ele. – Lançou-lhe um olhar fulminante. – Mas… tem de haver alguma coisa, qualquer coisa que significasse muito para ele. Quero descobrir o que será. *Tenho* de o fazer.

Uma enfermeira entrou, preocupada com o estado agitado de Angele, e sugeriu um tranquilizante.

– Não quero remédios para me acalmar – recusou ela em tom seco.

Depois de a enfermeira sair, Quentin pegou-lhe na mão. Para variar – era algo que não acontecia com muita frequência – a mãe deixou-o segurá-la. Quentin fitou-a com a preocupação de um filho. *Não a deixes cair*. As memórias que o corroíam por dentro exigiam um sacrifício, não uma dádiva. E ele não sabia o que seria.

Quando voltou para o apartamento na velha fábrica, nessa noite, viu o *Lexus* branco de Carla estacionado junto da porta que ela costumava usar. Ficara com uma chave depois do último período turbulento em que tinham estado juntos, há mais de um ano. Encontrou-a nua na cama, o que não o surpreendeu. Afinal, desde que deixara o Exército, tinham jogado este jogo várias vezes.

– Como está a tua mãe? – perguntou ela. – O meu pai contou-me que ela desmaiou.

– Tem tensão alta. Andava a ignorá-la.

– Ainda bem. Então só precisa de descontrair e tomar os comprimidos.

Quentin não respondeu a essa visão tão típica de Carla de qualquer situação complexa. Puxou uma poltrona e sentou-se a distância segura da cama.

– O que fazes aqui?

Ela sorriu.

– Gosto de ir para a cama com homens ricos. Desde janeiro que estou à espera de te juntar à minha lista.

Era tentador, Quentin tinha de o admitir. A beldade de cabelo revolto de Brooklyn tornara-se uma elegante mulher de negócios de Manhattan, proprietária de um salão de venda de cosméticos. Estava

recostada num monte de almofadas brancas, numa pose sedutora, com a colcha escura amarrotada sobre as ancas. O cabelo preto, curto e sofisticado, emoldurava na perfeição o rosto corado. Tinha uma mão sobre a barriga e acariciou a pele abaixo do umbigo com a unha pintada, que depois ergueu para contornar o mamilo.

– Já viste o frio que está neste quarto cheio de correntes de ar?

Quentin despiu o blusão de cabedal e atirou-o gentilmente para cima dos seios dela.

– Vê lá, não congeles.

Carla continuou a sorrir, mas o desapontamento surgiu-lhe nos olhos.

– Não estou noiva – declarou. – Por enquanto. – Namorava com um banqueiro que era doido por ela e pelas filhas, e admitira já a Quentin que também gostava dele.

– Eu avisei-te que não podíamos continuar a fazer isto – lembrou ele.

– Quentin, por favor. Eu esforço-me por encontrar outra pessoa, mas acabo sempre por voltar para ti. – Afastou o cabelo do rosto com um gesto impaciente, aborrecida com a sua própria fachada. Com vestígios da antiga Carla, que lhe teria dado um soco sem pensar, exclamou com impaciência: – *Vá lá!* Quando é que a tua última vítima apaixonada se foi embora do apartamento de baixo? Há um mês? Oh, era muito inteligente, essa. Licenciada em História de Arte, pelo que me consta. Mas nem as mais inteligentes conseguem apanhar-te. Por isso continuo à espera. – Sorriu e levantou as mãos. – E aqui estou eu.

Mesmo contra vontade, Quentin sentia-se mais atraído por Carla quando ela era honesta. Antagonizava-o, seduzia-o e muitas vezes fazia-o rir, ao recordar com saudosismo os dias de sexo descontraído e a amizade da juventude. Gostava das filhas dela, duas meninas atrevidas muito parecidas uma com a outra, autênticas miniaturas da mãe, apesar de serem filhas de pais diferentes. Gostava da atitude sensual que ela tinha em relação à vida e aos homens. Mas era só isso, e estava farto.

– Acho que devias casar com o banqueiro – sugeriu-lhe.

– Porquê?

– Porque ele seria bom para ti. Gosta das tuas filhas. Elas gostam muito dele, pelo que me disseram. Vá lá. Veste-te e vai ter com ele. Põe-te nua na cama *dele*.

Carla deslizou mais para baixo e cruzou os braços na nuca, fitando-o com ar matreiro e respirando fundo de modo a erguer os seios, antes de se instalar melhor entre os lençóis de flanela cinzentos.

– Deixava-o num segundo, se tu quisesses. Se não fizeres qualquer coisa em breve, vou acabar por casar com ele.

– Estou a tentar ser uma boa influência.

– Nem sempre foste assim tão honrado.

– Eu sei, mas sempre que passamos por isto tu acabas por me odiar durante um ou dois anos.

Pensei que, desta vez, podíamos saltar essa parte. Por ti, pelo menos.

– Quentin, mudou alguma coisa desde janeiro?

– Nem por isso.

– A tua mãe está preocupada porque tu não estás a fazer nada pelo futuro da família. Compreendes-me? Pelo nome Riconni, Quentin. Tens de casar, tens de ter filhos e de lhes dar uma boa vida, tens de ser um pai maravilhoso, construir um lar maravilhoso, criar a família, não é? É isso que tens de fazer com o dinheiro, queiras ou não ficar com ele.

– Já tivemos esta conversa.

– Vá lá, Quentin, o que te impede de o fazer?

– O dinheiro não muda nada.

Lentamente, ela afastou o blusão e os lençóis, revelando a barriga lisa e o triângulo de pelos púbicos entre as coxas esguias.

– Tens razão – murmurou. – Não muda o quanto eu te desejo. Estás sempre por perto quando preciso de ti. Não te procuro só por causa de sexo e dinheiro. Sabes disso.

Quentin assentiu com um aceno. Sabia quão fácil seria enfiar-se na cama com ela, passar a noite fria de primavera no calor sincero de Carla, mas estabelecera limites para nunca perder o controlo das suas paixões. As suas paixões, pensou Quentin, eram simples: uma mulher que não precisasse dele, os jogos dos Yankees de abril a julho, os jogos dos Knicks no inverno, um bom charuto, um uísque frio e um livro bem escrito. Levantou-se.

– Podes ficar, se quiseres.

Ela sorriu.

– Já gosto mais dessa conversa.

Quentin pegou no blusão.

– Vemo-nos depois. – Inclinou-se, beijou-lhe a barriga abaixo do umbigo, fitou-a nos olhos angustiados e pediu desculpa. – Não és tu que tens um problema, sou eu – admitiu.

E saiu.

Ao nascer do dia estava sentado no pátio degradado de uma velha mansão Tudor que estava a desmantelar, com *Hammer* a tremer encostado a ele sob a brisa vinda das águas frias e cinzentas do oceano Atlântico. Conseguia ver tão longe aqui, junto ao mar; e era isso que queria, um sítio de onde conseguisse ver quilómetros, para que tudo se tornasse claro.

Não gostava de admitir que não sabia como construir fosse o que fosse na sua vida. Não deixava que a palavra *infeliz* lhe viesse à cabeça, porque era uma fraqueza. Raios, um homem podia estar melhor sendo infeliz e desmantelando edifícios, do que seguindo os seus sonhos artísticos à custa da vida de outras pessoas.

Depois de deixar o Exército, fora ao velho armazém onde estavam ainda as esculturas do pai. Parara no meio daquela selva grotesca de ferro e metal, a olhar para as vigas de madeira e para o

teto de chapa enferrujada, e imaginara como desmantelaria cada barrote e levantaria cada chapa degradada, e depois, quando o edifício estivesse dissecado, voltar-se-ia para o conteúdo, exposto ao sol, e, uma a uma, destruiria as criações inúteis do pai até ter reduzido tudo a pilhas bem organizadas de nada – acabava-se o armazém, a arte armazenada, as memórias.

Perscrutou agora o oceano e fitou os rosas e dourados da alvorada universal. Tinha de haver uma resposta, algures, alguma coisa ou alguém – sim, está bem, alguém, alguém por quem valesse a pena morrer, alguém a perscrutar o horizonte à procura dele, em busca de um destino mútuo no meio do vazio.

Tivera na sua vida mais mulheres do que queria contar, mulheres que sempre deixara para trás em alguma base militar, ou que acabavam por sair dos apartamentos que lhes arrendara. Mal conseguia lembrar-se dos nomes delas. Quando estava no exército, começara a questionar se haveria neste mundo alguma mulher que nunca quereria deixar.

Não a conseguia imaginar.

9

– Os inquilinos do seu pai querem falar consigo – murmurou a senhora Green com a boca escondida pela mão salpicada de manchas da idade. Estava a organizar os empadões, frango frito e sobremesas trazidos por uma sucessão interminável de vizinhos. Teríamos comida para um mês.

Olhei para ela desanimada, por cima da papelada espalhada na mesa da cozinha.

– Informe-os de que falo com eles depois de tratar destas contas, por favor. – Encontrara um maço de faturas por pagar na gaveta da cozinha. A eletricidade estava prestes a ser cortada.

– Filha, não pode ser. Tem de falar com eles agora – respondeu ela com firmeza. Era uma líder social. Reformara-se da gerência do minimercado Quik Boy local, depois de ela e o marido o terem vendido a um *franchise* nacional. O Quik Boy vendera, em tempos, absolutamente tudo, desde munições e pés de porco cozidos a bolos caseiros e até livros em segunda mão, graças ao abastecimento interminável vindo do meu pai. Agora vendia café *gourmet* e equipamento de campismo para turistas. Todo o meu mundo estava a mudar.

– Estão à espera no alpendre – declarou, apontando. De má vontade, pus um casaco pelos ombros e saí.

Cinco caras olharam para mim com tanta desconfiança como eu para elas. Oswald T. Weldon tinha cerca de sessenta anos, era magro, de pele curtida, com sotaque do Tennessee e a atitude agressiva de um velho *motard*. Por cima do lábio superior ostentava um bigode branco e comprido, como um esgar peludo. Considerava-se um pintor popular. Os seus temas mostravam uma forte inclinação para mostrar pessoas a cabriolar nuas em quintas, em campos e no meio de flores. Um outro tema, mais perturbador, era o das crianças maltratadas.

A mulher, Juanita, não teria mais de trinta anos e era originária de uma aldeiazinha no México. Mal percebia inglês e era muito tímida. Ao lado deles estava um casal tão simples como as pedras do campo. Bartow e Fannie Ledbetter eram pura e simplesmente estranhos – ambos com bem mais de setenta anos, talvez até oitenta. Ela apoiava-se em Bartow e Bartow apoiava-se nela, auxiliado por uma bengala de madeira pesada, com as costas grotescamente distorcidas por uma lesão antiga que fazia com que estivesse sempre inclinado para o lado. Ele e Fannie tinham passado a vida a trabalhar numa fábrica de cerâmica na Carolina do Norte antes de os novos investidores a terem fechado e levado a produção para o estrangeiro. Agora viviam com o dinheiro contado, daquilo que ganhavam com as suas tigelas, pratos e canecas de formatos estranhos. Quando abria os armários da cozinha do meu pai, as estranhas criações dos Ledbetter pareciam pequenos alienígenas coloridos, a olharem para mim como se me quisessem atacar.

E, por fim, *ela*. Ela, um mistério de cada vez que a via, e uma ameaça que eu ainda não conseguira definir por completo. Vira-a a chorar no funeral do paizinho, e vira-a à distância mais tarde, sozinha junto à campa. Com toda a seriedade, dava pelo nome nativo-americano e *new age* de

Liza Deerwoman, uma escolha absurda já que se tratava de uma mulher de meia-idade, com a cintura grossa, olhos verdes e cabelo loiro platinado. Devia ter sido muito bela, alguns anos antes. Liza Deerwoman fazia vidro. As prateleiras no exterior da sua casa estavam repletas de frascos de perfume, jarras e ornamentos suspensos.

Ela própria era uma pessoa colorida. Hoje vestia uma espécie de macacão de *chiffon* verde, com um casaco verde e largo por cima. Calçava mocassins com peúgas brancas, bordadas com pérolas minúsculas. Os olhos estavam escondidos por óculos de sol com armações verdes.

– Como estás? – perguntou, numa voz educada e culta que me surpreendia sempre. – Já falaste com o teu pai em algum sonho?

Que disparate. Olhei para ela.

– Não, mas calculo que ele me ligará quando tiver tempo.

– Por favor, não fiques aborrecida. Tenho o dever de te transmitir, mesmo que não acredites em mim. Eu tive alguns vislumbres dele. Sentimentos, na verdade, nada de visual. Uma sensação de paz profunda. Acredito que ele está em paz com o trabalho que fez aqui e que se está a preparar para… – a voz falhou-lhe – … para continuar o seu belo trabalho noutros reinos. O facto de te ter deixado à frente de tudo mostra que ele sabia que isto era o melhor para ti. Sabia que precisavas desta oportunidade de voltar para casa.

– Chega. Não a conheço, você não me conhece, e se o meu pai tivesse alguma coisa a dizer-me, tê-la-ia escrito no testamento. – Não aguentava mais estas lamechices disparatadas.

O casal mais velho aproximou-se.

– Ela só está a comentar que o senhor Tom era um bom homem, um homem muito bondoso – esclareceu a senhora Ledbetter. O seu marido gnomo acenou com a cabeça e o movimento refletiu-se no corpo retorcido.

– Uma boa alma – confirmou ele em voz rouca.

Oswald Weldon soltou uma fungadela desdenhosa, fez uma careta e olhou para mim.

– Vamos lá diretos ao assunto. Tencionas correr connosco? – O tom arrastado e sarcástico de camionista feriu-me os ouvidos. – Há já algum tempo que nos queres ver pelas costas – continuou ele –, e agora tens oportunidade. Se for o caso, diz de uma vez.

– Desde que sejam honestos comigo e dignos de confiança, que paguem as contas e cuidem bem dos apartamentos, não tenciono fazer qualquer mudança para já.

– Obrigada – agradeceu Liza Deerwoman baixinho. – Tenho a certeza de que o teu pai está contente.

Olhei para ela com desdém mal disfarçado.

– Tal como expus, não tenciono fazer qualquer mudança. Pelo menos, para já.

– De boas intenções está o Inferno cheio – informou-me Oswald.

– Se não acreditam, podem ir à vossa vida.

– Não te daríamos essa satisfação.

– Oswald, chega – interrompeu Liza, baixinho e em tom frio de aviso. Ele fechou a boca e desceu os degraus do alpendre. Os outros seguiram-no. Vi-os afastarem-se, com espanto e temor. Eu controlava as casas destas pessoas, os seus negócios, as suas vidas em Bear Creek. Estava bastante certa de que nenhum deles podia dar-se ao luxo de ir viver para outro lado.

O que hei de fazer com eles?, pensei, desesperada.

Arthur saíra poucas vezes da zona da quinta e de Tiberville nos seus primeiros vinte e dois anos de vida, e quase nunca atravessara a fronteira do condado. As viagens aterrorizavam-no. Esta fobia era o motivo pelo qual o paizinho nunca o trazia a visitar-me em Atlanta. Sempre que era obrigado a cruzar uma certa fronteira psíquica invisível, ficava mudo e rígido de medo.

«Ninho», afirmava em voz alta, no carro, um hábito da infância, em que passara por longas fases de fingir que era um pássaro. *Ninho*. Tinha de regressar ao seu poiso seguro. Além disso, não podia deixar o Urso de Ferro. Era como uma mãe substituta para ele.

Agora, tive de lhe mentir.

– A Mãe Ursa falou comigo ontem à noite. Quer que venhas viver comigo – expliquei-lhe. – Garantiu-me que serias muito feliz na minha casa de Atlanta. A Mãe Ursa afiançou-me de que ficaria muito bem instalada aqui na quinta e que podíamos vir visitá-la todos os fins de semana. Mas, para já, preciso mesmo que venhas morar comigo.

– Ninho – repetiu Arthur, retorcendo as mãos.

Na manhã seguinte, reuni os inquilinos num semicírculo de cadeiras na sala e expliquei-lhes os meus planos para Arthur. Eu não podia ficar a viver em Bear Creek. A minha livraria, a minha casa e o meu possível futuro marido continuavam em Atlanta.

– Ursula, por favor não leves o Arthur – implorou Liza, de mãos estendidas. – O Arthur adora viver aqui. É o seu lar. Será infelicíssimo na cidade. Está acostumado a nós e nós cuidaremos dele. Juro, se deixares o Arthur ficar aqui, não te arrependerás.

– Isso está fora de questão. Ele precisa de supervisão. Eu sou a irmã, eu é que tenho de cuidar dele.

– Mas Ursula, não o vais ajudar em nada se o prenderes numa casa em Atlanta – choramingou Fannie Ledbetter. – Ele é uma criança doce e selvagem. Tem de vaguear pelo bosque com as outras criaturas. Precisa do Urso. O Urso fala com ele, mantém-no calmo. Estou convencida disso. A Liza tem razão. Nós somos a gente dele, agora. Podes deixá-lo ficar sossegado.

Levantei-me, furiosa.

– Vocês não são a «gente dele», não são a família dele e não são a *minha* família, e têm de se convencer disso. Façam a vossa vida como acharem melhor, que eu não vou interferir. Mas oiçam bem… se os deixo ficar na quinta, é por pura bondade e porque o meu pai gostaria que assim fosse.

Nunca se esqueçam de que, aqui, são apenas inquilinos.

Eles levantaram-se em simultâneo, com uma certa dignidade ferida, e dirigiram-se à porta em fila indiana. *Não posso dar-me ao luxo de ter o coração mole,* pensei. *Senão acabo como o paizinho*.

Fannie Ledbetter parou e fez uma última tentativa de me convencer.

– O teu irmão irá contigo para a cidade porque te adora mais do que tudo – insistiu –, mas, se o arrancares ao lugar dele, vais acabar por o matar, *ouve-me bem*.

O rosto de Arthur entristecia mais a cada hora que passava. Andou de um lado para o outro, chorou e, por fim, mesmo antes de escurecer, desapareceu. Subi até ao quarto silencioso e tristemente vazio dos meus pais, banhado por uma luz fria e fraca, e esforcei-me por não ceder à vontade de desistir e de me enfiar debaixo das mantas da velha cama de pinho. Abri a tampa de um enorme baú encostado à parede por baixo de uma das janelas.

– O que és tu? – perguntei a Arthur com carinho. Ele estava encolhido dentro do baú, uma proeza de extraordinária flexibilidade tendo em conta que media quase um metro e noventa.

– Um pintainho dentro do ovo – respondeu ele.

Sentei-me no chão, enfiei a mão dentro do baú e afastei-lhe o cabelo acobreado do rosto. Usava-o comprido, abaixo dos ombros. O paizinho deixava-o ter o cabelo como quisesse e Arthur não gostava de o cortar.

– Estás quase a chocar? – perguntei.

– Sim. – Tinha a voz a tremer. Percebi nesse momento que ele decidira fazer o que eu lhe pedira, e que era um gesto de devoção baseado apenas em pura confiança e adoração. Levantou a mão trémula e apertei-a com firmeza.

– Arthur, prometo-te que estarás em segurança comigo, que vou tomar conta de ti e que te vou fazer feliz.

Ele puxou a minha mão para o peito.

– Dói – murmurou. – O paizinho está aqui. Não consegue falar. Como a Mãe Ursa. – Apoiei a cabeça no braço, em cima da beira do baú.

– Dói, sim – concordei. As sombras começavam a cair e todo o mundo estava cinzento e silencioso.

– O paizinho está aqui – voltou a gemer Arthur, pressionando mais as nossas mãos entrelaçadas contra o peito.

– Vamos levá-lo connosco – sussurrei.

Comprei um sofá-cama e instalei o meu irmão na pequena sala de estar do meu apartamento sobre a garagem. Gregory encarava Arthur como se fosse um dos espécimes sob o seu microscópio.

– Vou falar com umas pessoas – anunciou-me certa noite, quando estávamos sentados em pontas

opostas do seu sofá branco imaculado. – Ver se podem sugerir algum medicamento experimental. Talvez consigamos colocar o teu irmão num programa que o possa ajudar. Com ajuda e apoio, pode viver e ser feliz, num lar adequado.

– Vamos esclarecer uma coisa desde já – respondi, em tom baixo e firme. – O meu irmão nunca irá para uma instituição.

Um silêncio tenso preencheu o espaço perfeitamente desinfetado entre nós. Não dormíamos juntos há um mês. No dia seguinte ele partiu para uma convenção de saúde pública no Canadá e eu fiquei aliviada.

– Parece cansada, chefe – disse-me um dos empregados da livraria.

– Estou bem. – Dirigi-me à pequena despensa. Arthur estava a dormitar sentado no espaço apertado, encostado à parede, com os braços compridos à volta de uma esfregona. Senti a pena invadir-me, e depois o ódio.

Na manhã seguinte, como se soubesse, Arthur partiu.

Percebi que havia alguma coisa errada quando entrei na cozinha às sete da manhã e encontrei o seu exemplar de *A Viagem Fantástica* em cima da mesa do pequeno-almoço. Ao longo dos anos, o paizinho e eu tínhamos feito turnos a ler-lhe a história infantil clássica, e Arthur adorava-a. Ao lado do livro, colocara a camisola nova e o boné dos Braves que eu lhe comprara. Ainda meio a dormir, peguei no livro e olhei para ele de testa franzida, antes de me dirigir à sala onde Arthur dormia para ver o que ele estava a fazer.

A sala estava vazia. Chamei a polícia. Quando o agente chegou eu já tinha movimentado uma rede de amigos e vizinhos, reunira uma patrulha de cidadãos e estava prestes a sair de casa para me juntar à busca.

– Como sabe que o seu irmão fugiu? – perguntou-me o polícia.

– Ele *avisou-me* – respondi, e mostrei-lhe *A Viagem Fantástica*. Um livro sobre animais sozinhos e desesperados à procura do caminho de regresso a casa.

O que fizera eu ao meu irmão?

Arthur, que por vezes se desorientava no espaço e no tempo até nos terrenos familiares de Bear Creek, tentou regressar às montanhas a pé, pelas ruas de Atlanta. A polícia encontrou-o a três quilómetros da minha casa, inconsciente e espancado, com uma costela partida. A sua mochila desaparecera, bem como o porta-moedas que trazia consigo e onde guardara os cinco dólares que eu lhe dera, apesar de nunca ter conseguido perceber como funcionava o dinheiro.

Depois de os médicos o tratarem nas Urgências, foi transferido para um quarto particular no hospital onde dormiu descansado, graças a tranquilizantes e analgésicos. Entrei na casa de banho, vomitei e gritei com a cara escondida numa toalha. O que os atacantes lhe tinham feito fora como bater num cachorrinho perdido. E a culpa era minha.

Pouco depois da meia-noite ele acordou. Tinha um olho tão inchado que nem o conseguia abrir. O outro encheu-se de lágrimas quando me inclinei sobre ele. Chamei-o pelo nome.

– Estou aqui, estou aqui, está tudo bem – sussurrei, acariciando-lhe o cabelo. – Desculpa, meu amor. Nunca mais deixarei que te aconteçam coisas más. Juro. Perdoa-me.

A sua boca inchada e negra apertou-se. Tinha de se esforçar para formar as palavras. Inclinei-me mais para o ouvir.

– A Mãe Ursa não te pediu para me tirares de casa – acusou. Depois virou a cabeça para o lado e chorou baixinho, magoado, sem dizer mais nada.

No dia seguinte, eu já tinha percebido que o silêncio dele em relação a mim não era temporário e que tínhamos um problema sério em mãos. Liza e os outros inquilinos vieram visitá-lo; ela e Fannie Ledbetter sentaram-se junto à cama de Arthur, a dar-lhe colheradas de iogurte de baunilha que Liza trouxera. Liza sabia quais eram as suas comidas preferidas, maldita fosse. Observei do outro lado do quarto, tentando captar a atenção do meu irmão, convencida de que ele acabaria por ceder.

– Olha para isto, Arthur – chamei em tom animado, tirando uma lata de refrigerante do saco de macramé de Liza. – O teu preferido. – Abri-a, despejei o líquido num copo com gelo, coloquei uma palhinha e levei-lhe a bebida, envolta num halo urgente de arrependimento.

O rosto magoado do meu irmão contraiu-se numa expressão de fúria. Esticou a mão direita e deu uma sapatada no copo, apanhando-me desprevenida. O conteúdo espalhou-se pelo chão.

Olhei para ele, incrédula. Ele nunca tinha sido violento. A expressão enraivecida no seu rosto tornava-o um estranho. Odiava-me mesmo. Via-se.

– Arthur Powell, porta-te bem! – ralhou Fannie, de boca aberta, enquanto Liza me fitava de testa franzida.

Arthur começou a debater-se debilmente, agitando os braços cobertos de nódoas negras.

– Vá lá para fora – ordenou Liza baixinho.

Assenti com um aceno.

– Vou sair do quarto, por ele.

Percorri o corredor e sentei-me na beira de uma cadeira dura na sala de espera, agarrada aos joelhos. O meu irmãozinho, a quem eu mudara as fraldas, de quem cuidara, a quem lera histórias e que defendera quando os outros se metiam com ele, o meu irmão, a única família que me restava no mundo, não voltou a dizer uma palavra desse dia em diante, nem a mim, nem a qualquer outra pessoa.

Quando Harriet Davies apareceu no hospital uma noite, eu estava tão arrasada como parecia. Pálida, cheia de olheiras, com o cabelo preso num rabo de cavalo mal feito, com um par de calças de ganga desbotadas e sujas de café, e uma camisola de malha preta com vários fios puxados nos punhos. Tinha-me esquecido da votação sobre a construção do centro comercial. Olhei para o rosto pesaroso de Harriet e percebi.

– Perdemos, não foi?

– Sim. – Ela deixou-se cair num dos sofás de napa do hospital e soluçou. Sentei-me ao seu lado e pus-lhe o braço sobre os ombros. Peachtree Lane estava condenada. Acabava de perder o meu negócio. O peso deste impacto, por cima de tudo o resto, era demasiado para conseguir sequer chorar. Abracei-a com força, apertando-a porque isso me reconfortava, até ela soltar um gritinho de dor e se libertar gentilmente do meu abraço.

Gregory chegava na manhã seguinte. No corredor do quarto de hospital de Arthur, andei de um lado para o outro e tentei encontrar soluções e não pensar em mais nada. A meio da manhã, ergui os olhos e vi uma mulher vagamente familiar a dirigir-se a mim. De súbito lembrei-me de quem era – uma editora técnica do Centro de Controlo de Doenças, que publicava uma série de relatórios e boletins noticiosos. Estivera com ela uma ou duas vezes em festas, com Gregory. Lembrava-me dela porque era parecida comigo – alta, cabelo arruivado, não muito magra, olhos azuis.

– Está tudo bem com o Gregory? – perguntei.

– Sim. Oh, sim. – Parecia sobressaltada e parou a três metros de mim. A gabardina cinzenta ondulou à volta do fato azul amarrotado, de forma muito elegante e dramática. – Tenho de falar consigo – declarou. – Sobre o Gregory. – Depois deu meia-volta e entrou num quarto vazio. Segui-a e fechei a porta. Tinha uma boa noção de quando era preciso privacidade.

De repente ela começou a chorar e, sem aviso prévio, despejou a sua confissão sentida. Ela e Gregory eram amantes há quase um ano. Não tinham feito de propósito, mas acontecera, como era costume nestas histórias. Ela amava-o e ele amava-a, e andava a tentar encontrar uma forma de me dar a notícia.

– Você magoou-o tanto quando lhe impôs a presença do seu irmão, quando o pressionou para ser pai de um homem adulto – gemeu. – Para ele foi a última gota.

– Desculpe, preciso de ar. – Saí para o corredor. O chão sob os meus pés parecia mole e tive de me concentrar no funcionamento dos joelhos. Apoiei uma mão na parede e dirigi-me lentamente ao quarto de Arthur, caminhando como se o chão estivesse inclinado.

Chamei Liza, que saiu do quarto, olhou para mim e franziu a testa.

– Precisas de descansar – observou.

Abanei a cabeça.

– Quero que diga uma coisa ao Arthur. Daqui a um ou dois dias, quando ele tiver alta, vou levá-lo de volta para Bear Creek. Para sempre. Acabaram-se as preocupações, acabaram-se as experiências. Duvido que ele me perdoe pelo que aconteceu, mas pelo menos pode estar descansado em relação ao futuro.

– E tu? – quis saber ela.

Vi pontinhos de luz a dançarem perante os meus olhos. Tive de me sentar e respirar fundo, tive de fingir que não estava a ser arrastada de volta pela mesma mão do destino que se fechara sobre o paizinho quando ele era novo, pela maldição que mantinha os Powell em Bear Creek sem outras

opções e sem qualquer forma previsível de quebrar o círculo de mera sobrevivência.

– Eu também vou voltar para casa – respondi.

Toda a gente no condado de Tiber que ouvira os rumores ou lera nas entrelinhas sabia que eu voltara para casa falida e sem trabalho, que o meu homem se apaixonara por outra mulher e que, por minha causa, o meu irmão se recolhera num tormento reservado e silencioso. Desencadeei um nível de mexericos equivalente a casamentos, prémios comunitários, eventos religiosos, ocasiões universitárias e um almoço dos Rotários com o vice-governador.

A minha livraria, tal como todas as outras lojas em Peachtree Lane, estava agora vazia. Eu embalara e vendera o inventário com uma faca a cravar-se cada vez mais fundo no coração à medida que os livros desapareciam das prateleiras, devolvidos às editoras ou nas mãos de um desconhecido à caça de pechinchas.

Depositei dinheiro suficiente no banco de Tiberville para pagar as modestas contas da quinta durante alguns meses. Tinha apenas o verão para me instalar na casa, concentrar-me em restaurar a fé e a voz de Arthur e arranjar um emprego decente. Não queria deixar Arthur sozinho, apesar de ele não entrar em casa quando eu lá estava. Mesmo assim, tinha de ficar perto, para o caso de ele precisar de mim. Já bastava ele estar convencido de que eu o abandonara ou de que não queria saber dele.

Arthur não conseguia ou não queria falar, mas gemia enquanto vagueava pela quinta, correndo para o refúgio do bosque sempre que eu me aproximava dele, entrando em casa às escondidas para despejar comida do frigorífico ou para atirar para o chão os meus livros da estante da sala – atos de maldade que eram totalmente contrários ao seu caráter habitual.

– Está a portar-se assim por causa do desgosto e por medo – sugeriu Liza. – Tens de lhe dar tempo.

Ele dormia num quartinho minúsculo no apartamento de Liza na antiga capoeira, ou então ficava com o doutor Washington na degradada quinta dos Washington, a dez minutos a pé, através do bosque. Comecei a depender de Liza, mesmo contra a minha vontade. Ela olhava por Arthur com desvelo e chorava a morte do meu pai numa grande horta que ambos tinham criado atrás das capoeiras. Uma vez, encontrei-a a chorar e a falar com ele sobre sementes. «Thomas, estou a plantar tudo em terra boa. Não sei que mais hei de fazer.» Afastei-me antes de ela reparar em mim, zangada e triste por ela parecer sincera, por o paizinho nunca me ter contado que gostava dela, e por a ouvir tratá-lo pelo seu nome formal, algo que mais ninguém fazia ou fizera, nem mesmo a minha mãe.

Os Ledbetter mantinham um pequeno rebanho de cabras no pasto e tinham transformado um velho telheiro de gado num abrigo para os animais se alimentarem e serem ordenhados. Num pátio vedado por uma rede, viviam uma dúzia de majestosas galinhas *Rhode Island Red*, com o seu galo, fornecendo grandes ovos castanhos a todos os residentes. *Eternity*, a gata cinzenta de Liza, andava à

vontade por todo o lado e aparecia muitas vezes no alpendre das traseiras a pedir para entrar, um sinal claro de que ela – e Liza também, presumi – estavam acostumadas à hospitalidade do meu pai.

Mas os velhos canos de água erguiam-se do solo com as torneiras na ponta, como sempre, a enorme forsítia ao fundo do jardim da frente daria flor no próximo ano, tal como dera neste, ficando coberta de pequenos botões amarelos todas as primaveras. As hidrângeas azuis seriam sempre azuis. Eu conhecia cada centímetro dos dois degraus de pedra polida no alpendre das traseiras, e dos três degraus no alpendre da frente, gastos por gerações de pés dos Powell.

Ao longo dos anos, as capoeiras tinham perdido os ângulos retos e eram agora feitas de linhas suaves, como os corpos de velhas bailarinas. Tinham alpendres improvisados e divisões acrescentadas sem método, portas esquisitas, janelas irregulares e toldos desirmanados. O pequeno alpendre dos Ledbetter estava forrado de prateleiras de madeira cobertas com as suas peças de cerâmica de formas estranhas e cores suaves. Ao lado, Liza transformara o seu alpendre numa estufa aberta, um caramanchão verde incrível de rosas trepadeiras, bignónias vermelhas e jasmim.

A segunda capoeira, a cerca de uma dúzia de metros da primeira, fora dividida em espaços de trabalho – o estúdio de vidraceiro de Liza, as rodas de oleiro e fornos dos Ledbetter, a galeria de telas bizarras de Oswald.

Eu pensava constantemente nos riscos de incêndio, na falta de seguro, na fina divisória que nos separava de uma catástrofe, aos meus inquilinos e a mim. A casa da quinta não estava em melhores condições do que as capoeiras. O paizinho aprendera a ignorar com uma gargalhada as coisas que não tinha dinheiro para arranjar. Os canos roncavam e gemiam, metade dos candeeiros já não funcionava, os soalhos estavam inclinados, o telhado deixava passar água e a casa estava cheia de buracos por onde entravam visitantes peludos.

No alpendre das traseiras, coloquei um grande vaso branco. Nele, uma jovem árvore que plantara no ano anterior, a partir de um caroço de pêssego da árvore de Peachtree Lane. A velha avó árvore podia não sobreviver aos planos de construção, mas a sua descendente fundaria uma nova dinastia de pessegueiros nas montanhas.

– Vais sobreviver e vais medrar – declarei, falando com ela e comigo.

Juro por Deus.

*

Quentin dirigiu-se ao norte do estado numa manhã quente de verão. Soubera que o armazém ia ser vendido pelo mais recente de uma série de proprietários ausentes, e que em breve seria remodelado para funcionar como centro de distribuição de uma fábrica de mobiliário. Contentores pragmáticos de mobílias baratas, sofás e mesas envernizadas substituiriam os sonhos e pesadelos metálicos do pai.

Depois de entrar no edifício, dirigiu-se à porta da antiga casa de banho, arrombou a fechadura e fechou os olhos por um instante, a recordar e a tentar esquecer. Depois abriu a porta pela última vez.

Quando acendeu a luz viu o que um estranho veria – apenas um espaço pequeno e utilitário, com azulejos rachados e loiças amarelecidas. Porém, quando se apoiou num joelho e passou os dedos pelo chão frio, viu sangue e o olhar vazio do pai. Saiu da casa de banho abalado.

Ao passar pelo cubículo degradado onde o pai montara a sua residência, parou por um momento, sem fôlego. Olhou para as paredes nuas e para o velho fogão e o lavatório a um canto. Quando era rapaz, imaginara com detalhes obscenos o pai ali, com aquela mulher, a satisfazê-la. Agora reparou apenas em como o espaço era frio e deprimente, e pensou no pai a regressar ali depois dos fins de semana em casa, no que ele teria sentido.

Os trabalhadores do novo proprietário tinham afastado o velho fogão da parede alguns centímetros e deixado sacos amachucados de um restaurante de *fast food* espalhados sobre os bicos enegrecidos. O lixo incomodou Quentin. O papá sempre fora arrumado, disciplinado, asseado. Ajoelhou-se e começou a apanhar o lixo. Ao fazê-lo, reparou no que pareciam ser dezenas de envelopes no chão atrás do fogão, cobertos de pó e de teias de aranha. Afastou mais o aparelho da parede, enfiou a mão e apanhou a correspondência.

Os envelopes amarelecidos, manchados, amachucados e há muito perdidos eram, na sua maioria, publicidade e folhetos, mas no meio deles Quentin encontrou uma conta da água e olhou para o carimbo, com o coração apertado. A carta fora entregue poucos dias antes do suicídio do pai. Alguém – talvez Joe Araiza ou um dos amigos do papá que o ajudavam a tomar conta do espaço – devia ter atirado os envelopes para cima do fogão, e tinham acabado por cair para trás dele.

Zangado, endireitou-se, aborrecido por ter encontrado algo que o levava de volta àquele tempo. Estava prestes a atirar os papéis todos para um caixote do lixo, sem voltar a olhar para eles, quando uma carta caiu para o chão. Quentin olhou para o envelope de viés quando o apanhou e, ao ler o remetente, parou e franziu a testa. «Sr. Tom Powell, Quinta de Bear Creek, Tiberville, Georgia.»

Abriu o velho envelope com cuidado e tirou as duas folhas arrancadas de um caderno e escritas à mão, fortemente vincadas por vinte e dois anos de segredo. Depois retirou do envelope uma fotografia a cores desbotada pelo tempo, segurando-a com as pontas dos dedos, como um arqueólogo faria com um papiro egípcio valioso.

«Como está, senhor Richard Riconni? Não me conhece, exceto talvez pelo que a menina Betty Tiber lhe tenha escrito. Sou da família dela e ajudei-a com o Urso. Agora, lamento informá-lo de que ela faleceu – paz à sua alma – e que eu comprei o Urso. Encontra-se no meu pasto, tão seguro quanto possível. Garanto-lhe, senhor, que ali ficará para sempre e que cuidarei bem dele. Eu e a minha pequena filha, Ursula. Nós reconhecemos uma grande peça de arte quando a vemos. Junto mando uma fotografia do Urso no seu novo lar.

*

Na fotografia, ao lado do paizinho e do Urso de Ferro, eu sorria a Quentin com solenidade e timidez. Ele ficou estupefacto.

Estou à tua espera, dizia aquele sorriso de criança. *É difícil segurar este Urso sem ajuda.*

10

Fiquei sozinha em Bear Creek no feriado do Quatro de julho, o dia da tempestade. Liza, Arthur e os outros tinham ido ao Festival da Independência de Tiberville, um evento anual que festejava não só o Quatro de Julho, mas também a fundação da cidade em 1850. O paizinho e os seus inquilinos costumavam sempre arrendar uma banca na feira de artesanato. «GALERIA DE ARTISTAS DA QUINTA DE BEAR CREEK», podia ler-se na faixa colorida pintada à mão, esticada entre os postes da tenda.

Eu fiquei na quinta, entretida com um projeto que já tinha posto Oswald a resmungar e Liza a lançar-me olhares magoados. Estava a colocar uma cerca à volta do quintal.

– Vou construir uma cerca para pôr um cão. Quero ter um cão – avisara-os a todos. Na verdade, só queria impedi-los de entrar, e eles suspeitavam disso.

Abri buracos para os postes, cravei os postes, endireitei-os e tapei os buracos, tirei medidas, abri mais buracos, e dei graças pela fadiga que se sobrepunha a uma inquietação tão profunda que até o canto de um pisco me fazia sentir perdida. Há semanas que andava a tentar limpar, consertar e organizar a casa e a quinta, mas a lista de tarefas não parava de crescer.

Não estava nada preocupada com o meu aspeto; vestia uma saia de algodão desbotada e uma *T-shirt* branca. Descalça, com o cabelo húmido preso num rabo de cavalo comprido e encaracolado, prendi tábuas aos postes e comecei a pregá-las. Ainda me faltava colocar cerca de metade dos postes, mas estava farta de abrir buracos. A rede seria a última coisa.

As nuvens negras acumulavam-se sobre as montanhas e no céu atrás do celeiro e os trovões começaram a ribombar. Estremeci e percebi que estava a sentir uma mudança estranha no ar, embora estivesse habituada a respeitar as tempestades da montanha. Todas as histórias das Apalaches incluíam uma tempestade, e com razão. Elas conjuravam magia e fantasmas.

A tempestade desse dia parecia mais profunda, mais densa e mais insistente do que a maioria, trazendo ao de cima certas sensações. O ar arrefeceu com o ozono e parecia manteiga gelada na minha pele, fazendo com que me sentisse peganhenta e ansiosa enquanto martelava pregos há muito galvanizados nas tábuas macias de pinho. Começaram a ver-se relâmpagos amarelos a tremeluzir. Um trovão rebentou mais perto, com estrondo, e fez-me estremecer. As bolhas nas minhas mãos tinham começado a sangrar.

Um esquilo cinzento e gordo atravessou o pátio aos saltos. Chamava-se *Lassie*. Era uma fêmea velha, um dos animais de estimação de Arthur, o mais recente dos muitos órfãos que ele descobrira no bosque, em estado selvagem, e depois criara e domesticara.

Lassie estava a amamentar a sua ninhada mais recente, duas crias, no sótão do celeiro. Dei-lhe algumas sementes de girassol que tinha no bolso da saia e, quando acabou de as comer, *Lassie* correu até à linha de carvalhos do outro lado do quintal, que estava a escurecer na luz cada vez mais fraca. Fez uma pausa para estudar o pasto aberto entre ela e o celeiro e desatou a correr para o seu destino,

com a cauda cinzenta e peluda no ar. Eu já tinha visto o esquilo de estimação de Arthur percorrer esse descampado mais de mil vezes, e contei no meu íntimo os segundos que ela demorava dos carvalhos ao celeiro. O recorde era dez. Com o vento por trás, *Lassie* tinha boas probabilidades de o quebrar.

De súbito, uma forma escura mergulhou do céu cinzento. Vi o falcão uma fração de segundo antes de *Lassie* sentir as suas garras partirem-lhe as costas. No instante seguinte era apenas um corpo inerte pendurado, a ser levado em direção ao céu.

Oh, não, não, não, isto não!

Saí a correr da proteção dos carvalhos, a abanar os braços e a gritar, mas isso só fez com que o falcão desaparecesse mais depressa por cima da floresta do outro lado do pasto. Parei, chocada, com os relâmpagos a tremeluzir à minha volta. Era inacreditável. Não podia estar a acontecer uma coisa destas, a juntar a tudo o resto. Os falcões não caçavam durante uma tempestade. Eram pequenos horrores a somar aos grandes, e pequenas mortes por todo o lado.

Corri para o celeiro, enquanto o vento amainava de uma forma sinistra em que eu devia ter reparado, tal como devia ter reparado que as nuvens estavam a começar a girar e que a luz era agora de um cinzento arroxeado, como que filtrada por uma nódoa negra. Tinha de ir buscar os bebés de *Lassie* e levá-los para a casa. Arthur cuidaria deles e não ficaria zangado com o falcão pela morte de *Lassie*. O falcão também tinha de viver. Provavelmente tinha os seus próprios bebés para alimentar. As mães tinham de ser assassinas, pelos filhos.

Não, Arthur iria pôr as culpas em mim.

Pobre mamã esquilo, tenho tanta pena. Tanta pena. Eu cuido dos teus bebés. Posso fazer pelo menos isso. Com a cabeça a andar à roda, entrei no celeiro e subi a velha escada de madeira até ao sótão cerca de dez metros mais acima. Décadas de feno tinham formado um tapete espesso no chão de madeira. Encontrei os pequenos esquilos enroscados no centro de um ninho aconchegante de feno, raminhos e folhas, que *Lassie* construíra num cesto de ovos feito de arame, pendurado numa trave do teto. Os bebés já tinham o pelo quase todo e pareciam miniaturas da mãe. Falei-lhes baixinho: «Está tudo bem, vou levá-los comigo, está tudo bem, bebés.» Eles fitaram-me, petrificados de terror.

De súbito, o vento rugiu e fez o velho e pesado celeiro estremecer um pouco. Ergui os olhos, preocupada. Fechei a tampa de arame do cesto, prendi-a e virei-me para descer as escadas o mais depressa possível.

Nesse momento um tornado encostou a sua língua fina e comprida ao solo, a cerca de quinze metros, atingindo um par de grandes álamos. As árvores altas foram desenraizadas e tombaram, caindo sobre um dos lados do telhado do celeiro com a força de tacos de basebol gigantes. As traves gemeram e cederam, os pregos guincharam ao serem arrancados das fortes traves de castanheiro, e partes do telhado de chapa rasgaram-se como se fossem papel. Gritei e caí de joelhos, protegendo os esquilos com o corpo, e a minha cabeça com os braços.

Fi-lo um segundo tarde de mais. Uma tábua partida caiu e acertou-me na cabeça, por cima da orelha. Não desmaiei, mas vi um universo de estrelas e tive de ficar imóvel durante um momento. Quando recuperei o suficiente para me sentar, o tornado já se afastara e o mundo estava estranhamente silencioso, um silêncio quebrado apenas por rajadas de vento e pelo som da chuva. Levei os dedos ao fio de sangue que me escorria pelo lado direito do rosto e depois toquei no alto húmido por baixo do cabelo, o que causou uma vaga de dor que me deixou o crânio a latejar. Inspecionei os pequenos esquilos. Tinham-se enterrado mais no ninho e estavam em segurança. Invejei-os.

Olhei para o céu por entre as traves partidas, os fragmentos de chapa rasgada e a copa de um álamo caído. Algumas gotas de chuva caíram-me na cabeça, magoando como se fossem pedrinhas afiadas. A tremer, arrastei-me até à parede e olhei para fora pelo buraco. Mais de três metros abaixo de mim, o segundo álamo estava caído sobre o anexo do celeiro. Por baixo do telhado desse barracão destruído, sob o peso maciço do álamo enorme, eu tinha estacionado o meu carro.

O meu carro.

Encontrei um pedaço de corda forte, de prender os fardos de feno, atei-a à cintura e prendi o cesto dos esquilos a este cinto improvisado. Estava a descer a escada do sótão quando os últimos dois degraus se partiram. Caí de costas. Os esquilos, em segurança no cesto preso à minha cintura, soltaram guinchinhos débeis. Desamarrei o cesto e pousei-o no chão.

Doía-me tudo. Estava tonta e coberta de suor. Desatei a rir da loucura trágica da vida, e depois, de repente e com uma intensidade que me surpreendeu, chorei. Chorei por mim, pelo meu carro, por Arthur, pelo paizinho, pela pobre *Lassie* e pelos seus bebés órfãos, por todas as criaturas e por todos os meus antepassados apanhados no ciclo de vida e morte em Bear Creek. Quando por fim me acalmei, fechei os olhos e rendi-me ao destino, aturdida.

De súbito, um nariz frio e uma língua quente tocaram-me no rosto. Abri os olhos. Vi um cão desconhecido, grande, feio e coberto de pelo amarelo desgrenhado e molhado, a abanar a cauda enquanto me lambia o sangue da cara.

Recuei depressa, ainda sentada no chão, com todos os músculos doridos, até ficar encostada às tábuas de uma porta, exausta. O cão seguiu-me alegremente, de cauda a abanar.

– Ou estás perdido ou alguém te abandonou na estrada – disse-lhe. O meu novo amigo reparou no cesto e começou a cheirá-lo, ladrando baixinho. Os esquilos, escondidos, emitiram sons de alarme.

Do lado de fora da porta aberta do celeiro começou a chover torrencialmente. A água batia com força no que restava do telhado e abafou todos os outros sons. O cão, despreocupado, lambeu-me o cabelo ensanguentado. Havia algum sentido em tudo aquilo, pensei. Eu fingira que estava a construir uma cerca para um cão e o universo mandara-me um.

– Está bem, podes ficar – cedi, e voltei a fechar os olhos.

Segundos depois, ouvi dois sons – passos pesados no chão de terra batida, e o baque da minha

cabeça contra as tábuas da porta quando dei um salto ao sentir o toque firme de uma mão de homem no rosto. Quando abri os olhos vi um desconhecido de cabelo escuro agachar-se à minha frente, uma das botas apoiada ao lado da minha coxa esquerda e a outra plantada com firmeza entre os meus joelhos. Estávamos quase com os narizes colados e o efeito da proximidade dele fez-me suster a respiração.

Cheirava a chuva e a fumo de charutos de boa qualidade; não era velho, não era novo, mas senti-me incrivelmente inocente ao pé dele. Era o seu rosto – duro, atraente e sério, e os olhos, cinzentos como o aço e muito cínicos. Vestia calças de caqui amarrotadas e uma camisa simples. Mesmo agachado, parecia muito alto.

– Posso ajudá-lo? – perguntei. Ele não respondeu. Sem nunca tirar os olhos das traves por cima de nós, fechou a mão sobre o meu pulso.

– Segure no cesto – ordenou em voz baixa, como se o celeiro pudesse estar a ouvir. Depois puxou-me para a frente, colocou-me em cima do ombro e levantou-se comigo às costas.

Estrelas dançaram no meu campo de visão enquanto ele me tirava do celeiro. Pousou-me no chão a cerca de cinquenta metros, ainda com os braços apertados à minha volta. Assim que senti a terra sólida debaixo dos pés, firmei as pernas e fiquei tensa, ofendida pelo auxílio dele, a piscar os olhos sob a chuva. O cão estava encolhido ao nosso lado, a pingar água, com ar desolado. O homem baixou os olhos para mim com o escrutínio mais penetrante que alguma vez senti na vida.

– Foi preciso um tornado para arrancar umas tábuas àquele celeiro – anunciei, tentando afastar-me dele. – O celeiro está aqui há tanto tempo como a quinta e é feito de madeira forte de castanheiro. Com certeza que podemos… – *Ficar lá dentro para não apanhar chuva*, era o que eu ia dizer, mas nesse momento mais um pedaço do telhado abateu e uma chuva de madeiras grossas, tábuas e chapa arrancada abateu-se sobre o sítio onde eu estivera sentada sessenta segundos antes.

Os meus joelhos fraquejaram. O desconhecido segurou-me e deslizámos ambos para o chão. Ele amparou-me nos braços enquanto olhávamos para os destroços na entrada do celeiro. No meu rosto, o suor gelado e o sangue misturaram-se com a chuva.

– *Memento mori* – murmurei.

– Como? – perguntou ele.

– *Memento mori*. É latim. Significa…

– *Lembra-te de que és mortal* – concluiu ele.

Silêncio. Olhámos um para o outro com gratidão aturdida. Tínhamos gotículas de chuva nas pestanas, que nos desfocavam a visão e nos fundiam de forma desconfortável. Sim, sabíamos que éramos mortais, que estávamos bem vivos, e juntos.

E ali, naquele momento, o nosso passado, presente e futuro fizeram uma viragem abrupta numa nova direção.

Quentin não tencionara pôr as mãos em cima da criança daquela fotografia, agora uma mulher feita, nem salvar ninguém. E eu não tinha qualquer intenção de ser salva. No entanto, acabámos por nos recompensar um ao outro com um entendimento simples de vida e morte, que só podia ser transmitido numa língua morta. Quentin apresentou-se e ficou estupefacto quando o nome Riconni me fez olhar para ele com assombro e deslumbramento.

O céu estava agora limpo e a chuva era apenas uma neblina branca e quente que se erguia da terra e ondulava com graciosidade etérea através do raio de sol que incidia no pasto entre nós. Caminhámos entre os trevos, ao som da serenata de uma pomba. A minha terra recebeu-o com todos os seus mistérios e encantamentos. Ele sentia-se um pouco embriagado, apanhado de surpresa, excitado pela terra e por mim.

– O nome da sua família é uma lenda por estes lados – comentei.

Salvei-lhe a vida e ela está grata, é só isso, pensou ele, enquanto ambos tentávamos agir como se nada tivesse acontecido.

Quando chegámos ao Urso de Ferro ele ficou parado durante muito tempo a olhar para a escultura. Depois contornou-a, analisando, tocando, puxando aqui e ali, como se estivesse apenas interessado em testar as junções e a estrutura. Eu fiquei para trás, sentada na relva a uma dúzia de metros, a observá-lo, fascinada.

No caminho de acesso à minha casa estava um carro desportivo preto, salpicado com a lama avermelhada do caminho. Antes de virar para o túnel de floresta e flores que levava a Bear Creek, ele passara catorze horas numa autoestrada a descer o litoral leste. Quisera ter tempo para estudar o território, para conhecer a terra e as suas pessoas. Queria saber que tipo de gente colocaria a escultura abstrata do pai num terreno e a amaria.

O cão, criado na cidade e igualmente curioso, sentou-se na base de cimento do Urso, concentrado no pequeno rebanho de cabras dos Ledbetter e nas galinhas por trás da rede alta da capoeira. As cabras devolveram o olhar. As galinhas não. As galinhas raramente são curiosas e nunca ficam impressionadas.

Quentin ergueu os olhos para a cabeça imensa da escultura, para aqueles olhos ocos e vazios que o fitavam também, e lembrou-se com clareza do efeito que a escultura tivera nele em rapaz, ou assim lhe parecia agora. *Era um miúdo, talvez esteja a exagerar*. Mas um fragmento de memória ergueu-se na sua mente, vívido e dilacerante, e estava de novo a olhar para cima, lá tão em cima, para a *coisa* maravilhosa e informe que se erguia nas sombras da oficina de Goots. Viu o sorriso alegre do pai enquanto trabalhava na escultura, o seu rosto manchado de óleo e suor, as mãos grandes abertas num gesto de satisfação.

– Equilíbrio – gritara ele. – O que é importante é encontrar o equilíbrio! E este está perfeito!

Equilíbrio. Por um breve instante, o papá estivera em perfeita sintonia consigo próprio e com o filho, a mulher, a vida, o amor. Agora, Quentin não conseguia tirar os olhos da escultura. Queria

lembrar-se do pai assim. Queria entregar aquela escultura à mãe como uma oferenda. Ursabedoria. O Urso de Ferro. Aquelas memórias.

Girou sobre si mesmo, deparou-se com o meu escrutínio intenso e declarado e ocultou todas as emoções atrás de um escudo. Gostava da forma como o meu corpo enchia as roupas de algodão molhado. Não sabia bem o que era um campónio, e perguntou a si próprio se eu me qualificaria como tal. Só conhecia a cultura sulista através de *Popeye*, de livros e filmes. Enquanto olhava para mim e depois à minha volta, para a quinta decrépita, mas bonita, ensombrada pelas imponentes montanhas verde-azuladas, o seu peito encheu-se de uma estranha sensação de excitação. Pensou que eu não imaginava como seria fácil olhar para mim da mesma maneira como eu estava a olhar para ele.

Dirigiu-se até mim. Eu sentei-me mais direita e ele reparou. Tirou uma fotografia do bolso das calças e estendeu-ma. Quando olhei para a velha foto, sustive a respiração. O paizinho e eu, em frente do Urso, tão alegres, tantos anos antes, emoldurados pela visão frontal da minha mãe enquanto ela se atrapalhava com a máquina fotográfica que o paizinho, com muita paciência, a ensinara a usar. Ali estávamos nós, conservados numa época em que eu acreditava que a minha mãe viveria eternamente e que os sonhos do meu pai seriam sempre dourados.

Olhei de forma protetora para aquela criança pequena e inocente que era eu, e depois para o homem espantoso que me devolvera aquela memória com emoções tão contraditórias. *Diz-me como nos conhecemos há tanto tempo*, tive vontade de pedir, mas nunca seria tão sentimental com ele. Com homem nenhum.

– Continua a insistir que não precisa de ir ao médico? – perguntou ele bruscamente.

– Sim. Sinto-me bem.

– Importa-se que veja a ferida?

– À vontade. Se não vir o sol a brilhar do outro lado, é porque não é tão mau como parece.

Ele soltou um leve som tenso que talvez fosse uma risada, ajoelhou-se ao meu lado e afastou o cabelo.

– Já parou de sangrar. Não vejo o sol. – A sua mão roçou-me no pescoço quando a afastou. O meu corpo contraiu-se num suspiro profundo e agradável, como um gato a espreguiçar-se. Levantei-me e afastei-me dele o mais depressa que pude sem o insultar.

– Obrigada. Parece que vou sobreviver.

Ele percebeu que eu estava a afastar-me de propósito e franziu a testa. Não queria qualquer desconfiança da minha parte, qualquer relutância em cooperar. Afinal, preparava-se para me explicar o que queria de mim. Ou, pelo menos, o que esperava poder comprar.

Quentin tinha de levar a escultura para casa.

Olhámos um para o outro por cima da fórmica estalada da mesa da cozinha, enquanto a última luz de um etéreo pôr do Sol dourado entrava pela janela por cima do lava-louça e pela porta do

alpendre. O crepúsculo disfarçava a pobreza da cozinha, dourava a forma de bolo de alumínio amolgada na prateleira de pinho, suavizava os círculos de ferrugem das latas de café que o paizinho pintara e usara como vasos de flores, em cima do parapeito da janela com a tinta a descascar. Fechei as mãos sobre uma das bizarras canecas de cerâmica dos Ledbetter, agora cheia de vinho. Quentin tinha à sua frente um uísque, num pequeno copo de vidro rosa que Liza fizera para o paizinho. Entre nós, no tampo de fórmica, Oswald pintara um centro de mesas de rosas.

E depois Quentin acabou de explicar que queria comprar o Urso de Ferro e levá-lo para Nova Iorque. Ofereceu-se para me pagar o valor de mercado atual da escultura.

– Deve ser uns dois ou três milhões de dólares – esclareceu.

Levantei-me, pressionando os calcanhares descalços no linóleo gasto, encontrando o meu equilíbrio contra todas as probabilidades.

– Preciso de uns minutos sozinha. Esteja à vontade, está bem? Quando voltar, talvez saiba o que lhe responder.

Ele levantou-se, com ar sério. Estava à espera de uma reação simples – choque, alegria – e de uma rápida resposta afirmativa. A resposta que a maioria das pessoas daria, em particular a maioria das mulheres na cozinha de uma casa de quinta decrépita. Mas eu parecia ter levado um soco.

– Sente-se bem?

– Sim. – Forcei um sorriso e saí. Ele ficou algum tempo à escuta, perplexo. *Ela é diferente*, pensou, e saiu para o alpendre para admirar as montanhas ao luar. Acendeu um charuto e fumou durante uns minutos enquanto refletia sobre a beleza selvagem do local, o efeito assombroso da casa que a obra do seu pai encontrara por um estranho golpe de sorte. E que tipo de mulher seria Ursula Powell? Um ornamento arquitetónico que ele nunca encontrara antes?

Quentin não se envolvia na vida das pessoas mais do que o necessário, incluindo na minha. Confuso com a reviravolta que esta simples viagem dera, voltou a entrar, abriu a torneira do lava-louça e apagou o charuto. Quando ouviu um som de água a jorrar vindo de trás da porta de madeira do armário, abriu-a e viu a água a escorrer do cano do lava-louça para dentro de um balde metálico que era necessário esvaziar todos os dias.

Ficou um minuto a debater-se com a realidade daquele cano partido, como se o mero ato de se preocupar pudesse infetá-lo com uma paixão pelos píncaros sulistas e por ruivas descalças que não conseguiam dizer que sim facilmente. Despejou o balde lá fora, voltou a colocá-lo no sítio e fechou a porta do armário. *Não estou aqui para consertar a vida dela*, pensou. *Ela pode tratar disso com o dinheiro que lhe vou pagar*.

Entretanto, eu percorri o corredor escuro e estreito até à única casa de banho da casa, um espaço apertado e prático em frente da porta aberta de uma despensa com as prateleiras repletas de velhos candeeiros de querosene e caixas cheias de vegetais enlatados. Aí, tirei uma vela de cera de abelha de uma caixa empoeirada, acendi-a com um fósforo guardado numa lata de fermento com cinquenta

anos, e levei a vela para a casa de banho escura e sem janelas, como um devoto a entrar numa capela. A luz da casa de banho não era acesa há um mês; o casquilho da lâmpada começara a deitar faíscas e eu ainda não tivera tempo de estudar um manual de reparações para aprender a arranjá-la. De qualquer maneira, naquele momento precisava da escuridão reconfortante.

Fechei o trinco da porta e sentei-me na beira da banheira, a olhar para a chama amarela em forma de gota. Dois ou três milhões de dólares.

Mãezinha, paizinho? Não perdi a fé. Simplesmente vi a verdade pura e dura. Em dinheiro vivo.

Não conseguia ouvir as vozes dos meus pais, não conseguia sentir o seu espírito em mim, e rezei para que me dessem um sinal, como quando a mãezinha jurava ver crucifixos nas nuvens e nos reflexos das janelas. Queria uma revelação qualquer que me deixasse a espumar da boca num ataque de êxtase puro. Doía-me a cabeça.

No entanto, não tinha dúvidas de que só havia uma maneira honrada de prestar homenagem à minha mãe, de cuidar de Arthur e de fazer as pazes com tudo o que o meu pai sacrificara pelas suas convicções e, agora, pelas minhas. A tremer, levantei-me e apaguei a vela.

Quando voltei à cozinha, a noite caíra lá fora, a luz do teto estava acesa e Quentin Riconni estudava os fios descarnados da lâmpada por cima do lava-louça. Sentei-me à mesa, abatida, humilhada, um pouco zangada.

– Sim, a instalação elétrica precisa de ser arranjada – admiti, macambúzia. – Sim, está tudo a cair aos bocados. Não, não preciso da sua ajuda.

Ele inclinou a cabeça, encostou-se de forma descontraída ao balcão e cruzou os tornozelos.

– Não estou a oferecer ajuda. Também não estou a oferecer um suborno, a mentir ou a tentar enganá-la. Estou apenas a comunicar-lhe quanto é que a escultura vale e quanto tenciono pagar por ela.

Abanei a cabeça.

– Não é assim tão simples. De uma forma muito real, a escultura não me pertence.

– Presumi que a tivesse herdado do seu pai.

Assenti com um aceno.

– Mas é tanto do meu irmão como minha.

– Tem um irmão?

Expliquei-lhe a situação de Arthur. Ele franziu a testa.

– Mas é a guardiã do seu irmão. Pode fazer o que é melhor para o futuro dele.

Ergui os olhos para este homem de aspeto duro que, ao que parecia, não percebia nada de família.

– Aos dez anos de idade, o meu irmão ainda não tinha pronunciado uma única palavra. Sabíamos que ele era autista e que podia nunca conseguir falar. Mas, um dia, ele entrou em casa e, sem mais nem menos, virou-se para mim e para o paizinho e disse: «A mãezinha pediu-me para vos contar que

me magoei. E avisou-me para não voltar a brincar com cobras.» Estendeu o braço. Tinha duas marcas na mão. Fora mordido por uma serpente venenosa.

– Então ele falou – concluiu Quentin calmamente. – Acontece.

– Não foi só falar. Tem de compreender que a nossa mãe vinha de uma família de… fundamentalistas religiosos. De uma religião muito rigorosa e severa. Usavam as cobras para provar a sua fé. Ela foi mordida por uma cascavel, quando era rapariga, e teria morrido se o meu pai não a tivesse afastado da família. Assim, nesse dia, quando o Arthur entrou em casa e nos contou que ela o tinha avisado quanto às cobras…

– Com certeza já tinha ouvido essa história.

– Talvez. É provável. Não nos lembrávamos se alguma vez tínhamos falado sobre o passado da mãezinha à frente dele. Enquanto o levava para a carrinha, o meu pai perguntou ao Arthur onde estava quando a mãezinha falou com ele e Arthur apontou para o Urso de Ferro. «Mãe Ursa», indicou. Decidira que a escultura falava, ou que a nossa mãe falava com ele através da escultura. Desde então que acredita nisso.

Hesitei, mas decidi que não tinha como escapar e contei a Quentin o que acontecera ao meu irmão em Atlanta.

– Magoei-o, menti-lhe, não cuidei dele como devia. Por isso agora o Urso está sozinho e vai morrer, e ele já não consegue falar. Aquela escultura é a única esperança que tenho de conseguir chegar até ele outra vez.

– Tenho a terrível sensação de que me vai responder algo que eu não quero ouvir.

Respirei fundo. Doía-me tudo. A desilusão ardia-me nos ossos, mas não podia haver qualquer equívoco, nem racionalidade fria ou esperança sem fundamento, e não havia lugar para espírito prático.

– Não posso vender-lhe o Urso de Ferro – declarei, baixinho. – Por dinheiro algum.

Ele olhou para mim, assombrado. Estava à espera de ter de negociar, de ser forçado a pagar mais do que oferecera, de ser menosprezado e investigado antes de alguém o levar a sério, mas a última coisa que esperava era ouvir que a obra do seu pai valia mais do que qualquer dinheiro do mundo.

– Deixe-me falar com o seu irmão.

– Não servirá de nada. E não o permito. Ele morre de medo de desconhecidos.

– Precisa ou não do dinheiro que lhe ofereci? – Conseguiu fazer a pergunta com uma admirável falta de ironia.

Ri-me.

– Para ser franca, estou falida e nem sequer sei como vou pagar as contas daqui a alguns meses. Mas esta situação não pode ser resolvida com dinheiro.

– Tenho a sensação de que a escultura não significa muito para si… não parece muito sentimental em relação a ela. Devia ser fácil tomar uma decisão e convencer o seu irmão.

– Está enganado. Ninguém pode ser neutro em relação ao Urso de Ferro. É aí que está a sua genialidade… é por isso que tem um efeito tão forte nas pessoas. Tenho a certeza de que esse sentimento de provocação, essa vitalidade apaixonada, essa *vida*, foi o motivo para que as esculturas do seu pai tenham acabado por ser reconhecidas. Se forem todas como o Urso, elas entram dentro de nós e falam. Não conseguimos calá-las. – Fiz uma pausa. – Não sei se estaria disposta a vendê-la caso o Arthur concordasse, mas é provável que sim. Não sou estúpida. Esse dinheiro mudaria o futuro da minha família. Mas não vale a pena pensar nisso. Não *terei* família se partir o coração do meu irmão.

De testa franzida, ele limpou as mãos a um pedaço de papel de cozinha. Com uma precisão surpreendente, atirou o papel amachucado para um balde de lixo metálico que o paizinho pintara de azul vivo com bolas cor de laranja. Tinha uma pontaria perfeita. Homens como ele têm um talento especial para atrair as mulheres para um estado de dependência que parece muito mais seguro do que acaba por se revelar.

– O lugar da escultura é num museu – explicou ele. – Não num pasto. É a obra definitiva da carreira do meu pai. Devia estar exposta onde as pessoas a pudessem apreciar.

– Vivi com ela a vida inteira. *Conheço* o seu poder muito melhor do que você. Se pensa que não é apreciada aqui, no meu bosque, está muito enganado.

– Vende-a se eu subir a minha oferta? – perguntou.

Mais de três milhões de dólares? Levantei-me, a tremer. Ele estava a torturar-me.

– Volte para Nova Iorque, senhor Riconni. Não sabe o que diz. Nem sequer me está a ouvir.

Ele fitou-me com ar curioso, examinando-me como se fosse algo que não podia existir na natureza. Reconheci a sensação. Já tinha desmanchado carcaças de galinha até ao osso, separado a carne e as veias, observado os tendões e as articulações partidas. Depois de um minuto sob o escrutínio de Quentin, percebi como era ser retalhada em pedaços.

O feitiço quebrou-se com o som de um carro. Quando espreitei pela janela da cozinha confirmei que eram os faróis da antiga carrinha *VW* dos Ledbetter, a puxar um pequeno reboque que todos os inquilinos partilhavam. Os Ledbetter tinham levado toda a gente para o festival e o reboque estava cheio de caixas e telas para a banca. Voltariam de manhã para o segundo dia. Acendi os dois holofotes que iluminavam o pátio das traseiras.

– Está prestes a conhecer o Arthur – informei.

– Tem a minha palavra de que não lhe falarei sobre a minha oferta para comprar a escultura.

Olhei para ele por um momento e avisei rapidamente:

– Espero bem que a sua palavra valha alguma coisa.

Segundos depois, Arthur saiu da escuridão, com Liza a correr atrás dele. *Hammer* levantou-se do sítio onde estava a dormitar e ladrou, mas depois calou-se de repente, como se tivesse reconhecido em Arthur um cão amistoso.

– Já lhe contei o que aconteceu à *Lassie* – lançou Liza, ofegante, assim que chegou à porta. Tinha-me telefonado uma hora antes para me avisar que estavam a sair e eu dera-lhe a notícia sobre o celeiro e os esquilos. – Arthur, Arthur, acalma-te – pediu, com a volumosa saia azul de camponesa a esvoaçar à sua volta como a cauda de um tordo. O cabelo castanho de Arthur estava desgrenhado e o seu bonito rosto pálido contraído numa expressão infeliz. Passou as mãos pela *T-shirt* e pelas calças de ganga, como se estivesse a preparar-se para atacar, enquanto subia a correr os degraus do alpendre. Abriu a porta com estrondo, entrou na cozinha e fitou-me com fúria nos olhos húmidos.

Apontei para um armário e Arthur precipitou-se para ele. Quando abriu a porta, os esquilos bebés estavam empoleirados no cesto de arame. Guincharam de alarme e esconderam-se nas profundezas do seu ninho transplantado. Arthur emitiu um som reconfortante, pegou no cesto e dirigiu-se à porta. Bloqueei-lhe o caminho. Oswald, Juanita e os Ledbetter estavam a avaliar a forma como eu lidava com a situação de Arthur, como sempre, nas sombras do alpendre.

– Arthur, podes ouvir-me por um minuto? – Estendi as mãos para o meu irmão. – Não consegui fazer nada para deter o falcão. Eu tentei. Foi tudo muito rápido. Mas tentei, juro que tentei.

Ele empurrou-me, passou por mim e por Liza e saiu para o pátio. Corri atrás dele e segurei-lhe no braço.

– Arthur, não podemos continuar assim. Tens de falar. Tens de me ouvir. Eu queria que a *Lassie* vivesse, e quero que tu vivas. És meu irmão. Adoro-te.

Arthur girou sobre si próprio e empurrou-me com força, um ato de violência tão fora do normal que percebi que o fizera por impulso, não por maldade. Caí de costas e uma pontada de dor na cabeça ainda sensível roubou-me o fôlego. Apercebi-me vagamente de Liza inclinada sobre mim, e depois Quentin, que se ajoelhou e me pousou a mão na testa. A sua presença desafiadora fez com que me sentasse antes que ele pudesse ajudar-me. Arthur estava agachado do outro lado, a chorar baixinho e a bater no meu joelho com as costas da mão.

– És o quê, meu amor? – perguntei, com dignidade estrangulada, apoiando os cotovelos no chão e tentando ignorar a bílis que me subia pela garganta. – Que animal és agora? Por favor, diz-me.

Ele arranhou o ar, depois a garganta, bateu com as mãos na testa e agarrou-me na mão, que encostou ao rosto enquanto se baloiçava para trás e para a frente.

– Eu estou bem, Arthur. Não vou morrer. Estou bem. Não chores, meu amor. Por favor, fala comigo. Sei que és capaz. Não precisas de permissão do Urso. Ainda nos temos um ao outro. Por favor diz-me que animal és. Quero compreender.

Ele chorou e baloiçou-se. De súbito, ouvi uma voz grave chamar:

– Arthur? *Arthur*. Olha para mim.

Após um segundo apercebi-me de que Quentin estava a falar com o meu irmão. Arthur parou de chorar e olhou para ele. Quentin estendeu a mão.

– *És um homem* – declarou Quentin. – E um *homem* pede à irmã desculpa por a ter atirado ao

chão.

O meu irmão recuou para as sombras como um caranguejo, apertando o cesto de arame contra o peito e olhando para Quentin de boca aberta.

– Não tenhas medo – tranquilizei-o rapidamente. – Arthur, este é um… um amigo novo. Ele não te fará mal. – Depois virei-me para Quentin. – Não queira impor-lhe o seu *machismo* cavalheiresco. Ele não o percebe.

– Claro que percebe. – Quentin esperou, ainda de mão estendida. Não era ameaçador; no seu rosto havia apenas calma e paciência. – Arthur, eu chamo-me Quentin Riconni – apresentou-se. – *E sou irmão do Urso de Ferro*.

Silêncio. Lancei um olhar de aviso a Quentin. Ao meu lado, Liza soltou uma exclamação assombrada. Arthur susteve a respiração.

– Sou irmão do Urso de Ferro – repetiu Quentin com todo o cuidado. – E estou a dizer-te que a Mãe Ursa gostaria que fosses um *homem* e pedisses desculpa por teres magoado a tua irmã.

– Pare com isso – ordenei. – Arthur, não faz mal…

Nesse momento Arthur murmurou:

– *Irmão Urso?*

Depois pousou o cesto no chão, pôs-se de gatas como uma cria de urso, aproximou-se de Quentin, lançando-lhe olhares urgentes e emocionados, e estendeu a mão trémula. Quentin continuou apoiado num joelho, como se aguardasse que o armassem cavaleiro. Arthur tocou-lhe na mão, ganhou coragem, apertou-a, depois examinou os dedos, a palma e as articulações, como se estivesse à procura de garras metálicas e tendões de arame. E, pelos vistos, encontrou-os.

A tremer de excitação, Arthur largou-lhe a mão e gatinhou até mim.

– Pediste-lhe para nos vir visitar?

– Não, não posso… Arthur, não quero que acredites…

– Sim, pediu – interrompeu Liza, silenciando-me com os olhos azuis. – Arthur, a tua irmã sabia que tu querias conhecer o Irmão Urso e trouxe-o aqui de propósito para te visitar. Porque ela gosta muito de ti e sabia que precisavas do teu irmão para te ajudar e para deixar a Mãe Ursa feliz outra vez.

Os olhos de Arthur cintilaram. Tocou-me no rosto com a ponta de um dedo, tão trémulo como uma folha a cair sobre a minha pele. Surpreendida e emocionada, olhei para ele. Depois o meu irmão afastou-se, pegou no cesto, pôs-se em pé e olhou para Quentin.

– Até amanhã! – exclamou alegremente, e desapareceu na noite. Um silêncio aturdido abateu-se sobre o pátio. Todos os inquilinos estavam a olhar para Quentin. E eu também.

– Meu Deus – exclamou Oswald no seu sotaque arrastado. – O Arthur *falou*. Ele acreditou nessas tretas.

Liza pôs-se também em pé e lançou um olhar firme a Oswald.

– Aconteceu aqui algo de especial e não admito troças. Há forças em ação que não podem ser ignoradas.

Oswald resmungou entre dentes, mas não abriu mais a boca. Os Ledbetter acenaram ambos em concordância. Juanita benzeu-se.

Quentin estendeu a mão para me ajudar a levantar e eu aceitei sem pensar, mas assim que me vi de pé afastei-me dele. Precisava de o estudar de uma distância segura, para compreender este homem que analisava pessoas e celeiros com instintos tão implacáveis para identificar as suas fraquezas.

– Agora arranjou maneira de fazer parte das nossas vidas – lancei-lhe. – Não sei bem se quero que volte, mas não tenho grande escolha. O meu irmão está à sua espera.

Ele assentiu com um aceno e chamou o cão. Os inquilinos fitaram-no como se a tempestade dessa tarde tivesse conjurado um espírito das montanhas Apalaches com sotaque de Brooklyn. *Em que é que me estou a meter?* estava ele a perguntar-se. Não quisera aproveitar-se da fé infantil do meu irmão e preocupava-o que Arthur se tivesse aberto a ele de forma tão instantânea e com tanta confiança. Também não tencionara preocupar-se comigo. Mas tinha de obter a escultura.

– Até amanhã, *Irmã Ursa* – despediu-se. E, com estas palavras, partiu.

11

Passei a maior parte dessa noite no meu computador portátil, a esquadrinhar a *internet* em busca de histórias do mundo artístico sobre o pai de Quentin e a fama recente que o conduzira até mim e ao Urso de Ferro. Encontrei confirmação de todos os factos básicos que ele mencionara, e li um relato pormenorizado do leilão de janeiro que me deixou com a cabeça a andar à roda.

Tentei dormir, mas fiquei às voltas na cama debaixo da velha manta de trapos, a olhar para as tábuas do teto. Arthur *falara*. O meu irmão estava a recuperar – finalmente – mas eu não podia permitir que ele ficasse preso nalguma fantasia sobre Quentin Riconni, que era apenas um desconhecido de passagem. Para a próxima vez, os danos à natureza confiante de Arthur podiam ser permanentes.

Mas este homem salvou-te a vida. O dilema deixava-me dividida. Levantei-me poucas horas depois, tomei uma aspirina e bebi um café adoçado com mel de azedas. Nessa manhã, ainda vestida com as calças de ganga e a *T-shirt* da noite anterior e o cabelo despenteado, peguei na carrinha colorida do paizinho e dirigi-me a Tiberville. Tencionava encontrar Quentin num motel local e voltar a apresentar o meu caso. Tinha de lhe pedir, o mais amavelmente possível, que voltasse para de onde viera. Que me deixasse em paz, a mim e a Arthur. Que nos deixasse esquecê-lo, o que já seria bastante difícil de fazer.

Parei no Quik Boy pelo caminho e enchi um copo de plástico com café simples, para estar bem alerta quando falasse com Quentin, que já seduzira a amizade do meu irmão. A empregada da manhã no Quik Boy era uma antiga colega de escola chamada Rita, que me lançou um olhar curioso. A notícia já se espalhara.

– Sabes que o teu ianque está na cadeia? – perguntou.

Deixei o café em cima do balcão.

Ele acordara cedo e, agitado, fora dar um passeio sob o sol de primavera, inspecionando o terreno como um soldado. *Hammer* ficara a ressonar numa das camas no quarto de motel. Enquanto subia a rua de duas faixas que levava à praça central, Quentin pensou: *É uma cidade bonita. Tem boas linhas*. Catalogou mentalmente o bairro da viragem do século, os graciosos campanários da igreja, os edifícios da universidade espalhados pelos relvados verdes e a cúpula dourada do tribunal a espreitar acima da copa das árvores.

Não conseguia deixar de pensar em Arthur e em mim, uma ruiva descalça que citava frases em latim e recusava dinheiro por uma questão de princípio. Eu fazia-lhe lembrar os *puzzles* metálicos da sua infância, algo de que não se lembrava há anos, tanto que deu por si a pensar: *E se eu fosse livre para ficar com ela?* O pensamento sobressaltou-o. *Livre de quê?* Não sabia.

Os pássaros cantavam, alguns carros percorriam preguiçosamente as ruas e, algures à distância,

se prestasse atenção, até conseguia ouvir galos a cantar. Uma estranha sensação de calma abateu-se sobre ele. Este mundo sossegado era tão idílico que não sabia se havia de admitir que estava encantado, ou afastar-se dali com desconfiança.

Comeu ovos mexidos, *bacon* e torradas no restaurante principal de Tiberville, no largo, divertido ao enfiar a colher na tigela de papas de aveia fumegantes que a empregada lhe trouxera sem lhe perguntar se queria. Sentiu os olhares dos locais e a curiosidade dos visitantes suburbanos vindos de Atlanta para o festival do Quatro de Julho.

Como sabiam que ele não era dali? Ao fim de um bocado, Quentin percebeu que os outros homens sentados ao balcão com ele tinham temperado as papas quentes com sal, pimenta e manteiga, enquanto ele estava a fazer experiências com açúcar e leite. Homens de boné e camisas de caçador olhavam-no de lado, com sorrisos trocistas.

– A seguir vai pôr *ketchup* – brincou um.

– É assim que comemos as papas de aveia em Brooklyn – anunciou Quentin à porta, e saiu seguido por um rasto de gargalhadas. As pessoas esticaram o pescoço para ver onde ele iria a seguir.

Passeou pelo largo do tribunal, agora ocupado por tendas e bancas, embora ainda fosse cedo para muita atividade. Havia apenas alguns vendedores de artesanato a preparar as bancas de lona simples para o segundo dia do festival. A faixa da «GALERIA DE ARTISTAS DA QUINTA DE BEAR CREEK» deteve-o. Fora o meu pai que a pintara. De ambos os lados, tinha uma imagem simples, mas sentida, do Urso de Ferro.

Gostava que o papá tivesse conhecido o Tom Powell, pensou Quentin. Perturbado com a tristeza e os remorsos que lhe invadiram o peito, virou costas ao largo e começou a explorar uma rua estreita de lojas. Reparou no letreiro «aberto» na pequena loja de antiguidades de Luzanne Tiber, ao fundo da rua. Chamou-lhe a atenção a mecânica simples de um distribuidor de sementes antigo, para ser puxado por uma mula, que se encontrava em exposição no pequeno relvado. Aproximou-se para estudar a alfaia arcaica e depois entrou para perguntar o preço.

A irmã mais velha do senhor John não costumava trabalhar na loja, deixando-a a cargo de um primo idoso, o senhor Beaumont Tiber. O senhor Beaumont tinha pelo menos oitenta anos, era frágil e duro de ouvido. Quando entrou, Quentin encontrou-o a tremer, encolhido numa velha cadeira de braços por trás de uma escrivaninha de tampo de abrir. Ao vê-lo, o homem levantou-se, cambaleante. Pelos vistos, a chegada de um desconhecido alto e forte era reconfortante.

– Senhor, por favor fique aqui comigo até a polícia chegar – sussurrou ele a Quentin, lançando olhares furtivos para a entrada de uma segunda sala de exposição. – Tenho lá atrás dois jovens que estão *fora de si*, senhor, *completamente fora de si*, e não me consigo livrar deles. Roubaram uma colher de prata ali daquele cesto e tenho quase a certeza de que também tiraram uma bússola antiga dali. Espere aqui um minuto, senhor, por favor. Não quero ficar sozinho.

– Eu espero – concordou Quentin, e encostou-se ao balcão com a calma e a tranquilidade de um homem que não precisa de anunciar as suas capacidades. Fixou os olhos na entrada da outra sala. Não tinha intenção de fazer mais nada.

Os clientes regressaram à parte principal da loja e estacaram ao vê-lo, inseguros quanto ao que fazer. Corpulentos, de cabelo à escovinha, com *T-shirts* das corridas de carros de NASCAR, calças de ganga novas e ténis caros, depressa começaram a barafustar, como dois arrogantes lutadores de *wrestling* profissionais.

– Não pago vinte dólares por isto. Não vale tanto. Dou-lhe dez – anunciou um deles em voz alta, atirando umas tenazes de ferro feitas à mão para cima da secretária do senhor Beaumont. As tenazes derrubaram uma caneca de plástico com chá gelado. O senhor Beaumont gemeu, consternado, e começou a afastar os seus papéis enquanto, com a outra mão, puxava lenços de papel de uma caixa.

O homem que causara o acidente recuou com ar enojado.

– Desculpe – pediu, sem sinceridade. Quentin aproximou-se, pegou nas tenazes, afastou-as e desviou uma pilha de catálogos. O senhor Beaumont tremia cada vez mais enquanto limpava o líquido castanho-claro espalhado sobre o tampo de madeira antiga.

– Trabalha aqui, é? – berrou o outro homem para Quentin, e o amigo riu-se.

Quentin pousou os catálogos em cima de uma vitrina.

– Estou só às compras. Estava a pensar adquirir umas tenazes. – Pegou nas tenazes e colocou-a também em cima da vitrina. – Na verdade, acho que vou levar estas. E pago os vinte dólares.

Os risos morreram imediatamente.

– Que raio pensa que está a fazer?

Quentin virou-se para os dois homens sem qualquer sinal claro de fúria ou ameaça, mas ambos olharam para a cara dele e recuaram um passo. Ouvia-se agora ao longe a sirene de um carro da polícia.

– Quero estas tenazes, só isso.

Após um momento de tensão, o líder soltou uma fungadela desdenhosa.

– Quero lá saber, fique com elas. Também não as queria para nada. – Ele e o amigo passaram por Quentin e saíram. O senhor Beaumont torceu as mãos.

– Oh, vão desaparecer e levar os artigos que roubaram. A Luzanne nunca me perdoará.

– Vou tentar mantê-los por aqui até a polícia chegar.

– Oh, obrigado, obrigado, senhor, é muito amável. Abençoado seja!

Quentin saiu e seguiu os dois homens até uma carrinha vermelha reluzente, de último modelo, estacionada com a roda em cima do passeio.

– Que diabo quer agora? – perguntou o condutor, enquanto abria a porta.

– Quero que esperem aqui e deem uma palavrinha aos agentes da polícia. – Quentin apontou para a entrada da rua, onde um carro patrulha de Tiberville estava a quinze segundos de aparecer.

– Uma merda! – O condutor começou a subir para a carrinha. Quentin teve visões de uma perseguição policial pelo meio da praça principal, que entretanto começara a encher-se de pessoas para o início do segundo dia de festival. Deu dois passos rápidos, agarrou na camisa do homem e, quando este deu por isso, já estava no chão, de cara para baixo. Quentin estava ao lado dele, com um pé apoiado com firmeza na sua nuca. Puxou o braço esquerdo do homem para cima e rodou-o de determinada maneira. Depois segurou-o pelo pulso apenas com uma mão.

– Se se mexer, parto-lhe o braço – avisou calmamente.

Com a mão livre, tirou a navalha do bolso das calças de caqui e, quando o segundo homem se precipitou para ele, a gritar obscenidades, Quentin abriu a lâmina comprida. O homem estacou com a ponta da faca debaixo do queixo.

Foi esta a cena que o agente Rexie Brown encontrou quando parou o carro. Rexie andou comigo na escola secundária e lembro-me de que era grande, simples e gostava de jogar futebol americano sem capacete. O senhor Beaumont estava inanimado atrás da escrivaninha de abrir. Rexie sacou da arma, chamou reforços e prendeu toda a gente, pelo sim, pelo não.

Eu estava mais familiarizada com a cadeia de Tiberville do que gostava de me lembrar. Senti um nó no estômago quando uma agente me conduziu até à cela de detenção. Quentin estava de costas para nós, a olhar pela pequena janela gradeada para a horta pessoal do xerife. Dentro de pouco tempo, os detidos com penas mais curtas, nos seus uniformes às riscas, começariam a plantar os rebentos de primavera. Mais para o final do verão, outros prisioneiros venderiam os vegetais no mercado de agricultores de Tiberville. Os lucros iam para um fundo de ajuda a famílias necessitadas.

– Espero que goste de terra e de quiabos – disse-lhe.

Ele virou-se lentamente. Não havia dúvidas de que era um homem atraente, e de que os olhos cinzentos e frios e o sorriso um pouco sardónico tinham um efeito surpreendente.

– Deus nos valha – murmurou entre dentes a agente, uma senhora já com netos.

– Só como quiabos com as minhas papas de aveia – respondeu ele.

A agente abriu a porta da cela para eu entrar e voltou a trancá-la.

– Obrigada, senhora Dixon.

Ela ergueu uma sobrancelha grisalha.

– Sempre disse a toda a gente que havias de acabar aqui outra vez.

Depois de ela se afastar, sentei-me num banco corrido encostado à parede. Ele sentou-se ao meu lado.

– Costuma andar sempre com uma navalha de ponta e mola? – perguntei.

– Era acessório obrigatório no sítio onde cresci. Nunca perdi o hábito.

– Quando a abriu, o senhor Beaumont pensou que fosse cortar o pescoço a alguém. Está internado no hospital com palpitações. Ainda não recolheram o depoimento dele.

– Eu já contei *a minha versão* da história. A polícia encontrou o que eu lhes indiquei que encontrariam nos bolsos dos meus *amigos*. – Abriu as mãos. – Oiça, regra geral meto-me na minha vida. Não vim aqui para me envolver em nada, nem para arranjar reputação de bom samaritano, sequer para fazer alguma grande declaração em nome da obra do meu pai. Vim apenas comprar a escultura do Urso.

– Então é melhor parar de salvar pessoas.

– Parece que acredita na minha inocência.

– Arriscou a sua segurança para me tirar daquele celeiro, ontem. Não o imagino a aterrorizar o velho senhor Beaumont.

Ele estalou os dedos.

– A minha regra é enganar sempre idosos, mulheres e crianças com a minha falsa devoção.

– Cuidado, é a minha também – respondi, em tom tão ligeiro quanto consegui.

O humor dissipou-se da expressão dele. Indicou a porta com um aceno.

– O que é que a agente queria dizer quando afirmou que sempre soube que a voltaria a ver aqui? – Não respondi e fitei-o em silêncio. Ele ergueu uma sobrancelha. – Sou um ianque curioso – insistiu, e eu cedi.

– Quando era adolescente, trabalhei na fábrica Tiber de processamento de galinhas. Tentei sindicalizar os operários. Saltei para cima de uma mesa com um cartaz a exigir «SINDICATOS JÁ». Fui despedida, por isso voltei no dia seguinte e colei cartazes do sindicato na parede da sala dos funcionários. Quando me recusei a pedir desculpa e a prometer que não voltaria a fazê-lo, o senhor John mandou-me prender. John Tiber. Ainda é meu primo.

– O seu próprio primo prendeu-a?

– Sim. Se calhar pensava que, por estes lados, nos limitávamos a *casar* com os nossos primos, não?

A piada de mau gosto não diminuiu a curiosidade dele.

– Como é que o assunto se resolveu?

– Pedi humildemente desculpa e libertaram-me.

– Bom, era apenas uma miúda.

– Não está a compreender. – Hesitei mais uma vez. Campainhas de alarme começaram a disparar nos meus sistemas de defesa. Estava a falar demasiado sobre mim a este homem, e não percebia por que motivo isso me parecia tão necessário. *Nunca* tinha falado a Gregory sobre este incidente. – O meu pai apareceu aqui e insistiu em ser detido comigo. Recusou-se a arredar pé. Só pedi desculpa para *ele* ser libertado. Não merecia essa humilhação. Teve humilhações mais do que suficientes ao longo da vida.

Silêncio. Por fim, Quentin acenou com a cabeça.

– É mais fácil quando somos só nós. Podemos aguentar o que for preciso se não tivermos de nos preocupar com mais ninguém.

Ele compreendia. Abalada, levantei-me à pressa e comecei a remexer na mala como se estivesse à procura de alguma coisa. *Não pares. Ele está no negócio de recuperação de coisas. Está a desmontar-te para ver o que tem valor e depois o usar contra ti.*

– Nunca pensei nisso dessa maneira, mas sim, é verdade. Claro que as pessoas que amamos devem merecer esse esforço. E ele merecia-o.

– Invejo o que sente pelo seu pai – comentou Quentin baixinho.

Parei e olhei para ele, curiosa em saber porque não podia dizer o mesmo em relação ao seu próprio pai. De súbito reparei que ele tinha vergões vermelhos e inflamados no interior dos pulsos. Esqueci-me de tudo o resto. A revolta ferveu dentro de mim. Fora Rexie que lhe fizera aquilo, com as algemas. Aquele campónio desastrado.

– Raios! – exclamei, sem qualquer charme. – Os seus pulsos.

Ele baixou os olhos como se ainda não tivesse reparado.

– Não é nada.

Abri a mala de macramé e tirei a latinha de bálsamo para úberes.

– Dê cá. – Voltei a sentar-me ao seu lado, coloquei um pouco de creme espesso na ponta do dedo e inclinei-me sobre as mãos dele, espalhando o unguento sobre cada marca vermelha. Quando guardei a lata na mala, o meu olhar cruzou-se com o dele. Estávamos mais perto um do outro do que eu me tinha apercebido, ou então aproximara-me sem dar por isso. Trocámos um longo olhar silencioso que me deixou o coração acelerado.

– Obrigado – agradeceu-me ele.

– É pomada para tetas. Também a estou a pôr no corte que fiz na cabeça ontem. No decurso da minha vida, acho que já a usei em todo o lado exceto em tetas.

Ele soltou uma risada, levantou-se e aproximou-se de novo da janela. Encostou-se à parede e inspecionou-me com ar divertido.

– Então, tenciona organizar um protesto por mim? Não é preciso. Veja só se consegue que me libertem sob fiança. E cuide do meu cão.

– Não. Você é o *meu* ianque. Já toda a gente decidiu isso. Não o vou abandonar.

Ele fulminou-me com outro olhar astuto, agora repleto também de admiração. Não consegui afastar o rosto.

– Têm companhia – avisou a avó agente ao dirigir-se à cela. Aproximei-me das grades quando ela apareceu com o senhor John e destrancou a porta. O senhor John olhou para mim com ar importante e aborrecido, e depois virou-se para Quentin de sobrolho franzido.

– O que é que temos aqui? – inquiriu.

– Ele estava só a proteger o senhor Beaumont – expliquei.

A porta abriu-se. O senhor John entrou e marchou em direção a Quentin.

– Eu sei. Sei muito bem. O velho Beau acabou por se acalmar e não para de dizer a quem o queira ouvir como você é maravilhoso. Posso não aprovar os métodos que usou, mas estou aqui para pedir desculpa pelo inconveniente e para lhe agradecer. É um homem livre, senhor Riconni. – Estendeu a mão. – John Tiber.

Quentin olhou dele para mim durante uns segundos, um espaço de tempo que embaraçou o senhor John e lhe fez subir o sangue às faces bem barbeadas.

– É o seu primo? – perguntou. Fiz que sim com a cabeça, espantada.

Quentin virou-se para o senhor John e perguntou, em voz calma:

– Foi o senhor o responsável pela retirada da escultura do meu pai dos terrenos da universidade? – Captou a atenção do senhor John com uma facilidade espantosa, com a voz grave, as mãos caídas ao lado do corpo. Sem subir de tom, sem qualquer ameaça física, apenas com o conhecimento puro e completo do seu próprio caráter, do seu objetivo.

O senhor John baixou a mão e pestanejou, espantado.

– Sim, fui.

– E vendeu-a ao Tom Powell?

– Sim.

– Caso contrário, teria sido vendida para sucata?

– Eu… sim.

– Foi o senhor o responsável pelo facto de a universidade mentir a quem lhe perguntasse o que acontecera com a peça?

O senhor John começou a ficar irritado.

– Fui eu, de facto, o responsável. Está a chamar-me mentiroso?

– Sim. Gostava apenas de saber porquê.

– A minha família fundou esta cidade, senhor Riconni, e somos responsáveis por aquilo que nela entra e que dela sai. Incluindo *supostas* obras de arte. – O senhor John virou-se para mim com ar furioso. – Ursula Victoria Powell, importas-te de explicar a este cavalheiro como as coisas funcionam por aqui? Vim para lhe agradecer, não para ser acusado de crimes que nunca cometi.

– Ele tem boas razões para querer respostas – respondi-lhe da forma mais educada que encontrei. – Não custava nada pedir desculpa à família Riconni. A mãe dele passou anos a lamentar a perda do Urso. A universidade disse-lhe que tinha sido destruído.

O senhor John olhou para mim como se eu tivesse perdido o juízo.

– *Ouve lá!* O teu pai tinha uma data de ideias disparatadas, e fiz o que podia para tentar dar-lhe um bom exemplo, mas ele nunca o quis seguir. Se por vezes tive de ser duro, foi para o bem dele, tal como estou a tentar ser firme com este indivíduo, para o seu próprio bem. Não vou pedir desculpa por nada. Vim aqui para fazer um gesto nobre em nome do Beaumont e dou por mim a ser insultado!

Olhei para ele, com a cabeça cheia de *ideias disparatadas*.

– Senhor John, se calhar é melhor sentar-se – aconselhei, entre dentes. – Tenho notícias para si. As esculturas do Richard Riconni são agora bastante valiosas. O Urso vale uma fortuna.

O senhor John olhou para mim de boca aberta, e depois para Quentin.

– Não acredito – balbuciou.

Quentin confirmou com um aceno.

– O que acredita ou deixa de acreditar é irrelevante. Qualquer pedido de desculpa que apresente é-o igualmente. Vim aqui para comprar a escultura e a levar de volta ao lugar onde pertence. É um negócio, não tem nada a ver com sentimentalismos familiares. Quero apenas saber a verdade.

O senhor John endireitou as costas.

– Se essa escultura vale algum dinheiro, então pode ter a certeza, senhor Riconni, de que a minha família merece uma boa parte do crédito… *e* do dinheiro.

– *O quê?* – Avancei sobre ele com passos lentos, incrédula. Ele olhou para mim de sobrolho franzido. – Senhor John, não pode estar a falar a sério.

– Claro que estou. Foi a menina Betty que pagou a escultura. Foi ela que a encomendou.

– Mas vendeu-a ao meu pai!

– Uma transação morna e informal, para dizer o mínimo. – Olhou para Quentin. – Quanto é que ela vale agora?

Quentin olhou para ele como se estivesse a observar um inseto espantoso, algo tão básico em termos biológicos que um observador só podia admirar a sua ameaça primitiva antes de o esmagar.

– O preço faz parte de uma negociação privada com a família Powell.

– Estou a ver. É o que o senhor julga!

– O que eu lhe garanto é que o senhor nunca verá um cêntimo do dinheiro. Aviso-o desde já que passará o resto da sua vida a lutar contra *mim* em tribunal, porque, se puser em causa a propriedade da Ursula, eu contratarei advogados para a defenderem.

O senhor John era um buldogue envelhecido que não recuava perante ninguém. No entanto a expressão do seu rosto indicava que ele sabia, *sabia* que estava a meter-se em sarilhos.

– Estava apenas a fazer uma declaração de facto, não a insistir num rumo concreto – recuou.

– Não há negociação nenhuma – interrompi. – Não vou vender o Urso. – Estava muito magoada com a traição do senhor John. Apesar de tudo, ele era uma pessoa em quem confiara. – Como pode achar que tem direito ao Urso? Como é capaz de me fazer uma coisa dessas, a mim, ao meu pai? *Sabe* que a escultura há muito teria desaparecido se não fosse ele. *Sabe muito bem*! Seria mesmo capaz de me levar a tribunal para contestar a propriedade do Urso? Seria capaz de me processar? Sabe o que as pessoas neste condado diriam de si se o fizesse? Sabe o que faria ao seu bom nome? À sua imagem como homem de negócios?

O senhor John agitou as mãos e suspirou, tendo o bom senso de parecer embaraçado.

– Estava irritado quando falei. Não refleti. Sabes muito bem que não te quero mal nenhum, Ursula. Falaremos sobre isto depois, quando estivermos todos mais calmos.

Eu atingira-o na imagem pública, um ponto vulnerável.

Mas eu não estava a acalmar-me. Aquela adolescente disposta a ir para a cadeia só amadurecera, não amolecera. Dei mais um passo na direção dele.

– O paizinho foi bom para si. Aturou todas as suas atitudes arrogantes. Sempre achou que você era um bom homem e que tinha feito muito pela comunidade, mesmo quando se portava como um ditadorzinho mesquinho. Ele acreditava na resistência passiva. Tinha mais paciência do que o Gandhi, *mas eu não*.

– Um ditadorzinho mesquinho? É isso que pensas de mim?

– Aproveitou-se do bom caráter dele e deixou que a sua família o desprezasse por causa de rixas que aconteceram há pelo menos cinquenta anos. Era condescendente e autoritário para com ele, e agora diz que o fazia «pelo seu próprio bem». Isso não resulta comigo. Compreendo a mentalidade dos Tiber muito melhor do que o paizinho. Já a vi em professores demasiado presunçosos para aceitarem ideias novas. Já a vi em homens e mulheres de negócios para quem o dinheiro justifica tudo. Já a vi em editores e críticos literários que se recusam a dar uma oportunidade a escritores de vanguarda, apenas porque querem ser *eles* a definir os padrões para toda a gente. Não voltei para casa para entrar nos mesmos velhos jogos, senhor John. Não está a lidar com o meu pai, está a lidar *comigo*. Terá o meu respeito se fizer por o merecer. Espero a mesma cortesia de si e de todos os outros Tiber. Não se *atreva* a tentar aproveitar-se de mim!

– Ursula, estás agitada. Tem calma…

– Não pode calar-me como faz com as outras pessoas. – Eu estava a ferver por dentro, com as velhas feridas abertas e a escorrerem pus. – O dinheiro que obrigou o meu pai a pagar pelo Urso de Ferro podia ter pagado as despesas médicas da minha mãe. Foi uma opção do paizinho gastá-lo dessa maneira, mas foi uma opção sua exigi-lo. Não sei se ela hoje estaria ou não viva. E não sei se o Arthur teria nascido sem problemas. Mas sei que não devia ter pedido uns miseráveis duzentos dólares, de que não precisava, ao meu pai, que amava aquela escultura e conquistara o direito a ela mais de mil vezes ao longo dos anos. *Você ajudou a matar a minha mãe e a fazer mal ao Arthur*.

O senhor John parecia furioso, mas também estupefacto. Pestanejou e abanou a cabeça. Por fim, recuperou a voz e troou:

– Estou tão envergonhado por ti e tão magoado por essas palavras que nem sei o que dizer. Estás a debitar o mesmo tipo de disparates do teu pai. A canção é a mesma, só muda a melodia. Parvoíces insensatas típicas dos Powell. Sempre te enalteci perante a Janine como um exemplo de ambição obstinada, de alguém que trabalha arduamente e que subiu às suas custas. A minha mulher, que Deus a tenha, achava que tu nunca serias uma senhora, mas eu sempre acreditei que, quando polisses essas arestas, poderias ser tão fina e admirável como a minha própria filha. Estou muito desapontado com

este ataque ingrato. Que raio de efeito é que este homem teve sobre ti? – Virou a cabeça para Quentin.

Eu sabia que estávamos envolvidos numa batalha vã de ética e filosofia. Doía-me a cabeça, o celeiro estava arruinado, o meu carro era para a sucata, tinha de lidar com o dilema de Quentin – a escultura, o futuro de Arthur, aquela quantia enorme de dinheiro que eu recusara, mas que, em segredo, queria e da qual precisava desesperadamente. Estava ali numa cela de prisão com os nervos em franja e o cabelo a tresandar a bálsamo para úberes porque não podia pagar uma consulta médica. Não fazia sentido nenhum cair em cima do único parente Tiber que viria em meu auxílio se eu estivesse desesperada por ajuda.

Olhei para os olhos de Quentin. Naquele momento, ele achou-me incrível. Bela. Forte. E eu vi isso. Respirei fundo. Oh, para o diabo com o resto!

– Eu é que estou desiludida *consigo* – devolvi ao senhor John. – E deixe que lhe diga uma coisa sobre a Janine. Rezo a Deus para *nunca* ser como ela. É uma cabra sem coração.

Não tinha intenção de chamar «cabra» à minha prima, especialmente em frente do pai. Não gostava dessa palavra e nunca a usava. Tal como tudo o resto, nesse dia, saiu-me. O verdadeiro eu. Má como as cobras e duas vezes mais fria. Uma Powell louca, capaz de queimar as poucas e frágeis pontes que a ligavam à segurança. Parei de falar, vazia de palavras, e fiz uma careta.

Os olhos do senhor John encheram-se de lágrimas. *Lágrimas*.

– Estou de coração partido – sussurrou, com um certo grau de melodrama que, ainda assim, era sincero. E saiu, deixando a porta da cela aberta atrás de si. Só então me apercebi de que estava a tremer. Deixei-me cair no banco metálico e pus a cabeça nas mãos.

Quentin sentou-se ao meu lado, com uma expressão pensativa no rosto. *Quero esta mulher*. Era como se tivesse passado a vida a vaguear por uma galeria de imagens incompletas, à procura daquele elemento chave que daria sentido a muito do que lhe acontecera, que lhe indicaria que *havia* realmente respostas. *Ela*. *Ela é a chave*.

– Sente-se bem? – perguntou em voz grave, recorrendo a toda a sua força de vontade.

Assenti e endireitei-me.

– Tenho de viver aqui. Tenho de arranjar maneira de ganhar a vida nesta comunidade e de me dar bem com as pessoas, cuidando daqueles que dependem de mim. E agora isso vai ser mais difícil. Mas fiz a minha escolha. Não teve nada a ver consigo.

– Não é verdade, mas agradeço o perdão – afirmou ele.

Fitei-o, trémula. Sem fraqueza. *Não mostres fraquezas em frente deste homem*. A minha pesquisa mostrara que ele fora militar de carreira, um herói de guerra. Não precisava de provar a sua força de caráter, que era evidente. E isso só me deixou mais determinada em provar o meu valor perante ele. Não podia pedir-lhe para voltar para Nova Iorque e nos deixar em paz; a situação já estava demasiado avançada para isso. Se soubesse o que ele estava de facto a pensar sobre mim naquele

instante, talvez tivesse tremido ainda com mais força.

Ou então talvez me tivesse limitado a estender-lhe os braços. *Tenho estado à tua espera, aconteça o que acontecer*.

12

– Os Tiber andam a espalhar pela cidade que o Urso vale muito dinheiro – sussurrou Liza assim que regressei à quinta. – Não podes vendê-lo, Ursula. *Matas a alma do teu irmão*.

– Eu sei – respondi, abatida.

Quando Quentin chegou, nessa tarde, encontrou duas dúzias de vizinhos e os meus cinco inquilinos à sua espera, para lhe agradecerem entusiasticamente por ter sido um herói com o senhor Beaumont. Claro que o principal objetivo dos vizinhos era saber tudo sobre este homem interessante vindo de fora. Estava a nascer uma nova lenda local.

– Quero poder afirmar que estava aqui quando tudo começou – confessou-me um homem.

Quentin conduziu-me para a cozinha da minha casa e fechou a porta.

– Não tenho nada a dizer a estas pessoas. Não quero a gratidão de ninguém – afirmou, enquanto pensava: *Só quero comprar o raio da escultura e ir-me embora daqui antes que as coisas se compliquem mais*.

Depois do que sucedera na prisão, estávamos pouco à vontade um com o outro. Fora uma cena muito íntima e emocional, de formas que nenhum dos dois mencionou, mas que ambos reconhecíamos. Ele estava agora envolto por uma nuvem de inquietação que ia muito além da sua agitação habitual.

– É tarde de mais para salvar a sua privacidade – preveni, muito séria. – Já toda a gente sabe qual é a sua missão e que o Urso vale dinheiro. Uma das minhas inquilinas já me disse que isso lhe chegou aos ouvidos.

– Sabem o preço? – perguntou Quentin.

– Não, apenas que é muito valioso. Não vai demorar muito tempo até alguém contar ao Arthur o verdadeiro motivo da sua presença. Tem de ser simpático com as pessoas e mantê-las afastadas do meu irmão até eu decidir o que vou fazer. Eles só querem que responda a algumas perguntas sobre a carreira do seu pai.

– Não estou aqui para ser guia turístico. A carreira do meu pai acabou há vinte e dois anos. Só não ficou esquecido graças ao trabalho incansável da minha mãe, e, também graças a ela, a publicidade acabou por se sobrepor ao senso comum. As pessoas decidiram começar a pagar muito dinheiro pelas obras dele. Não há mais nada a acrescentar. Nós os dois temos de falar com o Arthur. Contar-lhe a verdade e trabalhar com ele na ideia de deixar o Urso partir. Acredito ser capaz de o persuadir a deixar-me ficar com a escultura. E vocês ficarão sem quaisquer preocupações financeiras. Tudo aquilo que ama aqui… e eu vejo que ama de facto este lugar… ficará seguro.

Eu queria gritar-lhe: *Não compreende? Não posso vender a maldita escultura*, mas ele parecia não me querer ouvir.

– Falarei com ele quando achar que é a altura certa. Ainda não. Você não percebe o que se passa

ali fora. Estas pessoas trouxeram fotografias de si próprias ao lado da escultura. Para lhe mostrar. Ao princípio, o Urso era apenas uma piada… «Oh, o maluco do Tom Powell pôs aquela coisa feia no pasto!» Mas, ao longo dos anos, tornou-se parte das suas vidas. Houve pedidos de casamento ao lado do Urso, copos de água, batizados. As pessoas trazem os seus convidados… «as visitas finas», como lhes chamam… para ver o Urso de Ferro. Trazem os filhos. Os netos. E as crianças parecem compreendê-lo. Trepam-lhe para cima, falam com ele e afirmam que ele lhes responde. Para estas pessoas, você é parte do que torna o Urso tão especial. Querem saber mais sobre si e a sua família. Por favor, tente. Responda às perguntas deles.

Por um momento ele ficou a apenas a olhar para mim. Tudo o que eu lhe dissera parecia um conto de fadas; Quentin estava convencido de que nunca compreenderia esse tipo de reação à obra do pai. Os fragmentos das suas próprias memórias de fascínio eram sonhos de criança. Fantasias seguras de uma época passada, antes de a verdade as corroer.

– É só ferro – objetou.

Dirigiu-se ao Urso, seguido pelo grupo de pessoas. Estava tenso, não agressivo, mas brusco. Via a escultura como um objeto com um preço. Eu observei a cena, aturdida e deslumbrada. Quem era este estranho que já começara a mudar a minha vida? Tinha espreitado para dentro do carro dele e vira meia dúzia de livros espalhados no banco do passageiro. Eram livros lidos muitas vezes, livros preferidos, de ficção, poesia e engenharia. Ao vê-los, sentira um arrepio de prazer.

Ele era um amante de literatura, um estudioso de latim, um guerreiro, um homem de negócios, um mistério. O seu perfil numa revista de arte que encontrara *online* mencionava que o filho de Richard Riconni desistira de uma bolsa de estudos do MIT para se alistar no Exército. Porquê? E porque parecia tão desconfortável quando falava sobre o pai? Eu sabia que Richard Riconni se suicidara há muito tempo. Não sabia o que levara à sua morte.

De súbito, vi Arthur sair do bosque e observar Quentin com olhos brilhantes, à distância. Dirigi-me a ele, mas o meu irmão escondeu-se de novo entre a vegetação, ainda desconfiado de mim ao ponto de não conseguir ser muito amistoso. Parei, infeliz.

– Eu sabia que o Irmão Urso era um herói – sussurrou ele. Fiquei contente por lhe ouvir a voz, mas com medo de que fosse apenas uma melhoria temporária.

– Achas que a Mãe Ursa está contente por o ver? – arrisquei perguntar.

Arthur assentiu com um aceno veemente. Os seus grandes olhos castanhos estavam tristes.

– Mas… ela quer que ele lhe dê *alguma coisa*. Ainda não percebi o quê. É importante. Ela precisa de uma coisa para nunca mais se sentir sozinha e com medo. – Tocou no peito, sobre o coração. – Como é que pode fazer com que pare de doer? Foi isso que o Irmão Urso veio consertar. O que é que ela quer? Aposto que ele sabe.

Olhei para o meu único irmão, a minha única família, e tive vontade de chorar. *O que ela quer és tu. Um coração bom e fé. Vou perder-te para sempre*.

Os visitantes reuniram-se à volta de Quentin. As suas vozes, com os sotaques carregados da montanha, as vogais suaves a deslizar sobre rocha dura, questionaram-no educadamente, um de cada vez. «Quantas esculturas é que o seu paizinho fez?» «Ele sabia que ia ser famoso?» «Onde é que trabalhava?» «Qual era a sua escultura preferida?» «Fez mais algum urso?» E por aí fora, cada pergunta recebendo uma resposta pragmática repleta de factos, mas com pouca emoção. Até que, por fim, alguém comentou:

– O senhor e a sua mãezinha devem estar muito orgulhosos dele.

E Quentin olhou para a pessoa que falara, uma mulher idosa com mãos grandes e gastas e olhos esperançosos, e respondeu, da forma mais galante que conseguiu:

– Pois devemos.

Quentin pegou numa máquina fotográfica de .35mm, tão utilitária como tudo o resto nele, com riscos na tampa da lente e uma correia de cabedal larga marcada pelos dentinhos de *Hammer* quando era pequeno. Estávamos sozinhos ao pé da escultura, na manhã seguinte, mergulhados até aos joelhos num mar de relva a ondular sob a brisa lenta. O Urso parecia flutuar naquele mar verde.

A mamã vai ficar interessada neste sítio e nestas pessoas, pensou ele. Imaginou-se a dar-lhe a notícia, viu a expressão dos olhos dela quando lhe explicasse que tinha encontrado Ursabedoria e conseguido comprar a escultura. Ela ficaria fascinada com as fotografias, embora Quentin soubesse que a mãe quereria meter-se logo num avião para vir ver pessoalmente o Urso. *Esta é a Ursula Powell. Vais gostar dela. É inteligente, adora ler, é forte. A família significa tudo para ela. Vocês as duas têm muito em comum*.

Garantiu a si próprio que só estava a tirar fotografias para mostrar à mãe.

Atrás dele, com *Hammer* ao meu lado, vi-o contornar a escultura e fotografá-la de todos os ângulos.

– Venha cá – chamou-me ele com um aceno. – Preciso de fotografias suas com a escultura.

Lancei-lhe um olhar sardónico, mas sentei-me na velha base de cimento.

– Sorria – ordenou ele.

– Porquê? Para poder provar aos seus amigos de Nova Iorque que os campónios têm dentes?

– Com certeza.

Arreganhei os dentes e ele riu-se. Depois de tirar a fotografia, sentou-se ao meu lado. Erguemos os olhos para o Urso, que estava rodeado por meia dúzia de pequenas borboletas brancas que não desconfiavam do poder existencial da obra onde pousavam. Quentin suspirou e as borboletas esconderam-se dentro das costelas do Urso, como se procurassem proteção. Talvez soubessem mais do parecia.

– Uma das minhas primeiras memórias – comecei – é de ir visitar o Urso com o meu pai, quando ainda estava no relvado em frente à administração da Universidade de Mountain State. E lembro-me

de estar às cavalitas do meu pai num dia de sol… devia ser verão… e dos bonitos canteiros de flores, e lembro-me de que havia borboletas por todo o lado. Vieram ter connosco… essas borboletas esvoaçaram em bando à volta do paizinho, de mim e do Urso como se nós fossemos flores. O paizinho disse-me que tinham vindo sussurrar as notícias do Céu e da Terra ao ouvido do Urso, porque o Urso não podia sair de onde estava. Portanto era assim que ele sabia tudo sobre o mundo, explicou-me o meu pai.

Depois desta confissão sentimental, olhei timidamente para Quentin, mas ele fitava-me com tanta gentileza no rosto que soube que ele compreendia, ou pelo menos queria compreender. Com expressão pensativa, desviou o olhar para as montanhas e franziu os olhos para se proteger do sol e das suas próprias memórias.

O calor húmido da terra ergueu-se à nossa volta, trazendo-nos o aroma da nossa própria pele, do pasto fértil, das montanhas à espera do tempo e de novas crianças que admirassem a sua imponência, de pássaros a cantar antigos louvores, de insetos a zumbir em línguas secretas. Quentin admirou a paisagem à nossa volta e eu admirei-o com o coração acelerado.

– O Urso tem uma vista maravilhosa – observou, e incluiu-me nessa vista quando virou lentamente o olhar para o meu rosto. – Talvez ele saiba mesmo alguma coisa que nós não sabemos.

O sol entrava pelo telhado destruído e por entre as tábuas partidas do celeiro, iluminando o cabelo arruivado de Arthur como um halo, enquanto ele olhava ansiosamente para baixo, do sótão do celeiro onde se barricara. Quentin lançou um olhar preocupado ao meu rosto tenso. *Ela está de coração partido por causa de tudo isto. Está a esforçar-se tanto por manter a família unida*.

– Que bichinho és hoje, meu amor? – perguntei, com prudência.

– Uma coruja. – Arthur agachou-se, pôs os braços à volta dos joelhos e olhou para nós sem pestanejar.

– Porque decidiste ir aí para cima de repente? Não te lembras de eu dizer que não era seguro?

– Senti que tinha de ver as coisas de cima. Para conseguir perceber.

– O que te fez sentir isso?

– Ouvi o Oswald a dizer que a Mãe Ursa custa muito dinheiro.

– Acho que ouviste o Oswald a dizer ao Bartow Ledbetter que o Urso vale *mais* do que dinheiro, por isso ninguém pode pôr um preço na Mãe Ursa. Isso é bom.

– Porque é que estão todos a falar sobre dinheiro? Tens um segredo?

Hesitei, pesando cada palavra. Quentin murmurou:

– Deixe-me falar com ele.

– Não. Ele está prestes a refugiar-se dentro de si mesmo outra vez. Tenho de ser eu a falar. – Olhei para Arthur e respondi, em voz mais alta: – Tenho um segredo, sim. E vou contar-te o que é. É uma surpresa.

– Como quando o paizinho morreu? Não queres levar-me outra vez para Atlanta, pois não? – Fitou-me com os grandes olhos escuros, mas a expressão neles era muito diferente da placidez de uns olhos de coruja. Parecia horrorizado.

– Oh, não, meu amor, não. Não é nada de mau, prometo. E não vou inventar mais histórias. Vou contar-te a verdade.

– Como é que eu sei que é verdade?

– Tens de confiar em mim.

Ele ficou em silêncio e as lágrimas deslizaram-lhe pelo rosto.

– Já não sei se sou capaz.

Esta confissão angustiada foi como uma facada para mim. Enquanto tentava recuperar a voz, Quentin pousou-me a mão no braço. Olhei para ele e fiz que sim com a cabeça.

– Arthur – chamou-o Quentin. – Olha.

Agachou-se com destreza. Estávamos ao lado do anexo destruído do celeiro. O meu carro, um velho *Mercedes* castanho, ainda se encontrava debaixo do monte de traves de castanheiro, tábuas de pinho e pedaços de chapa enferrujada do telhado. Tinha comprado aquele carro há anos, por dois mil dólares, a uma colega da universidade que partira o pé ao dar-lhe um pontapé depois da mais recente de uma série de avarias dispendiosas. Mandei pôr um motor de *Chevy* e desde então nunca mais me dera problemas. E agora o meu carro híbrido estava destruído.

Quentin agitou a mão no ar entre as madeiras e depois debaixo do carro. Observei este comportamento estranho, espantada. Arthur esticou o pescoço e fez o mesmo.

– Irmão Urso? – chamou, preocupado.

– Pronto. Apanhei um. – Quentin esticou o braço entre o monte de tábuas, como se estivesse a apanhar alguma coisa. Depois retirou a mão fechada e olhou para ela. – Está aqui dentro. Consigo senti-lo a mexer-se. Não o magoei.

– O que é? – quis saber Arthur, esticando ainda mais a cabeça. Dei por mim a inclinar-me para ver também, e endireitei-me à pressa.

Quentin levantou-se e estendeu a mão fechada.

– É uma das criaturas que vivem no ar entre as coisas. Entre as rochas e o chão. Entre as tábuas do celeiro. Entre as peças do carro. Quando eu era pequeno, chamava-lhes os Entres.

– Um Entre – repetiu Arthur, estupefacto. – Como é que são?

– Não sei. Os Entres são invisíveis.

– E o que fazem?

– Seguram o mundo. Cada parte, cada pedacinho de cada coisa, são os Entres que unem e seguram. Se soubermos como fazer os Entres felizes, nada cai.

Arthur largou os joelhos e apontou para o telhado caído do anexo.

– Estou a vê-los! Ali e ali. São centenas! Gaziliões! Mas não estão muito felizes. Estamos

metidos numa confusão. É o que eles estão a sussurrar.

Quentin abriu a mão.

– Vá, podes ir fazer o teu trabalho – incitou o Entre, e soprou ao de leve. Fingiu estar a ver uma coisa invisível voar de novo para o meio do entulho. Dei por mim a seguir o voo imaginário com um fascínio hipnótico.

– Os Entres são todos bons? – perguntou Arthur lá de cima.

Quentin hesitou, pesando qual a resposta que resultaria melhor, e depois abanou a cabeça.

– É preciso cuidado com os Entres. Alguns têm mau feitio. Os maus criam espaços a mais e empurram as coisas. Enfraquecem as estruturas. Quando vês demasiado espaço vazio, costuma ser o trabalho de um Entre mau.

– Temos alguns Entres mesmo maus por aqui – declarou Arthur com gravidade.

– Não tenhas medo deles. Eu sei como fazê-los felizes. É muito simples. Se mentirmos a um Entre ele faz com que as coisas que mais amamos caiam à nossa volta. Achas que te vou mentir, Arthur? Pergunta aos Entres bons.

O meu irmão baixou a cabeça e ficou durante algum tempo imerso em pensamentos. Olhei para Quentin.

– Onde é que aprendeu essa história maravilhosa? – perguntei baixinho.

Até esse momento, ele nem pensara de onde é que a ideia lhe surgira; viera-lhe à cabeça, extraída de dentro dele por alguma estranha alquimia produzida pela necessidade de me reconfortar, a mim, ao meu irmão e a si próprio. Olhou para mim como um homem com amnésia, tão concentrado nos seus pensamentos como Arthur, à procura da sua identidade. *Foi o papá que ma contou*, apercebeu-se de repente, com uma breve imagem mental do pai a mostrar-lhe como empilhar as peças metálicas do jogo de construções que lhe fizera.

– Foi o meu pai que a inventou para me distrair enquanto trabalhava – respondeu, e desviou o rosto, com o maxilar contraído. – Irmão Arthur? O que achas? O que dizem os Entres bons?

Arthur levantou a cabeça e fitou-me com seriedade.

– Os Entres bons querem saber qual é o segredo que me queres contar.

Respirei fundo.

– Não é bem um segredo. *A Mãe Ursa é tua*. Compreendes isso? Tu és o seu dono. És o único que pode cuidar dela. Tu é que decides o que lhe vai acontecer, e a tua é a última decisão, seja ela qual for. Percebes? Tu gostas dela e és o seu protetor. – Ele assentiu com um aceno, mas com incredulidade e alguma desconfiança à mistura.

– Está bem – concordou, lentamente.

– Mas o Quentin e a mãe dele também gostam muito da Mãe Ursa. Na verdade, a mãe do Quentin pensava que a Mãe Ursa tinha sido levada para o ferro-velho e desfeita para sucata há muito tempo. Está muito feliz por saber que a Mãe Ursa está bem.

– Os Entres bons ainda estão a segurar a Mãe Ursa – disse Arthur, e olhou para Quentin, que acenou com a cabeça.

– O Quentin gostava de levar a Mãe Ursa com ele, para que a sua mãe a possa amar tal como tu.

Arthur levantou-se como um foguete. De pernas abertas, punhos cerrados ao lado do corpo, olhou para nós com expressão furiosa. O meu coração parou. Ao meu lado, Quentin murmurou:

– Se for preciso, vou lá acima buscá-lo.

Levantei as mãos.

– Arthur! A decisão é tua. Não te lembras do que eu disse? A Mãe Ursa não vai a lado nenhum a menos que tu aches que ela tem de ir.

Arthur estava a tremer. Apontou para Quentin.

– *Irmão Urso!* Achas que ela morrerá se não sair daqui? Achas que é por isso que se sente tão sozinha?

– Não sei. Tens de decidir o que será melhor para ela. É tudo o que preciso de saber. A escolha é tua.

– Não sou dono dela. Ela é que toma as suas decisões.

– Está bem, então tens de me transmitir o que ela te diz.

– Talvez ela queira ir. Tenho de pensar no assunto. – Cambaleou um pouco à beira do buraco. Um passo em falso e cairia três metros, sobre os escombros do anexo. Eu estava morta de medo.

– Arthur, senta-te.

– Tenho de falar com os Entres bons que a seguram e ver que tipo de Entres maus há por aqui! – Deu um passo em frente, agitado. A ponta do ténis estava agora de fora da beira. Quentin levantou a mão. Em voz profunda e autoritária, ordenou:

– Os Entres só respeitam um homem que cuida dos seus próprios espaços. Tens de ser um *homem*. *Senta-te*.

O meu irmão baixou-se com a rapidez de um brinquedo a ser desligado. Parecia pensativo, mas determinado.

– Como um homem! – exclamou. Suspirei de alívio. Depois os olhos de Arthur iluminaram-se e apontou para mim. – Irmã! Estou a ver um Entre grande e *mau* mesmo no meio de ti e do Irmão Urso!

Esfreguei a testa. Quentin criara todo um novo mundo de fantasia para Arthur, que depressa se estava a tornar irritante.

– Não vejo Entre nenhum – respondi.

– É um Entre *mau* – insistiu Arthur, mais alto. – Veio de baixo do anexo. Está a flutuar no ar entre ti e o Irmão Urso.

– Vou buscar-lhe um chá gelado e uma bolacha. Não é mau. Está apenas com fome. Acalma-te.

Virei-me para Quentin. Era espantoso que Arthur não tivesse ficado histérico – ou em estado de choque – com a mera sugestão de vender a escultura. No entanto, parecia-me que era apenas um

adiamento temporário. Estava zangada com Quentin e, ao mesmo tempo, estava-lhe também grata.

– Se não o tirarmos lá de cima, os Entres vão levar o meu cérebro para o manicómio.

Quentin chamou-o com um dedo.

– Arthur, desce daí. Quero que te movas muito devagar e com cuidado. Se o fizeres… e não caíres… mostro-te como podes ver-te livre de um Entre mau.

O meu irmão levantou-se e afastou-se devagar do buraco, apoiando cada pé com um cuidado melodramático. Quentin e eu contornámos o celeiro e esperámos enquanto ele descia a escada e se desviava dos montes de tábuas e escombros. Quentin segurou-lhe um braço e ajudou-o a saltar por cima da última trave.

Arthur olhou para nós com uma energia elétrica.

– Pronto, agora livra-te do Entre mau. Tenho de perceber como é que eles pensam para poder decidir o que fazer em relação à Mãe Ursa. Não quero que os Entres maus fiquem zangados com ela. – Saltitou de um pé para o outro, retorcendo as mãos. – Manda-o embora!

Estendi a mão para ele.

– Calma, meu amor…

Ele afastou-se bruscamente.

– O Entre está mesmo à tua frente!

Quentin virou-se para mim e segurou-me nos ombros.

– Confie em mim – pediu, e, antes que eu percebesse o que ele ia fazer, beijou-me ao de leve nos lábios. Aturdida, fiquei parada a olhar para ele. Os seus lábios ainda sabiam à laranja que comera há pouco. Nesse momento, tive a certeza de que, mesmo depois de velha, pensaria nele sempre que levasse à boca um gomo de laranja.

– Beijaste a minha irmã – admirou-se Arthur.

Quentin assentiu com a cabeça.

– Livrei-me do Entre mau.

Arthur susteve a respiração e inspecionou o ar à nossa frente.

– Pois foi!

Quentin olhou para mim com um sorrisinho que troçava de todos nós. Devolvi o olhar, ainda incapaz de sentir raiva pela intrusão ou de resistir às sensações que me varriam.

– Está prestes a ver-se metido *entre* a espada e a parede – avisei.

– Já lá estive mais vezes do que gosto de me lembrar. Não me importo com a pressão e acho que não se importou com o beijo. – As suas faces estavam um pouco coradas por trás da sombra da barba. Franziu a testa e esfregou o queixo como se a suavidade do meu rosto tivesse polido o dele. *Um erro, um maldito erro irrefletido*, pensou.

– Tenho de ir pensar sobre os Entres e a Mãe Ursa – anunciou Arthur, e correu para o bosque.

Olhei para Quentin e depois virei a cara.

– Ele pensa devagar. É capaz de passar horas, até dias, a ponderar sobre as questões mais importantes. A cor da asa de um pássaro, a forma da concha de um caracol. Que nome dar a um esquilo. Pediu-lhe para tomar uma decisão que altera todo o seu universo. Não espere uma resposta imediata. E não espere a resposta que quer ouvir. Ele vai pensar e debater-se, mas no fim será incapaz de decidir que a sua Mãe Ursa se quer ir embora.

– Aceito a aposta – concordou Quentin.

Nos espaços entre as nossas vidas, os Entres estavam a ganhar o controlo.

13

Obter a resposta de Arthur e pôr fim a esta negociação antes que a situação caia por terra à volta de todos nós. O plano de Quentin, quando saiu do quarto de motel na manhã seguinte, era simples. No Tiberville Diner, na praça principal, estacionou no meio de carrinhas enlameadas de cargas e descargas. A matrícula nova-iorquina do seu *Explorer* atraiu olhares curiosos dos operários que entravam para um pequeno-almoço rápido. Os homens cumprimentavam-no com um aceno, apesar de não o conhecerem, e um «Bom dia, como vai isso?» Não podia fazer outra coisa senão cumprimentá-los também.

Abriu as janelas do *Explorer* e prendeu *Hammer* no banco de trás. O cão atirou-se alegremente às tigelas de ração e de água depois de um latido feroz para um grande cão castanho sentado de forma majestosa no meio dos escadotes numa carrinha de pinturas próxima. O outro cão limitou-se a abanar a cauda.

Quentin sentou-se numa mesa de canto, onde atraía menos atenção. Espalhou sobre a mesa uma série de panfletos turísticos e livros de história local que comprara e, depois de pedir panquecas, bebeu o seu café e continuou a analisar metodicamente a informação disponível. Era um curso intensivo sobre o passado dos Powell e dos Tiber, incluindo a história de Erim e da Annie perdida, que leu duas vezes. Nos panfletos mais recentes, que assinalavam eventos e marcos notáveis, não havia qualquer menção ao Urso de Ferro. Esse facto começou a incomodá-lo, embora tentasse não lhe dar importância.

– Céus, é tal e qual a Ursula – comentou a empregada quando trouxe as panquecas, com um sorriso aberto a deixar ver o dente de ouro. – Sempre com o nariz enfiado num livro. O que está a ler? – Apontou com a unha comprida e falsa para um livro sobre histórias do condado de Tiber e riu-se. – Um monte de aldrabices dos Tiber, é o que aí tem. Quem leia isso há de pensar que os Tiber caminham sobre a água e o resto das pessoas nem sequer consegue nadar.

– Ou molhar os pés – corrigiu um homem sentado ao balcão, e os outros riram-se. E, antes que Quentin pudesse acrescentar ou perguntar alguma coisa, os clientes do restaurante começaram a contar-lhe as suas próprias versões da história do condado. Ouviu tudo sobre a minha família, com detalhes coloridos, incluindo a história da chegada do Urso e como o meu pai defendera a escultura desse dia em diante. Quando acabaram, com a noite da morte da menina Betty e o confronto entre o paizinho e o senhor John, a comida de Quentin estava fria e esquecida, e ele ouvia-os com as mãos à volta da caneca de café vazia.

Dirigiu-se à caixa para pagar e um homem mais velho virou-se no banco ao balcão para o estudar com olhos semicerrados.

– Consta por aí que você e a Ursula Powell disseram das boas ao John Tiber no outro dia – afirmou. Vestia uma camisa das Indústrias Tiber. Os outros clientes ficaram muito calados, a

observar.

Quentin viu o logótipo e fitou o outro homem nos olhos, preparado para problemas.

– É possível. – Uma expressão de respeito divertido espalhou-se no rosto do homem.

– Sendo assim, vai dar-se *muito* bem com os Powell. Fazem a vida negra aos Tiber desde que Deus era pequenino. Põem-nos na linha como mais ninguém se atreve a fazer. Fico contente por ver que defende a mesma causa.

– Bem, Albert, afinal de contas foi o pai dele que construiu o Urso – comentou um camionista. – Está-lhe no sangue, defender aquilo em que acredita.

Quentin pôs o dinheiro e a conta ao lado da caixa registadora. A empregada devolveu-lho. O proprietário do restaurante, atrás da grelha fumegante, olhou para ele. Tinha uma espátula na mão e uma expressão determinada nos olhos.

– O seu pequeno-almoço é por conta da casa, senhor Riconni – ofereceu. – É uma honra.

Quentin agradeceu, despediu-se dos restantes com um aceno e saiu para o ar ameno, com cheiro a flores. Para lá do parque de estacionamento, o terreno descia em grandes ondas arborizadas até um vale salpicado de casas e estradas. À distância, as montanhas verdes tremeluziam, cobertas de sombras e sol. O céu era de um azul que ele nunca vira antes. Havia dias em que o paraíso era uma ilusão fácil.

Respirou fundo, preocupado.

Eu também estava na cidade nessa manhã, a tratar da minha vida, tentando concentrar-me na simples tarefa de encher um carrinho de compras no Piggly Wiggly. Quase todas as cidades na montanha tinham um supermercado Piggly Wiggly, e o nosso não era diferente dos outros – pequeno, modesto e prático. Não vendiam cerveja nem vinho, nem ingredientes para fazer sushi, nem sequer uma salada de espinafres embalada. Era um supermercado que vendia carne e batatas, e eu estava a debater o preço de uma embalagem de quilo de carne picada da mais barata quando Janine Tiber apareceu através das portas metálicas que davam para o armazém da loja. Trazia um bloco de notas na mão e era seguida por meia dúzia de homens e mulheres de negócios impecavelmente vestidos. Vi relógios *Rolex*, lenços *Gucci* e botões de punho de ouro. Janine estava elegante e autocrática num bonito fato de linho com sapatos de salto alto a combinar. Trazia o cabelo loiro, como acontecia sempre quando estava a trabalhar, preso na nuca com um travessão de ouro.

Praguejei silenciosamente. Eu calçava sandálias de cabedal, vestia calções desbotados e uma *T-shirt* de Faulkner que ganhara numa rifa numa feira do livro. William Faulkner olhava para o mundo com expressão severa por cima dos meus seios. O meu cabelo ainda cheirava a bálsamo para úberes.

– O Piggly Wiggly é um dos principais clientes das Indústrias Avícolas Tiber na região – estava ela a comentar enquanto andava. Era uma visita guiada a possíveis investidores. Corriam rumores de que quando o senhor John se reformasse, dentro de um ou dois anos, ela tencionava expandir a

companhia. Janine parou quando ela e o seu pequeno exército viraram para o corredor estreito onde eu me encontrava, ao lado da secção dos produtos Tiber nos frigoríficos da carne, a bloquear a passagem com o carrinho. Os olhos dela brilharam.

– Bom dia.

– Bom dia. – Cumprimentei-os com um aceno e os visitantes limitaram-se a olhar para mim sem uma palavra. – Deem-me só um segundo que já saio do caminho. – Comecei a manobrar o carrinho para evitar um expositor de carne seca do outro lado do corredor, mas fui contra ele. Uma roda do carrinho ficou presa. Abanei o carrinho e empurrei a roda com o pé. Janine franziu os lábios com impaciência. Eu tinha a cara a arder. Voltei a empurrar o expositor. Vários pacotes de *Spicy Joe Jerked Beef* tombaram para o chão. Agachei-me e comecei a apanhá-los.

– É cliente regular do Piggly Wiggly? – perguntou uma mulher vestida de vermelho.

– Desde sempre. – *Incluindo neste infernal universo paralelo*, pensei. Levantei-me, com as mãos cheias de pacotes de carne seca que comecei a arrumar no sítio. Ninguém levantou um dedo para me ajudar, muito menos Janine.

– Vamos fazer uma breve entrevista à cliente – anunciou a mulher de vermelho aos outros. Aproximou-se do meu carrinho. – Costuma comprar produtos das Indústrias Tiber?

Arrumei o último pacote de carne seca no expositor. Estava farta. Olhei para Janine e depois para a mulher de vermelho. Respondi bruscamente, mas com a verdade:

– Não como frango.

Os olhos de Janine fulminaram-me. A outra mulher levantou uma sobrancelha.

– Não? Porquê?

– O meu pai era um dos criadores contratados pelos Tiber. Cresci a limpar esterco de galinha e a enterrar pintos mortos. Comíamos frango porque não tínhamos dinheiro para outra coisa. O rendimento anual dos agricultores e criadores contratados pelos Tiber é pouco acima do ordenado mínimo, depois de descontarmos ração, água, luz e mão de obra. Claro que o agricultor não costuma ter outra opção, porque as suas capoeiras são construídas com empréstimos do banco de Tiberville que, como é evidente, é controlado pela família Tiber. Tem hipotecas para pagar, por isso não se pode queixar muito. É uma forma de servidão sancionada pelo governo. – Sorri. – E eu jurei que, assim que me visse livre disso, nunca mais comeria frango.

O grupo olhou para mim com ressentimento nos rostos empedernidos. Não lhes dera nenhuma nova informação, apenas os embaraçara. Do outro lado do corredor, um bando de mulheres, incluindo a senhora Greene, Juanita e Liza, ouviam por trás da arca congeladora, com os carrinhos lado a lado como vacas de metal a beberem de uma gamela comum. Liza aplaudiu.

– Sê forte e mantém-te na luz – sussurrou.

Por que raio estou à procura de problemas? Já tenho tantos. Só podia ter perdido o juízo. Talvez Quentin mo tivesse roubado, com a ajuda dos Entres. Aquela notícia ia espalhar-se depressa.

Janine estava furiosa.

– Peço desculpa por vos sujeitar inadvertidamente às nossas políticas locais – pediu aos outros membros do grupo, num tom cortante capaz de decepar osso. – Garanto-vos que se trata apenas de uma questão de discórdias pessoais, não um problema sério que acarrete alguma má vontade ou controvérsia na lidação com os nossos agricultores contratados. Na verdade, as Indústrias Tiber são consideradas uma parte muito querida da comunidade, e tratamos os empregados como família.

– Isso é verdade. Eu sou prima dela e ela trata-me como se fosse uma empregada – respondi.

Depois desse comentário, vi guerra nos olhos de Janine. Se pudesse, ter-me-ia estrangulado.

– Vamos prosseguir – anunciou. O grupo desviou-se para passar por mim e ela levou-os até ao gerente da loja, que se apressou a conduzi-los por um corredor afastado. Cinco segundos depois, Janine voltou. Atirou o bloco para cima da arca da carne e pôs as mãos nas ancas.

– Primeiro insultas o meu pai em público, e agora isto! Oh, já ouvi falar do teu visitante, o teu *bandido* de Nova Iorque que tem navalhas no bolso e anda a atirar dinheiro por todo o lado, e a dizer que o Urso é uma peça de arte valiosa. É evidente que te convenceu de que vais enriquecer graças àquela porcaria. É isso que se passa? A pobre da vadia da Ursula, ainda a tentar provar que não é uma zé-ninguém, convencida de que arranjou um homem rico para a patrocinar. Não conseguiste conquistar o respeito de ninguém com uma bolsa de estudos para Emory nem com um curso de Gestão. Falhaste como empresária, a tua editora é uma anedota, voltaste para casa sem um cêntimo, o teu irmão vai acabar numa instituição, por isso a única esperança que te resta é a esmola lucrativa de um *gangster*. Parabéns. Estás a continuar a tradição da família Powell: são todos uns inúteis e uns zeros à esquerda.

Encostei a mão aberta à cara dela e empurrei. Janine tombou para trás e bateu no expositor de *Spicy Joe*, que desabou. Ela tropeçou e caiu sentada em cima dele.

Havia carne seca por todo o lado.

Quentin olhou para mim através das grades da cela, onde eu estava sentada no banco metálico com as mãos no colo e as costas muito direitas.

– Também faz lutas na lama?

– Só com as minhas primas. Não precisava de ter vindo. Eu consigo sair sozinha.

– Desta vez não. Tive de pagar à loja pelos estragos no expositor de *Spicy Joe*.

Continuei a olhar em frente.

– Obrigada.

Ele encostou-se às grades, com os tornozelos cruzados e as mãos nos bolsos das calças. Acho que aquela descontração era propositada, para não me envergonhar.

– De nada.

A agente da polícia, a senhora Dixon, abanou a cabeça grisalha enquanto rodava a chave e abria a

porta.

– Se calhar mais vale dar-vos a chave. – Depois de abrir a porta deixou-nos sozinhos. Quentin chamou-me com o dedo.

– Vamos embora, Xena, Princesa Guerreira. Está livre. Não foi preciso pagar fiança. As acusações foram retiradas. Parece que os Tiber gostam de mandar prender os primos e depois os libertar como prova de devoção familiar.

Levantei-me.

– É uma tradição sulista.

Quando saí da cela, Quentin endireitou-se e a sua expressão tornou-se séria.

– Constou-me que isto aconteceu por minha causa.

– Em parte.

– Desculpe. Acabarão por se esquecer depois de eu me ir embora. E vou-me embora assim que o Arthur me deixar levar a escultura.

A raiva ferveu dentro de mim.

– Tenho contas para pagar, inquilinos que dependem de mim e um irmão que é mais uma criança do que um homem feito. Tenho de garantir o futuro dele. Mas isso não significa que gosto do que tenho de fazer. E não gosto de ser acusada de agressão e presa! E as pessoas *não* se vão esquecer!

Ele ouviu sem reação aparente, sem tirar os olhos do meu rosto. *Ela não consegue confiar em ninguém. Meu Deus, como queria que confiasse em mim.*

– Vou compensá-la bem – prometeu. – Quando for rica, ninguém se importará com o que aconteceu hoje.

– Não conhece esta cidade e não me conhece a *mim*. Portanto, se não se importa, guarde as promessas de merda para si.

O ar gelou. Se os Entres maus de Arthur existissem mesmo, tinham ficado presos nas camadas de gelo geradas por nós.

– Nunca faço promessas que não possa cumprir – garantiu ele.

– Agradeço que não me faça promessas nenhumas.

A porta ao fundo do corredor abriu-se.

– Vêm, ou tencionam montar casa aqui? – chamou a senhora Dixon.

Saímos do pequeno edifício de tijolo num silêncio tenso. Lá fora, encontrámos uma pequena multidão. Os meus inquilinos correram para mim. Arthur estava com eles, de mão dada com Liza. Parou, ofegante, com expressão assustada, e olhou de mim para Quentin.

– Ele pensava que a irmã ia ficar presa para sempre – murmurou Liza. – Tinha medo que tivesses morrido e que ninguém lhe quisesse contar.

Tentei tocar-lhe, mas ele recuou.

– Eu estou bem, meu amor – tranquilizei-o em tom cansado.

Arthur correu para Quentin.

– Irmão Urso. – A voz falhou-lhe. – Não deixarias que nada de mau acontecesse à minha irmã, pois não?

Ele confia em mim, pensou Quentin.

– A tua irmã sabe tomar conta de si própria.

– Não, os Entres quase que a apanharam, ontem e hoje outra vez! Tal como apanharão a Mãe Ursa se eu fizer a coisa errada. Mas tu não deixarás que nada de mau aconteça. Tenho a certeza. Enquanto aqui estiveres, não haverá grandes espaços vazios!

Estendeu os braços e abraçou Quentin, que aceitou o abraço de forma reservada, sem o retribuir, e por fim levantou a mão para afastar o meu irmão com gentileza. Senti o coração apertado.

Arthur encontrara um herói e achava que Quentin ia ficar para sempre.

A hospitalidade exigia que eu oferecesse a Quentin um sítio para ficar em Bear Creek. Para minha consternação, ele aceitou.

– Quanto mais perto estiver do Arthur, mais depressa ele tomará uma decisão – foi o seu raciocínio.

Telefonou ao velho sargento para lhe explicar a demora. *Popeye* era a única pessoa que sabia que Quentin encontrara a escultura. Uma vez que Quentin passava amiúde longos períodos fora, para comprar e desmantelar propriedades, mais ninguém achara estranha a sua ausência. No entanto, em breve começaria a haver perguntas.

– Que raio estás a fazer aí? – resmungou *Popeye*. – A passar o tempo com essa rapariga da montanha?

– A negociar.

– Sim, sim. É bonita?

– Não queiras saber de mais.

– Não é casada nem nada?

– Para com isso.

– Podes ignorar as minhas perguntas à vontade, mas eu adivinho as respostas. Deixa-me que te esclareça, meu rapaz: se deixares uma mulher da montanha apanhar-te no meio das pernas, ela vai apertar até te espremer a alma. As raparigas nessas montanhas crescem duras e com fome.

Quentin ignorou a linguagem típica do sargento e não revelou mais sobre a situação. *Eu é que tenho fome ao pé dela*, pensou.

Recusou a minha oferta – feita de má vontade – para ficar na casa da quinta, no quarto do paizinho, e instalou-se num apartamento decrépito e mal equipado ao fundo da segunda capoeira, onde os inquilinos tinham o espaço dos seus estúdios. A poeira entrava pelos respiradouros na parede, proveniente das rodas de oleiro e fornos dos Ledbetter. O calor da fornalha de vidro de Liza

aquecia o ar nas duas divisões minúsculas. O ar condicionado por baixo da janela estava avariado; só um bico do fogão funcionava e o autoclismo estava sempre a correr.

Isto é um teste, pensou ele, conformado. Abriu a porta e uma das pequenas janelas, ligou a ventoinha elétrica que eu lhe dera e resolveu passar o mínimo tempo possível lá dentro. Teve de fazer um esforço para não se pôr a arranjar coisas no apartamento. E em mim. *Ela odeia que eu esteja aqui. Está sempre a observar-me*. Tinha razão em relação a isso. Eu não fazia qualquer intenção de o deixar aproximar-se de Arthur sem a minha supervisão. Nem de mim.

Arthur seguia-o como um cachorrinho, geralmente em silêncio, apenas para o estudar com uma adoração pesarosa, a pensar nos Entres que Quentin lhe revelara e na decisão que lhe pedira para tomar. Andava de um lado para o outro, limpava a escultura com as mãos nuas, não conseguia comer, começou a ficar cada vez mais silencioso. Empalidecia cada vez que Quentin tentava iniciar uma conversa sobre o futuro.

Eu podia pôr fim a isto, comecei a argumentar para mim mesma. Bastava pedir a Quentin para se ir embora, para nos deixar em paz, como devia ter feito logo ao princípio. Mas depois o que diria a Arthur? Ele pensaria que Quentin tinha morrido. No mundo frágil do meu irmão, qualquer pessoa podia morrer a qualquer momento. O dilema pôs-me às voltas na cama, à noite. Acordei de um sonho em que não tinha casa e encontrava Arthur morto à pancada ao lado das campas dos nossos pais.

Saí para apanhar ar sob o luar, respirei fundo e agachei-me junto à torneira do quintal para molhar a cara e o pescoço com a água gelada do poço. Ali ajoelhada, descalça e vestida apenas com uma fina camisa de dormir de algodão, ergui os olhos e vi Quentin a atravessar o pasto. Levantei-me, atrapalhada.

Ele dirigiu-se à escultura e olhou para ela, para o rosto enorme e ursino que o pai fizera a partir das grandes panelas de ferro forjado antigas que o meu pai colecionava. Tinha os ombros abatidos; mesmo sob a luz fraca da lua, a sua silhueta transmitia ao mesmo tempo força e derrota. Estava tão sozinho. Levei a mão ao coração e esgueirei-me para a linha das árvores, para além do alcance da luz.

Eu ouviria, se pudesses falar comigo. Eu dir-te-ia, se pudesses ouvir-me.

Ele virou a cabeça na minha direção. Não tive a menor dúvida de que me viu, naquela camisa transparente, com a mão no peito como se estivesse a prestar juramento. Por um momento arrepiante pensei que viria ter comigo, mas em vez disso deu meia-volta e regressou lentamente à velha capoeira.

Nunca falámos sobre esse momento.

– O que é que ele está a dizer àquela coisa? – perguntou Quentin. Estávamos no alpendre, na noite seguinte, a olhar para Arthur. O meu irmão estava encolhido sobre a base de cimento do Urso, agarrado aos joelhos, a baloiçar-se para trás e para a frente, com os lábios a moverem-se numa

conversa fervorosa, perdido no seu mundo solitário.

– Ele fala com a escultura todos os dias ao pôr do Sol. É um hábito seu. Quando era pequeno, isso reconfortava-o. No entanto, agora fá-lo para tentar confortar o Urso. Esta tarde perguntei-lhe se estava mais perto de tomar uma decisão. Ele respondeu-me que o Urso ainda está a pensar.

Quentin recostou-se numa velha cadeira, com o olhar ensombrado.

– Também costuma falar com a escultura?

Hesitei. Tudo o que lhe dizia sobre mim parecia demasiado íntimo.

– Todos os que passam tempo suficiente perto do Urso começam a falar com ele. Não conseguimos evitá-lo.

Quentin franziu a testa. Nunca tinha falado com nenhuma das esculturas do pai, nunca sentira que estavam *realmente* vivas. Isto confundia-o e fazia-o sentir-se mais isolado do que pensara.

– Consegue compreender o que o Urso significa para nós? – perguntei.

– Memórias de infância. Compreendo isso.

– Não é assim tão simples. – Levantei-me da minha cadeira e sentei-me nos degraus aos pés dele. Ergui o rosto para o dele, como que em oração. Se pelo menos o conseguisse fazer compreender! Talvez pudesse haver uma amizade entre nós, entre as nossas famílias, algo a que Arthur pudesse agarrar-se, fosse o que fosse que sucedesse à escultura.

– Não sei o que o meu pai diria, mas sei que ele quereria fazer a coisa *certa* – garanti-lhe em tom fervoroso, com as mãos a gesticular, quase roçando no tecido das calças dele, prestes a tocar-lhe, a pegar-lhe nas mãos. Ele inclinou-se para a frente, de testa franzida, a ouvir com atenção, sem nunca tirar os grandes olhos do meu rosto. – A vida aqui era dura. O paizinho não tinha muitas opções. Aprendeu a dar valor àquilo que tinha… na verdade, *festejava* aquilo que tinha. Era uma pessoa íntegra. Verdadeiramente íntegra. E tenho a certeza de que partilharia consigo. – Hesitei. – No outro dia, na cadeia, fiquei zangada porque me comportei como uma idiota. E porque é verdade que *quero* o seu dinheiro. Quero esfregá-lo na cara de todos os malditos Tiber do condado. O meu pai teria vergonha de mim.

Ia afastar o rosto, para esconder as emoções e mudar de assunto, mas Quentin tocou-me no ombro com as pontas dos dedos.

– Não, ele não pensaria assim. Ficaria orgulhoso. Não tem mal nenhum querer dinheiro para cuidar da família.

Ergui os olhos para ele, atormentada.

– Não me diga que é adivinho.

– Nem por sombras. Mas não consigo conceber que homem não se orgulharia de ter uma filha assim.

As palavras dele aqueceram-me por dentro.

– A minha inquilina, Liza, diz que falou com o paizinho em sonhos. É um disparate, claro. Não

acredito em nada dessas coisas, mas… tentei sonhar com ele. O pior é que quando *sonho* com ele, não consigo falar. Ou falo, mas ele não me ouve.

– E acorda toda transpirada e com a garganta dorida.

Olhei para ele.

– Pelos vistos é mesmo adivinho.

– Já tive sonhos desses.

Hesitei.

– Fale-me sobre o seu pai – pedi.

– Não gosto de falar nele. Não há nada para dizer… Ele morreu há muito tempo.

– Era boa pessoa? Gostava dele?

– Nada disso interessa.

– Mas ainda sonha com ele?

– Esforço-me para não o fazer.

– Então como vive com aquilo que não pode mudar e não consegue explicar?

Ele franziu a testa.

– Levanto-me todos os dias e esqueço-me de que ele existiu.

– Não é assim tão fácil fechar o coração. Deixar de gostar.

Ele semicerrou os olhos e estudou-me como se eu estivesse a provocá-lo de propósito.

– A prática leva à perfeição.

Aquele comentário superficial enxotou-me como se fosse uma borboleta. Levantei as mãos, indignada.

– Li num artigo que ele se suicidou. Está bem? *Sei* o que lhe aconteceu. Imagino como terá sido para si e para a sua mãe.

Os olhos dele escureceram. *Com que então ela quer saber, acha que consegue imaginar?*

– Ele matou-se com um tiro no peito. Fui eu que encontrei o corpo. Lembro-me de como estava frio quando lhe toquei. Vejo a expressão dos seus olhos e como estava sozinho quando morreu. É *assim* que o vejo nos meus sonhos.

Desviei o olhar, chocada, envergonhada por ter insistido no assunto. Ao mexer a mão, rocei na dele sem querer e pareceu-me natural tocar-lhe ao de leve na palma da mão, num pedido de desculpas e manifestação de solidariedade. Não fazia ideia de como ele reagiria.

Mas Quentin colocou a outra mão sobre a minha e entrelaçou os dedos nos meus.

– Desculpe a brutalidade. – A voz era rouca, o toque, suave e elétrico.

Voltei a olhar para ele.

– Não me tinha ocorrido pensar em quem o encontrara. Se soubesse, não o teria mencionado.

– Simplesmente não gosto de falar sobre o meu pai. Nunca penso nele sem me lembrar também de como morreu. E nada do que eu diga pode alterar esse facto.

Abanei a cabeça.

– «O silêncio é o pior inimigo da esperança.» Não me lembro quem disse isso. Platão, talvez, ou um dos santos. Mas é verdade.

Ele encostou-se na cadeira e largou-me a mão. Um escudo ergueu-se de novo entre nós.

– Tenho-lhe muito respeito, Ursula. Não estrague tudo com frases feitas que eu poderia encontrar num bolinho da sorte.

O tom da sua voz causou-me um arrepio.

Uma das expressões preferidas da minha mãe veio-me de súbito à memória. Há anos que não me lembrava destas palavras, mas de súbito ela estava ali ao meu lado, firme e terra a terra, trazendo ao de cima o meu lado mais devoto. *Não somos nós que seguramos na cobra. É ela que nos segura*. Quentin puxara-me para si, apenas para me impedir de entrar. Levantei-me.

– Fazer amizade comigo e com o Arthur é apenas uma manobra necessária para si, não é? – perguntei calmamente. – Diz o que tem de dizer, faz o que tem de fazer, é tudo calculado. Não quer que o conheçamos e não quer conhecer-nos. Considera-nos apenas campónios excêntricos. Não nos respeita, na realidade.

– Não é verdade, mas estou aqui para fazer negócios, não para partilhar histórias tristes nem para analisar a vida do meu pai. Não se esqueça disso.

– Não me voltarei a esquecer. – Os inquilinos deviam estar a aparecer para jantar. Eu tinha um grande tacho de guisado no fogão e salada de batata no frigorífico. Tinha de pôr a mesa, de ser a mulher da casa do meu pai, a casa que era agora minha. – Com licença. – Entrei. O sol quente do final do dia não conseguiu impedir um arrepio inesperado.

Nessa noite, Quentin deitou-se na cama estreita e barata no apartamento na velha capoeira e recordou a nossa conversa. Deixara a porta aberta para combater o ar parado e o calor, com a porta de rede exterior fechada. As traças esvoaçavam lá fora e batiam na rede. A ventoinha na janela soprava o ar quente e o perfume de glicínias – um aroma leve a uvas – sobre o seu corpo nu. Tinha as mãos cruzadas debaixo da cabeça e olhava pela janela estreita para um céu de estrelas brilhantes, sem as luzes da cidade para as ofuscar. *Hammer* dormia no chão de azulejos ao lado da cama, estremecendo e ofegando enquanto perseguia as memórias de um coelho cinzento que avistara no pasto.

É tão fácil uma pessoa esquecer-se de quem é, aqui, pensou ele. *A mão dela na minha. Os seus olhos azuis, muito menos cínicos do que ela pensa. Não foi tão longe como isso, ainda não odiou assim tanto a sua vida. Mas somos parecidos em muitas coisas. Temos a mesma nuvem sobre nós. Crescemos pobres. Tivemos pais que nos amavam mas nem sempre faziam sentido. Perdemos a pessoa que mantinha a família unida. Nunca o esquecemos*.

Gemeu entre dentes e fechou os olhos.

Não queria magoá-la, mas ela aproximou-se demasiado.

14

Depois disso, cada momento que passava na companhia de Quentin era uma luta de emoções contraditórias. Vi vislumbres de humor, de bondade, de uma profunda inteligência, mas havia sempre aquele escudo empedernido, aquele muro impossível de derrubar. Eu sabia que me escondia atrás de uma versão mais simples da mesma armadura, mas sentia-me muito vulnerável junto dele.

Acompanhei-o à quinta isolada dos Washington e fiz as apresentações. Sentámo-nos no alpendre com o professor, a beber chá gelado em copos de cristal e a comer fatias de bolo feito por mim. O doutor Washington apontou para a rede no alpendre onde o meu irmão dormia na maior parte das noites.

– Talvez me possas explicar porque é que o Arthur tem dormido abraçado a isto.

Arthur utilizava a rede como cama com tanta frequência que eu lhe tinha mandado uma manta de algodão e uma almofada. O doutor Washington tirou de baixo da almofada um exemplar muito folheado de *O Velho e o Mar* de Hemingway.

– Agarra-se a este livro como se fosse uma boia de salvação, Ursula. Tirou-o da estante do teu pai?

– É meu – respondeu Quentin. – Deixei-o no banco do carro e desapareceu.

Fiz uma careta.

– Desculpe. O Arthur não é ladrão. Só queria ter algo seu para guardar como recordação. Uma espécie de talismã. – Olhei com frieza para Quentin. – Quer queira, quer não, agora é um dos Entres. Uma das coisas que mantém o mundo dele de pé.

– Ele acredita no que quiser acreditar. Deixe ficar o livro – retorquiu, e voltou a colocá-lo debaixo da almofada.

Quando tentei agradecer, abanou a cabeça e mudou logo de assunto.

– Importa-se que dê uma olhadela ao seu celeiro? – pediu ao professor. O celeiro dos Washington era uma excentricidade arquitetónica de dois andares, construído de troncos em bruto. O piso superior era duas vezes maior do que o de baixo, e o celeiro parecia um cogumelo de madeira gigante. A parte mais larga formava uma espécie de passagem coberta à volta do piso inferior, que em tempos albergara as vacas leiteiras dos Washington.

– É uma estrutura em consola – explicou o doutor Washington. – Muito raro por estes lados. O meu irmão Fred sempre se orgulhou muito do celeiro.

– De origem holandesa, não é? Li sobre celeiros como este no leste do Tennessee.

– Sim.

– Se alguma vez o quiser vender, informe-me.

O doutor Washington fitou-o com curiosidade.

– O que faria com um velho celeiro de madeira?

– Trazia uma equipa de homens, desmantelava-o pedaço a pedaço, levava tudo para Nova Iorque e vendia-o a um comprador que depois o voltaria a montar.

– Fiquei com a impressão de que a sua área de negócios era peças arquitetónicas de época.

– E é. O trabalho das ferragens bastaria para tornar o seu celeiro especial.

– Admito que nem sempre gostei deste celeiro, mas hoje sou um homem mais sábio. O meu tetravô forjou cada ferro, cada dobradiça, cada gancho. O seu trabalho era um testamento à sua herança e orgulho, apesar de ter sido escravo a maior parte da vida.

Quentin ouviu respeitosamente, em silêncio.

– Eu diria que ele era um artista.

– Interessante. Suponho que sim.

Quentin aproximou-se do celeiro, penetrou nas sombras por baixo da sacada e passou as mãos pelas enormes dobradiças numa das portas da estrebaria.

– Ele também é um homem interessante – comentou o doutor Washington.

Respirei fundo, frustrada.

– Li num artigo que o pai lhe ensinou tudo sobre metalurgia. Se há alguma coisa de que de facto gosta, é de ferro.

– É evidente que dá valor à história mas, ao mesmo tempo, é pouco sentimental. Tantas contradições.

Só consegui acenar em sinal de concordância.

Não posso fazer isto, não posso estar aqui sem fazer nada, pensou Quentin quando mais um dia passou sem sinal de que as reflexões intensas de Arthur chegariam em breve a uma conclusão. Ele e eu já tínhamos esgotado a maioria das razões para nos evitarmos ou, pelo menos, para nos mantermos ocupados quando estávamos juntos. Ele estudara as técnicas de soprar vidro de Liza e as capacidades de oleiro dos Ledbetter. Consertara uma roda de oleiro desequilibrada do velho casal mudara os fios da ficha elétrica do forno maior, e desenhara uma sugestão de janela para o pequeno estúdio de pintura de Oswald.

Já estou envolvido, pensou. *Que mal faz estar também ocupado?*

A casa da quinta convidava-o a entrar como se tivesse voz. Quentin imaginava essa voz feminina e muito sulista. A minha voz, na verdade. A casa, com os seus confortos simples e madeiras velhas, enrolava-se à volta dele sempre que entrava pela porta da cozinha. Inalava os aromas de gerações de lumes e conservas caseiras, pão de milho e tartes de maçã, velhas cortinas de algodão e linóleo esfregado. Uma manhã, ficara a ver-me amassar massa para biscoitos numa tigela de madeira escavada pela minha bisavó, e sentira o sangue correr mais depressa nas veias, como se as minhas mãos estivessem no seu corpo. Fora obrigado a sair para a rua, divertido e irritado com esta excitação imprevista. Uma mulher descalça, vestida com umas jardineiras largas, a massajar massa

de biscoito, podia ter esse efeito. O trabalho, o trabalho físico, era a única solução. Podia expulsar os seus demónios através do suor.

Quentin entrou na minha sala de estar com um cinto de ferramentas sobre o ombro largo e um olhar tão ardente que quase me queimou as roupas.

– Está na altura de lhe arranjar os canos e pôr as tomadas a funcionar – anunciou.

Atrás da minha secretária, olhei para ele. A Editora Powell tinha agora aqui a sua sede oficial, neste esplendor pouco profissional. Havia flores a entrar pelas redes das janelas e um pequeno esquilo saiu a correr da lareira suja de fuligem.

– Desculpe?

Ele levantou as mãos como que a indicar que estavam vazias.

– Preciso de ocupar o meu tempo com alguma coisa enquanto o Arthur arrasta esta negociação, e você precisa de algumas reparações por estes lados.

Eu sabia que ele crescera a trabalhar numa oficina e que era formado em Engenharia. Sabia que ele trabalhava com a mente, mas também com as mãos, a desmantelar casas e fábricas com a precisão de um cirurgião. Mas não *construía* nem assentava num sítio, e a perspetiva de ficar rodeada pelo seu trabalho depois de ele se ir embora trouxe-me uma pontada de pesar. Para onde quer que olhasse, na minha própria casa, ele estaria em todo o lado e em lado nenhum.

– Agradeço a oferta, mas não posso aceitar.

Ele refletiu sobre a minha resposta enquanto passava os olhos pelas paredes cobertas de estantes e equipamento de escritório, pelo velho sofá e pelas mesinhas desviadas para colocar as caixas de livros não vendidos dos meus autores, para o aspeto em geral improvisado e miserável do meu trabalho. Aproximou-se de uma estante repleta dos livros preferidos do meu pai. Tirou um livro grosso sobre arte moderna e folheou-o, de testa franzida.

– Gostava de ter conhecido o seu pai. Perguntar-lhe-ia como era a filha antes de ter decidido nunca depender de um homem. De qualquer homem.

– Não só de homens – corrigi, no tom mais ligeiro que consegui. – Incluo mulheres, crianças, animais de estimação e objetos inanimados. E vejam bem quem fala. Um velho solteirão.

Ele fechou o livro e voltou a colocá-lo no sítio.

– Velha solteirona – ripostou, com ar sério.

– Quer ouvir a desculpa educada de uma rapariga sulista? *Se não está avariado, não lhe mexas*.

Quentin indicou a lareira com um aceno. O esquilo aparecera e, assim que nos viu, enfiou-se num buraco no rodapé de madeira.

– Gosta de dar albergue a ratos engraçados?

– Oiça, a verdade é que não consigo trabalhar se houver alguém a fazer barulho em casa. – Dei uma palmada na secretária. – Acredite ou não, este é o meu negócio e ganho… nem sei, uns extraordinários cem dólares por mês com ele. E gostava muito de poder declarar esse rendimento

fixo quando for pedir ajuda para comer ao Estado.

– Fale-me sobre o seu trabalho – pediu ele, sentando-se numa velha cadeira de madeira ao pé da lareira. Ficava tão bem ali, como se estivesse no sítio certo. Pestanejei.

– Bem-vindo ao império editorial da Editora Powell. – Apontei para as caixas empilhadas ao canto. – O meu armazém. – Depois indiquei uma estante cheia de livros e pastas, listas e materiais promocionais. – O departamento de *marketing*. – A seguir, uma mesa coberta de caixas, etiquetas e rolos de fita adesiva. – O departamento de expedição. – Por fim apontei para o chão em frente da minha secretária. – Está em cima da zona de carregamentos. Cuidado com as empilhadoras.

– Gostava de ler os dois livros que publicou.

– Sim? – Secretamente satisfeita, peguei num lápis. – Nesse caso, veio ao sítio certo. Está neste momento a falar com a nossa diretora de vendas.

Dei-lhe os livros e Quentin saiu com eles debaixo do braço. Apoiei os cotovelos na secretária e a cabeça nas mãos.

Uma hora depois, Liza entrou com ar apressado.

– Sabes que o Quentin está a trabalhar no celeiro?

Quando fui ver o que se passava, Quentin acenou-me do sótão, que ele e Arthur estavam a limpar de tábuas partidas e destroços. Um dos esquilos bebés saiu a correr do bolso da camisa dele e saltou para o ombro de Arthur.

– Estou infetado com esquilos – declarou Quentin secamente.

– Deve ser doloroso.

– Preciso de fazer alguma coisa. Se for aqui, não a incomodo, pois não?

– O que é que um homem faz agora? – perguntou Arthur. Estava a segurar na ponta de uma tábua, e Quentin na outra.

– Vamos virar a minha ponta para o buraco da parede e atirá-la lá para baixo.

Vi-os manobrarem a tábua e deixá-la cair com estrondo em cima de uma pilha de madeira encostada à parede. O novo passatempo de Arthur, além de refletir sobre o destino da escultura, era pedir a Quentin instruções sobre como ser essa estranha criatura, *um homem*. Quando não era o Irmão Urso, Quentin era a epítome da masculinidade, e Arthur imitava-o desesperadamente. Eu nunca tinha visto nada assim. O meu irmão estava a encontrar uma forma de se escapar das amarras invisíveis do autismo. Graças a Quentin, que não queria gostar de nós.

– O que é que um homem faz? – perguntou Arthur de novo, levantando a ponta de uma trave mais pesada.

– Um homem não larga esta maldita a menos que queira que ela lhe caia em cima dos pés – avisou-o Quentin, levantando a outra ponta. Conduziram a trave até ao buraco. Arthur segurou-a com a concentração de um monge a estudar textos sagrados. – Agora um homem larga-a – indicou Quentin. A trave caiu com um baque satisfatório. Arthur sorriu. Quentin levantou o polegar. Havia nele tanta

gentileza. Arthur via-a e, de repente, eu também.

Ergui os olhos para Quentin Riconni e, sem aviso, sem qualquer senso comum ou lógica, sem espaço para esconder a ideia até de mim própria, pensei: *Quero mesmo amar-te*.

O telefone tocou e atendi distraidamente.

– O meu pai desmaiou ontem, com dores no peito – anunciou Janine.

– Mas ele está bem?

– Vai viver. O médico deu-lhe um medicamento novo para a angina e tranquilizantes. Tem estado sob muito *stress* nos últimos tempos. Não imagino porquê. Ele quer falar contigo amanhã ao almoço. Talvez se sinta melhor se esclarecerem as coisas. Vens?

– Sim.

– Obrigada.

– Janine, desculpa ter-te empurrado.

– Não acredito que estejas mesmo arrependida. Mas estou disposta a fazer um pacto com o Diabo se fores simpática com o meu pai amanhã ao almoço.

– Aceito o convite, Belzebu, e obrigada.

Ela desligou.

Tiber Crest, uma grande propriedade poucos quilómetros a oeste da cidade, tornara-se a joia da coroa da família nos anos sessenta, depois de o senhor John e a mãe de Janine receberem os terrenos como prenda de casamento e neles erigirem uma enorme casa de colunas brancas. Entre os empregados dos Tiber, a propriedade era conhecida jocosamente como «Monte dos Galos».

Durante a viagem pela estrada sinuosa até à casa, passei por antigos pomares de macieiras em socalcos nas encostas, demarcados por cercas brancas imaculadas. Vacas pretas decorativas pastavam nos vales. Quando a estrada se aproximou da casa, um bando de galos e galinhas de mármore mirou-me de entre os canteiros de azáleas e louro. Muitas pessoas nas montanhas decoravam os jardins com bichos falsos – veados, gansos, uma ou outra silhueta de cria de urso feita em contraplacado –, mas as galinhas de mármore eram uma especialidade dos Tiber, os quais levavam muito a sério a sua arte de jardim.

A casa de três pisos em Tiber Crest erguia-se, imponente, no cimo de uma colina virada para leste, em direção à cidade. Ao entrar no largo empedrado ouvi os sinos da capela da universidade baterem o meio-dia, o som transportado até aqui pela brisa da montanha, como um recital. Num dia limpo, os ocupantes da casa podiam sentar-se numa das várias varandas e ver os campanários das igrejas, o tribunal e o edifício da administração da universidade. Não que eu alguma vez tivesse tido essa oportunidade. Nas raras ocasiões em que o senhor John obrigara Janine a convidar-me para as suas festas de aniversário – e em que o paizinho me obrigara a ir –, ela relegara-me para o grupo dos

convidados de segunda, o que significava que não podia subir para admirar o quarto enfeitado de Janine, com a sua varanda pessoal.

Tricky Stuart, outra das minhas companheiras na lista dos convidados de segunda, abriu a porta da mansão quando toquei à campainha e sorriu.

– Olá, *Garra de Urso*. – A minha alcunha no ensino secundário.

– Olá, Tricky.

Ela vestia o uniforme de criada, um fato de calças e casaco em poliéster azul. Tínhamos crescido a comparar calos e histórias grotescas de galinhas mortas. Os pais dela ainda trabalhavam como criadores e estavam empenhados até ao próximo século graças à construção de cinco novas capoeiras. Tricky e o marido viviam com eles e ajudavam a gerir o negócio, complementando os rendimentos com o emprego de Tricky em Tiber Crest. Ela estava a criar quatro filhos, com dificuldade.

– Como está o teu nova-iorquino?

Dei-lhe o ramo de rosas amarelas que Liza apanhara para eu trazer. Não valia a pena dar importância ao tom de Tricky. Era uma forma de me recordar de qual era o lugar dela na hierarquia social, e qual era o meu.

– O meu nova-iorquino está a reconstruir-me o celeiro – respondi. – Parece que vai adicionar uma estação de metro.

Ela lançou-se num relato sussurrado de tudo o que os Tiber chamavam a Quentin – desordeiro, má influência, forasteiro pretensioso –, enquanto me conduzia pelo corredor decorado com retratos dos mais notáveis antepassados Tiber, em molduras douradas. Uma vez que todos os Tiber se consideravam notáveis, era um corredor muito comprido. Li um nome num retrato que não me era familiar e estaquei abruptamente.

A mulher retratada tinha cabelo acobreado, arranjado num penteado elaborado. O corpo roliço estava apertado num vestido de cerimónia antiquado e parecia estar a preparar-se para um cruzeiro no *Titanic*. O seu rosto era majestoso. Tinha algumas parecenças comigo e com o meu pai, e por boa razão.

Bethina Grace Powell Tiber olhava para mim com os olhos azuis dos Powell e uma sombra de infelicidade no sorriso. Eu nunca tinha visto qualquer imagem dela, exceto um pequeno daguerreótipo desfocado de quando ela era criança. O paizinho tinha-o emoldurado e colocado em cima da mesa do candeeiro na sala. A mulher que unia os Tiber e os Powell dos tempos modernos não parecia uma maria-rapaz louca, uma adúltera perversa ou, em termos mais brutais de eras passadas, uma amante de pretos. Parecia encantadora e triste.

– Tricky, de onde veio este quadro?

– O senhor John mandou-o pendurar a semana passada. Estava na casa da velha tia Dotty Tiber, na Carolina do Sul, e ele mandou trazê-lo. A Esme herdou-o da velha Dotty e adora o quadro, e o

senhor John e a Janine estão a tentar ajudar a Esme a sentir-se em casa, por isso puseram-no em exposição por causa dela. Pobre querida.

– Quem é a Esme?

– A sobrinha do senhor John. Filha do William. Sabes… o William… o irmão que morreu a escalar uma montanha, há muitos anos. Consta que também tinha sangue Powell, como a menina Betty. Um aluado. Um vagabundo. É o que dizem por aqui.

Eu lembrava-me vagamente de que William Tiber morrera num acidente de escalada, num país exótico qualquer, quando eu era pequena.

– Não sabia que ele era casado, muito menos que tinha uma filha.

– Não era casado. Engravidou uma rapariga qualquer. Ela entregou-lhes a bebé depois de os médicos lhe comunicarem que a pobre criança não era boa da cabeça. Foi a Dotty que a criou. Chama-se Esme. Agora a Dotty morreu e a Esme está cá. Tem dezanove anos de idade, mas não tem os parafusos todos, percebes. Suponho que tem um ligeiro atraso. Bom, mas não lhe chames isso. Por aqui a expressão é «necessidades especiais».

Eu ainda estava a recuperar do retrato. A história de uma segunda desconhecida na casa fez-me olhar em volta como se tivesse sido convidada para uma festa surpresa e pudessem aparecer mais pessoas a qualquer momento. Não pude deixar de perguntar a mim própria se o senhor John teria pendurado o retrato da nossa famosa antepassada comum como uma mensagem de reconciliação. Tricky continuou a debitar uma corrente de mexericos e opiniões até chegarmos a um solário repleto de flores e luz, ao fundo da casa. O senhor John, vestido com uma camisa de golfe e calças brancas, pálido e um pouco abatido, levantou-se e convidou-me a sentar. Sem abraços, sem o seu cumprimento habitual ao longo dos anos de: «Ursula, rapariga!»

Sentámo-nos a beber chá gelado e a comer salada de frango, e olhámos um para o outro com tristeza.

– Como se sente? – perguntei.

– Oh… o médico deu-me um medicamento novo para a angina. Suponho que as coisas agora voltarão a entrar nos eixos.

– Como está a Janine?

– Tem o orgulho ferido.

– Lamento muito o que aconteceu. E, para que conste, o Quentin Riconni também não tinha intenção de que o encontro consigo corresse como correu.

Ele franziu a testa ao ouvir o nome de Quentin.

– Vou tentar ser justo e dar-lhe o benefício da dúvida. É melhor do que ele me dar um ataque cardíaco. – Assenti com um aceno. De súbito, o senhor John afastou o prato e fitou-me com ar sério. – Parte-me o coração estarmos zangados um com o outro. Prometi a mim próprio que olharia por ti e pelo Arthur depois de o Tommy morrer. Queria compensá-lo por não o ter incluído na minha família

de forma mais respeitosa. Serei um velho assim tão mau que só consegues odiar-me?

– Não o odeio, de forma alguma. Gostava que as coisas fossem diferentes.

– Bom, aí tens! Não sabes que tu e a Janine têm muito em comum? Mulheres bonitas e inteligentes, trabalhadoras, ambiciosas. A tua vantagem é seres mais prática, porque nunca foste estragada com mimos como a Janine foi pela mãe. Não imaginas quantas vezes te mencionei como exemplo para ela. Temo ter sido o motivo do ressentimento entre vocês, porque ela tem inveja da minha admiração por ti.

– Eu sempre a invejei a *ela*.

– Nesse caso, deviam conseguir conversar e fazer as pazes, não achas?

– Gostava muito de ter uma conversa franca com a Janine, um destes dias.

Quando o Inferno congelar e os porcos tiverem asas.

– Maravilhoso! – Começou a limpar a colher de chá com o guardanapo, de testa franzida, estudando o seu próprio reflexo. – O Quentin já te fez alguma oferta concreta pela escultura?

Fiquei paralisada.

– Senhor John, se tenciona processar-me para eu lhe dar uma parte do valor, quero saber *já*.

Ele pousou a colher.

– Por favor, esquece o que eu disse a esse respeito. Foi um disparate que me saiu num momento de raiva. Sabes que *detesto* esse teu Urso de Ferro. O facto de ele ser valioso e de a obra do Richard Riconni se ter tornado tão admirada é a maior ironia de toda esta situação.

– De qualquer maneira, dificilmente haverá negócio. Está nas mãos do Arthur e não acredito que ele aceda a ficar sem o Urso.

– Mas, se ele concordar, estás disposta a vendê-lo? A sério?

– Sim. – A palavra parecia oca. E eu sentia-me vazia por dentro. – Pela quantia em causa, seria uma irresponsabilidade *não* o fazer.

– Ainda bem para ti. Sei que queres ser alguém e fazer algo daquela velha quinta. E tens de cuidar do Arthur, física e mentalmente. Mas não precisas de um forasteiro qualquer a meter o nariz, a fazer promessas vãs e a causar-te problemas. Se a escultura é assim tão valiosa, qualquer colecionador ofereceria tanto dinheiro como ele. Livra-te do Quentin Riconni, para o teu próprio bem.

– Não posso fazer-lhe uma coisa dessas.

– E se ele não for melhor do que alguns daqueles inúteis que se aproveitavam da bondade do teu pai?

– Não é o género dele.

– Como sabes? Constou-me que ele te encantou. E que é um autêntico feiticeiro aos olhos do Arthur.

Demorei um instante a dobrar o guardanapo de linho, torcendo o monograma dos Tiber entre os

dedos.

– Ele é um homem de bom coração.

– Bom, também eu. Não vos provei já isso uma ou duas vezes?

Assenti com um aceno. Liza confidenciara-me que ele interviera em defesa do paizinho na situação terrível de há dois anos. Quando os agentes federais prenderam o inquilino do meu pai por traficar drogas e encontraram várias doses no apartamento que ele arrendava na quinta, o senhor John usara a sua influência para impedir o governo de confiscar Bear Creek.

Agora, ele olhou para mim e suspirou.

– Eu sabia que o Tommy nem sonhava que um dos seus inquilinos era um criminoso. Não podia deixar um escândalo desses sujar o nome da família. Ainda somos parentes.

A reputação dos Tiber vinha sempre primeiro. Ainda assim, devia-lhe um gesto de humildade.

– Nunca lhe cheguei a agradecer. Obrigada.

– Não é preciso agradecer, querida. Vês? Não somos família? Então faz-me lá a vontade e ouve-me a respeito do Quentin Riconni.

A fase da humildade passou-me depressa. Fiquei tensa.

– Tinha razão dessa vez, mas agora está enganado.

– Ouve…

– Vi o quadro da Bethina Grace no corredor. – Mudar de assunto era uma boa opção.

O senhor John lançou-me um olhar impaciente.

– Está na altura de enterrar o passado de uma vez por todas e de declarar ao mundo que os Powell e os Tiber têm orgulho em ser parentes.

– Ótimo. Queria pedir-lhe um favor.

Ele franziu a testa.

– Pede o que tens a pedir.

– Gostava que escrevesse uma carta a pedir desculpa à mãe do Quentin Riconni. Conte-lhe que foi o senhor que mandou retirar a escultura dos terrenos da universidade e que pediu aos funcionários que informassem toda a gente de que tinha sido destruída.

Ele olhou para mim, agora com expressão absolutamente gelada.

– *Nunca*. E se foi só por isso que vieste almoçar comigo, podes dar meia-volta e…

Nesse momento, Tricky entrou a correr no solário.

– A Esme levou outra vez o carrinho de golfe!

O senhor John deu uma palmada na mesa.

– Fechem o portão!

– Já tratei disso, mas ela vai a descer o caminho e já sabe que vai ficar alterada quando lá chegar.

O senhor John levantou-se com ar preocupado.

– Já sabes que tenho uma hóspede nova? A minha sobrinha?

– Sim.

– Bom, está triste com a morte da tia Dotty e com saudades da Carolina do Sul, por isso está sempre a tentar fugir.

Levantei-me também.

– Num carrinho de golfe?

– Ela é lenta das ideias. Tão lenta como um carrinho de golfe. Tricky, vai buscar o meu carro.

– Eu consigo apanhá-la mais depressa do que a Tricky – retorqui. Saí de casa a correr, entrei na carrinha do paizinho e acelerei pelo caminho sinuoso. Vi o carrinho de golfe parado em frente do grande portão de ferro ornamentado, no ponto em que o caminho privado dava lugar à estrada pública. A delicada cabeça loira de Esme Tiber estava encostada ao volante e tinha os ombros a tremer.

Saí da carrinha e aproximei-me devagar. Ela soluçava de tal maneira que nem reparou na minha chegada. Estava descalça, vestida com uns calções azuis-claros e uma *T-shirt* da Minnie Mouse, com as malas às flores empilhadas no banco ao seu lado. Na parte de trás do carrinho, onde é costume levar-se os tacos de golfe, colocara o retrato emoldurado de Bethina Grace.

– Esme? – chamei baixinho. Ela susteve a respiração e endireitou-se. Arregalou os olhos azuis-claros, como ganga desbotada, no rosto em forma de coração, e gritou:

– Bethina Grace! Estás viva!

– Não, eu chamo-me Ursula. Mas sou da família da Bethina Grace, tal como tu. Sou tua prima.

– A minha prima Ursula. Ursula. Ursula. Oh! – Saiu do carrinho, uma criança de dezanove anos de idade, cuja voz lenta e melodiosa me fez lembrar uma fada sob o efeito de tranquilizantes. Apesar dos olhos trágicos e do rosto inchado, abriu os braços e abraçou-me. Não tive escolha senão abraçá-la também. – Eu sou a Esme, Esme Tiber, Esme, Esme – entoou, com o rosto escondido no meu ombro. – Podes abrir o portão?

– Infelizmente, não. Porque queres sair? – Ela recuou, com o lábio inferior a tremer, e peguei-lhe na mão como se fosse mesmo uma criança. – Tens saudades de casa? – Ela acenou veementemente, esforçando-se por não chorar, e fungou baixinho.

Apertei-lhe a mão.

– O meu irmão também fica com saudades de casa quando se afasta muito. Eu compreendo. – Ela olhou para trás de mim, para a carrinha colorida do paizinho, e abriu muito os olhos, agora distraída.

– O que é *aquilo*?

Ela correu para a carrinha e passou os dedos pelo urso preto que se passeava por cima do para-choques. Virou-se para mim.

– És a senhora do Urso de Ferro?

– Acho que sim. Vivo em Bear Creek. E é lá que está o Urso de Ferro.

– Menina Betty!

– Não sou a menina Betty, sou a Ursula.

– Não, não, estou a falar sobre a menina Betty e o Urso de Ferro e como ele foi viver em Bear Creek. A tia Dotty contou-me as histórias, desde que eu era pequenina. Tenho o livro.

– O livro?

Ela correu para o carrinho de golfe, abriu uma das malas, remexeu nas roupas e sapatos, e tirou um pequeno revólver com coronha de madrepérola, que pousou em cima do monte de roupa. Continuou a atirar coisas para fora da mala enquanto eu pegava com cautela na arma. Verifiquei que não estava carregada e suspirei de alívio.

– Esme, isto é teu?

– Oh, sim. – Ainda estava à procura de qualquer coisa. – A tia Dotty deu-ma. Consigo disparar contra alvos. – Os Tiber eram todos caçadores e amantes de armas, por isso não fiquei muito surpreendida por até os mais delicados terem paixão pelo tiro ao alvo. Pus o revólver de lado.

– Aqui está! – exclamou ela alegremente. Tirou da mala um velho álbum preto com o nome de Betty Tiber gravado a ouro desbotado num canto. – O livro da menina Betty! Foi a tia Dotty que mo deu.

Sentámo-nos à beira do caminho e abrimos o velho álbum de páginas amarelecidas. Nele havia dezenas de fotografias e artigos, tudo sobre o Urso de Ferro

– Este é o meu pai – informei, apontando para uma fotografia de jornal que mostrava o paizinho a pintar o Urso durante os anos em que fora vítima de vandalismo na universidade. – E esta sou eu. – Um retrato tirado pela menina Betty mostrava-me, com cerca de quatro anos de idade, em cima da cabeça do Urso como se montasse um elefante de circo.

Esme Tiber olhou para mim de boca aberta.

– Podes dar-me um auto… auto… – debateu-se com o vocabulário e desistiu – … *assinar* a fotografia?

Apesar do meu embaraço, encontrámos uma caneta na minha mala e assinei o canto da fotografia. Ela apertou o álbum contra o peito.

– Inventei muitas histórias sobre o Urso de Ferro. Ele era meu amigo quando eu era pequena. E agora é o meu *único* amigo. – Os seus olhos encheram-se de lágrimas.

– Isso não é verdade. Vais habituar-te a viver aqui. É um sítio maravilhoso. E farás muitos amigos novos.

– Como tu? Posso ir visitar o Urso de Ferro, por favor? Por favor, por favor? – O seu olhar era solitário e esperançoso.

O que raio me estava a acontecer hoje? Via-me rodeada de Tibers que me queriam puxar para as suas vidas.

– Porque não pedes ao senhor John se a Tricky te pode levar lá um dia para me visitares?

– Oh, boa ideia!

– Mas tens de prometer que não voltas a tentar fugir.

– Está bem!

– E se eu voltasse para trás e tu me seguisses no carrinho de golfe?

– Está bem.

Esme Tiber podia não ser a galinha mais inteligente da capoeira, mas era uma condutora de Fórmula 1 atrás do volante. Acelerou pelo caminho acima, atrás de mim, e parou com uma derrapagem em frente à casa, onde o senhor John e Tricky nos esperavam.

– Vou visitar a Ursula e o Urso de Ferro um destes dias – anunciou ela. – Não vou fugir mais. Prometi à Ursula!

Uma sombra passou pelo rosto do senhor John, que me chamou à parte.

– Não permito que ela lá vá enquanto o Quentin Riconni lá estiver.

– Lamento muito.

Da forma mais digna que consegui, agradeci-lhe pelo almoço e ele respondeu com um aceno triste, mas seco. Voltei a descer o caminho, meio aturdida. Embora tivesse pedido a Tricky que abrisse o portão comandado à distância, tive de esperar que as engrenagens o abrissem o suficiente para me deixar passar. Apoderou-se de mim um pânico peculiar, um aperto claustrofóbico que me dificultou a respiração. Não conseguia deixar de pensar na estranha e triste Esme, ainda mais encurralada do que a maioria das pessoas pelas suas próprias insuficiências e pelas convenções da família. E agora vira-se apanhada nas complicações da minha situação com Quentin.

Assim que pude, pisei o acelerador e saí para a estrada pública. Livre. Livre da cobra.

Ou apenas desejando sê-lo.

15

A meio da tarde, o céu por cima das montanhas tornara-se cinzento, com a promessa de chuva. O ar pesava sobre mim, húmido e carregado. Quentin fora à cidade e levara consigo Arthur e Oswald, este último meio contrariado, para comprar pregos e outras ferragens necessárias para o celeiro.

O celeiro estava já livre de escombros e, com a ajuda de Oswald e Arthur, Quentin começara a substituir as traves. Eu não protestei, porque o trabalho nos mantinha afastados um do outro. Arthur parecia suspenso na aura de Quentin, fascinado pelas tarefas masculinas, que imitava. Por outro lado, continuava incapaz de partilhar connosco o que a sua querida Mãe Ursa decidira em relação ao seu próprio futuro.

O telefone da cozinha tocou. Atendi com uma mão molhada e continuei a limpar a grande frigideira de ferro que usara para cozinhar as salsichas ao pequeno-almoço. Cozinhar nunca fora um dos meus hábitos quando vivia em Atlanta. Desde que voltara para casa, transformara-me numa Martha Stewart sulista, dedicada a fazer os pratos preferidos de Arthur.

– Fala a Harriet – anunciou uma voz triste.

Pousei rapidamente a frigideira.

– Como vai isso?

– Estou a trabalhar no departamento de loiças da loja Perimeter Rich's. Tenho saudades da minha loja. – Contou-me como estavam os meus antigos vizinhos e onde tinham encontrado empregos. – Liguei porque tinha de te contar. As demolições em Peachtree Lane começam para a semana. – Desatou a chorar. – Fui ver as lojas. Ursula, fazem lembrar pessoas velhas condenadas à morte. Provavelmente não queres lá estar.

Senti o coração apertado e encostei a cabeça à parede ao lado do telefone, de olhos fechados.

– Tenho de ir – respondi.

Estava prestes a sair de casa na carrinha do paizinho. Levava um vestido comprido, sem mangas, que Liza me fizera de um tecido de algodão com padrão de rosas que tinha encontrado no sótão. A mãezinha guardara-o numa caixa, embrulhado em papel. Para nosso espanto, só a camada exterior do rolo de tecido estava a desfazer-se e comida pelos bichos.

– Ela havia de querer que fizesses alguma coisa com isto – afirmou Liza. – Sempre senti o espírito da tua mãe nesta casa, e sempre soube que era um espírito positivo e cheio de amor.

– Não sei costurar. Só sei pregar botões e fazer bainhas.

– Eu faço.

Olhei para ela com sentimentos contraditórios de afeto e algo mais, mas acabei por concordar. Agora, estava contente por ter o vestido. Hoje sentia necessidade de usar talismãs, recordações. Queria vestir-me em homenagem à morte das velhas lojas.

Ouvi um carro a aproximar-se e vi um *Corvette* vermelho contornar a última curva do caminho e parar no pátio. Franzi a testa e atirei a carteira para o banco da carrinha. Não reconhecia o visitante.

Era um homem gordo, estrábico, com grandes bochechas flácidas. Saiu do *Corvette* com algum esforço, abriu um grande sorriso quando me viu e sacudiu poeira invisível da camisa de golfe e das calças. Trazia muitas joias de ouro – anéis, colares com crucifixos, pulseiras grossas.

– Bom dia, como está? – cumprimentou-me em tom arrastado.

– Posso ajudá-lo em alguma coisa?

Ele assentiu com um aceno, suspirou, tirou do carro uma pasta preta e pousou-a em cima do *capot*. Ajeitou o anel do dedo mindinho e estendeu a mão rechonchuda.

– Joe Bell Walker. Venho à procura do Tommy Powell.

– Sou a filha, Ursula. – Apertámos as mãos.

– Ah sim? Estou farto de ouvir falar em si. Ele tem muito orgulho dos filhos.

– Senhor Walker, não sei como lhe dizer isto, mas o meu pai morreu em janeiro.

– Não! – Para minha surpresa ele encostou-se ao carro, inclinou a cabeça, tirou um lenço branco do bolso das calças e limpou os olhos. Fiquei ali parada, num silêncio combalido, a olhar para os carvalhos e a tentar perceber que amigo seria este. Possuía demasiadas coisas de valor para ser um dos artistas amigos do paizinho, e era demasiado vistoso para ser daqui.

– Oh céus, oh céus – gemeu ele. Perguntou-me o que tinha acontecido e eu expliquei-lhe com gentileza. – Oh céus, oh céus, oh céus – repetiu, e guardou o lenço. Apontou com a mão enfeitada para o Urso. – Tens de tomar conta dos filhos do Tommy, ouviste? – gritou.

– Senhor Walker, é um artista como ele?

– Não, minha querida, mas gosto muito de arte e comprei muita coisa aos colegas do seu paizinho. A minha mulher e as minhas filhas adoram aqueles frascos de perfume que a Liza faz. – Estendeu a mão para a pasta e suspirou. – Mas hoje venho em negócios. Sou cobrador do Instituto Financeiro Donahue.

Recuei um passo, de boca aberta, horrorizada. O Instituto Financeiro Donahue era famoso por todas as montanhas. Constava que o Velho Donahue e os filhos tinham controlado salões de jogo para a máfia de Dixie até aos anos setenta. Nas últimas duas décadas, o clã estabelecera uma nova reputação como agiotas. Este fã choroso do meu pai era um tipo capaz de partir rótulas a quem não pagava os empréstimos.

– O meu pai pediu-lhes algum empréstimo?

– Sim, senhora, é um facto. Há cerca de dois anos pediu-nos dez mil dólares emprestados, mais juros. Mencionou que ia fazer umas limpezas na quinta depois daquela situação infeliz com o traficante de droga. Disse que tinha alguns inquilinos que não conseguiam pagar sempre a renda… essas pessoas que aí continuam… que eram gente boa e decente e que estava decidido a deixá-los ficar, mas que nunca conseguiam pagar o valor total e ele não queria que soubessem que estava a

precisar de dinheiro. Assim, pediu um empréstimo.

– Quanto é que ainda falta pagar, com juros?

– Cinco mil, minha querida. Desde o inverno que ando a ser paciente. Ele não tem conseguido fazer pagamentos… Explicou-me que a situação estava complicada no negócio da arte. Os inquilinos não conseguiam pagar-lhe um cêntimo de renda. Mas colaboravam quando era preciso. A menina Liza contribuiu com algumas joias, os Ledbetter enviaram um serviço de loiça muito bonito para a esposa do senhor Donahue e o Oswald deu a outra motorizada que tinha, mas não chega, minha querida. Afinal, existem *regras*, e o seu paizinho sabia disso quando contraiu o empréstimo.

Combati uma vaga de náusea e medo.

– O que é que o meu pai deu como garantia?

– Três acres de terra, minha querida. Esta parte aqui da frente da quinta.

O paizinho devia estar desesperado, para arriscar as terras dos Powell. Nos cento e cinquenta anos da nossa história turbulenta, nunca, mas mesmo nunca, tínhamos perdido um centímetro que fosse da propriedade original.

– Tenho aqui os documentos. Se não se importa de assinar, a escritura está preparada.

Fiz um esforço para pensar. Tinha a cabeça a andar à roda.

– Posso pagar-lhe os cinco mil dólares, em dinheiro, amanhã.

– Ora! – Ele olhou para mim, satisfeito e surpreendido. – De certeza?

– De certeza. Levo-lhe o dinheiro da parte da manhã, antes do meio-dia.

– Ufa! – Fechou a pasta, deu-me um cartão de visita e limpou a testa. – É um peso que me tira de cima. – Tirou do bolso uma agenda eletrónica e apontou qualquer coisa. Mesmo os velhos mafiosos se tinham rendido à tecnologia. – Lamento muito vir trazer-lhe estas notícias – observou. Joe Bell Walker parecia realmente constrangido. – E espero que consiga mesmo pagar. Em dinheiro, ouviu?

– Sim.

Levou a mão ao coração e despediu-se. Enquanto se afastava, os meus joelhos cederam como se ele me tivesse mesmo esmagado as rótulas. Encostei-me à carrinha. O paizinho precisara de dinheiro; fizera os possíveis para melhorar a velha propriedade e proteger os seus inquilinos preferidos. Queria que eu me orgulhasse dele. Isto acontecera pouco depois de eu o ter magoado com a minha vergonha e a minha raiva.

Nessa tarde, passei três horas sentada a uma secretária, entre as prateleiras e expositores reluzentes da negociante de prata mais conceituada de Atlanta. Era uma mulher já de certa idade, discreta, vestida num fato elegante de lã azul, com um colar de pérolas ao pescoço. Alguém me contara que ela tinha entrado no negócio da prata depois de o marido morrer, pois vira-se ela própria forçada a vender as pratas da família. Ao longo dos anos tínhamos construído uma relação amistosa, enquanto eu poupava e economizava tudo o que podia para fazer a minha própria coleção de peças de prata, o primeiro conjunto de pratas que alguma mulher Powell alguma vez possuíra, e que

tencionava deixar um dia à minha filha mais velha, para ela deixar à sua filha. Agora, essa coleção encontrava-se em caixas à volta dos meus pés.

– Querida, não gosto nada de a ver assim – lamentou a mulher num sotaque doce do Velho Sul.

– Sabe como as coisas são, às vezes.

Ela assentiu com um aceno. Quando me deu o cheque, pousou a mão sobre a minha.

– Vou guardar as suas pratas durante um mês, e pode vir buscá-las pelo mesmo dinheiro que lhe paguei.

Agradeci, mas saí da loja com a certeza de que as pratas estavam perdidas para sempre. Começou a chover. O dia estava a acabar, a escurecer. Devia ir para casa, descansar um pouco, embriagar-me.

Em vez disso, entrei na carrinha e dirigi-me a Peachtree Lane.

Eu ter-lhe-ia dado o dinheiro, se soubesse. Se ela tivesse pedido. Mas nunca mo pediria. Quentin estava em Atlanta, onde viera à minha procura. Liza confidenciara-lhe o que acontecera com Joe Bell Walker; encontrara-me a encaixotar as pratas e vi-me obrigada a explicar-lhe o que ia fazer.

Maldito usurário parasita, igual aos filhos da mãe com quem cresci, pensou ele, enquanto conduzia pela autoestrada. *Mas ela só precisava de me ter dito alguma coisa. Eu dava-lhe o que fosse necessário. Podíamos ter considerado que era um pequeno adiantamento sobre o Urso*.

Franziu a testa, pensando na minha atitude, e praguejou entre dentes.

Ela não quer ficar a dever-te nada. Nem dinheiro, nem ela própria. Já te percebeu. Pagar e levar. Manter as coisas impessoais. E foi o que fez. Queres levar a tua vida desta maneira? Aí tens.

Quentin virou o *Explorer* para a saída e entrou na cidade. Uma chuva cinzenta deslizava lentamente no vidro. Ligou os limpa-para-brisas e fechou a janela. Os cheiros e cores de um dia chuvoso faziam-no sempre sentir que o mundo estava vazio e que tinha de o percorrer sozinho. Pisou o acelerador.

Talvez não queira continuar a levar a minha vida desta maneira.

O dia dissolvera-se em sombras molhadas quando estacionei num dos lugares virados para o passeio largo em Peachtree Lane. À minha volta, as ruas residenciais estavam vazias e silenciosas, as luzes das casas a brilharem entre a neblina solitária. A poucos quarteirões dali, na casa que eu ajudara a renovar, Gregory e a sua nova *eu* deviam estar a limpar o lava-louça ou a pulverizar desinfetante no chão imaculado.

O parque de estacionamento atrás das lojas já se transformara numa paisagem acidentada de betão levantado. Os pessegueiros e as nogueiras tinham desaparecido; no lugar do pessegueiro antigo restava apenas um buraco no chão, e as nogueiras eram tocos baixos no passeio. Sem o abrigo das

copas verdejantes, a fila de velhas lojas de tijolo parecia vulnerável e despida. As janelas altas tinham sido retiradas e substituídas por taipais de madeira. E, o pior de tudo, o bloco de lojas estava cercado por uma cerca metálica com três metros de altura. Enfiei os dedos na cerca inesperada e encostei o rosto aos arames, olhando para a minha loja como uma mãe separada de um filho ferido. Queria pressionar o corpo contra o arame e passar para o outro lado, como manteiga derretida por um passador.

Voltei para a carrinha. Dirigi-me à traseira das lojas, onde costumavam estar os contentores, engatei a primeira, subi o passeio com as rodas da frente e encostei à rede o para-choques pintado pelo paizinho. A cerca cedeu um pouco. Era evidente que os postes não tinham sido cravados muito fundo, pois não estavam preocupados com invasores. Um sinal de Deus.

Pisei o pedal do acelerador aos poucos. Uma secção de cerca rendeu-se de forma muito satisfatória e tombou, batendo ao de leve na carrinha antes de desaparecer debaixo das rodas. Saí da carrinha, tirei uma pequena geleira do banco e subi os degraus até ao patamar da porta das traseiras da minha loja. Só então vi que a empresa de demolição tinha colocado um grande cadeado.

Dei um murro na porta e tentei puxar as tábuas das janelas – até pensei, por um segundo, em lançar a carrinha contra a parede. A chuva quente deslizava-me pelo rosto e a escuridão caiu à minha volta.

Ouvi o motor potente de um carro na rua estreita que contornava o parque de estacionamento. Os carvalhos no passeio e uma fila de arbustos de lilases ocultavam-me, a mim e à carrinha, de transeuntes desinteressados, mas depois ouvi o som inconfundível do outro veículo a contornar o bloco de lojas e a voltar para trás, abrandando ao aproximar-se do parque de estacionamento. Um carro-patrulha, provavelmente. *A lei*, como diziam as pessoas das montanhas. Alguém devia ter visto a cerca derrubada e chamara as autoridades.

Limpei a cara e aguardei no patamar da porta, pronta para enfrentar o meu destino de vândala e assaltante, com as mãos fechadas com força sobre o corrimão de ferro trabalhado que todos os anos, com amor, eu pintava com tinta preta à prova de ferrugem. O amor pelo ferro estava-me no sangue, embora nunca pensasse nisso dessa maneira. Simplesmente agarrava-me à estrutura menos maleável que conseguia encontrar. Se as autoridades tinham vindo buscar-me, teriam de me arrancar dali à força.

Nesse momento vi que era Quentin a sair do carro. Olhei para ele, aliviada.

– A causar sarilhos, como uma verdadeira rebelde sulista? – perguntou ele na sua voz grave.

Assenti com um aceno.

– E a dar um pontapé simbólico no rabo das instituições.

Ele atravessou a floresta urbana de cerca derrubada e postes de aço desenraizados. Um candeeiro de rua acendeu-se e a neblina da noite pousou-lhe no cabelo escuro como pedras preciosas minúsculas. A sua mera presença era vasta e reconfortante. Só consegui pensar: *Ainda bem que ele*

está aqui.

– Parece que a encontro sempre de roda de edifícios prestes a cair – comentou.

– Posso dizer o mesmo de si.

Subiu para o patamar estreito e parou ao meu lado.

– A Liza contou-me onde vinha. E o que fez com as pratas.

– Ela pensa que eu preciso de um ombro onde chorar, mas está enganada.

– Não vim aqui oferecer parte nenhuma do corpo. – Levantou a mão e, quando viu que eu não me opunha, roçou os nós dos dedos pelo meu rosto, apanhando uma gota de chuva que talvez fosse uma lágrima. Depois olhou para o cadeado na porta atrás de mim enquanto eu o fitava de forma desafiadora.

– Quer entrar?

– Sim. Gostaria de ver a minha loja uma última vez.

– Só um segundo. – Voltou à carrinha e regressou com uma lanterna potente e dois instrumentos finos e estreitos. Eu segurei na lanterna enquanto ele os introduzia na fechadura do cadeado, até que ouvi um estalido. Tirou o cadeado e eu rodei a maçaneta e empurrei a porta, que se abriu. O cheiro entranhado de madeira velha, papel, cabedal, conhecimento, a essência de livros, saiu numa baforada de ar escuro. Inalei profundamente.

– Obrigada.

– Agradeça a um tipo chamado Lockhead. Foi ele que me ensinou a fazer isto quando eu tinha doze anos. Quer que espere cá fora?

– Não, entre. Esta loja tem fantasmas maravilhosos.

Ele lançou um olhar curioso à geleira aos meus pés, depois pegou-lhe e seguiu-me pelo labirinto acolhedor de pequenas divisões, com as paredes ainda tapadas pelas estantes. Mesmo vazias, tinham um certo calor e personalidade. O soalho de madeira rangia e os nossos passos ecoavam no espaço vazio. Acariciei as prateleiras e o papel de parede com rosas desbotadas. Quentin virou a lanterna da parede para o padrão de rosas delicadas no meu vestido.

– Camuflagem – brincou. – Muito bem pensado, para quem quer caçar livros no seu *habitat* natural.

Ri-me baixinho. Ele pousou a lanterna em cima do velho balcão de carvalho, com as suas memórias de sessenta anos de vendas, leituras, autores, leitores e alegria.

– F. Scott Fitzgerald esteve encostado a este balcão quando visitou a proprietária original, em 1945 – contei-lhe. – Tenho uma fotografia deles os dois. E o ano passado F. Scott Shey encostou-se aqui quando me visitou a mim. Ganhou o Nobel da Física. Tenho uma fotografia de nós os dois. Há aqui um espetro tão completo… uma continuidade.

Quentin acenou com a cabeça.

– Muito bem, agora que os F. Scott estão despachados, fale-me sobre as outras pessoas que aqui

passaram entre um e outro. Desabafe.

– É capaz de demorar algum tempo.

– Não tenho pressa. – Encostou-se ao balcão, entretecido com as sombras, partilhando em segredo as minhas mágoas. A chuva acalmou-me e fiquei contente por estarmos apenas nós, ele e eu, abrigados neste velho refúgio, nos seus últimos dias de existência.

– Tinha uma pequena cerimónia planeada – confessei. Ajoelhei-me no chão ao lado da geleira e depois tive uma ideia e ergui os olhos para ele. – Deixei um velho banco de madeira na sala dos fundos. As almofadas estão rotas e não valia a pena salvá-lo. Importa-se de o trazer para aqui? É pesado… e tem quase dois metros de comprimento.

– Os seus desejos são ordens.

Quem me dera, pensei, quando ele saiu.

Sentámo-nos no banco e partilhámos a garrafa de champanhe, bebido num copo delicado de pé alto feito por Liza. Eu acendera duas velas altas e grossas em cima do balcão, e a luz tremeluzia sobre nós. Quentin beberricou o champanhe gelado enquanto eu abria um livro de poesia que trouxera comigo. Uns bons tragos da bebida já tinham eliminado a minha dignidade artificial. Tinha o estômago quente, os músculos relaxados. Estava pronta para falar com a livraria.

– Não sabia bem o que oferecer em honra do teu espírito – comecei, em voz alta, olhando em volta. – Assim, procurei algo nos clássicos. Fui buscar isto a Ben Jonson. – Inclinei a cabeça sobre o livro. – *Esse lírio de um dia, em maio, tem mais valia, mesmo que à noite caia já sem cor: foi a planta da luz, era o sol, a flor. Em justas proporções a beleza se ajeita, e só num ritmo breve é que a vida é perfeita*.

Levantei a cabeça, peguei no copo de champanhe que Quentin me estendia e ergui-o num brinde à sala mergulhada em sombras. A loja estava tão silenciosa; não havia sequer o zumbido de uma lâmpada para quebrar o silêncio, apenas o tamborilar da chuva no telhado. Era como se não houvesse mundo do outro lado das janelas entaipadas. Estranhamente, isso não me incomodava. Até Quentin parecia satisfeito. Acenei à velha loja.

– Dentro destas paredes, tornaste perfeita a vida de muitas pessoas. Incluindo a minha. Obrigada.

A voz tremeu-me nas últimas palavras. Bebi depressa um gole de champanhe e pousei o copo no balcão atrás de mim, ao lado da garrafa.

– Para mim, chega.

– Posso ver esse livro de poesia?

– É uma coletânea – expliquei. – Um bocadinho de tudo.

– E que tal qualquer coisa de *Macbeth*? – Folheou a secção dedicada a Shakespeare com conhecimento de causa e leu em voz baixa e melódica: – *A vida é apenas uma sombra que se move; um pobre ator que dá cabriolas e se agita por uma hora, em cena, e de que não se torna a ouvir falar. É um conto narrado por um idiota, um conto cheio de barulho e fúrias, mas que nada*

significa.

Gemi baixinho.

– Oh, que perfeitamente *seu*. Muito mórbido.

Ele ergueu a sobrancelha escura.

– *Toda* a poesia é mórbida.

– Não é nada. – Aproximei-me mais dele e folheei o livro pesado, de capa dura, que ele tinha nas mãos. – Aí tem. Ogden Nash. Muito doce. – Li em voz alta: – *A tartaruga vive entre placas duras que praticamente lhe escondem o sexo. Que inteligente é a tartaruga, por ser, em tais condições, tão fértil*.

– Hum… Está bem, um meio-termo. Qualquer coisa de Masefield. – Com um brilho bem-humorado nos olhos, passou as páginas do livro. – *Deixa-me ter sabedoria, beleza, sabedoria e paixão, alimento para a alma, chuva quando o verão secar. Dá-me apenas isto e, ainda que as trevas caiam, até a noite florescerá como a rosa*.

– Rosas – brinquei. – Só se lembrou disso por causa das rosas do papel de parede.

– Não, por causa do seu vestido. – Olhou para as rosas delicadas que se alinhavam ao longo do meu corpo. – Está muito bonita.

Em silêncio, trocámos um olhar que me fez sentir curada, calma, aberta. Depois, ele voltou a baixar os olhos para o livro.

– Vamos voltar a Shakespeare. – Emanava um calor visceral ao qual não consegui resistir. Baixei a cabeça ao lado da dele e fechei os olhos por um segundo, apreciando o aroma das suas roupas, do seu cabelo, da sua pele. O ombro dele roçou no meu e não me desviei.

Quentin pigarreou.

– *Só se ri das feridas quem nunca sentiu as dores dos ferimentos. Mas… silêncio! Que luz será aquela que jorra através desta janela? Esta janela é o Oriente; Julieta, o Sol*. – Com a voz a acariciar-me, continuou a declamar o famoso solilóquio. Nunca nenhum homem lera para mim. Pelo menos desde que o paizinho o fizera, quando era pequena. Olhei para ele, fascinada, e senti-me renovada e viva pela primeira vez em muitos meses… não, anos. Há anos que não me era tão fácil sentir.

Quentin estava bem consciente da minha respiração na sua face, do meu cheiro, do desejo no meu olhar, da intimidade fácil que nos fundira entre palavras faladas e desejos calados. Tinha uma ereção por baixo do livro, sentia-se imprudente, esfomeado. Quando acabou, ergueu os olhos para os meus, intensos e penetrantes, escuros à luz das velas.

– Não olhes para mim assim. Levanta-te e vai-te embora.

Abanei a cabeça.

– Não posso virar costas àquilo que me fazes sentir. Quero *mais*.

E depois, no meu suspiro ou no dele – não sei – beijei-o. Estava a tremer quando nos afastámos.

Olhei-lhe para o rosto e vi nele espelhadas as minhas emoções – o perigo, o impulso, a luxúria. E talvez o amor. Se era apenas o meu desejo ou a realidade dele, não sabia.

– Vou dar-te mais uma oportunidade para parares.

Beijei-o outra vez e, desta vez, ele assumiu o controlo. Tocou-me no rosto, enfiou os dedos no meu cabelo, chamou a minha língua para a sua boca e saboreou-me com a dele. De súbito estávamos ambos frenéticos e febris, entrelaçados um no outro, a consumirmo-nos mutuamente.

Empurrámos para o soalho riscado da loja as almofadas do banco e usámo-las como colchão. Delirantes, ávidos, rápidos e silenciosos, trabalhámos em uníssono. Livrámo-nos das roupas, com a pele húmida exposta ao toque no ar quente e sexual, a mão dele nos meus seios, depois a boca. Acariciei-o quando se posicionou em cima de mim. E por fim, enquanto eu o fitava no rosto, beijou-me de forma suave, a calmaria na tempestade, e eu trouxe-o para dentro de mim.

Fundimo-nos e fluímos tão facilmente como a chuva sobre o solo fértil.

As estrelas brilhavam quando chegámos a Bear Creek. A viagem até casa fora muito longa para mim, sozinha na carrinha do meu pai, a tentar limpar as ideias e repleta de uma infelicidade tão profunda que mal me conseguia concentrar na estrada. *Vais passar o resto da vida a desejar tê-lo outra vez*.

Ele estava a pensar os mesmos pensamentos agonizantes em relação a mim, mas eu não sabia. Atravessámos o pátio escuro sem nos tocarmos. Acendi um candeeiro de querosene em cima do corrimão do alpendre e sentei-me no baloiço com cuidado. Quentin sentou-se nos degraus do alpendre, a três metros de mim. *Hammer* apareceu a correr da escuridão, com a cauda a abanar. Ficou aborrecido quando nem Quentin nem eu lhe demos muita atenção.

– Temos de falar – começou Quentin.

– Eu sei.

– Sou oito anos mais velho do que tu.

– Só oito? Tens de arranjar um argumento melhor do que esse.

– Os velhos hábitos custam a desaparecer.

Descalcei as sandálias e empurrei o chão do alpendre com os dedos dos pés, baloiçando-me devagar, num ritmo tão sensual que parei logo.

– Também tenho os meus velhos hábitos. Sempre segui o meu próprio caminho. Esforcei-me tanto por evitar relações sérias.

– Como era o teu doutor? O investigador. A Liza falou-me um pouco sobre ele.

– O Gregory? Muito asseado. Muito fiável.

– Mas traiu-te.

– Acho que sempre soube que isso aconteceria. Sabia que nunca nos casaríamos.

– Devias amá-lo, de alguma forma. Ele tinha alguma coisa que te levou a ficar.

– Se estás a falar de sexo, estás enganado. Não que não fosse agradável, mas sempre foi um impulso fácil de resistir, para mim. – Fiz uma pausa. – Até recentemente. Nunca na minha vida me tinha atirado para os braços de um homem.

– Pensei que tinha sido eu a seduzir-te – retorquiu ele com humor. – Estava a mentir quando te pedi para parares.

Aquelas palavras galantes aqueceram-me até aos ossos.

– Tens uma capacidade especial para identificar ligações e relações. Estruturas, quero eu dizer. Espaços, uniões e sistemas. É natural para ti. Um instinto criativo. Viste o que eu queria e deste-mo.

– Isso não é ser criativo. É ser um homem.

– Acho que, no fundo, és um artista.

– Não.

Foi com esforço que as próximas palavras me saíram dos lábios.

– Tens uma namorada em Nova Iorque? Deves ter. Mais do que uma, imagino.

Ele falou-me sobre Carla Esposito, de forma franca e honesta, e sem assumir se tinham ou não futuro.

– Somos amigos desde crianças – concluiu. – Ela vem e vai.

Amigos que passaram a maior parte da vida a dormir um com o outro, pensei, num silêncio desolador.

– Isso não é apenas uma amiga. É uma mulher que amas. – Disse-o não como uma acusação, mas apenas a confirmar aquilo que, para mim, era óbvio.

– Não.

– O que é para ti o amor, então?

– Uma pessoa sem a qual não consigo viver.

Na longa pausa que se seguiu, não vi qualquer indicação de que essa pessoa podia algum dia vir a ser eu. Olhei fixamente para a escuridão para lá do círculo de luz da lanterna.

– Também é assim que defino o amor. Talvez seja por isso que sempre fugi dele, e é possível que nunca pare de fugir. Os meus pais amavam-se assim.

– Os meus também.

– É demasiado penoso.

– Sim.

Respirei fundo.

– A minha vida é aqui. Neste lugar. Sou uma Powell. Esta terra possui-me. E ao Arthur. O Arthur nunca poderia viver noutro lado.

– Precisas de alguém que ame esta quinta tanto como tu. – Quentin tirou um charuto meio fumado do bolso da camisa e espetou-o na terra do vaso do meu pessegueiro. Parecia querer dar a entender que fora criado com betão debaixo dos pés e que não dava valor à santidade da terra. Vi a luz no seu

cabelo escuro, o perfil cansado, os olhos endurecidos. Olhei para ele num silêncio prateado, a sofrer por dentro.

Embora eu não suspeitasse disso, ele não se sentia melhor do que eu.

Ela podia dizer-me que sou o homem de quem tem estado à procura, pensou Quentin. *Se acreditasse mesmo nisso, podia acrescentar que eu aprenderia a ser daqui. Se isso fosse possível, e se ela quisesse acreditar, fá-lo-ia*.

Hammer levantou a cabeça e ladrou baixinho. Quentin e eu olhámos para o trilho da floresta para lá das forsítias, ao lado do pátio. Ao princípio, o único som era o cântico distante das rãs nos riachos, mas depois ouvi o som distintivo de passos sobre os galhos caídos.

Levantei-me e aproximei-me dos degraus do alpendre.

– Arthur?

O meu irmão saiu das trevas, para uma poça de luar. Tinha qualquer coisa nas mãos.

– Irmão Urso? – chamou.

– Estou aqui, Arthur – respondeu Quentin.

– Irmã Ursa?

– Estou aqui – respondi também.

– Já sei o que a Mãe Ursa quer. Consegui compreendi.

Sustive a respiração.

– O que é, meu querido?

Ele avançou mais, com o luar prateado a tremeluzir-lhe no cabelo, o rosto branco como a cal. Deu mais um passo em frente e depois parou, baloiçando-se como se estivesse em transe. O objeto volumoso que tinha nas mãos parecia pesado.

– Ela não tem ninguém como ela. Da sua espécie. É isso que pensas também, Irmão Urso, não é? Beijaste a Ursula no outro dia para espantar o Entre porque ela também se sente sozinha. Como o Urso.

Quentin levantou-se.

– Beijei a tua irmã porque gosto dela.

– A Mãe Ursa precisa de um amigo para a beijar. Sente-se tão sozinha… se não se sentir melhor, ela… ela vai morrer! – Arthur conteve um soluço e estendeu-nos o objeto misterioso. – É tão mau estar sozinho. Ela morre se não for feliz! Como o paizinho morreu! Mas tu podes ajudá-la!

– Calma, calma, Arthur – sussurrei, enquanto descia os degraus. Ele recuou e eu parei.

– Diz-me o que queres que eu faça – pediu Quentin com delicadeza.

– Ela precisa de um amigo! Se isso não a fizer sentir-se melhor, então pode ir viver contigo.

– A sério? Deixas-me levá-la?

– Sim. Mas só se não for feliz mesmo depois de ter um amigo. Primeiro temos de encontrar um. Está bem?

– Está bem, Arthur. O que for preciso. Havemos de o descobrir. – Quentin e eu trocámos um olhar confuso.

– Trouxe-te a primeira parte do amigo dela! – exclamou Arthur. – Encontrei-o no celeiro onde temos estado a trabalhar. O paizinho pendurou-o bem alto, mas voltou a cair para o chão. Porque ele quer que o usemos. – Arthur ajoelhou-se e pousou o objeto aos pés de Quentin, depois deu um salto para trás e começou a afastar-se. – Um osso! – exclamou. – Amanhã procuro mais partes! – Deu meia-volta e desapareceu na noite.

Quentin e eu ficámos parados um momento, a tentar deslindar as complexidades do pedido do meu irmão.

– Vamos ver o que ele trouxe – sugeriu Quentin. Entrei em casa e acendi as luzes do alpendre. Quando saí, Quentin estava agachado ao lado de dois retângulos compridos de ferro trabalhado, com pés bifurcados, unidos por um arame para ser arrumado mais facilmente. – Parece a base de uma velha máquina de costura – comentou.

– E é. A máquina de costura já desapareceu há muito. Era da minha avó e a minha mãe usou-a muito. O paizinho pendurou a base no celeiro, para mais tarde colocar um tampo e fazer uma mesa. Nunca chegou a tratar disso.

– O que é que o Arthur acha que eu vou fazer com isto? – Encostou os ferros pesados aos joelhos e sacudiu a ferrugem. – O que é que ele quer?

De súbito, compreendi. Sentei-me no chão ensopado da chuva, sem pensar, e puxei as duas peças de ferro para o colo. Ergui os olhos para Quentin com amargura – derrotada, zangada, perdida. O que o meu irmão queria era impossível, tanto como eu querer Quentin. Acabaríamos todos por perder o coração, a voz, a esperança.

– Quer que construas outro Urso de Ferro – respondi-lhe.

16

Depois de uma noite sem dormir, o sol quente da manhã parecia queimar os olhos de Quentin. Os raios passavam entre os ramos de um pinheiro alto, iluminando a pequena capela católica de Tiberville, toda pintada de branco. O passeio em frente da capela estava decorado com vasos de barro a transbordar de petúnias em cores berrantes. Um padre baixo e grisalho, vestido com calças de ganga, camisa preta e gola branca, varria o caminho. Um *beagle* rechonchudo parou a farejar o relvado bem aparado da capela e ladrou a Quentin como se este fosse uma raposa.

– Bom dia, Quentin – cumprimentou o padre. – Já ouvi falar muito sobre si. Sei bem quem é.

Este tipo de reação já não apanhava Quentin de surpresa.

– Padre, gostava que ouvisse a minha confissão. Mas tenho de avisar que não vou à igreja há anos. Estou enferrujado.

– Sim? Bom, não há altura melhor do que o presente para olear a sua consciência. Entre. Eu sou o padre Roy. – Apertaram as mãos.

Quentin começou a ter dúvidas quanto à sua decisão à medida que percorriam o caminho de flores antiquadas. Não imaginava o elegante e cosmopolita padre Aleksandr a cultivar petúnias, a usar calças de ganga ou a ter um *beagle*. Muito menos a chamar-se Roy. Parecia tudo demasiado *confortável*. No entanto, um padre era um padre, e esta manhã, quando se sentira angustiado, procurara conforto nas tradições da sua infância.

– De onde é, padre?

– Do Mississípi. Cresci a três quilómetros do sítio onde o Elvis nasceu. Por estes lados, é quase o mesmo que ser da família de um santo.

– Talvez o santo Elvis seja a minha melhor aposta.

O padre Roy riu-se.

Fui ao banco e depois segui para a cidade vizinha por estradas campestres sossegadas, abrigadas pelas árvores da floresta. Esperei no átrio de um pequeno edifício de tijolo, a olhar cegamente para o programa de Jerry Springer na televisão a um canto, acompanhada por outros dois «clientes» do Instituto Financeiro Donahue.

– Devias era dar-lhe uma carga de porrada – sugeriu um deles aos combatentes no ecrã.

A vida era dominada por disparates insignificantes, desilusões e humilhações, interrompidos apenas por raros momentos de vitória e alegria transcendente. A noite passada, nos braços de Quentin, fora um desses momentos especiais. E agora a realidade regressara.

Teria o mundo estado desequilibrado estes anos todos, sem um segundo Urso de Ferro para comparar as nossas vidas com os seus destinos silenciosos? Arthur estava convencido disso e agora nada o acalmaria exceto a construção de um – algo que era impossível de fazer. Eu tinha passado uma

boa parte da noite de verão sentada numa cadeira de baloiço sob a madressilva, no alpendre gasto do doutor Washington, a ver o meu irmão dormir na rede, sorridente e sem sonhos.

Quando ele acordou, sussurrei:

– Arthur, tens a certeza de que precisas de outro Urso?

E ele murmurou:

– Só se pode fazer bebés com dois – e voltou a adormecer, enrolado num lençol de musselina fresca e na serenidade profunda da sua decisão. Tal como um xamã tribal, planeava fertilidade e colheita, as riquezas simbólicas que nos sustentavam, a nós e à nossa terra.

Quando Joe Bell Walker chegou, com uma caixa de *donuts* na mão enfeitada de anéis, segui-o até ao seu escritório e pousei um envelope grosso em cima da secretária.

– Cinco mil, em dinheiro. São notas de vinte, desculpe. O empregado do banco era um sádico.

– Estou um bocadinho triste pela maneira como me tratou. – Abanou a cabeça e arqueou as sobrancelhas. – Está a brincar comigo? A dívida já está paga.

– Quando? Como?

– Recebi um telefonema de um indivíduo, de manhã cedo. Um amigo seu. Quentin Riconni? Encontrou-se comigo na loja de *donuts* e deu-me o dinheiro. Tivemos uma conversinha. – Franziu a testa.

Olhei para ele, incrédula. Tinha a mente num turbilhão, quase não dormira, o meu corpo estava sensível, sentia-me entorpecida. Quentin estava a comprar-me. A mostrar-me que os nossos elos de ligação podiam ser convertidos em moeda simples.

– Muito bem – rematei, e peguei no envelope. Tinha de sair dali, de ficar a sós com a infelicidade que se espalhava dentro de mim.

Joe Bell pigarreou.

– Quero só acrescentar mais uma coisa. Quem manda um tipo daqueles falar com o velho Joe Bell Walker, está a mandar uma *mensagem*. Pelos vistos estou a lidar com uma mulher de armas. Não há dúvidas de que a subestimei. Mas também não nasci ontem. Portanto deixe-me ser bem claro. Sem ressentimentos, está bem? Não quero problemas com gente daquela.

– Gente daquela?

– Sabe onde quero chegar. Italianos. Nova Iorque. Cá em baixo, temos o nosso território. Esses indivíduos lá em cima têm o deles. Cada macaco no seu galho e esperemos que assim continue. Se tem proteção desse tipo de pessoas, nós vamos respeitá-la a partir de agora. Está bem?

Ele achava que Quentin pertencia à máfia. Tive vontade de rir, ou de chorar. Devia contar a verdade a Joe Bell, mas acenei em sinal de concordância e saí com o meu dinheiro. Tinha ganhado aqueles cinco mil dólares deitada no chão de madeira de uma livraria vazia.

Quentin e eu atravessámos o pasto e parámos em frente do Urso.

– Quando te vais embora? – perguntei friamente.

A expressão fechada no rosto dele pesou-me durante um instante. Desafiei-o a asseverar que não estava a planear ir para bem longe de mim o mais depressa possível. Os homens tinham tendência a oferecer presentes quando se sentiam culpados.

– Hoje.

Pronto. Estava feito. Não custava nada. O melhor era cortar o mal pela raiz e continuar a respirar.

Acenei em sinal de aprovação.

– Por favor, não telefones, não escrevas e não voltes com outra proposta. Assim o Arthur recupera mais depressa. Eu invento uma história qualquer para explicar porque não podes fazer o que ele pediu.

– Para com isso. – Quentin segurou-me pelos ombros. – Sabes muito bem porque não posso construir uma segunda escultura… não sou nenhum artista. Nunca afirmei que era.

– Eu compreendo. Percebi pela tua expressão ontem à noite que não tinhas qualquer intenção de fazer o que ele estava a pedir.

– Mesmo que quisesse, não podia. *Não sou o meu pai*.

Passara a maior parte da vida a tentar prová-lo, e este era o derradeiro teste.

– Compreendo – repeti.

– Para de concordar comigo.

– Só quero pôr um ponto final nesta fantasia antes que a situação se descontrole por completo.

– Ainda tenho intenção de comprar o Urso de Ferro. Vou arranjar alguém… um escultor que tenha experiência com metal… para fazer uma cópia para o Arthur. Mandarei construir essa imitação. E hei de trazê-la para cá. Ele vai gostar. E fará uma troca comigo. Vais ver. Farei o que for preciso para ficar com a escultura original. Tens a minha palavra de que vou concretizar este negócio.

Largou-me e recuou um passo.

Abanei a cabeça.

– O meu irmão não quer uma *cópia* do original. E não quer que seja um desconhecido qualquer a fazê-la. Ele quer um *segundo* Urso, uma escultura *única*. Portanto, na cabeça dele, tu és o único que a pode construir. E tem de ser feita como a primeira foi… com coisas reunidas nesta comunidade. As nossas memórias. Os nossos talismãs. A nossa sucata. As coisas que rejeitámos. Os pedaços de nós que queremos deitar fora. O que quiseres chamar-lhe. Mas só tu podes fazer aquilo que ele pediu. Sei que não podes fazê-lo… ou não queres. É por isso que tens de sair das nossas vidas agora, antes que ele fique ainda mais magoado.

Esta explicação queimou Quentin como ácido. *Ela tem razão, admite-o, não podes vencer desta maneira. Admite-o*. Olhou para mim com tamanha frustração que parecia estar em sofrimento físico. Fechei as mãos ao lado do corpo para resistir à vontade de lhe tocar, de me agarrar a ele.

– Vamos tentar primeiro a minha maneira – insistiu ele, entre dentes.

Senti o coração apertado e depois fiquei zangada. Afastei-me alguns passos antes de me virar de novo para ele.

– Demolição e reaproveitamento, esse é o teu estilo. Sem um lar permanente, sem relações duradouras. Nunca *construíste* nada na tua vida, pois não? Limitas-te a desfazer as coisas.

– Qualquer especialista na minha área consegue deitar um prédio abaixo – elucidou ele lentamente, prendendo-me com o olhar. – Mas eu sou o único que o consegue *desmontar*.

– Achas que o trabalho do teu pai não tem substância, que não passa de uma moda. Falas das esculturas dele como se fossem pedaços de metal criados para enganar as pessoas que andam à procura de algum significado profundo. Muito bem. Se são assim tão simples, devia ser fácil para ti criar uma.

– Não. *Não*. É a minha resposta.

O silêncio prolongou-se entre nós. Ele estava calado, inflexível. Eu estava convencida de que ele regressaria a Nova Iorque e compreenderia a futilidade do seu plano. E o assunto ficaria encerrado.

– Adeus – despedi-me.

Ele aproximou-se, estendeu a mão e pousou-a no meu cabelo. Quando a retirou, uma borboleta branca minúscula pousou-lhe no dedo. Não afastou os olhos perturbados dos meus.

– Elas trarão notícias assim que eu souber.

E então, depois de fazer parte da minha vida durante três semanas, seis dias, treze horas e vinte e sete minutos, e de a mudar para sempre, Quentin deixou-me.

– Onde foi o Irmão Urso? – perguntou Arthur aflito, tal como eu sabia que aconteceria. – Não morreu, pois não? Tens a certeza de que não morreu?

Vi o terror nos olhos dele. Estávamos em cima de uma protuberância de granito que se projetava sobre Bear Creek como a aba de um chapéu. Tínhamos brincado nas sombras azuis das árvores mais altas milhares de vezes, quando éramos crianças. A pedra de granito era um dos sítios mais bonitos da quinta.

Trouxera-o aqui para lhe mentir, algo que jurara não voltar a fazer.

– Foi para casa, trabalhar na ideia para o teu Urso. Regressará, mas trabalhar num Urso requer muito tempo para pensar. Não sei quando o voltaremos a ver.

Arthur andou de um lado para o outro, a torcer as mãos.

– Ele tem de construir um amigo para a Mãe Ursa. Tem de ser. Tem mesmo de o fazer.

– Meu querido, vamos fazer assim: todos os dias vimos cá acima e pomos uma pedrinha em cima desta rocha para assinalar o dia. Enquanto formos contando os dias, estaremos cada vez mais perto do dia em que ele voltará. – É provável que os dólmenes de pedra das antigas civilizações tenham começado assim, construídos sobre tristeza e esperança.

Arthur lançou-me um olhar urgente.

– Enquanto tivermos pedras, teremos dias? – Assenti com um aceno. Ele saltou da rocha, remexeu no chão por baixo dela por alguns segundos e estendeu um punhado de pedrinhas. – Quantas são?

Contei sete e disse-lhe para deitar fora as restantes.

– Chega para a primeira semana.

Arthur guardou seis no bolso dos calções, sacudiu com cuidado os restos de folhas de um sítio liso na nossa rocha de granito e pousou a sétima pedra com uma cerimónia solene.

– Estou a contar contigo, Irmão Urso – sussurrou. – Sei que vais voltar.

Desejei poder acreditar também nisso.

Na tarde seguinte, uma grande carrinha da UPS apareceu no nosso pátio e o condutor descarregou várias caixas. Quando se afastou, olhei para a morada do remetente e vi que era a loja de pratas em Atlanta.

– Isto não pode estar certo – comentei com Liza e Fannie Ledbetter, que se tinham aproximado, curiosas. Abri as caixas e encontrei toda a minha coleção de pratas. Por fim, descobri um bilhete manuscrito da proprietária da loja, a minha gentil e compreensiva conselheira no que dizia respeito às preciosidades essenciais à sobrevivência de uma dama sulista: «Às vezes, é perfeitamente apropriado aceitar um presente de um cavalheiro. E o seu amigo é, sem dúvida, um cavalheiro.»

– Foi o Quentin que fez isto por ti – exclamou Liza, deslumbrada. – Oh, Ursula.

– É um bom homem – concordou Fannie Ledbetter.

Levei as caixas para dentro, sentei-me no meio de toda aquela prata bela e fria, e chorei.

Parte Três

17

Aqui, em casa, posso afastar a memória dela. A sua voz, os seus olhos, o seu corpo, os seus pensamentos. A sensação do corpo dela enrolado ao meu, e como me fez sentir, pensou Quentin depois de voltar para Nova Iorque. Sempre conseguira dividir a vida quotidiana, concentrar-se em tarefas específicas e deixar as circunstâncias perturbadoras desvanecerem-se no fundo da sua mente. Resultara de todas as vezes que quisera esquecer uma mulher.

Exceto desta vez.

Nova Iorque e os seus bairros pareciam diferentes a Quentin, feitos do tipo errado de montanha; já não pareciam bem reais, apenas um sítio cheio de espaços arrendados e jardins minúsculos em telhados, um local de propriedade pública e pouca privacidade. Aqui, não havia reinos da floresta. Nem um único Riconni na história da família na América fora proprietário de terra, tanto quanto Quentin sabia. Não conseguia parar de pensar em mim e em Bear Creek, e estava constantemente a tentar enterrar esses pensamentos.

– Muito bem, Joe, explica-me qual é o problema. Percebi ao telefone que este plano não te agrada. – Ele e Joe Araiza estavam sentados num bar em Manhattan, onde Joe geria uma prestigiada galeria de esculturas.

O ex-aluno do seu pai, agora um homem corpulento de meia-idade, passou a mão pelo cabelo claro antes de esvaziar o copo de uísque. Bateu com o copo na mesa e lançou um olhar duro a Quentin.

– Não gosto do que me pediste para fazer. Quero saber o que pretendes com esta ideia louca de falsificar o trabalho do teu pai…

– Quero uma peça que complemente o Ursabedoria. Não uma cópia, mas uma escultura semelhante. Arranja-me um escultor capaz de o fazer. Tens os conhecimentos necessários. É tão simples como isso.

– Preciso de saber para que a queres.

– Tenho os meus motivos.

– É para a Angele?

– De uma certa maneira, sim. Mas não quero que ela saiba enquanto eu não estiver pronto.

Joe abriu as mãos, consternado.

– Pronto? Pronto para lhe impingir uma cópia da obra-prima do teu pai? Queres convencê-la de que o Ursabedoria ainda existe?

– Não. Não tenciono mentir-lhe. Não tenciono falsificar a obra. Já te disse. – As acusações ofendiam-no e puseram-lhe um brilho gelado nos olhos. Teria uma tal reputação de pessoa sem sentimentos que até Joe Araiza o julgava capaz de um logro destes?

Joe olhou para ele e encostou-se.

– Está bem. Não devia ter posto as coisas dessa forma. – Respirou fundo e esfregou a testa. Inclinou-se para a frente e apoiou os cotovelos na mesa. – Quentin, não sabes o que me estás a pedir.

– Quero que encontres um artesão com capacidades para fazer um trabalho por encomenda. Mais nada.

– O teu pai era um artista. Podes imitar o trabalho dele, mas não é possível recriar a magia.

– Entrevista algumas pessoas e escolhe uma. Contrata-o e manda-me a conta.

Joe suspirou.

– Está bem. Mas tens a noção de que isto será um trabalho gigantesco para o pobre idiota que estiver disposto a tentar?

– Não acredito nisso. A estrutura já está determinada, o *design* básico já existe. É uma questão de trabalhar o metal e improvisar o conceito.

– *Tu* compreendes o que queres, como é óbvio. Ou pelo menos achas que sim. Porque não constróis tu mesmo a escultura?

– Tenho um negócio para gerir. O sargento não tem o tipo de personalidade que se possa colocar à frente de uma empresa. Quando tem de lidar com um cliente, ficamos com a sensação de que não sabe se há de fazer continência ou de o mandar fazer vinte flexões.

Joe refletiu sobre esta desculpa de testa franzida. Depois suspirou.

– O teu pai chegou a contar-me que passou *meses* a trabalhar na escultura do urso… e que a desfez pelo menos meia dúzia de vezes durante esse processo. Além disso, temos pouco para servir de base, apenas algumas fotografias antigas e esboços. Será preciso tempo para encontrar a pessoa certa. Não tens a noção do quanto é intimidante a reputação do teu pai. Nem de quanto sangue, suor e lágrimas ele deixava em cada peça.

– Lembro-me do sangue.

– Céus, não devia ter dito isso. Desculpa.

Um silêncio fraturado abateu-se sobre eles. Quentin recostou-se, bebeu um gole do seu uísque e estudou o líquido cor de âmbar. Liza Deerwoman confidenciara-lhe que acreditava que podia comunicar com os mortos concentrando-se na superfície da água. Segundo ela, já falara com Tom Powell dessa maneira e o meu pai queria que eu *desse* o Urso a Quentin, se Arthur não se importasse. Claro que não se atrevera a dizê-lo a *mim*.

Quentin deu por si a concentrar-se no copo. *O que me dirias agora, papá? Para voltar para Bear Creek e arriscar? Para amar uma mulher tanto como amaste a mamã? Ou para desistir, como tu desististe? Será que tenho de seguir os teus passos até à campa?*

– Quentin? Sentes-te bem?

Quentin pousou o copo e soltou uma risada.

– Contrata-me um escultor, Joe. Se obtiver o resultado que pretendo, ficarás feliz por me teres feito a vontade.

– Explica-me uma coisa… Nunca quiseste saber do trabalho do teu pai. Porquê agora?

Quentin sorriu com frieza.

– Continuo a não querer saber.

Passou uma semana, depois outra. Por fim, Quentin começou a admitir que seriam precisos meses para conceber e construir uma escultura. Pegou no telefone para me ligar, mas hesitou. Não tinha na realidade nenhuma notícia concreta para me dar, o que só ia piorar as coisas. À noite, na cama, ficava acordado a lembrar-se de nós os dois, juntos, no chão da velha livraria.

Desiste. A Ursula tinha razão. Vais dar cabo do Arthur. Fica longe das vidas deles. Esquece-a. Dormia mal, corria riscos a mais para a sua própria segurança no trabalho e passava demasiadas noites quentes e abafadas de verão sentado à secretária, a pensar. *Podias fazê-lo. Podias construir a escultura por ela. Pelo Arthur. Por ti próprio*.

Mas não sabia nada de nada sobre o padrão dos pensamentos do pai, como ele planeava e começava uma escultura, quais das suas visões aleatórias transformavam os metais frios em algo com uma vida provocadora. Que tipo de alquimia seria precisa para um homem alcançar um resultado divino? *Não posso envolver-me tanto com o papá. Não aguento olhar tanto tempo para o coração dele*.

Numa das caixas que tinha guardadas, procurou os brinquedos de metal, como se pudessem esconder alguma pista para o mecanismo das ideias do pai. Em vez disso, encontrou algo que a mãe arrumara há muito: um punhado de rolamentos cinzentos e lisos, como pérolas de aço. O papá perfurara-os com orifícios minúsculos e unira-os com um fio. Usava-os como terço.

Esta era uma das poucas ocasiões na sua vida em que Quentin se via bloqueado por uma situação que não podia reduzir à soma das suas partes. Este tipo de vazio era o seu pesadelo e um dos motivos pelos quais, por exemplo, evitava andar de avião, embora não houvesse ninguém neste mundo que o soubesse. Não gostava de estar rodeado por tanto ar vazio.

Enquanto refletia sobre a decisão que tinha de tomar, visitou ferros-velhos imensos, barcaças a flutuar sob carros destruídos, lixeiras que tresandavam a lixo humano. Procurou nos despojos do universo industrial, tentando ver as formas e linhas como imaginava que o pai fazia, ouvir a voz do pai a oferecer-lhe orientação entre o aço e a decomposição. Levava o terço no bolso e tocava-lhe amiúde.

Não serviu de nada.

– O que é que te aconteceu na Georgia? – perguntou *Popeye*. – Alguém te deitou abaixo.

– Deixa-me em paz – respondeu baixinho, enquanto levantava um portão de ferro forjado e o enfiava num caixote de transporte que tinha de sair no dia seguinte. *Popeye* olhou para ele. O velho sargento estava preocupado.

– Capitão, embebeda-te, arranja uma mulher, paga-lhe para te levar para a cama e te esgotar a

energia. Isso costuma resolver a maior parte dos problemas.

Quentin levou este conselho em consideração, mais do que o outro homem imaginava. Mas só conhecia um antídoto fiável para todos os seus pensamentos agitados. Ligou a Carla.

Durante o jantar em casa de Quentin, por baixo do candelabro que ele próprio restaurara, Carla estava radiante de prazer, alegre e divertida, a tocar-lhe na mão frequentemente. Este convite raro podia assinalar um novo princípio, mais uma fase de intimidade na relação de ambos. Estava convencida de que ia passar a noite com ele. E Quentin sabia que não colocaria objeções.

Enquanto comiam a lagosta, ela falou sobre as filhas, contou-lhe que estavam a dar-se muito bem na escola primária e que começara a levá-las ao *ballet* e à ópera – não iam crescer sem cultura, não, elas não estavam presas em Brooklyn.

– Estão sempre a perguntar quando é que o tio Quentin as vai visitar outra vez.

– Que tal este fim de semana? Posso levá-las ao jardim zoológico.

Carla olhou para ele, espantada. Quentin nunca levara as filhas dela a lado nenhum.

– Está… tudo bem? O que te aconteceu?

– Não queres que as leve ao jardim zoológico?

– Não, estou encantada com a ideia. Mas… é estranho. Nunca quiseste que elas gostassem de ti.

– Para o bem delas. Talvez esteja a tentar mudar.

– Quentin? – Com um sorriso incrédulo, levantou-se, contornou a mesa e sentou-se no colo dele. – Essa viagem de compras ao Sul deu-te mesmo uma perspetiva nova. Estou a gostar.

Quentin sentiu uma pontada de dor, mas ignorou-a. Assentiu com um aceno e passou-lhe o braço pela cintura enquanto ela lhe beijava o rosto.

– Vou vestir uma coisa especial que trouxe comigo – sussurrou ela. – Espera aqui até eu te chamar.

– Parece interessante.

Carla beijou-o ao de leve na boca, levantou-se de um salto e desapareceu no quarto. Quentin ficou sentado, a contemplar o vazio. Levá-la para a cama e despachar o assunto. Podia ser uma vida boa. *Se não queres continuar sozinho, tens a Carla. É simples*.

Ouviu um estrondo e um grito e correu para o quarto. Era um espaço amplo e arejado, de paredes de tijolo, com janelas enormes que nunca estavam cobertas, nem mesmo à noite. Encontrou Carla de pé em frente de uma delas, onde o candeeiro de bronze alto refletia no vidro a sua fúria. Na mão, tinha algumas fotografias. Uma das gavetas da cómoda estava no chão.

– *Quem é ela?* – exigiu saber, erguendo uma fotografia de Ursula, ajoelhada ao lado de *Hammer*, com o braço à volta dele.

– Por que raio estás a remexer nas minhas gavetas?

– Porque sabia que me estavas a esconder alguma coisa.

Quentin estendeu a mão. Ela recuou. O cabelo preto caiu-lhe para o rosto quando abanou a cabeça. Os seus olhos faiscavam.

– Tinha de haver algum motivo para estares a agir de forma tão estranha. E aqui está. – Sacudiu as fotografias. – Tiraste uma dúzia de fotografias a esta mulher. Não é uma coincidência. Não foi por acaso. Nunca tiraste tantas fotografias a mulher nenhuma, incluindo a mim!

– Isto não faz sentido. Convidei-te a vir cá, ofereci-me para passar tempo com as tuas filhas, e presumes que ando com outra mulher?

– Sim! Faz todo o sentido! Estás a usar-me para a evitar a *ela*! Maldito sejas. Maldito sejas, Quentin. Eu sabia que era bom de mais para ser verdade. – Sentou-se no parapeito da janela, de ombros caídos. Quentin sentou-se ao lado dela e tirou-lhe as fotografias da mão.

– Não tenho uma vida com ela – explicou, calmamente.

– Claro que tens.

– Não. Tu e eu temos uma vida. Temos um longo passado. Talvez um longo futuro. Estou a tentar tomar algumas decisões. Tenho quarenta anos.

As lágrimas deslizaram-lhe pelo rosto bonito. Limpou-as bruscamente com as costas da mão.

– Tens quarenta anos e estás a ser obrigado a enfrentar o facto de que, um dia, serás um velho solitário como o *Popeye*. Estás a ficar desesperado e a pensar em te contentares com uma situação confortável comigo.

– Estou a ser sincero quando te digo que aquilo que viste nas fotografias não é o meu futuro. Nunca resultaria. Não consigo *fazer* com que resulte. – Fez uma pausa. – A única coisa que te posso garantir é isto: gosto de ti.

Ela soltou uma exclamação magoada e olhou para o céu.

– Mãe de Deus, ele *gosta* de mim. Não é a coisa mais romântica que já ouviste? Não me ama, não tem uma dúzia de fotografias minhas na gaveta da cómoda, mas talvez esteja disposto a casar comigo um dia porque está muito *habituado* a mim.

Quentin levantou-se e dirigiu-se a outra janela, com as mãos nos bolsos das calças. Olhou desanimado para uma paisagem de velhos edifícios industriais que estavam a ser convertidos em apartamentos como aquele. O mundo que recordava estava a desaparecer. A mãe, apesar de estar a envelhecer, ainda não lhe perdoara, e nem sequer sabia qual fora o seu verdadeiro crime. Carla, agora que desabara a fachada de esperança que ele encorajara ao longo de todos aqueles anos, encontraria outra pessoa, provavelmente o banqueiro com quem ainda mantinha uma relação. Desta vez, o casamento seria permanente.

Carla limpou os olhos e aproximou-se dele. Olharam para a noite, lado a lado.

– Quero que me *ames* – afirmou ela. – Quero que acredites que não consegues acordar feliz todos os dias se eu não estiver aqui. Quero que me digas que a tua vida nunca será completa a menos que tenhamos um filho juntos. Quero que me jures que mais ninguém te faz sentir como eu faço.

Passado um momento, pousou o braço nos ombros dela, puxou-a para si e abraçou-a. Carla chorou com o rosto escondido no pescoço dele e, por fim, afastou-se.

– Vemo-nos por aí – murmurou. Ele acompanhou-a ao elevador, mas ela recusou quando se ofereceu para descer com ela até ao carro. – Estou por minha conta – concluiu. – Finalmente.

Passaram mais duas semanas. *Popeye* atirou um envelope castanho grosso e dobrado para cima da secretária de Quentin.

– Encontrei-o debaixo da saca de comida para cão que tens sempre na mala do *Explorer*. Não o tiraste quando arrumaste o resto das coisas. Nos últimos tempos andas distraído. Nem parece teu.

– Não faço ideia do que é isto. – Sentado à secretária, Quentin pegou na navalha, abriu-a e cortou o fio que prendia o pacote. Quando o abriu, caíram notas de vinte dólares e uma folha de papel dobrada, com o logótipo da Editora Powell.

É teu, escrevera eu. *Ursula*.

Popeye leu o bilhete por cima do ombro de Quentin antes que este o conseguisse dobrar. O sargento olhou para ele, admirado.

– Não sei o que fizeste à rapariga, capitão, mas *raios*. Ela está a pagar-te para voltares.

– O Alfonse diz que tu e a Carla tiveram uma discussão séria – informou a mãe. Quentin respondeu com um resmungo ininteligível enquanto pendurava o casaco do fato nas costas da cadeira e se sentava em frente dela. Levara-a a tomar o *brunch* de domingo fora e agora estavam sentados a uma pequena mesa com toalha de renda na sala da casa dela. A mãe convidava-o sempre para o chá de domingo, como se houvesse chá e afetações suficientes para apagar o passado.

– O Alfonse podia fazer uma segunda carreira como delator – respondeu.

– É verdade?

– Espera aí. Primeiro quero dizer-te uma coisa. O Alfonse também me conta coisas, sabes. Portanto sei que não voltaste ao médico para o teu *check-up*, como prometeste.

– Estou a tomar a medicação para a tensão. Sinto-me bem. Chega de desculpas.

– Ouvi dizer que andas a falar com uma editora para publicar um livro de memórias sobre o papá.

– Sim, uma coisa muito pessoal, muito calorosa.

Quentin pousou a chávena.

– Não faças isso – pediu. – Nunca conseguirás fazer com que as outras pessoas compreendam o que lhe aconteceu.

– Tendo em conta que eu própria não compreendo? É isso?

– Tens de o esquecer, mamã.

Ela bateu com a mão na mesa.

– Como? Tu já o esqueceste?

– Sim.

– Não.

Quentin afastou o chá. Sentia-se amargo por dentro.

– Não podes mudar o facto de que ele é conhecido como um homem que se suicidou. Não podes redimi-lo da forma como morreu.

Ela apertou os lábios.

– Não vou discutir este assunto contigo. Como de costume, arranjaste maneira de afastar a conversa dos teus problemas. – Angele passou o dedo pelas rugas finas da testa. – Odeio saber da tua vida através de mexericos.

– Desculpa. Só tens de perguntar o que queres saber. – Fitou-a com tristeza, desejando que ainda tivessem o tipo de camaradagem que incentivava longas conversas.

Angele pressionou com a colher as folhas escuras de chá *Earl Grey*, coou o resto do líquido para um dos vários bules de loiça que Alfonse lhe oferecera ao longo dos anos e pousou o coador de prata num suporte amarelo berrante.

– Há ou não problemas contigo e com a Carla? – insistiu.

Quentin pôs um pouco de limão no chá e mexeu.

– Está bem, sim. A Carla e eu tivemos uma discussão. Acabou tudo.

– Queres dizer temporariamente, como de costume?

– Não. Desta vez, foi definitivo. Ela não vai continuar à minha espera.

A mãe perscrutou-lhe o rosto, chocada.

– Não posso afirmar que tenha alguma vez achado que a Carla fosse o par ideal para ti, mas também nunca duvidei de que ela te ama, ou de que teria sido uma esposa dedicada. Tens a certeza de que queres desistir dela?

Quentin sorriu.

– Davas-te por satisfeita se eu arranjasse um casamento por conveniência só para te dar netos?

Ela ficou tensa.

– Alguma vez me dei por satisfeita com menos do que o melhor? Para mim ou para as pessoas que amo?

Quentin levantou a chávena delicada nas mãos grandes e calejadas e segurou-a com cuidado. Mal conseguia enfiar o indicador na pega. Por vezes pensava que a mãe olhava para ele e pensava: *Os dedos caberiam se ele tivesse sido arquiteto*.

– Lembras-te de me pedires para eu parar de dar cabo da vida da Carla? Foi o que fiz.

– Ela comentou com o Alfonse que tens outra mulher. Alguém que conheceste nessa viagem ao Sul. – Angele fez uma pausa e franziu a testa. – Uma pessoa especial, segundo a Carla. Ou, pelo menos, particularmente fotogénica.

Quentin arquivou a pequena traição de Carla no seu íntimo. Muito cuidado, agora. Nada de detalhes. Não queria que a mãe relacionasse nomes ou possibilidades. Ela tinha um conhecimento enciclopédico de tudo o que estava relacionado com as esculturas do pai. O nome Tiber, Tiberville – qualquer menção a isso ou a algo relacionado seria suficiente para a deixar de sobreaviso. Enquanto houvesse a mais pequena possibilidade de poder surpreendê-la com o Ursabedoria, não correria qualquer risco.

– Conheci uma pessoa interessante na viagem. Mas prefiro não falar sobre ela. Não é o que a Carla pensa.

– Estou a ver. Andas cheio de segredos, ultimamente. Um amigo viu-te no escritório do Joe a semana passada. Isto tem alguma coisa a ver com o teu pai? Custa-me a acreditar, uma vez que nunca demonstraste qualquer interesse pelo trabalho que o Joe fez por ele.

– Conheço o Joe desde miúdo. Não é assim tão estranho ir almoçar com ele. Foi só isso.

– Quentin, o que se passa? Esta mulher misteriosa… o encontro com o Joe… Diz-me a verdade.

– Nada de sinistro. Confias em mim? – Fez uma pausa e acrescentou baixinho: – Acho que já conquistei esse direito.

– E tu, confias em *mim*? – Fitou-o com lágrimas nos olhos e desviou o rosto. – Um dia, espero que me contes o que o teu pai poderá ter feito para merecer aquilo que pensas dele.

Quentin recostou-se. Não tencionava aventurar-se por esse terreno traiçoeiro.

– Essa mulher que conheci… – começou, abruptamente. – Ela fala um pouco de latim, é licenciada em Gestão e tinha uma livraria. Agora está à frente de uma pequena editora. Tem um irmão mais novo que é autista ou tem um ligeiro atraso, não sei bem. Não têm mais família e ela cuida dele. Vivem numa quinta nas montanhas… o sítio mais bonito que já vi em toda a minha vida. Ela tem uns inquilinos… artistas, artesãos. Transformaram umas capoeiras velhas em apartamentos. É um lugar fantástico. Ela é fantástica.

Quando acabou de falar, Angele estava inclinada para ele, fascinada.

– Não podes… não podes falar-me sobre essa mulher que parece tão maravilhosa e querer que eu acredite que não posso ter esperança de mais alguma coisa. Nunca te ouvi falar assim sobre ninguém, nunca.

– Não há mais nada a acrescentar.

– Oh, Quentin. Pelo menos diz-me como ela se chama. Ao menos isso.

Quentin hesitou. Depois, muito baixinho, respondeu:

– Eu chamo-lhe *Rosa*.

18

Quarenta e duas pedras. Arthur e eu estávamos em cima da rocha de granito, a olhar, abatidos, para o grande monte de pedrinhas, enquanto um chuvisco frio de setembro caía entre os ramos das árvores e nos molhava, apesar dos impermeáveis e dos chapéus de palha de aba larga. Eu sentia-me como se me estivessem a raspar o peito por dentro.

– O Irmão Urso deve ter morrido – gemeu Arthur baixinho. – Senão já teria voltado.

– Não, meu amor, de certeza que ele está bem. De certeza. Ainda temos muitas pedras. – Apontei para o chão à nossa volta.

– Se ele não voltar, a Mãe Ursa nunca terá alguém para amar. Nunca saberei se ela quer continuar a viver aqui. E ela vai morrer. – Estremeceu. – E se calhar eu morro também. Vou viver com o paizinho e a mãezinha. Achas que a mãezinha me reconhecerá?

– Não vais morrer. Prometo. Vem comigo. – Conduzi-o até à beira da grande rocha lisa. – Vamos encher os bolsos com pedrinhas. Levamo-las para casa, pomo-las num frasco e tiramos uma todos os dias. E quando o frasco estiver vazio, se o Irmão Urso não tiver voltado, eu vou *buscá-lo* a Nova Iorque.

Arthur olhou para mim de boca aberta.

– Podes fazer isso?

– Sim, mas só quando o frasco estiver vazio.

Arthur absorveu este plano complexo e a esperança regressou-lhe aos olhos. Conseguira ganhar mais algum tempo, para ele e para mim. Tinha de decidir o que faria quando tirássemos a última pedra do frasco. Arthur abriu os braços e abanou-os enquanto percorríamos o caminho enlameado de regresso a casa, carregados com fé em forma de pedras duras. Fitei-o, ansiosa.

– O que estás a fazer?

Ele fechou os olhos.

– Estou a voar para Nova Iorque – respondeu.

Estava um belo dia de céu azul e ar fresco. As folhas tinham começado a mudar de cor no cornizo ao fundo do relvado, mas tudo o resto ainda estava como no verão.

– Vem aí alguém – gritou Fannie Ledbetter lá fora.

Corri para a janela da sala e olhei para o caminho de acesso à casa, com o coração acelerado. Mas não era Quentin. Lentamente, um carrinho de golfe apareceu na curva da estrada de terra. Vi um vislumbre de cabelo loiro delicado e um rosto fino, e gemi.

Esme Tiber.

Conseguira enganar o portão de Tiber Crest. No carrinho de golfe trazia as suas malas e o retrato de Bethina Grace. Enquanto saía do carrinho, com o cabelo desgrenhado pelo vento, Fannie, Liza e

eu rodeámo-la. Ela tinha a cara inchada de chorar e parecia aterrorizada.

– Nunca fugi de casa antes – gemeu, e começou a tremer.

Passei-lhe o braço pelos ombros.

– Vai correr tudo bem. Entra e descansa um pouco. – Apresentei-a a Liza e Fannie e puxei-a na direção da casa. Ela olhou em volta e começou a ficar mais animada. Quando chegámos ao alpendre, avistou o Urso de Ferro no pasto.

– *O Urso!* – gritou. Sacudiu-me o braço e desatou a correr pelo pátio, através do pasto, até chegar junto da escultura. Segui-a, apressada. Ela estava parada debaixo do focinho abstrato do Urso, a apontar para ele como se fosse um cão grande. – Oh, Urso, *Urso* – chamou na sua vozinha engraçada de rainha das fadas, com um sorriso. – Quando era pequena, inventava histórias sobre ti. Quando me sentia sozinha, tu estavas lá. Quando as pessoas faziam pouco de mim, tu *comia-las*. Quando estava assustada, sentavas-te ao meu lado e *ronronavas*. – Olhou para mim, trémula, sorridente, e apertou os braços à volta do próprio corpo. As lágrimas deslizaram-lhe pelo rosto. A traumática viagem de oito quilómetros de Tiber Crest a Bear Creek, por estradas públicas, a uma velocidade máxima de vinte quilómetros por hora, deixara-a bastante abalada. – Os ursos sabem ronronar, *sim* – murmurou.

Estendi a mão.

– Se o dizes, eu acredito.

– Mais ninguém acredita em mim. Sou a idiota da família. No outro dia, chegaram todos de uma festa qualquer e ouvi alguém dizer: «A Esme é uma idiotazinha bonita.» Eu sei o que é um idiota.

Tive tanta pena dela, desta criança bonita e permanente.

– Bom, este é um sítio especial – assegurei-lhe. – Aqui, os ursos ronronam mesmo.

Ela riu-se. Levei-a para a casa.

Não consegui apanhar o senhor John ao telefone e deixei um recado para Janine nos escritórios da fábrica Tiber. Entretanto, fiz um chá quente para Esme e deixei-a dormir uma sesta na minha cama. Liza e eu sentámo-nos na cozinha a debater o que fazer com ela.

– Com certeza que o senhor John a deixará vir visitar-nos – argumentou Liza. – Afinal de contas, o Quentin já cá não está.

Olhei para o frasco de pedrinhas no parapeito da janela. Restavam muito poucas. Já tinha problemas suficientes pela frente sem ter de me preocupar com uma discussão por causa da fugitiva. Nesse momento, Arthur entrou em casa, vindo de um dos seus passeios pelo bosque. Tinha folhas secas no cabelo comprido e pôs um saco de pano às flores em cima da mesa, cheio com os colecionáveis do dia – pedaços de cortiça interessantes, conchas brancas e ressequidas de tartarugas há muito mortas, ninhos e outras recordações da natureza. Mas os seus olhos estavam postos no teto. Parecia estupefacto.

– Está alguém lá em cima – murmurou, mais alto do que pensava. – Vi-a lá de fora.

– É uma visita – tranquilizei-o. – Não te fará mal. É uma prima nossa que morava na Carolina do Sul e se mudou para Tiberville este verão. Chama-se Esme.

– Eu vi-a na janela! A olhar para mim!

– Deve ter acordado – comentei eu para Liza. – Vou ver.

Arthur seguiu-me e eu parei.

– Meu amor, a Esme teve um dia complicado e está um bocadinho triste e preocupada. Não queremos assustá-la. Volta para a cozinha e espera…

– Mickey! – gritou a vozinha melodiosa de Esme. Estava em pé ao fundo das escadas, a olhar para Arthur, muito corada e com os olhos a brilhar. Apontou para a *T-shirt* que ele vestia por baixo do casaco azul largo. O rato Mickey sorria em todo o seu esplendor desbotado. Esme tinha uma camisola de malha vestida. Despiu-a e apontou para si própria. Trazia por baixo a *T-shirt* da Minnie com que a vira no dia em que a conhecera. – Mickey! – repetiu, apontando para Arthur.

Com uma expressão tão doce como o reflexo dela nos seus olhos, o meu irmão pousou a mão no coração e apontou para a *T-shirt* de Esme com a outra.

– Minnie – respondeu baixinho.

– Ela podia ter morrido na estrada – declarou o senhor John, zangado. – Podia ter sido atropelada por um camião!

Janine, que estava ao lado dele no meu alpendre das traseiras, tentou acalmá-lo.

– Paizinho, ela chegou aqui sem problemas. Não vamos à procura de mais motivos de preocupação. Olha para ela. Está ótima. Não a via tão contente desde que se mudou para Tiberville.

Esme e Arthur estavam ao pé do Urso, a rir, a apontar um para o outro, a contornar a escultura como se estivessem a brincar às escondidas. Olhei para Janine, espantada por ela não estar também furiosa comigo.

– A Esme disse-me que gosta muito de ti – comentei.

Janine levantou o queixo. Vestida com um casaco preto elegante e uma saia justa, parecia muito severa.

– Não precisas de disfarçar o espanto. Vejo-o muito bem. Sim, eu e a Esme somos muito chegadas. Sempre fui como uma irmã mais velha para ela. Se não passasse tanto tempo fora, por causa do trabalho, ela estaria a viver em minha casa.

Este era um lado de Janine que eu nunca vira. Compaixão genuína. Ternura. Generosidade. Enquanto refletia nesta revelação surpreendente, o senhor John virou-se para mim sem qualquer simpatia.

– Foste tu que a encorajaste a vir para aqui – acusou. – Puseste-lhe ideias na cabeça por causa da escultura.

– Ela cresceu a ouvir falar sobre a menina Betty e o Urso.

– Só porque a tia Dotty também encorajava esses disparates. E não havia problema quando a Esme vivia a quinhentos quilómetros daqui. – Agitou a mão, exasperado. – Não posso tê-la a fugir a qualquer hora para vir adorar aquela *coisa*.

– Paizinho – suspirou Janine. – Ela não tem nada com que se entreter. Precisa de um amigo. Olha para ela com o Arthur. O Arthur é inofensivo. Não fazia mal nenhum pedir à Tricky que a trouxesse aqui de vez em quando para uma visita. – Janine lançou-me um olhar duro. – Uma visita *supervisionada*.

– Minha filha – objetou o senhor John em voz tensa –, ainda não és a responsável por toda a família. Gostava de falar contigo em privado. – Afastaram-se até ao fundo do pátio. Fingi que não estava a olhar para eles. Pela expressão exasperada de Janine e pela forma como o senhor John agitava as mãos, era evidente que continuavam em desacordo.

Pelos vistos, ele venceu.

– O meu pai tem grandes reservas em relação a esta situação – discorria Janine enquanto nos dirigíamos ao Urso. – E tem andado muito rabugento. Está a ficar velho, a afastar-se do negócio da família, e tem medo de que eu faça mudanças que lhe desagradem.

– Eu podia sugerir algumas mudanças que iam desagradar aos dois.

– Não abuses da sorte.

– Ouve, a Esme é bem-vinda aqui. Se conseguires convencê-lo, pede à Tricky que a traga de vez em quando. Caso contrário, pode muito bem tentar fugir outra vez.

– Parece que ela nasceu para vaguear e ter ideias estranhas. Deve ser o sangue Powell.

– Vi que ela anda com uma arma. Também nasceu para dar tiros às pessoas. Deve ser o sangue Tiber.

Janine e eu trocámos um olhar fulminante. Ela dirigiu-se a Esme em tom carinhoso e Esme baixou a cabeça. Depois virou-se para o meu irmão e, a tremer, tocou com o dedo na *T-shirt* dele.

– Até à próxima, Mickey.

Arthur fitou-a com ar triste.

– Não te esqueças do que te contei sobre os Entres.

Ela acenou.

– Vou estar atenta.

Antes de partirem, num carro luxuoso com matrícula das Indústrias Tiber, o senhor John perguntou-me:

– Presumo que o Quentin Riconni te abandonou de vez?

A humilhação queimou-me até aos ossos.

– Não o colocaria nesses termos.

– Claro que não, mas é o que toda a gente no condado pensa. Minha querida, é melhor assim. Aquele tipo não era boa pessoa, e está visto que não é o tipo de homem que *fica*.

Depois de se irem embora, virei-me e deparei-me com os olhares embaraçados de Liza, Fannie, Bartow, Juanita e Oswald.

– Ele vai voltar – prometi.

Mas eu própria também não acreditava.

Dois dias depois, Esme voltou a fugir, desta vez no carro de Tricky, que o deixara estacionado com as chaves na ignição. Conseguiu percorrer três quilómetros por uma estrada secundária até ao primeiro cruzamento, que atravessou sem olhar. Um camião das Indústrias Tiber, que ia levar um carregamento de pintos a um dos criadores contratados, deu-lhe um toque no para-choques traseiro e Esme despistou-se, tendo ido parar a uma vala. Fraturou um pulso, fez um leve traumatismo craniano e ficou cheia de nódoas negras.

– Não contem nada ao Arthur – pedi a todos na quinta, e corri para o recém-inaugurado hospital de Tiberville. Esme estava a descansar na enfermaria batizada em homenagem a Betty Tiber. O senhor John veio ao meu encontro no corredor.

– Não penses que a vais visitar! Proíbo-te! A Esme não tem falado noutra coisa senão no Arthur e no Urso, qualquer coisa sobre fadas do ar, ou elfos, ou um disparate do género…

– Os Entres – respondi.

– *Entres*. Os Entres é que seguram o Urso, diz ela, e agora decidiu que *ela* é uma Entre e que tem de lá estar para fazer a sua parte a segurar aquela sucata maldita! Recuso-me a permitir que o raio da escultura dê cabo da minha família! – Agora estava a gritar comigo, a *berrar*, e várias enfermeiras e Tibers correram para ele com as mãos no ar. «Calma, silêncio, por favor.» O senhor John ignorou-os a todos. – Nunca ninguém me deu a oportunidade de ter tempo para acreditar em Entres! Um homem tem de proteger aquilo que lhe foi dado! E podes ter a certeza de que a minha sobrinha vai ficar bem longe daquela escultura!

– Lamento muito, mas está enganado – retorqui. Depois dei meia-volta e afastei-me. Ainda o ouvi a discutir comigo enquanto descia o corredor. Deixei em cima do balcão da enfermaria o ramo de crisântemos dourados que Liza apanhara no jardim do paizinho.

– Aposto que a Esme gosta de gelado – comentou Arthur, enquanto lambia um grande cone de chocolate. – Quando é que ela volta?

– Estou a tratar disso – respondi. Mais uma mentirinha. Esme ia voltar. Quentin ia voltar. Ou eu iria buscá-lo. A Mãe Ursa deixaria de se sentir sozinha. Arthur seria feliz e a sua noção de segurança seria restaurada. Havíamos de prosperar em Bear Creek. E eu sabia como alcançar todas essas coisas.

Mentiras. Tudo mentiras.

Naquela tarde fresca de outono, estávamos sentados à volta de uma mesa de madeira com o

doutor Washington e todos os inquilinos. A excursão de sábado para ir comer gelados tornara-se um hábito nosso. Comi uma colher do meu copo de gelado de baunilha. O pequeno edifício de betão coberto de musgo atrás de nós tinha um letreiro amarelecido e enferrujado a anunciar «Big Mountain Sweets». Ficava num bosque de carvalhos, perto da casa do proprietário e do celeiro onde este tinha dez vacas leiteiras. A Big Mountain Sweets fornecia gelados caseiros aos habitantes de Tiberville há cinquenta anos. Esta saída em particular era oferta minha, para distrair Arthur, que não parava de me perguntar quando é que Esme Tiber voltaria.

– Ah, isto é o paraíso – suspirou o doutor Washington, atacando o seu gelado de morango. – Traz-me recordações de infância.

Oswald olhou para ele com toda a diplomacia de um velho do campo.

– Deixavam as pessoas de cor comer aqui quando era pequeno? – perguntou, sem maldade.

– Na verdade, sim. Havia uma mesa especial. – O doutor Washington apontou para um sítio encostado à parede. – Era só para nós. O meu irmão Fred e eu pensávamos que éramos da realeza. Éramos demasiado novos para perceber.

– Ainda bem que a energia desse tempo melhorou – comentou Liza.

Ele sorriu tristemente.

– Será? O meu filho, em Boston, imagina-me de jardineiras de ganga a apanhar algodão. Expliquei-lhe que não cultivamos algodão nas montanhas, mas ele continua a insistir que é assim que imagina a minha vida aqui. A minha filha está convencida de que me virá visitar e me encontrará a vaguear pelo bosque com um nó corrediço do Ku Klux Klan ao pescoço, apesar de o Klan não estar ativo por estes lados há quarenta anos. Estou sempre a tentar convencê-los a trazer os filhos para me virem ver, mas eles não querem.

– Já lhes contou que o senhor John está a tentar persuadi-lo a ser presidente da Universidade de Mountain State?

– Oh, sim. Eles acham que eu estou a exagerar só para os tranquilizar. – Riu-se. – Há dias em que tenho uma vontade quase irresistível de lhes mandar uma fotografia minha, descalço, de jardineiras, com um chapéu de palha na cabeça e um pedaço de feno na boca, com uma cruz a arder no jardim atrás de mim e uma saca de algodão ao ombro. – Riu-se com vontade. – Os meus filhos desmaiavam.

– Porque voltou? A sério?

Ele ficou sério.

– Porque senti que o devia ao Fred. Se não voltar a estabelecer a nossa família aqui, deixará de haver Washingtons no condado de Tiber. É o nosso lar, o nosso ventre. Foi onde os nossos antepassados perceberam que esta família era verdadeiramente livre, apesar de serem escravos. Ter terra é ser livre.

Assenti com um aceno.

Nesse dia, enquanto regressava a casa com Arthur, comecei a sentir que havia algo diferente.

Algo estava *errado*. Os outros tinham ido ao Piggly Wiggly, por isso estávamos sozinhos quando virámos da estrada municipal para o caminho de Bear Creek, junto da caixa de correio que o paizinho pintara de cores coloridas. Com a testa franzida, conduzi a velha carrinha pela estrada de terra batida. Arthur, ao meu lado, agitou-se no banco.

– Irmã, *para* – pediu ele. – A terra está esquisita.

Arthur tinha razão. A estrada propriamente dita estava a incomodar-me. Parei, saí e vi largas marcas de pneus que tinham levantado a terra e a gravilha. Arthur pôs a cabeça de fora da janela.

– Temos companhia grande – indiquei.

A velha estrada ostentava as assinaturas dos visitantes, como impressões digitais. Estas marcas mais recentes indicavam um veículo grande e pesado, de rodado duplo. Senti uma vaga de esperança, mas depois lembrei-me de que o carro de Quentin não era do tamanho de uma betoneira.

– Querido, vou jogar um jogo – disse a Arthur. – Queres jogar?

– Claro.

Avancei um pouco mais com a carrinha, mas parei antes de ficarmos visíveis da casa. Desliguei o motor e saí.

– Vou surpreender os nossos visitantes – expliquei-lhe. – Tu ficas aqui e surpreendes outra pessoa qualquer que apareça no caminho. Mas não saias da carrinha. Fazes só adeus com a mão.

– Está bem, mas este jogo é parvo.

– Eu sei. Demoro só uns minutos.

Quando ele desviou o rosto, peguei no velho revólver que tinha debaixo do banco. Não sabia por que motivo estava tão desconfiada, embora as pessoas do campo aprendam a pegar sempre na arma antes de saírem de casa numa noite escura, ou quando um desconhecido lhes aparece à porta. Disse a mim própria que andava a dar demasiada atenção às histórias de Liza.

O que vi quando cheguei ao pátio chocou-me de tal maneira que fiquei imóvel por um bom minuto. Uma equipa de quatro homens estava a trabalhar para desfazer o Urso de Ferro o mais depressa possível. Tinham tanques de oxigénio e acetileno perto de um camião. Faíscas voavam dos maçaricos de corte. Já tinham decepado a cabeça da escultura, que estava caída no chão.

Estão a matar o Urso. Quando dei por mim, estava a sair da proteção da floresta, de revólver em punho.

– Afastem-se já, seus filhos da mãe – gritei, e disparei um tiro para o ar. Eles deram um salto e levantaram as máscaras de soldar. Avancei com o revólver apontado para eles. Os homens atiraram os capacetes e os maçaricos em todas as direções e desataram a correr, desaparecendo no bosque.

Disparei mais dois tiros para o ar. Ofegante, parei com as pernas afastadas enquanto os tiros ecoavam nas montanhas. Olhei para a escultura decapitada. Os homens tinham já começado a cortar uma segunda secção. Vi marcas no esqueleto de metal, mas os danos não eram profundos.

No entanto, a cabeça do Urso estava no chão. Tive vontade de chorar.

– Não! – Era a voz de Arthur, num grito angustiado, algures atrás de mim. Virei-me. Ele seguira-me pelo bosque. Agora passou por mim a correr e caiu de joelhos ao lado da cabeça da escultura.

– Ela está morta! – gritou. – Os Entres apanharam-na.

O seu rosto contraiu-se convulsivamente, revirou os olhos e perdeu os sentidos.

*

O vento de outubro que soprava do oceano era gelado. No que restava do piso superior de uma mansão de praia que pertencera em tempos a um membro da família Vanderbilt, Quentin firmou as pernas sob o peso avassalador de uma lareira de mogno. Estava num pórtico no segundo andar, dez metros acima do pátio de mármore. Os homens trabalhavam à volta dele, gritando e praguejando enquanto tentavam recolocar as correntes do guincho com que estavam a içar a madeira maciça quando uma delas se soltara. Lá em baixo, *Popeye* gritava com ele.

– Deixa essa porcaria cair! Larga-a! Capitão! *Mexe-te*!

Vergado sob o peso da madeira, o suor escorria-lhe pelo rosto e tinha os tendões do pescoço salientes. A fivela do cinto de ferramentas estava a cravar-se-lhe na coxa por cima das calças.

– Já está, chefe, já está! – gritou o capataz, e de súbito, com o chocalhar de correntes e roldanas, o peso elevou-se das suas costas. Quentin caiu de joelhos, sem fôlego. Um minuto depois os homens começaram a dar-lhe palmadas nas costas doridas.

A tossir, levantou-se com passo inseguro e desceu uma escada temporária instável, agarrado ao corrimão de segurança porque tinha as pernas a tremer. *Popeye* esperava-o lá em baixo, no que fora em tempos o vestíbulo da mansão.

– Estou farto disto! – berrou. – Recuso-me a continuar a ver coisas destas! O que se passa contigo, meu rapaz? Estás a tentar morrer?

Sim. Sim, acho que estou. As palavras insinuaram-se na mente de Quentin como serpentes. O velho sargento subiu para um camião e arrancou a toda a velocidade. Quentin saiu de casa e sentou-se no que restava de um muro baixo de pedra. Desta vez, assustara-se. Havia aqui mão do destino. Alguém estava a tentar dizer-lhe alguma coisa.

O telemóvel que trazia no cinto soltou um *bip* agudo. *É a tua consciência a ligar*, sibilaram as serpentes.

Com as mãos a tremer, levou o telefone ao ouvido.

– Quentin? – perguntou uma voz suave e trémula com sotaque de Nova Orleães, em tom aflito. – Fala Liza Deerwoman.

Ele levantou-se.

– O que se passa?

Ela contou-lhe. Dez minutos depois, Quentin ia a caminho do aeroporto mais próximo.

19

Arthur estava deitado na cama, no hospital novo, entupido de tranquilizantes. Eu tinha vários pontos no indicador, onde ele me mordera por reflexo, e a articulação estava inchada, do tamanho de uma noz. Enfiara o dedo na boca de Arthur para ele não sufocar. O meu irmão sofrera uma convulsão.

Todo o condado estava num rebuliço. O xerife demorara apenas uma ou duas horas a identificar o proprietário do camião abandonado em Bear Creek. Encontrou os nomes de quatro homens da Carolina do Norte. O FBI apanhou um deles, que não demorou muito a contar todos os detalhes.

Ele e os outros tinham sido informados de que todos os habitantes da quinta iam às compras e comer gelados ao sábado. Não esperavam que eu e Arthur regressássemos mais cedo. Afinal de contas, a informação vinha de uma fonte que nos conhecia bem.

Os homens tinham sido contratados pelo senhor John.

Eu estava sentada ao lado da cama de Arthur, de olhos postos no chão. Fannie entrou no quarto.

– Vai beber um café, rapariga – insistiu, e deu-me uma palmadinha reconfortante na cabeça, com aquela mão que sabia que uma peça de barro se parte se for cozida demasiado tempo. – Eu faço companhia ao nosso pobre menino.

Assenti e levantei-me. Percorri o corredor até à sala de espera e parei junto à janela. A médica de Arthur queria chamar um psiquiatra.

– O seu irmão sofreu tantos traumas graves nos últimos dez meses que se arrisca a ficar com um problema grave a longo prazo – explicara-me. – Talvez deva começar a pensar em colocá-lo numa instituição para ser tratado.

– O meu irmão não sai de junto de mim – respondi. – Nem que eu tenha de transformar a casa numa enfermaria psiquiátrica e cuidar dele pessoalmente vinte e quatro horas por dia.

A médica fitou-me.

– Sabe muito bem que isso não é sensato.

– Na minha família – respondi com veemência –, a sensatez não é considerada uma virtude.

Perdida nos meus pensamentos, não ouvi Janine aproximar-se.

– Ursula, por favor não te recuses a falar comigo – pediu, numa voz tão destroçada que mal a reconheci. Virei-me lentamente, com expressão impassível.

Janine vestia calças de ganga salpicadas de café e um casaco de fazenda com lenços de papel a espreitarem dos bolsos. O cabelo estava preso por um travessão torto e tinha os olhos vermelhos, com olheiras escuras por baixo. Por um momento, não conseguiu falar mais.

– Estou… tão envergonhada. Pelo paizinho. Pela nossa família. Por mim. Os nossos amigos mais antigos e queridos estão neste momento a virar-nos as costas. O respeito que a minha família conquistou ao longo de gerações está irremediavelmente maculado.

– Estás a pedir que tenha pena?

– Não. Não. Apenas que… Não consigo explicar o que ele fez, mas tenho de tentar. De uma coisa estou certa: ele queria ver-se livre da escultura para a Esme não se sentir tentada a fugir outra vez. Agiu por preocupação. Sim, foi uma loucura e uma crueldade, aquilo que fez. Ele sabe disso. É verdade que não tem desculpa. Mas, Ursula, ele foi entregar-se à cadeia. Está lá sentado, *numa cela*, como um criminoso vulgar, a flagelar-se pelo que aconteceu ao Arthur. Disse ao advogado que não queria sair sob fiança. Que quer ser castigado.

Perscrutei a sua expressão atormentada.

– Não quero que seja julgado. Não vou apresentar queixa contra ele. Está descansada.

Janine levou a mão ao peito.

– Farias isso por ele?

– Está mais do que na altura de ser um *Powell* a tirar um *Tiber* da cadeia.

Ela deixou-se cair num sofá, de cabeça baixa. Continuei de pé. Havia uma certa dignidade em oferecer misericórdia, em ser moralmente superior, mas eu não era assim tão nobre que conseguisse sentar-me ao lado dela.

– Toda a gente acha que tens todo o direito de exigir justiça.

– E espero justiça. Mas não assim. – Uma sensação calorosa de serenidade e objetivo invadiu-me por um momento. Estava a fazer aquilo que sabia ser mais certo, o que o paizinho faria.

– Nunca me esquecerei disto – declarou ela. – Obrigada.

– Tenho de voltar para junto do Arthur.

– Espera. – Ergueu os olhos para os meus. – Podes não acreditar nisto, mas estou a planear uma melhoria de condições para todos os funcionários das Indústrias Tiber. Melhores ordenados, benefícios sociais, um tratamento mais justo. Isso inclui os criadores contratados. E agora toda essa potencial boa vontade pode estar arruinada. – Debateu-se com as palavras durante um instante. – Esta… esta coisa horrível com o Arthur e o Urso deixou as pessoas revoltadas. Estão a falar em fazer greve na fábrica.

Olhei para ela. *O negócio e a imagem acima de tudo. Sempre uma Tiber*.

– Queres que fale com eles?

– Oh, Ursula, farias isso?

– Com certeza. – *Mas não da maneira que pensas*. – Eu ajudo-os a elaborar uma lista de exigências para essas novas condições e benefícios. Assim terão uma base sólida para começar as negociações.

O entusiasmo dela diminuiu um pouco.

– Vais incentivá-los a pedirem este mundo e o outro.

– Ainda bem. Assim podem encontrar um meio-termo. Há mais espaço de manobra.

Ela suspirou.

– Está bem. Como quiseres.

Pela primeira vez nas nossas vidas, apertámos as mãos.

Mandei os inquilinos para casa. Queria ficar sozinha no hospital com o meu irmão. Arthur limitava-se a olhar para mim com olhos vermelhos e vazios, sem proferir palavra. Penteei-lhe o cabelo, cantei-lhe canções de embalar e prometi-lhe que seria fácil consertar a Mãe Ursa. Ele estava desolado. Lentamente, abanou a cabeça e virou a cara para o outro lado.

Depois de ele adormecer, saí para o corredor, fechei a porta e encostei-me a ela. *O que hei de fazer?* Os meus pensamentos eram um turbilhão de fracasso. Estava tão cansada, quase sem dinheiro e aterrorizada. Nunca me sentira tão impotente em toda a minha vida. Doía-me a mão ferida. Segurei-a com a outra e fechei os olhos.

Um minuto depois ouvi passos fortes e pesados no chão de azulejo do corredor, mas não abri os olhos para ver quem era. Um enfermeiro ou outro funcionário, quiçá algum médico apressado a caminho das visitas da tarde. Não queria saber. Só queria que o intruso passasse o mais depressa possível e me deixasse com os meus pensamentos desolados.

Nesse momento uma mão grande e áspera tocou-me no rosto e pousou ao de leve na minha face. Abri rapidamente os olhos. Quentin fitava-me com ar preocupado. Agarrei-lhe na parte da frente da camisa com a mão boa e ergui os olhos para ele como se não pudesse ser real. Trazia as roupas cobertas da poeira e sujidade de um local de construção, embora tivesse lavado a cara e as mãos na casa de banho do aeroporto. A barba por fazer ensombrava-lhe o rosto. A tensão das últimas semanas via-se nos seus olhos cinzentos como aço. A beleza dele era única. Eu nunca tinha visto nada tão maravilhoso em toda a minha vida. *Ele voltara*.

Nenhum de nós falou. Os seus dedos pressionaram-me o rosto de forma possessiva. Não havia palavras para os meus sentimentos, agora que ele estava ali, ou, pelo menos, palavras que eu estivesse disposta a admitir. Não me atirei para os braços dele. Consegui manter o orgulho. Levantei a mão, pousei-a sobre a que ele tinha no meu rosto e apertei-a num gesto de boas-vindas. Ele pegou-me na outra mão e estudou-a de sobrolho franzido. Deixei-a pousar na palma dele, grata, como se fosse um pássaro ferido.

Quentin pensou: *Se eu tivesse ficado, isto não teria acontecido. O Arthur e a escultura não teriam sofrido*. Levantou os olhos determinados e furiosos para os meus. Cedi ao desânimo.

– O Arthur acha que a Mãe Ursa está morta.

Quentin levantou-me o queixo com as pontas dos dedos. Sem nunca desviar o rosto, olhou para dentro de mim e eu para dentro dele.

– Nesse caso, temos de a ressuscitar.

Quentin parou em frente da escultura partida, sozinho e apanhado de surpresa pela vaga de fúria e dor que se apoderou de si. *Vou voltar a pô-la inteira. Não está estragada. Eu trato dela, papá, tal*

como tratei de tudo o resto. Mas a outra escultura. A outra – invisível, à espera de ser construída – escondia-se no sítio onde ele albergava pesadelos e remorsos indizíveis. *Tratarei disso também, para conseguir aquilo que quero,* pensou. *Pela mamã. Pela Ursula. Pelo Arthur. Por ti, papá, maldito sejas. É a última vez*.

Mais uma prestação, e a dívida que o atormentava há tantos anos ficaria paga.

Toda a gente comentava que ele voltara por mim e pela honra da sua família. Era do consenso geral que um confronto de homem para homem entre ele e o senhor John seria inevitável.

Juanita, que quase não trocara comigo dez palavras desde que a conhecia, entrou a correr no refeitório do hospital, onde eu estava a comprar o iogurte preferido de Arthur. A tímida mulher de Oswald, que trabalhara na fábrica Tiber antes de casar, apertou o casaco colorido por cima do macacão de ganga e debitou uma torrente de espanhol em tom ansioso.

– Mais devagar – pedi, traduzindo devagar. Ela engoliu em seco.

– Os meus amigos acabam de ver o Quentin entrar no parque de estacionamento da fábrica.

Dei-lhe o iogurte e saí a correr. A fábrica Tiber ficava apenas a dois minutos do hospital, em passo de corrida. Por onde eu passava, todas as cabeças se viravam.

A fábrica de processamento erguia-se do outro lado da linha ferroviária, como uma colmeia de tijolo. De um dos lados do edifício, vários camiões frigoríficos aguardavam junto das portas dos armazéns. Uma fila de carruagens refrigeradas esperava a sua carga num ramal da linha de comboio. O parque de estacionamento estava cheio com os carros dos funcionários. Gemi ao passar pelo carro alugado de Quentin, estacionado na área reservada a visitantes.

– Deixaste-o entrar? – acusei a rececionista no átrio, minha antiga colega de escola.

Ela levantou as mãos, num gesto de impotência.

– O senhor John avisou-me que o deixasse passar se ele aparecesse. Vai ver por ti mesma.

Fiquei estupefacta. Percorri rapidamente o corredor principal da zona administrativa até uma porta dupla de madeira escura. Os funcionários estavam todos à porta dos respetivos gabinetes, a olhar para o escritório do senhor John.

– Não ouvimos nada de violento – assegurou-me um deles. – Mas também ele está lá dentro há pouco tempo.

Quando cheguei junto da porta, parei. Por um segundo, fiquei à escuta; como não ouvi nada, pensei em bater, mas acabei por decidir entrar sem aviso. O senhor John estava sentado numa poltrona a um canto, em frente de uma grande janela panorâmica cujo caixilho emoldurava uma vista de Tiberville que podia ser um postal ilustrado. Quentin estava de pé a olhar também para a janela.

Ambos viraram a cabeça quando entrei de rompante. O senhor John estava macilento e parecia velho, o cabelo grisalho apenas uma sombra branca sobre a cabeça calva. Sempre se vestira com grande brio, com sedas e linhos com o logótipo dos Tiber orgulhosamente bordado. Mas agora era

apenas um velho balofo numa camisa de golfe e calças amarrotadas. Os olhos, por trás dos óculos bifocais que usava em privado, estavam orlados de vermelho e inchados. Era evidente que estivera a chorar segundos antes de eu entrar. Quando me viu, escondeu o rosto nas mãos.

– Oh, minha querida – gemeu. – Não queria magoar-te, nem ao Arthur.

– É tarde de mais para isso – interrompeu Quentin. A sua expressão era apenas fria e um pouco triste. – Chegámos a um acordo – explicou-me. – Vai ser colocada uma placa de bronze nos terrenos da Universidade de Mountain State, onde estava a escultura. Quero que conte como a escultura foi encomendada e quem foram as pessoas responsáveis: Betty Tiber. Tom Powell. Richard Riconni. – Fez uma pausa. – E receberei uma carta com um pedido de desculpas para entregar à minha mãe.

O senhor John ergueu a cabeça e olhou para mim.

– Há alguma coisa que eu possa fazer, seja o que for, para te compensar a *ti*?

– Quero os duzentos dólares que obrigou o paizinho a pagar-lhe pelo Urso. Quero que esse dinheiro seja doado à March of Dimes.

– Está bem.

– E quero que dê permissão para a Esme ir visitar Bear Creek sempre que quiser.

Ele assentiu com um aceno.

– É tudo.

O rosto dele franziu-se numa expressão devastada.

– Daria todo o meu dinheiro, tudo o que tenho, para poder voltar atrás.

– Também eu – murmurei, eu própria à beira das lágrimas. – Voltaria atrás mais de vinte anos. O Urso ficaria na universidade. Eu salvaria a vida da minha mãe. – Olhei para Quentin. – E tu podias salvar a do teu pai. – A expressão no rosto dele era dura e emocionada, uma ferida aberta. Mas assentiu.

Deixámos o senhor John sozinho com os seus remorsos. E levámos os nossos connosco.

Arthur estava sentado apaticamente numa cadeira de jardim enquanto Quentin, Oswald e eu, em cima de escadotes, conduzíamos a cabeça do Urso para o seu devido lugar. O doutor Washington e os inquilinos assistiam, ansiosos. A cabeça de ferro abstrata estava suspensa de um guincho montado num reboque enorme, concebido para puxar camiões. O operador era o filho de um vizinho que insistira em ajudar. Parecia que todas as pessoas do condado tinham vindo visitar-nos e oferecer a sua ajuda nos poucos dias desde o regresso de Quentin.

– Mais uns centímetros, isso mesmo, alto! – gritou Quentin de cima da escada de madeira apoiada no ombro do Urso. Mandou-nos afastar, baixou a máscara de soldar sobre o rosto e acendeu o maçarico que tinha na mão enluvada.

– Não olhes para o maçarico, olha só para as faíscas bonitas – pedi a Arthur. Fiz um ligeiro aceno com a cabeça e Liza correu para junto dele.

– Olha os pirilampos tão bonitos, Arthur – declarou ela com carinho, agachando-se ao lado da cadeira dele na relva do pasto.

Arthur não lhe respondeu. Quando Quentin entrara no seu quarto de hospital, naquele primeiro dia, os olhos dele tinham brilhado.

– Irmão Urso – murmurara. – Sabia que voltarias. Ainda tinha pedrinhas. – Depois deixara-se cair sobre a almofada e gemera: – Mas é tarde de mais. A Mãe Ursa morreu.

E nada do que Quentin ou eu dissemos conseguira abalar essa convicção.

Quentin encostou o maçarico a uma das várias dezenas de fissuras entre o corpo e a cabeça da escultura. As faíscas voavam à volta dele como um pequeno fogo de artifício. Lentamente, novas cicatrizes metálicas começaram a curar as feridas do Urso.

Arthur encolheu-se mais dentro da manta leve em que eu o enrolara, apesar de o dia de finais de setembro estar ameno. Pus-me atrás dele e afastei-lhe o cabelo da testa.

– Isto faz-me lembrar o dia em que o paizinho trouxe o Urso para casa – contei-lhe. – Ele soldou as patas aos ferros que tinha cravado no cimento. A mãezinha e eu sentámo-nos aqui mesmo, nessa noite, a admirar as faíscas. Foi a coisa mais bonita que já vi. Não queres ouvir outra vez essa história, meu amor?

– Não. Agora deixa-me triste. – Estremeceu sob as minhas mãos. Contornei a cadeira e ajoelhei-me em frente dele.

– Porquê?

Ele fitou-me com olhos trágicos.

– Porque a Mãe Ursa já não consegue falar comigo. Ela não vai voltar. Temos de lhe fazer um funeral.

– *Não*! Não, ela está bem. Olha para ela. Está a ficar como era antes. Os Entres bons estão a ajudar o Quentin a repará-la. – Arthur franziu a testa e pesou esta informação. Tinha as mãos inertes em cima da manta. Peguei gentilmente numa delas. – Meu querido, o Urso não se segue pelas regras normais. Mesmo que o desfaçam, não conseguem matá-lo. Ele vive *aqui*. – Apontei para a minha cabeça e depois para a dele. – E ainda está à espera de que o Quentin lhe dê um amigo para amar.

Arthur ouviu-me com atenção, mas respondeu apenas com um suspiro.

Ao final da tarde, Liza e eu levámo-lo para dentro, para fazer uma sesta. Dormiu na cama da sua infância, sob um edredão de penas que a senhora Green nos emprestara porque Arthur o elogiara em casa dela, uma vez.

Quentin acabou o restauro do Urso pouco depois do pôr do Sol. No crepúsculo fresco, roxo e cor-de-rosa, as últimas faíscas caíram para o chão e o brilho intenso do maçarico extinguiu-se. Ele desceu da escada. Ficámos ali parados, só os dois, na semiobscuridade melancólica de que poetas e sofredores tanto gostam. O Urso olhava para nós e para além de nós, tão imponente como antes. Apertei os braços à volta do corpo.

– A diferença entre mim e o Arthur é que eu cresci a desejar poder destruir esta escultura – confessei. – Pensei que sempre me sentiria assim. Mas estou contente por ela estar de novo inteira.

Quentin continuou em silêncio ao meu lado. Os ombros caídos indicavam como estava cansado. Prendeu as luvas de soldar na cintura das calças, como manoplas esquecidas.

– Sou pior do que tu. Eu sempre desejei poder destruir *todas* as esculturas do meu pai. – O tom angustiado fez-me olhar para ele com tristeza. – Agora não faz qualquer diferença – continuou –, mas tempos houve em que adorava tudo aquilo em que ele tocava.

E ainda adoras. É tão óbvio, pensei. Virei-me para ele, estendi a mão e depois, com igual rapidez, voltei a baixá-la. Um movimento quase impercetível do corpo dele indicou que sentira a carícia incompleta. Mantive a distância e ele não me encorajou. Mas a tensão crua estava lá, aquela consciência profunda e urgente sempre a rodear-nos, a rodopiar entre os nossos corpos, a preencher a noite, os nossos sonhos, os gestos simples de cooperação e conversa.

– Porque voltaste? – perguntei. – Porque mudaste de ideias em relação a construir a segunda escultura?

Por tua causa, pensou ele.

– Tenho responsabilidade nesta situação. Fui eu que comecei tudo isto.

– Estou a ver.

– Não há outra solução. – Já me falara sobre o antigo aluno do pai, Joe Araiza, e sobre a busca malsucedida por um artista adequado para criar outra escultura. Indicou o Urso com um gesto de cabeça. – Ainda tenho intenção de comprar esta coisa. Se isso implica montar uma espécie de cópia qualquer para o Arthur ficar contente, assim seja. – O último raio de luz incidiu num sorriso terrivelmente cínico, que me fez pensar que ele continuava a ter o coração gelado como sempre. – Até sou capaz de pedir um desconto – avisou –, agora que está danificado.

Estávamos de volta ao negócio. Fingi uma risada.

– Nem pensar. Arranjaste-o bem de mais.

Regressámos a casa. Franzi a testa.

– E se o Arthur já não quiser saber? As circunstâncias mudaram. Ele já não está a insistir para que construas um amigo para a Mãe Ursa. – Quentin pousou a mão no meu braço e parámos de andar. Estávamos no pátio lateral, protegidos pelas camélias altas e pelas árvores, cuja folhagem encobria a luz proveniente das janelas. Na semiobscuridade, vi-lhe a tensão no maxilar.

– Estás a desistir? – perguntou.

– Estou a oferecer uma saída fácil para ambos. Podíamos falar com ele. Talvez, *agora*, consigas convencê-lo a deixar ir o original.

– É assim tão desagradável a minha presença?

– Não, desde que consigamos manter-nos afastados. E isso não é fácil. – Silêncio. A expressão dos olhos dele, e estou certa que dos meus também, quase nos fez cair nos braços um do outro

naquele instante. Recuei um passo, com os joelhos a tremer. – Não quero que o Arthur pense que és *permanente*. Não posso correr o risco de acrescentar essa fantasia ao repertório dele.

– Concordo. Mas prometi ao teu irmão que faria uma coisa, e tenciono cumprir essa promessa. Se o efeito da escultura for tão forte como toda a gente por estes lados parece pensar, conseguirá atrair o Arthur.

– Sabes que não será assim tão fácil construir outra.

– Não vai ser uma obra de arte.

O facto de ele ter voltado, de estar decidido a tentar, fazia com que a mera tarefa em si fosse uma obra-prima rara. Olhei para ele, pensativa.

– Acho que te surpreenderás a ti próprio.

Dei-lhe as boas noites e entrei. Não havia entre nós zona de conforto, nem regras, nem perguntas familiares. Éramos um casulo em que dois estranhos tentavam transformar-se um ao outro. Quentin ficou algum tempo do lado de fora das minhas janelas, na escuridão, protegido pelos arbustos fiéis, de olhos erguidos para a luz.

20

Quentin ligou a *Popeye* e contou-lhe o que pensava fazer. Passaria o outono a construir uma segunda escultura, na esperança de efetuar a troca. A resposta do velho sargento chocou-o.

– Meu rapaz, aí está algo que já devias ter feito há muito tempo. Não te preocupes com o negócio. Eu consigo afivelar um sorriso no rosto e manter as coisas em andamento. – Fez uma pausa. – Mas vê lá se não tentas carregar mais do que aquilo que aguentas.

A seguir, Quentin ligou para Joe Araiza e cancelou a busca por um escultor.

– Mudança de planos – foi a única explicação que deu.

Joe parecia mais curioso do que zangado.

– O mistério adensa-se.

– É complicado, mas acabarás por compreender.

– Onde estás?

– A fazer um trabalho fora do estado.

– Outra vez no Sul? Foste comprar alguma coisa? Desmantelar alguma estrutura?

– Joe, faz-me um favor. Não faças perguntas e, se a minha mãe for ter contigo com as perguntas dela, não lhe respondas.

– Há várias semanas que ando a dançar sobre terreno pantanoso com ela. Já aperfeiçoei a técnica.

– Assim sendo, continua.

Depois destas conversas, recostou-se na cadeira, no quarto de motel. Ainda tinha o telefone na mão e pensou que devia ligar para a receção e reservar o quarto até ao fim do mês, pelo menos. Não tinha a mínima intenção de se instalar por tanto tempo no minúsculo apartamento na capoeira, como antes.

Devia ficar aqui, na cidade. Tratar este projeto como um trabalho. Ir à quinta, trabalhar e voltar para aqui todos os dias. Comer no restaurante e sentar-me neste quarto, sozinho, à noite. Manter-me afastado da tentação. De Ursula.

Passou algum tempo a olhar para o impessoal quarto de motel, tentando convencer-se de que o facto de viver ali faria alguma diferença entre nós os dois. No letreiro iluminado em frente à Igreja Metodista de Tiberville lera o lema semanal: «NADA SUBSTITUI UM ESPÍRITO FORTE».

Pousou o telefone, fechou a carteira e foi a Bear Creek.

Quando outubro começou, enquanto as montanhas passavam de verde a uma manta de retalhos de dourado e vermelho, Quentin montou um acampamento ao lado do Urso de Ferro. Armou uma grande tenda militar verde sobre uma plataforma que construiu na orla do bosque de carvalhos, dentro da qual instalou um pequeno fogão a lenha que o doutor Washington desencantou no celeiro. A chaminé do fogão saía por uma abertura de ventilação no teto da tenda, como o campanário prateado de uma

pequena igreja. Pendurou lanternas no teto da tenda e cobriu o chão com tapetes artesanais comprados na feira de Tiberville, onde adquiriu também uma velha mesa de madeira pintada de branco e uma pesada cadeira de braços que só precisava de ser envernizada. Não o fez, mas a combinação rústica da cadeira e da mesa funcionava. Pôs um computador portátil e uma pequena impressora em cima da mesa, ao lado de uma pilha de manuais de *design* e teoria da arte.

Arrumou as suas roupas e outros bens pessoais – que *Popeye* lhe enviara, juntamente com *Hammer*, que parecia encantado por estar de volta – num velho armário que encontrou numa loja local de mobiliário novo e usado.

Fez uma puxada da eletricidade da casa da quinta, ligou um pequeno frigorífico e duas placas elétricas para cozinhar, mas escavou também um buraco para uma fogueira no exterior, ao lado da qual arrumou uma frigideira de ferro fundido e uma cafeteira. Estávamos todos fascinados. Até Arthur saía de casa para vir ver. Era evidente que continuava a adorar Quentin. Na maior parte dos dias, vê-lo trabalhar era o único incentivo que o meu irmão tinha para se levantar da cama.

No entanto, não era o único impressionado com o acampamento elegante e utilitário de Quentin. Bartow Ledbetter admirou o trabalho dele apoiado na bengala, com as sobrancelhas hirsutas franzidas, como um *troll* simpático.

– Suponho que deve ter passado muito tempo a aprender a viver ao ar livre no Exército. Pode não ser um artista, mas transformou o acampamento numa obra de arte.

– O Exército não nos deixa pôr tapetes no chão da tenda – troçou Oswald. Virou-se para mim. – Tens a certeza de que ele não é *gay*?

– Absoluta – respondi.

A seguir, Quentin usou as madeiras partidas do meu celeiro para construir uma base de cama alta e larga, no centro da tenda. Dentro da base colocou um colchão confortável, e fez a cama com lençóis de flanela e uma série de mantas pesadas e coloridas que eu lhe emprestei, retiradas do baú das mantas dos Powell. Por cima, espalhou meia dúzia de almofadas fofas.

Por fim, alugou uma casa de banho portátil e mandou os homens das entregas colocá-la discretamente atrás da tenda, protegida dos olhares alheios por um biombo de madeira improvisado que ele próprio construiu. Ia tomar duche ao apartamento na capoeira, mas, tirando isso, vivia de forma independente na orla do meu pasto. Ele e o Urso.

– Quero comprar uma carrinha em segunda mão – informou-me. Oswald e eu levámo-lo ao leilão do condado de Tiber, onde se misturou com os agricultores, comerciantes, *motards* a mascar tabaco e mulheres de camisolas justas com *slogans* como «Miúda à Pendura» e «Afina-me e Põe-me Óleo».

Comprou uma velha carrinha, pintada agora num bonito tom de ferrugem.

– Para que quer uma coisa tão grande? – inquiriu Oswald.

– Para transportar chapa e ferro-velho. – Na verdade, gostava de ter nas mãos um motor potente e de se deslocar bem acima do solo, de onde podia ver tudo de uma perspetiva elevada. A seguir,

comprou equipamento de soldar, cabos de eletricidade, uma bigorna, tenazes, martelos, pedras de esmeril, lixadoras e outras ferramentas que não consegui identificar, e ainda um grande rádio que pendurou no ramo baixo de um dos carvalhos e que tinha sempre sintonizado numa estação de *jazz* de Atlanta.

Todo este trabalho de construção, decoração e compras ficou concluído em apenas duas semanas, altura em que se mudou para a nova casa.

Nessa manhã, dirigi-me à tenda para partilhar biscoitos e *bacon* com ele. Tinha caído uma leve geada e, sob o sol matinal, toda a paisagem estava coberta de um brilho tremeluzente. Da chaminé do fogão saía um fumo com aroma a pinho.

Quentin estava sentado na cadeira de braços, ao pé da fogueira, com *Hammer* deitado como uma esfinge aos seus pés. Ainda tinha o cabelo meio despenteado da almofada. A maturidade no seu rosto e os cabelos grisalhos nas têmporas só o tornavam mais atraente. Vestia umas calças de ganga velhas e uma camisa de flanela por cima de uma camisola térmica. Esticou as pernas compridas e cruzou os tornozelos, sem tirar os olhos do livro que estava a ler. Semicerrei os olhos e, surpreendida, vi que era um dos livros que eu lhe emprestara. Um dos autores da minha editora.

Os meus sentidos absorveram o ar fresco com perfume a pinho, o aroma do café, o orgulho de o ver a ler um livro da Editora Powell, o quadro confortável, como ele encaixava bem ali, e ele, acima de tudo *ele*. O desejo por ele. Cada fibra do meu ser queria enfiar-se dentro do mundo dele e da sua cama, debaixo das mantas que tinham aquecido várias gerações de maridos e mulheres Powell.

Estaquei no meio do caminho, com a caixa de biscoitos e *bacon* esquecida nos braços. Sentia-me embriagada de emoção e desejo. Quando ele levantou a cabeça, corei e desviei o olhar. Ele pôs o livro de lado e levantou-se.

– A espiar? – perguntou.

– Sim, isso mesmo.

Ele estendeu a mão para os biscoitos e, quando lhe dei a caixa, os nossos dedos tocaram-se e os nossos olhos encontraram-se. De súbito, o ar estava tão quente e o ambiente tão sensível que qualquer um de nós podia ter seduzido o outro à sua vontade. Todos os dias havia mil momentos de tentação – olhares cruzados, o movimento lento da mão dele a passar pela minha durante uma refeição, a forma como se recostava com satisfação em frente da minha lareira nas noites mais frescas, a forma como eu quase andava em bicos de pés quando estava com ele.

Regressei rapidamente a casa. Quentin não tirou os olhos de mim, com os pensamentos num turbilhão. Todos os seus impulsos lhe indicavam que ignorasse as regras que estabelecera para si próprio há muito tempo. *Nunca amar o que podemos perder*.

Perguntei a Janine por Esme.

– Está mais ou menos como o Arthur – confessou Janine, desanimada. – Deprimida com tudo o

que aconteceu. Com medo de que o mundo que conhece se desmorone à sua volta. Magoada. Ainda tem gesso no pulso. Quando ela estiver melhor, levo-a a fazer-vos uma visita. Por enquanto, só chora, por tudo e por nada.

Resolvi ir visitá-la a Tiber Crest e levei uma caixa de bolachas de manteiga de amendoim feitas por Liza. Quando toquei à campainha, Tricky abriu a porta com um sorriso e uma careta.

– Suponho que sabes que o senhor John não está em casa.

Assenti com um aceno.

– Constou-me que a Janine o obrigou a fazer um cruzeiro.

– Sim. Às Bahamas. Ele não queria ir. A Janine mandou também dois dos primos mais velhos para lhe fazerem companhia. Como polícias, na opinião do senhor John.

– Talvez o veja quando voltar. – O senhor John escrevera-me uma longa carta a pedir perdão e já entregara a Quentin outra, mais formal, para Angele. «Vens visitar-me?» pedira, na minha carta. Eu não respondera. Por enquanto, a minha capacidade de misericórdia estava esticada ao máximo.

– Devias mesmo vir vê-lo quando ele voltar – admoestou Tricky. – Sim, é um velho tirano filho da mãe, mas praticamente arruinou-se com aquilo que fez, a ele e à reputação da família, e sabe disso. Reformou-se de vez e a Janine já assumiu o controlo dos negócios. Ele está a pagar pelo que fez.

Isto fez-me sentir mal, mas não queria ter pena do senhor John.

– Olha, vim ver a Esme. A Janine convidou-me a visitá-la.

– Claro, mas ela não sai do quarto. Tem os nervos muito frágeis, segundo o médico. Está a tomar comprimidos, mas não parecem ajudar muito.

– Fico do lado de fora da porta, se for preciso.

– Está bem, está bem, *Garra de Urso*, anda lá. – Fez uma pausa e fitou-me com um brilho nos olhos. – Ouvi dizer que te vais reunir com a associação de criadores para a semana.

– Sim. Tenho estado a trabalhar com eles na elaboração de um novo modelo de contrato com as Indústrias Tiber. Está quase pronto. Vamos apresentá-lo aos membros na reunião de novembro.

Ela pousou a mão calejada no meu braço.

– Vai fazer uma grande diferença para mim e para os meus. Para muita gente no condado. Obrigada. O teu paizinho estaria orgulhoso.

– Agradece-lhe a ele, e ao Urso – respondi baixinho. Ela lançou-me um olhar confuso, mas conduziu-me pela escadaria majestosa até aos quartos no primeiro piso. Bati a uma porta branca. – Esme? É a Ursula.

Ouvi passos suaves e outros sons. Depois ela bateu também à porta.

– Olá – respondeu, em tom abatido.

– Trouxe-te bolachas. A Janine contou-me que as tuas preferidas são as de manteiga de amendoim e a Liza fez uma fornada. Posso entrar?

– Fico nervosa quando abro a porta. Não con… consigo.

– Está bem, então sentamo-nos no chão, cada uma do seu lado, e conversamos um bocadinho.

– És muito engraçada. No chão?

– Sim. – Sentei-me de pernas cruzadas e limpei as mãos às calças de ganga. – Vou comer uma bolacha – anunciei. Amachuquei o papel de alumínio, bati com a caixa nas tábuas enceradas do soalho e soltei barulhos exagerados de satisfação enquanto mastigava. A sombra de Esme encheu a fresta por baixo da porta e ouvi-a também sentar-se.

– Podias passar-me uma bolacha por baixo da porta – sugeriu.

Assim fiz, e comemos num silêncio confortável.

– Como está o Arthur? – murmurou ela. – Contaram-me que tem estado doente.

– Sim. Tem saudades tuas. Precisa de uma amiga.

– Ouvi dizer… – começou, mas a voz falhou-lhe. – Ouvi uns amigos do tio John a sussurrar que ninguém da minha família poderia alguma vez voltar a Bear Creek.

Soltei uma exclamação abafada.

– *Não!* Querida, isso não é verdade.

– O tio John está tão triste. Eu sei o que ele fez ao Urso de Ferro. Está todo destruído.

– Não está nada. Nós arranjámo-lo.

– A sério? – perguntou, mais animada.

– Está como novo. Só queria que alguma pessoa *especial* soubesse como arranjar o Arthur.

Ela gemeu.

– Eu era capaz. Sei que era capaz. Mas tenho medo de sair de casa. Uma pessoa pode ser atropelada se sair de casa.

– O Arthur também está tão em baixo que não quer ir a lado nenhum.

– Oh, Arthur!

– A Janine e eu tivemos uma ideia que talvez o possa ajudar. Se calhar podias ajudar-nos também. – Contei-lhe o nosso plano e ela ficou muito calada.

– Vou tentar – acedeu, por fim, em voz trémula. – Pelo Arthur e pelo Urso.

– Ótimo. – Passei-lhe mais algumas bolachas por baixo da porta e comuniquei-lhe que ia deixar o resto numa mesa do corredor. Quando me dirigia à carrinha, ouvi bater num vidro e olhei para cima. Esme acenou-me tristemente da janela.

Tinha a camisola da Minnie vestida.

Quentin e eu estávamos no relvado impecável da velha e grandiosa mansão da menina Betty, ocupada agora pela filha, Luzanne. Luzanne não tirava os olhos das janelas. A irmã mais velha do senhor John apertou as mãos rechonchudas no peito, por baixo do queixo duplo.

– Espero que isto resulte – murmurou.

– Eu diria que já resultou – respondi, também num murmúrio. – Arthur estava empoleirado na beira da fonte, a olhar para cima, para a casa. Não se mexia há cinco minutos. – Anda, meu amor – chamei. – Agora vamos ao telheiro.

– Eu espero aqui – respondeu ele, sem tirar os olhos das misteriosas janelas.

– Ele já a viu – deduziu Quentin. – Anda, vamos continuar com o teatro.

– Eu vou entrar e ver se consigo ajudar – declarou Luzanne, e subiu os degraus do terraço com toda a rapidez possível aos joelhos de oitenta anos.

Suspirei e segui Quentin até à semiobscuridade da antiga garagem da menina Betty, agora um espaço de arrumações. Tínhamos dito a Arthur que talvez encontrássemos alguma coisa com significado para usar na construção do segundo Urso. Eu tinha algo em mente, mas sem certezas de que ainda existisse.

O telheiro estava cheio de prateleiras metálicas modernas, e o chão de pedra coberto por pedaços de carpete empoeirada. Havia pilhas de caixas e baús esquecidos, mais altas do que eu. Partículas de pó flutuavam nos raios de luz. Apanhei os restos de uma teia de aranha com o dedo e afastei-a.

– A Luzanne acha que se aquilo que procuramos ainda aqui estiver, deverá estar naquele canto.

Quentin espremeu-se entre os montes de cadeiras e candeeiros velhos.

– Enquanto aqui estamos, podemos procurar também a Atlântida e a cidade perdida dos Incas. No meio desta confusão, nunca se sabe.

Dirigi-me a um canto em frente da janela e, com a ajuda dele, passei alguns minutos a afastar caixas e antigas ferramentas de jardinagem. O espaço era apertado e quente. Ouvíamos a respiração um do outro e era impossível evitar o contacto físico enquanto trabalhávamos.

– Ali está! – exclamei por fim, ao mesmo tempo aliviada e desapontada.

Olhámos para o carrinho de bebé que acolhera e transportara todos os filhos e netos da menina Betty no início das suas vidas: as filhas mortas, os filhos salvos e o senhor John, o neto preferido. A capota de pele do carrinho estava a desfazer-se, a estrutura metálica toda dobrada, faltavam-lhe duas rodas e o interior de cetim estava amarelecido e rasgado. No entanto, apesar de ter mais de cem anos, ainda conservava uma certa grandiosidade.

– A própria menina Betty andou nele quando era bebé – expliquei. – Pertenceu à mãe dela, Bethina Grace. Portanto, também é uma antiguidade dos Powell. – Quentin examinou a peça decrépita de testa franzida. – Talvez consiga usar uma parte da armação como decoração. – Hesitou. – Não posso construir uma estrutura com coisas aleatórias deste género. Tenho de comprar sucata de aço e ferro para o esqueleto principal.

Eu compreendia a preocupação dele. Transformar memórias e lixo numa peça elegante e inspiradora de arte abstrata era o talento do pai, não o seu. Quentin estava a começar a compreender como cada decisão teria de ser obsessiva. Tentei facilitar-lhe a vida.

– Bom, vamos levá-lo, na eventualidade de o poderes usar. Caso contrário, acabaria na lixeira local, de qualquer maneira. Afinal de contas, só estamos aqui para fingir que procuramos, enquanto o Arthur e a Esme se incentivam um ao outro a sair da casca.

Quentin esfregou o queixo e abanou a cabeça.

– Achas que a relação deles é assim tão forte? Só se viram uma vez.

– São almas gémeas.

Quentin ergueu uma sobrancelha.

– São *primos*.

– Primos tão distantes que já nem conta. – Olhei para ele. – O que tens contra o romance?

– Requer demasiada fé cega.

– Estás a chamar burras às pessoas que querem ter romance nas suas vidas?

– Não. Mas o romance exige um compromisso total, algo que a maior parte das pessoas não está disposta a fazer, incluindo eu. Porquê fingir?

– A tua amiga Carla deve adorar quando dizes essas coisas. – Virei-me para ele no espaço apertado, sob aquela luz fria e provocadora, para que visse a minha expressão. Comecei a remexer numa prateleira. – Andas à procura de outras candidatas como ela? Vejamos. O anúncio devia indicar: «Procura-se mulheres descomplicadas para relação a longo prazo em que terão o título de "amigas".» – Chocalhei várias latas antigas ao afastar as coisas. Uma caixa equilibrada de forma precária na prateleira por cima de mim tombou, e Quentin aproximou-se e apanhou-a. – Do que estás à procura, na verdade? – insisti. – É evidente que não é de corações e flores.

Quentin empurrou a caixa para o sítio, com a coxa encostada à minha anca.

– Desisti dos corações e flores assim que tive idade para perceber que a maioria das mulheres quer é dinheiro e um carro.

– Isso não é verdade.

– Não, mas é melhor do que joguinhos.

Sem pensar, instintivamente, virei-me para ele, zangada. Estávamos a meros centímetros um do outro.

– Queres apenas alguém para sexo, é isso?

Ele segurou-me no rosto com ambas as mãos.

– Quero-te a *ti*.

Não era uma resposta clara, na verdade, mas foi bastante eficaz. Beijou-me e não o impedi. Enrolámo-nos um no outro, contra as prateleiras, à procura de cada sensação, com violência e gentileza ao mesmo tempo. Caixas e outros objetos tombaram à nossa volta. Senti-o endurecer contra a minha barriga e apertei-me contra ele. Quentin passou as mãos pelo meu corpo enquanto devorávamos a boca um do outro.

Ouvimos Arthur gritar lá fora e separámo-nos instantaneamente. Quando saímos a correr, ele tinha

encurralado Esme. Ela estava agachada atrás de um grande arbusto de hidrângeas, a espreitar, muito pálida, pelas zonas onde a geada já levara as folhas. Luzanne estava por perto, a torcer as mãos.

– Oh, eles estão *doidos*!

Arthur agachou-se do outro lado da hidrângea, como se pudesse a qualquer momento saltar sobre Esme ou fugir a sete pés.

– O que tens? – perguntou, com ar triste. – Tens medo de mim?

– Não. Sou só uma idiota – gemeu ela. – Nem sequer consigo fugir como deve ser. Fui atropelada.

– Eu também fui atropelado. Só que de outra maneira.

– Tenho medo de *tudo*.

– Eu também – concordou ele em voz rouca. – Mas o Quentin está a ensinar-me a ser um *homem*. Aposto que *tu* podias aprender a ser uma *mulher*. A minha irmã podia ensinar-te. O Quentin diz que ela é *toda* mulher.

– Como posso ser uma mulher? Nem sequer sei atravessar a estrada!

– Não faz mal. Eu fico do mesmo lado da estrada contigo.

– A Mãe Ursa morreu?

– Não tenho a certeza. Pensava que sim, mas talvez esteja só a dormir até o pescoço ficar bom. Quando eu estava no hospital, doía-me o pescoço e não queria falar. Caí e magoei-me. Mas agora já não me dói nada.

– Talvez *nós* melhoremos se a Mãe Ursa melhorar.

Ele assentiu com um aceno. Contornou devagarinho o arbusto, ainda agachado, e estendeu a mão, hesitante. Esme gatinhou para ele, a tremer. Depois, devagar, levantou a mão e as pontas dos dedos de ambos tocaram-se. Como se um feitiço se tivesse quebrado, atravessaram rapidamente o resto do espaço que os separava e abraçaram-se.

Luzanne começou a chorar.

– Há mesmo milagres.

Assenti e troquei um olhar angustiado com Quentin. Nós só tínhamos tornado o abismo que nos separava ainda mais penoso. *Toda mulher*, dissera ele? Tinha razão.

– Eu quero aquilo que acabámos de ver – disse-lhe. – Corações e flores.

A expressão de Quentin deu-me a entender que nunca o teria, por isso virei-lhe costas.

21

Tricky começou a deixar Esme na quinta todos os dias de manhã, e a ir buscá-la ao final da tarde. Por vezes, Janine substituía-a como motorista, mas era evidente que não gostava de mostrar humildade ao pé de mim. O contrato que eu redigira para a associação de criadores deixara-a a espumar da boca. Ainda estávamos em negociações.

Arthur e Esme apoiavam-se e encorajavam-se mutuamente. Embora Liza e os Ledbetter a entretivessem com o seu trabalho no estúdio, Esme passava a maior parte do tempo sentada com Arthur na orla do pasto, de onde observavam Quentin com ar grave. Eu também o observava, ferida, mas ainda sob o seu feitiço. Revivia cada momento e cada entoação do nosso encontro íntimo mais recente, e repreendia-me a mim própria pela minha fraqueza.

Quentin comprou uma carga de sucata de metal e ferro, e começou a separá-la, a moldá-la, a cortá-la. Este trabalho metódico confundia-me. Conseguiria ele imaginar onde encaixar cada peça? Estaria à espera de montar uma escultura como se fosse um *puzzle* gigantesco? Ou estaria apenas a evitar o dia em que teria de começar a criar algo em que o todo seria muito mais difícil de alcançar do que a soma das partes?

Passaram-se várias semanas enquanto este trabalho progredia. Eu precisava de trabalho pesado para afastar a mente da tensão crescente. Fui buscar a serra elétrica do meu pai, afiei a lâmina, mudei-lhe o óleo e comecei a cortar as árvores enormes que tinham caído em cima do celeiro.

Quentin nunca tinha visto uma mulher fazer trabalho desse género. *Olhem para aquilo. Olhem para ela!* pensou, orgulhoso. *É por isso que a sua família sobreviveu aqui. Graças a mulheres como ela*.

Por mais do que uma vez ergui os olhos do trabalho para dar por ele a afastar os ramos que eu cortara, ou a empilhar as secções de tronco serradas, pelo que o meu plano de o evitar acabou por ser um tiro que me saiu pela culatra. Quando me sentei num tronco, com a serra silenciosa no colo e uma lima na mão enluvada, para dar um toque na lâmina, ele ofereceu-se:

– Posso fazer isso por ti.

Ergui para ele os olhos semicerrados.

– Porquê? Consigo fazê-lo sozinha.

Outros homens, incluindo Gregory, tinham mirrado perante tal competência e brusquidão, mas Quentin limitou-se a abanar a cabeça.

– Nesse caso, precisas de uma lima melhor – contrapôs, e ofereceu-me uma das suas.

À noite, sozinha na cama da minha infância, tapava-me com a velha colcha cor-de-rosa de veludo, mas já não era a mesma menina inocente. Ele tocava-me nos seios, abria-me as pernas, sussurrava nos meus sonhos, enchia-me de caos. Eu tinha deveres a cumprir como senhora da minha casa. Não podia dar-me ao luxo de amar um homem que não ficaria comigo. Um coro de fortes

beldades sulistas murmurava-me ao ouvido: *Aqui, precisas de um marido leal. Leal a ti, leal à tua família, leal à tua terra*.

E eu acrescentava: *Bom na cama, inteligente e romântico. Um homem compatível política, social e religiosamente*. E tinha de querer filhos. Arthur e eu éramos os últimos Powell no condado de Tiber. Um de nós tinha de se reproduzir. Dei por mim a chorar por causa disso, deitada na cama, às escuras, a chorar de fúria por ser o fim, a última, a única.

E por amar o homem errado.

Uma tarde, o doutor Washington apareceu-me à porta, com a bengala numa mão e um grande saco de pano na outra.

– Venho falar com a proprietária da Editora Powell – anunciou com ar afetado. Convidei-o a entrar e sentámo-nos em frente à lareira da sala.

– Bem-vindo a mais um dia empolgante na minha empresa – anunciei, apontando para o escritório improvisado e praticamente abandonado. Os esquilos estavam em cima da minha secretária, a comer amendoins de um frasco aberto.

Ele pousou o saco na pedra da lareira e deu-lhe um toque com a ponta da bengala.

– Tenho um projeto para ti.

– Sim?

– Inspirado pelo Arthur. – Sorriu. – É bom voltar a vê-lo tão animado.

– Mas ainda está muito longe da recuperação total.

O velho professor deu um estalido com a língua.

– A maior parte dos seres humanos no mundo estão constantemente à procura do caminho para regressarem às suas boas graças. Eu vim para cá para encontrar o meu caminho, como tu encontrarás, e o Quentin, e também o Arthur. Só gostava que os meus filhos estivessem dispostos a tentar.

Olhei para o saco misterioso.

– Havemos de arranjar maneira de os convencer a vir fazer uma visita. Mudarão de ideias assim que aqui estiverem.

– É verdade que estas montanhas selvagens são fáceis de amar – admitiu ele. – Mas não sei como os hei de convencer a vir.

– Sei que se sente sozinho na sua quinta. O senhor Fred sentia o mesmo.

Ele suspirou.

– É por isso que gosto de ter o Arthur por lá. Eis o que quis dizer quando falei em inspiração. Sabes o que tenho andado a fazer desde o inverno passado? A contar-lhe as histórias que contava aos meus filhos quando eram pequenos. Histórias que inventei sobre a minha infância aqui. Ele gosta de as ouvir. E é um ouvinte maravilhoso.

– Histórias infantis?

– Oh, são apenas umas historietas patetas. – Tocou de novo no saco. – Há algum tempo, falei nisso ao Quentin e ele convenceu-me a gravá-las. Portanto, aqui estão elas. Gostava que ouvisses algumas e me dissesses se são publicáveis.

Olhei agora para o saco com entusiasmo e alguma avidez. O meu lado de profissional de *marketing* veio ao de cima e já conseguia ver as manchetes na *Publishers Weekly* e no *The New York Times*, para mencionar apenas dois. «Conceituado historiador cria magia para os jovens leitores.» «Professor aposentado de Harvard é a nova estrela da ficção infantil.» «A Editora Powell ultrapassa o milhão de vendas com *Histórias de Bear Creek.*»

– *Histórias de Bear Creak* – sugeri em voz alta.

Os olhos dele brilharam.

– Um potencial título? Nem sequer sabes se as histórias são boas.

– Aposto que são. – Comecei a gesticular com entusiasmo, delineando listas invisíveis de prioridades. – Primeiro, tenho de as transcrever. Depois mando-as para uma livreira que conheço, especializada em livros infantis, que me pode dar *feedback* de qualidade. Oh, e conheço um ilustrador maravilhoso em Atlanta que tem andado à procura de um projeto para… – Calei-me abruptamente. A realidade abateu-se sobre mim e deixei cair as mãos no colo. – Doutor Washington, se as suas histórias forem boas, o que posso fazer é recomendá-lo às melhores editoras. Merece que o seu trabalho seja bem apresentado e eu não tenho dinheiro para isso. Não seria justo, nem para si nem para as histórias.

Ele franziu a testa.

– Mas eu quero que sejas *tu* a publicá-las. Se for preciso, pagarei os custos do meu bolso.

– Não, por favor. Não faz ideia da quantidade de dinheiro que seria necessária para fazer um bom trabalho na publicação e promoção do seu livro. Está fora de questão. Precisa de uma grande editora, com muito dinheiro para investir.

– Presumi que o financiamento não fosse problema para ti. Não tencionas vender o Urso de Ferro ao Quentin?

Fiquei em silêncio durante alguns instantes.

– Tenho algumas dúvidas de que esse plano vá para a frente.

– Explica-me lá outra vez as engrenagens desse plano complexo.

– O Arthur não deixa que o Urso vá para Nova Iorque a menos que esteja convencido de que ele… ou ela… se sentirá sempre sozinha, aqui, sem o meu pai. Ele acha que se ela tiver um amigo talvez queira ficar. Se mesmo assim não estiver contente, depois de o «amigo» estar construído, então pode ir. Portanto, todas as minhas perspetivas financeiras assentam nos caprichos do Arthur. Tanto quanto sei, o Quentin pode muito bem construir a segunda escultura e o meu irmão declarar: «Sim, é mesmo disso que a Mãe Ursa precisa, e agora está feliz.» O que significa que a escultura não sai daqui. E não há venda.

– Queres mesmo ver a escultura sair daqui?

Baixei os ombros.

– Não – admiti.

– Bom, eu tenho uma confissão a fazer. Quando o Quentin me convenceu a avançar com este projeto, concordámos que tinha de ser um livro da Editora Powell. Ursula, nós os dois somos família, de certa forma. Nunca saberemos o que aconteceu ao Nathan e à Bethina Grace, mas esse elo de ligação existirá para sempre entre os Powell e os Washington.

– Sim, e orgulho-me disso.

– Tal como eu.

Uma admissão de aceitação mútua, após mais de um século e meio de silêncio. Tanto ele como eu precisámos de um momento para desviar o rosto, pestanejar, pigarrear.

– As minhas histórias, se forem dignas de publicação, têm de ser publicadas por ti. Para mim, seria uma honra.

– E eu ficaria honrada por as publicar. Se tiver dinheiro para isso.

Ele assentiu com um aceno.

– Para já, ficamos assim.

Nessa noite, dirigi-me ao acampamento de Quentin com o saco de cassetes.

– Comecei a ouvi-las – comuniquei-lhe. Ele olhou para mim através do fumo que se erguia dos bifes na grelha: dois para ele, dois para *Hammer*.

– São alguma coisa de jeito? – perguntou.

– São maravilhosas. Sei que foste o responsável por dar esta sugestão ao doutor Washington. Obrigada.

– Terás dinheiro para as publicar. Para publicar qualquer livro que queiras. Dou-te a minha palavra.

Uma última borboleta solitária, que de alguma forma escapara ao tempo frio e às geadas de outono, esvoaçou letargicamente em direção ao Urso de Ferro e pousou dentro das suas costelas. *O que há por trás da generosidade deste homem?* perguntei-me.

É fácil ser generoso no final da estação, quando já não se pode voar para longe, foi a resposta.

«Quentin Riconni, filho do escultor Richard Riconni, é o artista residente em Bear Creek neste outono, e está a criar uma peça companheira para o Urso! Esperamos conseguir entrevistá-lo.» Esta notícia foi publicada por um jornal local chamado *Outside In*, que se considerava a publicação mensal de arte popular e local. O paizinho ajudara na sua fundação.

Quando Quentin leu que fora ungido como artista, declarou com toda a calma que não queria ver nem mais uma palavra impressa sobre ele ou sobre os seus planos. Liguei ao editor, que fora um bom amigo do meu pai, e expliquei-lhe a situação o melhor que consegui.

– Mas ele é tímido? – perguntou o homem.

– Não, mas não é nenhum artista. É engenheiro. Não quer induzir as pessoas em erro.

– Assim sendo, como é que vai construir uma escultura com a complexidade criativa da que o pai criou?

– Não sei – admiti.

Como é que as pessoas podem partir do princípio de que eu sei o que estou a fazer? pensou Quentin. O legado do pai era tão forte, o efeito do Urso tão potente, que perfeitos desconhecidos estavam dispostos a aceitar cegamente a sua própria reverência. Temia que a publicidade local gerasse mais menções na imprensa e que a notícia chegasse a Nova Iorque.

Quando ia à cidade, as pessoas deixavam-lhe cartões manuscritos presos aos limpa-para-brisas do carro, com fotografias de si próprias ou de familiares com o Urso de Ferro. «Deus o abençoe, a si e à Ursula, por continuarem o bom trabalho», diziam.

A frequência do aparecimento de admiradores na quinta era tão elevada que Quentin começou a desaparecer no bosque com Arthur de cada vez que ouvia o motor de um carro. Começaram também a deixar-lhe bilhetes presos na lona da tenda. E depois, sem aviso prévio, velhos amigos e vizinhos começaram a aparecer em Bear Creek com contribuições para a nova escultura – eixos de carros antigos, ferramentas velhas, panelas de ferro ferrugento. Com cada presente, vinha uma história pessoal.

Arthur e Esme todos os dias estudavam a pilha de sucata que se acumulava no pasto, ficando muitas vezes a admirá-la durante horas, sentados de pernas cruzadas. Quentin, por seu lado, olhava para aquela confusão com inquietação crescente. Quando analisava a escultura do pai via, claro, que os ossos eram feitos a partir de uma dúzia de coisas diferentes. No entanto, cada peça fora cortada, medida e transformada em algo único, destilada na essência da sua forma original. *Como é que o papá conseguiu juntar tanta coisa distinta e criar algo tão coerente?*

Espalhou todas as peças num círculo à volta do acampamento e do Urso de Ferro. Pôs coisas de lado, desmanchou outras, selecionou peças parecidas que juntou em montes separados, apenas para os voltar a desfazer e reconstruir. Como um cientista a contemplar um projeto de Frankenstein ou um paleoarqueólogo a reconstruir o esqueleto de um animal que nenhum homem moderno alguma vez vira, procurou padrões em ossos desconhecidos. Um dia, até requisitou o meu carro destruído, que rebocou para o local de construção.

Começou a fazer esboços – estava constantemente a desenhar em blocos de folhas amarelas que não mostrava a ninguém. Eu fazia questão de evitar espreitar-lhe por cima do ombro quando estava por perto; uma vez que era raro ele arranjar tempo para vir à minha casa, e que comia de pé a comida que eu lhe trazia, a minha honra era posta à prova com frequência.

– Temos de ir à caça de mais peças para o urso – anunciou Arthur. Pegou na mão de Esme e, juntos, atravessaram o bosque em direção à casa do doutor Washington. Uma hora depois, segui-os,

curiosa.

– Estão sentados no velho celeiro a olhar para um balde de pregos – informou o doutor Washington solenemente.

– Talvez o Quentin possa fazer um porco-espinho.

Ele riu-se. Espreitei para dentro do celeiro e vi as cabeças de Arthur e Esme debruçadas sobre um monte de pregos enferrujados.

– Venho ver deles mais tarde. Tem sido muito bom para o meu irmão e agradeço-lhe muito o que tem feito por ele.

– O Arthur está a encontrar o seu caminho no mundo sem o pai, embora devagar, tal como o Quentin e como tu. Ele vai ficar bem.

Eu tinha as minhas dúvidas.

Quentin não podia adiar muito mais. Tinha de começar a construir a escultura.

O Urso de Ferro lançava sombras estranhas sobre o pasto, à luz da fogueira. Quentin levantou-se a meio da noite, transpirado, depois de sonhar com o pai de mãos ensanguentadas. Esperava que fazer uma nova fogueira o ajudasse a afastar as memórias, mas não ajudou. *Estou cercado por fantasmas*, pensou, olhando para os montes de sucata e ferro-velho que rodeavam o acampamento, a mudar de forma à luz das chamas. Algumas das coisas pareciam mexer-se, ou fitá-lo com olhos vazios, tal como o Urso de Ferro. *De que estás à espera? Eu conheço-te*, parecia dizer. *És meu. Até te encontrares em mim, serás sempre meu*.

A escultura do pai falara finalmente com ele, tal como Quentin sempre temera que acontecesse. Apagou a fogueira, bebeu um trago da garrafa de uísque e passou o resto da noite sentado na escuridão absoluta, desafiando as sombras irregulares do passado e do futuro a tentarem apanhá-lo.

Eu acordei de madrugada, com o coração acelerado. Dormia com a janela aberta na maioria das noites, apesar do ar fresco de outono. Do lado de fora da rede mosquiteira ouvi de novo o som que me acordara. Apressei-me a ir ver, certa de que era Quentin.

Tinha razão.

No pasto, ele estava a abrir as fundações para a sua escultura. Tinha esticado cordel numa grelha perfeita, delineando um espaço de três metros e meio de lado para a base de cimento. As linhas estavam perfeitamente paralelas ao solo e prendera-as com precisão cirúrgica a pequenas estacas de pinho. Ao seu lado, tinha um dos grandes carrinhos de mão da quinta com a mangueira do jardim em cima, e um monte cinzento de cimento à espera de ser misturado. Do outro lado, vi um nível de carpinteiro e um prumo. Ele ia medir tudo. Todos os detalhes tinham de estar perfeitos.

Vesti qualquer coisa, espreitei para o quarto de Arthur para ver se estava tudo bem e desci para fazer café. Os esquilos de Arthur, que eram agora adolescentes turbulentos, correram à minha volta,

roubando nozes da tigela em cima do balcão.

Depois de o café estar pronto saí com duas canecas na mão, seguida pelos esquilos que se cruzaram com *Hammer* no quintal, enfrentando-o com a sua tagarelice destemida. Esquilos e cão acompanharam-me sobre a relva molhada como uma procissão do café.

– Bom dia – cumprimentei Quentin. – Em que posso ajudar? Sou boa a trabalhar com cimento. Ajudei o meu pai a construir a primeira plataforma, apesar de, com toda a franqueza, os padrões de engenharia dele não serem tão elevados como os teus.

– Não podes ajudar – recusou ele, continuando a cavar.

Fitei-o, preocupada.

– E que tal uma pausa para o café? Seguida de uma outra para bolachas?

– Não. Tenho de despachar esta parte. Não quero público. Quero encher isto de cimento antes de aparecer alguém. – Levantou a cabeça para me lançar um olhar severo e quase fiquei sem fôlego.

Ele estava transformado. O mero facto de começar a abrir as fundações desencadeara algo nele, abrira uma porta que Quentin nunca quisera abrir. Distraído, cravou a pá na terra meio de lado, cortando um dos cordéis esticados. As pontas saltaram para trás como gatinhos assustados. Quentin praguejou alto e com palavras obscenas, o que não era normal nele. Os esquilos fugiram. *Hammer* ganiu. Eu fiquei ali, a avaliar este lado sombrio da personalidade dele, vendo uma dor que nunca poderia ter imaginado.

– Não tens de fazer isto sozinho – intrometi-me. – Seja o que for que te está a atormentar, podes falar comigo. Juro-te que nunca repetirei nada daquilo que me disseres.

– Não é problema teu.

– Oh, estás enganado. Tudo isto tem tanto a ver com a minha família e com o seu futuro como contigo. E, se não confiares em mim, não temos nada. Nem sequer uma amizade.

– Então não temos nada – respondeu-me.

Após um momento de choque, virei costas e regressei a casa.

Dois dias depois, Arthur entrou a correr na cozinha. Eu estava a tratar do almoço.

– Ele fez uma pata! – exclamou Arthur. – A primeira pata.

Saí e dirigi-me ao local da construção. Quentin endireitou-se sobre a base de cimento, com o maçarico na mão enluvada, a máscara de soldar levantada a deixar ver o rosto, manchado de suor e fuligem apesar do ar frio. Na plataforma erguia-se um conglomerado de peças de metal em forma de pata.

– Está vivo – anunciou ele.

Recusei-me a oferecer ajuda, embora ele parecesse piorar de dia para dia e eu estivesse preocupada.

– Há almoço feito, se quiseres comer – informei, e deixei-o com a sua infelicidade.

Querias afastá-la de ti e conseguiste, pensou, com uma satisfação amarga. Voltou de novo a atenção para a pata desmembrada à sua frente. *Agora pode assombrar-me, tal como as esculturas do papá o assombravam. Veremos quem sobrevive*.

Depois desse dia, Quentin passou a pertencer em espírito e na prática ao mistério do trabalho solitário do pai. Ninguém o podia ajudar e ninguém o podia atrapalhar. Trabalhava de forma metódica e minuciosa na nova escultura – cortando, martelando, moldando pedaços de metal em curvas e ângulos, encaixando, soldando, voltando a encaixar. A escultura progrediu, e já tinha as pernas completas.

De súbito, decidiu que estava tudo mal. Acendeu o maçarico e desfez tudo o que tinha feito. O Urso Dois desapareceu, deixando apenas o cimento vazio, manchado do suor de Quentin, com algumas varas de aço espetadas como antenas, à espera de ancorar a próxima versão.

– Para onde foi o Urso Dois? – quis saber Arthur, preocupado.

– Se calhar voltou para o Céu dos Ursos de Ferro – sugeriu Esme.

Isto perturbou profundamente o meu irmão. O Urso Dois, como ele lhe chamava, ainda não falava, por isso não sabia se era ou não o amigo certo para a Mãe Ursa, mas de uma coisa tinha a certeza: Quentin nem sequer lhe dera uma oportunidade.

22

Pedi a Liza para me ajudar a transcrever as cassetes do doutor Washington, depois de descobrir que as suas competências de uma vida anterior a habilitavam para usar o teclado a uma velocidade estonteante. Enfiámo-nos em casa durante um dia inteiro e, à vez, passámos tudo para o meu computador. Eu gostava de ter a companhia dela no escritório. Liza já se apercebera de que algo muito errado estava a acontecer entre mim e Quentin, mas não fazia perguntas. O seu extravagante cabelo loiro e as roupas excêntricas – nesse dia, umas jardineiras brancas largas, com uma camisola cor-de-rosa – tinham-se tornado uma visão familiar e reconfortante.

Depois de uma pausa, quando não a encontrei, subi as escadas à sua procura. Espreitei para dentro do quarto do meu pai e vi-a parada aos pés da cama, com a cabeça inclinada. Liza estava tão perdida nos seus pensamentos que nem me ouviu. Recuei silenciosamente, mas pisei uma tábua que rangia e ela ouviu. Quando se voltou, vi-a limpar as lágrimas do rosto.

– Desculpa.

A suspeita que albergava há meses atingiu-me como um soco no peito.

– Andavas a dormir com ele? – perguntei.

Ela assentiu com um aceno.

Algo de irracional ferveu dentro de mim. *Maldição, tudo o que peço é um pouco de paz de espírito na minha própria casa*.

– Quanto tempo é que isso durou?

– Mais de dois anos.

– Ele devia ter-me contado. Eu tinha o direito de saber. – Na verdade, não tinha, mas, provindo da raiva e da mágoa, aquilo saiu-me.

– O teu pai *queria* dizer-te. Ambos queríamos. Mas tu não me conhecias… não sabias nada sobre mim. Não terias aprovado. E ele não queria afastar-te ainda mais.

– Isso não é desculpa. – Levantei a voz. – Tenho o direito de saber quem anda a fornicar com o meu pai na cama que foi da minha mãe!

Ela empalideceu.

– Ursula, por favor…

Mas eu já ia a descer as escadas. Saí intempestivamente pela porta da cozinha, depois de pegar num casaco e na mochila que costumava levar nas minhas caminhadas. Tinha de me afastar das imagens mentais de Liza com o meu pai.

Sentei-me junto ao riacho, num sítio atapetado por folhas caídas, onde um fio de água corria entre as raízes expostas das árvores e as pedras lisas. Foi aí que Quentin me encontrou e onde se sentou ao meu lado. Eu tinha o bloco de notas no colo para me fingir ocupada, mas de certeza que ele percebeu

que estava apenas ali sentada a chorar.

– Estavam todos com medo de que tivesses sido comida por um urso – começou ele.

– Não há ursos por aqui há décadas. E os ursos pretos não comem pessoas.

– Pelo sim, pelo não, disse-lhes que vinha ver.

– Como está a Liza?

– Desolada. E preocupada contigo.

Olhei para a floresta silenciosa e despida, interrompida apenas por maciços de loureiro e alguns pinheiros grandes.

– Fui cruel. Já estou mais calma. Foi apenas um choque. Pensar nela e no meu pai a partilharem a cama onde nasci…

– Não tens de me dar explicações. Sou especialista em ser cruel quando me sinto assoberbado.

– Ouve, Quentin, não precisas de…

– Eu odiava a forma como o meu pai levava a sua vida. Desde os meus oito anos que ele deixou de estar presente. A minha mãe vivia apenas para apoiar as ambições dele. Nunca tínhamos dinheiro e, quando ele estava em casa, nunca olhava com atenção suficiente para se aperceber de que passávamos dificuldades.

Respirei fundo.

– Cresci da mesma maneira. A única diferença era que o meu pai não saiu de casa para seguir os seus sonhos. Seguiu-os aqui mesmo. – Baixei os olhos para o bloco que tinha no colo. – Acho que não sou mais inteligente do que ele. Por falar em fantasias… Vim para aqui fazer esboços da casa que provavelmente nunca conseguirei construir. Mas consigo visualizá-la. – Apontei para trás de mim. – Ali, no cimo daquela colina, com vista para este sítio.

– Deixas-me ver os desenhos?

– Não te rias. – Passei-lhe o bloco e ele abriu-o devagar. Estudou os meus esboços grosseiros, a lápis, de uma bonita casa com alpendres largos e janelas grandes, antiquada e, ao mesmo tempo, familiar e acolhedora.

– Ficava bem com fundações de pedras em bruto e telhas – sugeriu, em tom obviamente aprovador. – O que é isto? – Apontou para uma zona onde eu escrevera: «VISTA PARA O MAR.»

– Um sítio para uma janela saliente especial, com vista para o riacho. O riacho corre para o rio e o rio corre para o mar. Por isso, é uma vista para o mar. – Senti-me corar.

– Gosto. Sei qual é a janela perfeita. Tenho uma em inventário, retirada de uma casa à beira-mar. É oval e enorme.

Soltei uma risada desanimada.

– Imagino que deve valer mais do que o meu orçamento para a casa toda.

– Pensa em grande, Rosa.

Silêncio. Olhei para ele.

– *Rosa*?

Quentin ficou atrapalhado.

– A minha mãe andava a fazer demasiadas perguntas sobre ti. Dei-lhe um nome só para a calar. Desculpa.

– Não. Eu… até gosto. Não faz mal.

Voltou a olhar para os esboços.

– Se quiseres uma planta a sério, posso fazê-la.

– Podes?

– Sou engenheiro civil. É apenas arquitetura sem as luzes da ribalta.

Um dia, ele partiria para Nova Iorque sem olhar para trás, mas ambos queríamos fingir que manteríamos o contacto.

– Vou pensar na tua oferta – respondi.

Ele partiu um pequeno galho ao meio e levantou os dois pedaços.

– Escolhe um. Se tirares o mais curto, significa que ambos conseguiremos o que queremos.

Puxei um dos pauzinhos e ele mostrou o outro.

– O mais curto – anunciei. – Ganhámos.

Atirei o pau para longe.

– Nunca deposites a tua fé na madeira, que ela apodrece.

– Estou a depositar a minha fé em *ti*. Sabes bem o que tens aqui. Tens um paraíso nas mãos e sei que nunca desistirás dele, nem que tenhas de pedir, roubar ou matar. Hoje, a Liza agitou a tua noção de lar, mas isto continua a ser o teu lar.

O ar frio do riacho, o musgo, os restos dos fetos e da vida que se começava a aquietar no outono, o poder de atração dele neste momento, as suas palavras sinceras, tudo isso me encheu de uma forte nostalgia por futuros desconhecidos.

– Às vezes parece que também gostas de aqui estar.

Ficámos um minuto em silêncio. Os olhos prateados e frios de Quentin trespassaram os meus e eu devolvi o olhar, corada.

– Acredita nisso por nós os dois – pediu-me por fim, baixinho. – Gosto de como acreditas nas coisas.

– Por favor, fala comigo – pediu Liza, que estava à minha espera no alpendre das traseiras.

Pendurei a mochila num gancho na parede.

– Está tudo bem, não te preocupes. Fui apenas apanhada de surpresa. Desculpa se te magoei.

– Ninguém podia ocupar o lugar da tua mãe. O teu pai sabia disso. Nunca falámos de casamento. Não estou a reivindicar nada, mas podes ter a certeza de que eu o amava… ainda o amo… e acredito

que ele também me amava. Com o tempo, esta quinta tornou-se também o *meu* lar.

Respirei fundo e não disse nada. O paizinho devia tê-la mencionado no testamento, devia ter deixado bem claro aquilo que desejava. Se pelo menos os pais fizessem isso em relação a tudo o que os filhos ainda precisavam de saber, de ouvir. «Querida filha, aqui estão as instruções que sempre tive intenção de te dar e todas as coisas que precisamos de resolver entre nós, para que possas seguir com a tua vida e parar de desejar que pudéssemos conversar uma última vez.»

Liza observou-me com preocupação.

– Ele nunca se perdoou pelo que aconteceu à tua mãe. Não vim ocupar o lugar de ninguém. Ela sempre esteve aqui, connosco. Eu sabia disso. – Sentei-me no baloiço do alpendre e Liza sentou-se ao meu lado. – O teu pai gostava tanto de ti. Ele compreendia o que tu sentias.

– Não consegui mudá-lo. E não devia ter tentado. Se só amamos uma pessoa depois de ela mudar de acordo com os nossos gostos, o que nos fez amá-la, afinal?

– É sempre essa a questão, não é? – questionou ela com a voz embargada. – Quando o conheci, soube que tinha encontrado um homem verdadeiro. Sem falsas bondades. Sem falsos orgulhos. Era a alma mais pura que alguma vez encontrei. Trabalho tão de perto com o fogo que estou habituada a pequenas queimaduras, e tenho as cicatrizes que o provam. – O rosto suave contraiu-se numa expressão de dor. – O Thomas foi o único homem que não me deixou uma só marca feia.

– Terás sempre um lar aqui. Estou certa de que ele assim desejaria. Mas é também o que eu quero.

As lágrimas deslizaram-lhe pelo rosto. Limpou-as e olhou para a frente, com as mãos cruzadas no colo.

– Sinto que tenho a obrigação de te falar um pouco sobre mim.

– Não é preciso…

– Sou de Nova Orleães. Lá, não era uma pessoa boa. Fui uma rapariga rebelde na juventude, viciada em drogas. Casei duas vezes, ambas com homens ricos que me tratavam mal porque eu deixava. Tive um filho com o meu segundo marido, mas era alcoólica e toxicodependente, e o bebé morreu por complicações relacionadas com isso. A morte do meu filho mudou-me. Deixei tudo para trás, até o meu nome verdadeiro. Queria ser uma pessoa nova.

Passado alguns instantes, perguntei:

– Há quanto tempo?

– Dez anos.

– O meu pai sabia tudo sobre o teu passado?

– Sim, eu contei-lhe. Ele disse… – a voz falhou-lhe. Ele argumentou que isso era apenas uma camada antiga da minha vida, uma que eu pintara por cima há muito tempo. «É o que faz de ti a pessoa que és hoje», assegurou-me. «E eu amo essa pessoa.» – Hesitou. – Obrigada por me dares uma oportunidade… a mim e aos outros inquilinos.

Ficámos ali sentadas algum tempo em silêncio. Eu estava também a pensar em Quentin, com um aperto na boca do estômago. *Se pudéssemos correr para aqueles de quem gostamos e dizer-lhes aquilo que nos deslumbra neles, como estão errados ao acreditar no pior. E se eles nos ouvissem…*

– Fiz bem em te contar quem sou? – perguntou Liza. – Ou preferias ter ficado na ignorância?

– Eu já sabia quem tu eras.

– Como assim? – Fitou-me, ansiosa.

Levantei-me.

– És a segunda mulher que o meu pai amou. E ele não se apaixonava com facilidade. É tudo o que me importa.

A expressão no rosto dela era de alívio e de gratidão.

No dia seguinte, bati à porta rosa-choque de Oswald. Dar oportunidades. Tentar acreditar nas pessoas que me rodeavam, como se pudesse assim ganhar forças para ajudar Quentin.

Oswald parecia tão desconfiado como eu. Sentámo-nos num sofá de xadrez por baixo de um dos quadros dele, uma enorme mulher nua no meio de um milharal. As maçarocas tinham uma distinta semelhança com pénis. Fingi não reparar.

– Tenho um manuscrito para si. – Nas mãos, trazia as folhas transcritas das histórias do doutor Washington. Expliquei-lhe sobre o que eram. – Quero que as leia e me diga se acha que as pode ilustrar. Talvez possa começar por alguns esboços, para ver se conseguimos encontrar algo que resulte.

Ele quase que ficou sem fala.

– Oh, raios, posso tentar – acedeu, por fim. Tanto quanto eu sabia, podia muito bem acabar com desenhos de bebés nus a matarem monstros com crucifixos aguçados. No entanto, no dia seguinte, Oswald entregou-me vários esboços nos quais bonitas crianças negras brincavam no cenário bucólico das histórias de Bear Creek do doutor Washington. Quando mostrei os desenhos ao doutor Washington e aos outros, todos nos entreolhámos como se este novo Oswald tivesse emergido de uma velha concha.

O mundo estava a mudar.

Arthur decidira que estava na altura de partilhar o seu segredo com Esme e ver se ela aprovava. Numa tarde amena, pouco depois do Dia de Ação de Graças, ele e Esme sentaram-se num tronco no vale, a remexer distraidamente com os pés nos montes de folhas caídas. Entre eles, sobre um dos panos de cozinha bordados e desbotados da mãezinha, tinham o resto das bolachas de manteiga de amendoim que Liza fizera para levarem na sua aventura diária pelos campos. Esme lançou-lhe olhares tímidos, pois sabia que quando ambos fossem apanhar a última bolacha ficariam de mãos dadas.

De súbito, Esme ouviu passos e olhou para Arthur, preocupada.

– É o meu coração a bater por ti – respondeu ele no tom melodramático de um mau ator a recitar a sua fala. Quentin sugerira-lhe que dissesse isso quando não conseguisse pensar em mais nada. Empolgado com a revelação iminente, levantou-se, sem medo. Nenhum dos animais do bosque o assustavam, e ele não assustava nenhum animal. Sabia, de acordo com as lendas, quem sempre vivera no vale de Bear Creek.

O loureiro alto começou a agitar-se e, sem aviso, uma grande fêmea de urso preto e a sua cria emergiram da folhagem e pararam a olhar para Arthur. Ele tirou a última bolacha da mão trémula de Esme, aproximou-se dos ursos sem qualquer inibição, partiu a bolacha ao meio e pousou as duas metades numa pedra. A mãe e a cria devoraram-na num instante. A mãe ursa pesava bem mais de cem quilos e podia ter acabado com Arthur sem qualquer esforço. Em vez disso, lambeu-lhe a mão. Ele fez-lhe cócegas atrás das orelhas e depois repetiu o gesto com a cria.

Por fim, regressou ao tronco e sentou-se ao lado de Esme, que assistira a toda a cena de olhos arregalados.

– É a avó Annie com o filho – explicou ele calmamente. – Ela encontrou-o. – Para Arthur, espíritos de ursos e ursos reais eram a mesma coisa. Pertenciam todos à família Powell. – Estás com medo? – perguntou a Esme.

Ela ergueu para ele os olhos confiantes.

– Não tenho medo se me disseres que não preciso de ter.

Arthur ficou inchado de orgulho. Sentaram-se lado a lado na almofada de folhas secas. Arthur pôs o braço sobre os ombros dela e beijaram-se.

– É assim que se expulsam os Entres maus – explicou ele. – Foram os Entres maus que apanharam a Mãe Ursa. Não podemos deixar que apanhem a avó Annie e o filho dela.

Esme olhou para a ursa com a cria.

– Como assim? O que lhes vai acontecer?

– Não sei bem. Só sei que acontecem coisas más aos ursos quando se aproximam das pessoas. E os Ursos de Ferro também são ursos. Temos de descobrir como os salvar.

Ela acenou, convicta.

– Eu ajudo. – Encostou a cabeça à dele.

E assim os ursos voltaram a Bear Creek – ou talvez nunca se tenham ido embora. Estávamos a caminhar para o inverno mais duro da última década, carregado da angústia de fins e de mudanças, mais ainda do que os invernos normais. Eu procurava no céu as minhas homónimas, a Ursa Maior e a Ursa Menor. As constelações deslizaram para o seu lugar e vários caminhos, há muito esquecidos ou apenas sonhados em sonos profundos, começaram a fundir-se num só.

Dezembro chegou. O Urso Dois evoluiu novamente para quatro patas e pernas, apenas para voltar

a desaparecer. De dia para dia, Quentin ficava cada vez mais calado e zangado, mais frustrado.

Arthur prosseguia com a sua vigília, rondando Quentin enquanto este trabalhava, escutando com avidez as instruções dele sobre mulheres, vida e técnicas de soldagem. Ia já na quinta tentativa de construção e destruição dos membros inferiores. Andávamos todos nervosos – eu, Arthur, os inquilinos e, acima de tudo, Quentin. Caiu o primeiro nevão, apenas dois ou três centímetros, mas o suficiente para formar uma lama desagradável e gelada. Quentin trabalhava sem interrupções, com o rosto e as mãos a ficarem queimados do frio, a respiração a formar nuvens brancas no ar, a lama gelada a salpicar-lhe as botas de borracha.

Quatro patas, quatro pernas e o princípio de uma barriga apareceram a seguir, embora o conjunto não se parecesse nada com um urso. Um dia, quando veio buscar Esme, Janine olhou para o campo, onde o cenário fazia agora lembrar uma estranha feira de atrações. As faíscas voavam enquanto Quentin acabava de cortar o que restava do eixo do meu carro.

– Ele está a fazer isto só para provar que é capaz?

– Acho que não tem escolha. Tornou-se uma obsessão.

– Bom, está a sugar toda a gente com ele para o buraco negro. – Suspirou e olhou para Esme e Arthur, alegremente sentados dentro da carrinha de Quentin. – E aqueles dois, o que é que estão a fazer?

– A Esme tem andado a aprender a conduzir, só na estrada de terra, para a frente e para trás. Um de nós vai sempre com eles, não te preocupes. Na verdade, tem feito grandes progressos. Já consegue meter mudanças como uma profissional.

– Não percebo por que raio ela tem este fascínio por coisas mecânicas, mas suponho que é um interesse inofensivo.

– É melhor do que brincar com armas.

– Oh, nunca lhe damos balas.

– Que atencioso da vossa parte – respondi com ar sério.

Ela franziu a testa.

– Vai à merda, tu e o teu contrato de criadores.

– Não estás contente por estar resolvido? Admite que foi um bom meio-termo para todos.

– Terá de servir. O paizinho odeia-o, mas já se resignou.

– Como está ele?

– Não muito bem. Tem jogado muito golfe, e ele *detesta* golfe.

– Devias arranjar-lhe outra coisa com que se ocupar.

Ela virou-se para mim com os olhos a faiscar.

– Não me dês mais conselhos sobre a melhor forma de gerir o meu negócio ou a minha família. Desde que éramos pequenas que sou obrigada a ouvir elogios à maravilhosa Ursula, e depois de a minha mãe morrer, o paizinho tornou-se o teu maior fã. A minha mãe era uma snobe, está bem? Para

ela, o paizinho não passava de um campónio rico, e toda a vida se comportou como se tivesse casado abaixo da sua classe. Ele adorava-a, mas ela fazia-lhe a vida negra em relação a muitas coisas… incluindo as ligações à tua família. Ele quer redimir-se de ter mantido a tua família de fora do nosso círculo social estes anos todos. Mas sabes que mais? Eu estou-me a *borrifar*!

– E eu também, prima. No entanto… devíamos tentar pôr algumas coisas para trás das costas para ajudar o teu pai a voltar a ser a pessoa que era.

– Eu hei de consegui-lo à minha maneira.

E, sem mais, marchou até à carrinha, abriu a porta e olhou para Esme.

– Escuto, escuto, está aí alguém? – perguntou em tom exageradamente dramático, como se estivesse a falar para um rádio. – É a minha prima Esme que está ao volante desta grande carrinha? Nem acredito. Escuto.

Esme pestanejou, confusa.

– Consigo conduzir esta carrinha para *qualquer lado* – declarou, alegremente. – Ficarias surpreendida.

Ela e Arthur sorriram.

Pouco depois do pôr do Sol, uma noite não muito antes do Natal, comecei a enfeitar as janelas da sala de estar com as velhas fitas brilhantes. Doíam-me os braços, depois de estar a empilhar um monte de lenha no alpendre das traseiras. Já tinha encomendado mais propano para os aquecedores e tirado as mantas dos baús. A casa cheirava ao pão de milho que cozia no forno. Ao lume, tinha um tacho de grelos e uma caçarola de maçãs. A minha frigideira de omeletas estava pendurada ao lado da frigideira de ferro fundido da minha avó. Liza punha a mesa para o jantar. Eu estava a tentar preparar o meu ninho, não só para o inverno, mas contra uma qualquer desgraça invisível que me assombrava os pensamentos.

– Depressa, depressa! – gritou Arthur. Entrou a correr em casa, com os olhos vidrados de medo. – O Quentin está a bater no Urso!

Liza e eu saímos a correr. Quentin atacava com uma marreta a mais recente versão inacabada da escultura. Pequenos pedaços de metal voavam à luz fraca do crepúsculo, mas as secções maiores estavam demasiado bem soldadas. Ele não conseguia destruir algo que construíra para sobreviver a tudo, exceto à sua própria frustração. Parecia louco.

– Para com isso! – ordenei. – Quentin, já te mandei *parar*! – Ele deteve-se, cambaleante, como um pugilista vencido, encharcado em suor, com o vapor a erguer-se dele no ar frio, a marreta caída na mão ao lado do corpo.

– Vou recomeçar outra vez. Não se aproximem.

Arthur desatou a chorar.

– Estás a matá-lo. A matá-lo. E eu gostava deste. Tem umas patas boas.

Abracei o meu irmão.

– Ele não o está a matar. Vou falar com ele e vai ficar tudo bem. Vai para dentro com a Liza, está bem? Liza, leva-o para dentro e dá-lhe jantar. Não o deixes voltar a sair esta noite.

– Anda, meu querido – chamou ela, e entrou com Arthur.

Corri para Quentin com as mãos estendidas.

– Dá-me essa marreta.

– Esta também não está bem. Deixa-me em paz para a desfazer como fiz com as outras.

– Perdeste a noção das coisas. Esta escultura está boa. Tu é que estás a desfazer-te. – Enfiei as mãos nas dele e peguei no cabo da marreta. – Estou a pedir-te para te acalmares e conversares comigo. Por favor.

Quentin baixou os ombros, largou a pesada marreta e sentou-se, exausto, na plataforma de cimento. Agachei-me em frente dele e apertei-lhe as mãos sujas e cheias de bolhas.

– Estás a autodestruir-te por causa disto. Perdeste peso. Não dormes como deve ser, não comes como deve ser, tens os braços cobertos de queimaduras da solda. Estás com péssimo aspeto e não te vejo sorrir há semanas.

O fantasma de um sorriso ergueu-lhe os cantos da boca sob os olhos exaustos.

– Estás a dar-me graxa?

– Estou arrependida de ter concordado com esta ideia. Está a dar cabo de ti.

– Descansa, a maldita escultura ainda não me matou.

– Não fales assim. – Levantei o tom de voz. Olhei para ele e, de súbito, compreendi algo. – Tu *queres* que a escultura te faça mal. Porquê, Quentin? O que achas que fizeste ao teu pai para sentires esta culpa toda? O que te está a acontecer?

– A cada dia que passa, lembro-me mais dele. – Falou lentamente, com esforço. – Cada maldito dia que passo aqui ao frio, cada queimadura, cada gota de suor… o traz um pouco mais de volta para mim. Coisas que ele disse ou que fez quando o visitava no armazém. Como me ensinou a jogar às cartas, a falar com as raparigas, o que me explicou sobre honra e autodisciplina, como ser um homem, da maneira que acreditava que os homens deviam ser.

– Ainda bem. São memórias maravilhosas.

Ele abanou a cabeça.

– Também me lembro de o ver sentado em frente de uma ventoinha, num dia escaldante, com a cabeça nas mãos, a escorrer suor. As mãos cobertas de pequenos cortes e bolhas do maçarico. E ficava ali sentado como se não tivesse energia para se mexer. Não era apenas cansaço físico. Era o coração dele. A alma.

Estava também a descrever-se a si próprio.

– Nunca te tinhas apercebido do quanto este trabalho exigia dele?

– Não como percebi agora, ao tentar copiá-lo. – Passou a mão pelo cabelo e reparei que tinha

uma queimadura meio cicatrizada na testa. Tinha também as mãos e os braços cobertos de marcas e arranhões.

– Venho já – disse-lhe. Corri até casa e voltei com uma latinha de pomada para úberes. – Precisas de unguento para tetas.

Ele olhou para mim e riu-se.

– Estás mesmo convencida de que isso cura tudo.

– É um começo. – Peguei-lhe nas mãos, uma de cada vez, e massajei-as com a pomada espessa. Fingi examinar-lhe a palma da mão.

– Também sabes ler as mãos? O que vês? – perguntou ele no tom sarcástico de um cético. Eu também não acreditava em leitura de palmas, mas aproveitei a oportunidade.

– Medo das responsabilidades. Medo de compromissos. Medo de ter de dormir com a mesma mulher para o resto da vida. O costume.

– Não. – Ele virou a mão, fechou-a sobre a minha e olhou para mim. – Medo de morrer – corrigiu.

Ficámos em silêncio durante um instante. Por fim, perguntei:

– Porquê?

– Os homens da minha família morrem novos. Sempre foi assim. Mortos na guerra, ou a trabalhar… – hesitou e os lábios moveram-se num trejeito cínico. – Talvez os Riconni tenham um lado suicida. O meu pai escapou à angústia de não saber como morreria. Tenho de lhe dar algum crédito por ter tomado nas mãos a sua própria morte.

Olhei para ele.

– Se eu acreditasse… – Parei para engolir em seco e continuei: – Tenho de acreditar que é possível modificar as tradições de uma família, ou o seu destino, o azar ou a falta de bom senso… o que lhe queiras chamar. E *vou* mudar o futuro da minha família. E tu vais mudar o teu.

– Enquanto estou a trabalhar na escultura tenho uma oportunidade de compreender quem era o meu pai. De cada vez que desmancho uma e recomeço é porque ainda não sei.

– Podes nunca vir a compreender por que motivo ele se matou.

Quentin ergueu a cabeça e os seus olhos ardentes trespassaram-me.

– Estás enganada. – Hesitou. O segredo que guardava dentro de si desde os dezoito anos de idade nunca antes lhe fora arrancado. *Ela merece saber quem eu sou*, pensou. – Eu parti-lhe o coração. Fui eu que o matei.

Após um instante de silêncio, pedi:

– Conta-me.

E a história brotou dele. A mulher predadora que se tornara a mentora do pai. O adultério. As contas por pagar, as dificuldades, os carros roubados. Como tudo isso levara ao confronto no cemitério, àquela revelação brutal da perda de fé de um filho e da tragédia de um pai. Quando

acabou, ficou calado, de cabeça baixa. Eu estava aliviada. O sentimento de culpa era algo que conseguia compreender. Podia ajudá-lo.

Segurei-lhe no rosto e ergui-o.

– Há tantas alturas em que me afasto, sozinha, para chorar pelo meu pai. Magoa-me pensar em todas as coisas que nunca lhe poderei dizer. Imagino que continuará a doer durante muitos anos. Foi o que aconteceu com a minha mãe. Mesmo agora… e já passaram mais de vinte anos… ainda pego no telefone da cozinha às vezes e penso, *Devia ter chamado o médico*. É algo com que tenho de viver. Uma vez, falei sobre isso à doutora L-J e ela retorquiu: «Quem te disse que podias viver a tua vida sem perguntas por responder e sem remorsos? Metade da resposta é aprender a viver com as perguntas.»

»Fazemos o nosso melhor, Quentin. Cometemos erros, aprendemos, seguimos em frente mais fortes do que antes, para não voltarmos a cometer o mesmo erro. O truque é perceber que crescemos a prometer que nunca cometeríamos os erros dos nossos pais, mas acabamos por cometer os nossos próprios erros. Ninguém nos avisa disso.

Ele abanou a cabeça.

– Estou em dívida para com ele.

– E ele estava em dívida para contigo. Não se trata de quem errou, de quem magoou o outro. São apenas coisas que aconteceram.

– Não posso contar nada disto à minha mãe. Nunca lhe falei da última conversa que tive com o meu pai, e não quero que ela saiba sobre a outra mulher. Mas, por causa disso, ela não compreende o motivo pelo qual não venero o meu pai como ela o faz. Esse segredo tem sido uma barreira entre nós desde então.

– Tudo o que tens de lhe dizer é que veneras o teu pai, *sim*. Porque é verdade. – Vi que ele se preparava para o negar e apressei-me a continuar. – Tudo o que estás a fazer aqui é por ele.

– Não – respondeu Quentin baixinho. – É por ti.

Beijei-o. Foi rápido e fácil, uma pressão suave e breve dos meus lábios nos dele. Quentin fechou os olhos e depois abriu-os lentamente, saboreando-me. Não vi nada que indicasse que as minhas palavras tinham modificado os seus sentimentos, mas voltei a beijá-lo.

– Estás enganado – murmurei. – Mas gosto de como acreditas nisso.

Levantámo-nos. Sob o luar, o Urso de Ferro e o seu companheiro inacabado e atormentado lançavam sombras misteriosas, tão indiscerníveis como o destino que nos unira. Só havia uma forma de os Powell e os Riconni se terem encontrado neste mundo, e estávamos perante ela. O nosso futuro estava a evoluir ou a acabar. Nessa noite, ainda não sabíamos qual das hipóteses.

Caímos nos braços um do outro e, passado algum tempo, caminhámos juntos até à tenda. Ele acendeu o fogão a lenha. Eu afastei as mantas na cama dele. A noite estava a cair e ia ser fria, mas não entre nós. Quentin veio até mim. Pousei as mãos nos seus ombros, ele pôs as suas na minha

cintura e puxou-me para si. Não tinha resolvido o dilema dele, apenas aberto a porta a respostas que podiam nunca chegar. Sabia disso.

– Faz com que me seja fácil esquecer – pediu ele em voz baixa.

– Faz o mesmo por mim – murmurei.

Fizemos amor como ladrões depois de o prazer se tornar uma espécie única de virtude roubada. Ele sobre mim e eu sobre ele, de dedos entrelaçados, a respiração ofegante e doce, por vezes num silêncio intenso, outras sussurrando ordens e elogios. E durante essa longa noite turbulenta, foi realmente fácil esquecer que havia decisões difíceis a tomar.

A segunda escultura nunca seria concluída. Eu não deixaria Quentin continuar a tentar. Não sabia ainda o que ia dizer a Arthur, nem como ele reagiria.

Tudo o que soube, ao longo dessa noite, foi que amava Quentin Riconni e que sempre o amaria, mesmo quando ele me deixasse.

23

A mãe ursa e a sua cria tinham chegado a uma espécie de entendimento com Arthur, que lhes explicou que estava na altura de se mudarem para um sítio onde ficariam em segurança. A desilusão e a violência de Quentin em relação à segunda escultura só vieram confirmar tal plano. Este não era sítio para ursos.

Assim, sob o luar, durante o breve período de tempo em que Quentin e eu dormíamos, com a lenha a crepitar no fogão, cobertos pelas mantas como num casulo que abafava todo o som, Arthur atraiu a ursa e a sua cria para a caixa coberta da carrinha de Quentin. Pouco depois, Esme apareceu na estrada de terra, atrás das luzes do seu carrinho de golfe, trazendo consigo uma mochila com a arma e um pacote de bolachas. Beijou o meu irmão e subiu, a tremer, para trás do volante da carrinha. Ele sentou-se ao lado dela e apertou-lhe a mão.

– É um caminho longo – admitiu.

Ela engoliu em seco.

– Mas vai correr tudo bem. E os ursos vão ficar bem. E depois de fazermos isto toda a gente ficará a saber que somos um homem e uma mulher, e não apenas dois idiotas.

Conduziram muito devagar, levando a sua carga preciosa para longe de Bear Creek.

Quentin não era o mesmo homem. Sabia-o, embora a mudança fosse demasiado recente para ser aprofundada. As fundações estavam lançadas, mas era preciso mais tempo para estas assentarem e serem tão fortes quanto podiam ser. Ainda assim, havia nele um profundo sentimento de estrutura e clareza que parecia certo. *Quero acordar assim todos os dias*, pensou. *Com ela*.

– Tenho de voltar para casa antes de o Arthur acordar – murmurei. Já estava meio vestida quando Quentin se mexeu e abriu os olhos. A luz da alvorada começava a penetrar através da lona translúcida da tenda. – Se for já, ele não se aperceberá de que passei a noite inteira contigo. Espera um bocadinho e depois vem tomar o pequeno-almoço connosco, está bem?

Ele sentou-se na cama, expondo uma quantidade irresistível do peito coberto de pelos escuros e da barriga. Passei-lhe a mão sobre a pele e ele agarrou-a, puxando-me.

– Volta para a cama e dá-me mais meia hora – ordenou, naquela voz áspera e sedutora que os homens têm quando estão excitados e ensonados.

Os deveres fraternais debateram-se com o desejo. Ambos levaram a melhor. Desabotoei a camisa de flanela enquanto o via seguir o movimento dos meus dedos com os olhos.

– Dou-te quinze minutos – contrapus em tom sedutor –, mas que sejam tão bons como trinta.

Quando por fim voltei para casa encontrei as duas coisas que Arthur deixara em cima da mesa da cozinha, à laia de mensagem. Uma delas era uma fotografia tirada de uma revista, que mostrava vários ursos pretos. A outra era o livro *A Viagem Fantástica*. Estava aberto em cima da mesa, tal

como ele o deixara em cima da mesa em Atlanta no princípio desse ano.

Corri pelas escadas acima para confirmar que Arthur não estava na cama e depois, com o coração aos saltos, abri a janela do quarto e gritei por Quentin, pelos inquilinos, pelo mundo inteiro, para me virem ajudar a encontrá-lo antes que acontecesse outra vez algo terrível.

– Pegadas de urso. Um urso grande e um pequeno. Diria que são uma fêmea e a cria. – O batedor do xerife estava agachado sobre as pegadas que subiam a estrada de terra e desapareciam junto das marcas dos pneus traseiros da carrinha. – O Arthur atraiu-os até aqui e conseguiu enfiá-los na carrinha, de alguma maneira.

Janine falou com horror crescente na voz.

– E a Esme saiu daqui ao volante de uma carrinha cheia de ursos? – Estávamos rodeados por delegados, guardas florestais, membros da família Tiber e vizinhos. O senhor John tombara com dores no peito ao descobrir que Esme desaparecera a meio da noite. Fora levado para o hospital. Janine parecia prestes a explodir. Virou-se para mim. – A minha prima anda algures por estas montanhas, ao volante de uma carrinha de quatro toneladas carregada de *ursos*.

Lancei-lhe um olhar fatigado.

– O Quentin e eu procurámos nas estradas principais em direção a norte assim que eu chamei o xerife. A Esme e o Arthur chegaram até aí sem problemas. De certeza que estão a andar devagar; é apenas uma questão de tempo até serem encontrados.

– O que te faz pensar que seguiram para norte?

– Ele vai levar os ursos para território mais elevado. Só podia ir nessa direção.

– Mas não fazes ideia de quando ele e a Esme partiram. Podem ir já a meio caminho da Virgínia! Ou terem caído por uma ravina onde ainda ninguém deu por eles!

Essa imagem mental, que eu estava a tentar evitar, enfraqueceu-me os joelhos e fez-me o sangue afluir à cabeça. Quentin segurou-me no cotovelo e afastou-me do grupo de pessoas.

– O xerife está a organizar a busca. Já pediu ajuda a outros distritos. Não podemos fazer mais nada aqui. Temos de nos fazer à estrada e continuar também a procurar.

– Quentin, não faço a mais pequena ideia de para onde ele vai levar os ursos.

– Havemos de perceber. O teu irmão é metódico. Tem os seus padrões, tal como a Esme. Vamos.

Entrámos na carrinha do paizinho. Chamei Liza pela janela do lado do passageiro.

– Vamos à procura do Arthur.

Ela correu para a carrinha.

– Mas *como*?

Abanei a cabeça.

– Padrões.

Várias horas depois já tínhamos percorrido duas das principais estradas que atravessavam as montanhas entre Tiberville e a Carolina do Norte, sem ver sinais deles.

– A Esme nunca se meteria numa autoestrada – observou Quentin. – Não é assim tão corajosa. – Virou para o parque de estacionamento de uma estação de serviço para reabastecer. Eu saí da carrinha.

Encostei-me ao *capot* a estudar um mapa das montanhas, enquanto bebia com esforço um pacote de leite que Quentin me obrigara a comprar. Ele debruçou-se também sobre o mapa e começou a traçar linhas com a ponta dos dedos, de olhos semicerrados numa expressão de concentração. *Como é que o Arthur pensa? Como é que o mundo dele se mantém de pé? O que liga os espaços vazios?*

Dei um murro no mapa.

– Há demasiadas estradinhas nestas montanhas.

Ele afastou a minha mão e pousou a ponta do indicador em Tiberville.

– Ajuda-me a encontrar Bear Creek neste mapa. Está assinalado?

– Não, mas tenho um mapa do condado que o mostra. – Fui buscá-lo à carrinha e abri-o em cima do *capot*. Quentin debruçou-se sobre ele, tirou a navalha do bolso das calças, abriu-a e usou a lâmina como ponteiro.

– Isto é o riacho, esta linha azul?

– Sim. Porquê?

– Todos os pontos de referência do Arthur apontam para o riacho. Ele mostrou-me o seu método nas nossas caminhadas pelo bosque. É assim que nunca se perde na quinta. Pode perder-se em qualquer outro lugar, mas nunca aqui. Usa o riacho como uma bússola.

– Não percebo onde queres chegar.

Ele seguiu a linha curva em direção a norte até à orla do mapa.

– O riacho de Bear Creek não nasce no condado de Tiber?

– Não, a nascente é em… – Hesitei enquanto pensava. Senti o coração bater mais depressa. Afastei o mapa do condado e procurei freneticamente no mapa maior. De súbito, soltei uma exclamação e apontei para um ponto bastante longe de onde nos encontrávamos. – A nascente é aqui, nas Ridge Mountains. – Olhei para Quentin. – E o Arthur já lá esteve.

Ele beijou-me na testa.

– Padrões. Vamos.

– Sim, vi uma grande carrinha no bosque quando cheguei esta manhã – confirmou o velho proprietário da mercearia Ridge Mountain, sem parar de mascar tabaco. Remexeu numa caixa de CD-ROM que tinha em cima do balcão. O computador portátil, aberto em cima de um barril antigo, exibia o ecrã inicial sanguinolento de um jogo medieval. – Ia chamar as autoridades para verem o que se passava – afirmou, enquanto continuava a mexer nos CD-ROM –, mas ainda não tive tempo.

Tenho estado ocupado a jogar *Dragon Quest* com uma rede de amigos no Canadá.

Explicámos-lhe que a carrinha pertencia a Quentin e que voltaríamos para a vir buscar mais tarde.

– Pensei que fizesse parte de alguma manobra do Exército – observou o homem enquanto nos dirigíamos à saída. – Costumam trazer os *Rangers* para treinar cá em cima. – Soltou uma risada. – Recebo o calendário deles de um tipo na Florida que consegue aceder ao *e-mail* do comandante do campo.

Apontei para um trilho de terra estreito e esburacado que subia a encosta.

– Vira para este trilho – indiquei a Quentin. Ele manobrou a velha carrinha do paizinho, deixando para trás a estrada pavimentada e qualquer semelhança com uma viagem normal. Alcançámos um planalto e a estrada desapareceu. À nossa volta, havia apenas floresta. Um trilho para veados da largura dos nossos ombros era o único caminho visível.

– Não podemos continuar com a carrinha. Agora é uma caminhada de cerca de dez quilómetros para oeste, até à nascente. Vamos demorar à vontade umas duas horas.

– Vamos embora, então.

Começámos a caminhar em direção a leste. O dia de dezembro estava limpo, mas frio, a temperatura à volta dos seis graus, segundo um termómetro que eu vira no exterior da loja. Estávamos numa das montanhas mais altas do estado e quando passávamos por zonas desabrigadas éramos atingidos por um vento gelado. Ambos tínhamos casacos grossos e luvas, mas eu tinha de tapar as orelhas com as mãos. Em contraste com o nosso estado de espírito abatido e apressado, a paisagem era deslumbrante e serena, com as montanhas a adormecerem para o inverno sob um manto cinzento salpicado do verde das árvores de folha persistente.

A manhã já ficara para trás e o sol dirigia-se a oeste quando entrámos no vale profundo que eu recordava. No centro, sob a cúpula dos graciosos dedos verdes dos abetos altos, uma nascente borbulhava entre as pedras. O ar era húmido, limpo e frio. Os fetos, aqui abrigados da geada, roçaram-nos suavemente nas pernas ao passar. Os picos escarpados das montanhas erguiam-se em volta do vale como se este fosse o palco central de um teatro. Era o sítio perfeito para elfos e ursos.

Arthur e Esme desceram de uma rocha e correram para nós, a sorrir. A ursa e a cria seguiam-nos com passo indolente.

– Porque é que fizeram isto? – perguntei quando eles nos abraçaram.

– Queríamos mostrar às pessoas que éramos capazes de fazer uma coisa importante – explicou Esme. – Eu conduzi e li o mapa e o Arthur lembrou-se do caminho até aqui!

Era de facto espantoso ver que o meu irmão parecia muito descontraído depois desta aventura, apesar de estar tão longe de casa.

– Sou um homem do mundo – anunciou. Depois, com uma alegria que só as criaturas mais diferentes podem sentir, afirmou, com a mão sobre o coração: – Nunca mais me perderei.

Um frémito de orgulho e entusiasmo percorreu-me a espinha. A avó Annie encontrara o seu menino e trouxera-o para casa. Depois de todos estes anos.

Sentámo-nos os quatro numa rocha ao lado da nascente, a observar a mãe e a cria. Arthur suspirou.

– Aqui em cima a avó Annie vive na mesma em Bear Creek porque é o mesmo riacho. É a casa dela. E estará a salvo dos Entres maus.

Quentin murmurou:

– Irmão Arthur, sei que te assustei ontem.

Arthur fitou-o com tristeza.

– Estás a construir um Urso, mas não gostas dele. Mesmo assim, não o devias matar.

– Eu sei. Se calhar, não vou conseguir construir um amigo para a tua Mãe Ursa.

– Se calhar não. – Fez uma pausa, com os lábios a tremer. Pegou na mão de Esme e apertou-a em busca de apoio. – Eu posso viver sem a Mãe Ursa, se ela tiver de ir para Nova Iorque.

E estava feito. Depois de tudo o que tínhamos passado, ali, na nascente do nosso riacho, Arthur, orgulhoso, salvara os ursos sozinho e pusera fim a meses de incerteza. Quentin podia partir. Comprar o Urso de Ferro e levá-lo para Nova Iorque. Nunca mais voltar. Gelada por dentro, não consegui olhar para a cara de Quentin.

– Ainda sou o Irmão Urso? – perguntou Quentin baixinho.

Arthur assentiu com um aceno.

– Serás sempre o Irmão Urso.

A mãe ursa e a cria estavam deitadas ao lado da nascente. Esme observou:

– Este sítio é bom para ursos, não é?

Recompus-me o suficiente para continuar a falar, como se esta estranha vitória não me soubesse a derrota.

– Ficarão bem aqui. Há muita água, muitos carvalhos carregados de bolota e prados cobertos de amoras. E também há grutas nas imediações.

Arthur lançou um olhar triste aos ursos.

– Quem me dera poder visitá-los.

– Não é preciso. A avó Annie estará sempre a olhar por nós. Era o que o paizinho dizia, e ele tinha razão.

Arthur acenou, com lágrimas nos olhos.

– E, quando tiver saudades, é fácil seguir o riacho e ir para casa.

No silêncio carregado de emoção, Quentin olhou para mim e afirmou:

– É o que temos de fazer, às vezes. Ir para casa. – Eu não fazia ideia do que ele queria dizer. Estava a morrer por dentro. Quentin passou o braço pelos ombros de Arthur. – Vamos voltar para o

resto do mundo antes que decidam que estamos *todos* perdidos.

Esme abanou a cabeça.

– Temos estado a tentar ir embora, mas os ursos não nos deixam.

Arthur acenou freneticamente com a cabeça.

– Vêm atrás de nós! Estou farto de tentar falar com eles, mas até agora ainda não perceberam que esta é a sua nova casa.

– Eu expliquei-lhes que já comeram *todas* as bolachas que trazia na mochila – esclareceu Esme. – E até a pus ali em cima daquela rocha para eles não pensarem mais nisso. – Soltou um gritinho quando a cria trepou para a rocha e se dirigiu à mochila. O pequeno urso virou a mochila entre as patas e começou a roer um objeto volumoso no seu interior. – A minha pistolinha está lá dentro! – gritou Esme. – Ele pode magoar-se!

– Não está carregada – tranquilizei-a.

– Está, sim! Não pensei que tivesse de disparar contra ninguém, mas mesmo assim achei melhor trazer algumas balas.

– Valha-me Deus! – exclamou Quentin. A cria estava deitada na rocha, mesmo à nossa frente. Apertou a mochila e mordeu o revólver carregado no seu interior. Quentin levantou-se lentamente. – Todos de pé. Devagar, para não o assustarem. Saiam da linha de fogo.

Ajudei Esme a levantar-se, enquanto ele apressava Arthur.

– Corram para ali – indicou Quentin, apontando. Arthur pegou na mão de Esme e desatou a correr. Quentin virou-se para mim, posicionando-se entre mim e a cria, e estendeu a mão. Tarde de mais. O destino, a sorte, ou apenas a tragédia do nosso legado combinado tinham-nos por fim alcançado.

A cria de urso mordeu da maneira errada e a arma disparou.

Quentin cambaleou, mas não caiu. Ouvi a bala zumbir perto do meu braço esquerdo e vi a parte lateral do casaco dele mexer-se como se uma mão o tivesse sacudido por dentro.

Esme gritou. Ela e Arthur agacharam-se e agarraram-se um ao outro. Quentin e eu trocámos um olhar aturdido e incrédulo. Ao princípio, a expressão dele era de assombro. *Então é assim que está destinado a acontecer*. Levou a mão ao interior do casaco e, quando a tirou, vinha coberta de sangue.

– Eu devia ter adivinhado que ia acabar alvejado por um urso – comentou.

Levantei-me de um salto, abri-lhe o casaco e soltei um grito abafado ao ver o buraco rodeado de sangue na camisa de flanela, por baixo das costelas. A bala atingira-o nas costas e saíra pela frente.

– Senta-te – ordenei, e assustei-me quando ele obedeceu sem reclamar; os joelhos deram de si. Segurei-o com um braço para o impedir de cair desamparado e tombámos juntos para o chão. Com a mente num turbilhão, só consegui pensar: *Faz pressão na ferida*, uma informação retirada de todos os livros policiais que lera. Desabotoei-lhe a camisa, agoniada ao ver a pequena ferida vermelha a latejar no seu lado direito. Quando lhe toquei nas costas encontrei também sangue e, ao espreitar, vi a ferida de entrada da bala, tão redonda e perfeita como um furo em metal. Encostei-me a ele com uma

mão a pressionar cada um dos orifícios.

Quentin tinha os olhos semicerrados. A dor finalmente atingira-o. Arthur rastejou até nós, com uma expressão de terror cego nos olhos.

– Irmão Urso – murmurou. Atrás dele, Esme gemia e soluçava. Quentin fitou-o de testa franzida.

– Irmão Arthur! Levanta-te. De pé. Não te esqueças de tudo o que te ensinei. Tens de ser um homem, lembras-te? – Arthur pôs-se de pé sobre as pernas vacilantes. A tremer, olhou para mim de olhos arregalados.

– Volta para a loja onde deixaste a carrinha – ordenei eu. – Vai o mais depressa que conseguires, mas não te esqueças de prestar atenção ao caminho… não te percas. Diz ao homem da loja que precisamos de ajuda e mostra-lhe no mapa onde estamos. Esme, vai com ele. Sei que vocês os dois, juntos, são capazes. Eu fico a cuidar do Quentin. Agora vão. Vão!

Arthur virou-se e correu para Esme, ajudou-a a levantar-se e desapareceram pelo trilho em passo de corrida. Com o tiro ainda a ecoar-me nos ouvidos, senti agora o zumbido elétrico do medo juntar-se ao eco. Quentin e eu estávamos sozinhos. Tinham passado apenas segundos naquele momento convulsivo. Ofegante, Quentin disse:

– Devias ir com eles. Vão perder-se.

– Não. O meu irmão vai encontrar o caminho e vai trazer ajuda. Não o teria conseguido há seis meses, mas tu ensinaste-o a cuidar de si próprio… Está a fingir que é como *tu*, e essa parte dele vai salvar-te.

– Não, o melhor é deixares-me e ires ajudá-lo…

– Não te vou deixar. Tem um bocadinho de fé.

– Neste momento, não gosto da forma como acreditas nas coisas – ironizou ele.

Recusei-me a admitir que tinha visões de Arthur a entrar em pânico e de Esme a ceder ao histerismo, ambos perdidos, a vaguear pelas montanhas, enquanto Quentin jazia caído na nascente das águas de Bear Creek, com o sangue a deslizar por esse caminho até ao oceano, com um destino inimaginável a fazer com que se esvaísse em sangue para garantir a futilidade da sorte dos Riconni e dos Powell. Já estava a sentir o seu sangue escorrer-me por entre os dedos, e beijei-o com desespero.

Até os ursos tinham desaparecido.

24

Não quero deixá-la, estava ele a pensar.

Ajudei-o a subir até um prado mais elevado onde podíamos fazer uma fogueira. Ele deitou-se num leito de folhas secas que amontoei e fingiu de modo bastante convincente que estava apenas a relaxar, com uma perna dobrada, a mão esquerda sobre o estômago. Nenhum dos dois falou muito. *Se admitirmos que não pode acontecer nada pior, então não acontecerá*.

– Um bocadinho – mentiu quando lhe perguntei se tinha muitas dores. Estava pálido e, quando pensava que eu não estava a olhar, reparei que tinha os maxilares contraídos. Toquei-lhe e percebi que tinha a pele demasiado fria.

Despi o casaco e depois a camisa de lã, que cortei com um canivete. Enquanto lhe enrolava as tiras de tecido ao tronco, Quentin fingiu admirar a camisola fina que eu trazia por baixo.

– Para a próxima vez que eu levar um tiro, espero que não tragas *soutien* – brincou, mas a sua voz estava tensa.

– Se isso parasse a hemorragia, até me despia e dançava toda nua.

– Vou recordar-te dessa sugestão quando estiver melhor.

Puxei um tronco para junto dos pés dele.

– Põe os pés para cima. É bom para a circulação, mas não me lembro bem porquê. – Naquela altura, mal me conseguia lembrar do meu próprio nome.

– Ajuda o sangue a chegar ao coração – explicou ele. – Podias fazer a fogueira e depois tentar apanhar o Arthur e a Esme. Eu fico bem.

– Não, porque o fogo não durará muito se eu não estiver aqui a cuidar dele. – *Nem tu, se calhar*, pensei.

Tapei-o com o meu casaco, mas ele afastou-o.

– Vais morrer congelada. Veste-o.

– Eu estou em movimento e tenho roupa suficiente. Quem é a enfermeira, afinal?

– Eu é que sabia em que direção o sangue corre. Agora veste o casaco, acende a fogueira e desaparece daqui.

Ajoelhei-me ao lado dele e segurei-lhe no rosto com as mãos.

– Por favor, podes parar de me pedir isso? *Queres* que te deixe sozinho?

– Não quero que me vejas morrer.

Vi as memórias nos olhos dele, o pai numa poça de sangue. Os Riconni tinham tendência para morrer em combate, em acidentes, para apontarem armas ao próprio peito no meio do desespero. Os Powell tinham tendência para se desvanecer. Desapareciam, perdiam-se, mergulhavam nas suas fantasias até se dissolverem no nada. Mas desta vez não – nem para Quentin, nem para mim. Inclinei a cabeça para ele.

– Não vou ver-te morrer. Não vais morrer. Não vais.

Quando me afastei ele sussurrou:

– Lá porque quero que te vás embora, isso não significa que te quero deixar.

Agarrei-lhe na gola da camisa e beijei-o enquanto lhe abotoava os botões.

– Não olhes para o passado nem para o futuro – ordenei. – Fica apenas aqui.

Tapei-o com o casaco e fiz uma pilha de folhas, galhos e troncos caídos. Ele procurou o isqueiro no bolso das calças e deu-mo. Depois de acender o fogo corri entre as árvores e apanhei ramos caídos, parti aqueles que conseguia alcançar, procurei qualquer fonte de combustível disponível.

– Vou construir a maior fogueira num raio de dez condados – prometi. – Vai aquecer-te e dar sinal. Os guardas florestais não demorarão muito a dar por ela. Descansa.

Ele fechou os olhos. Observei-o durante um longo minuto e ergui os olhos para o céu que começava a escurecer. Calculei que Arthur e Esme demorariam pelo menos duas horas a regressar à estrada e a chegar à loja. Mais algum tempo para explicar a situação ao homem que estava a jogar *online*, para ele chamar ajuda e essa ajuda se organizar. Depois, mais duas horas para os socorristas chegarem até nós. Um total de pelo menos cinco horas. Nessa altura, já seria noite. Cinco horas de Quentin a sangrar, ao frio, talvez a esvair-se em sangue. E ele sabia-o.

Memento mori. *Lembra-te de que és mortal*.

– Há coisas que tenho de dizer – murmurou Quentin. Eu estava encolhida ao seu lado, com a cabeça apoiada no ombro dele e um braço sobre o seu peito para manter ambos o mais quentes possível. Parte de mim queria mandá-lo calar, afastar a desgraça iminente ao não admitir a possibilidade da sua iminência. Ele virou a cabeça e os seus lábios moveram-se contra o meu rosto. – Amo-te – declarou.

Pérolas do sol frio, que desaparecia no horizonte, materializaram-se nas minhas veias. Ouvir esta declaração, a promessa por trás da palavra, era a maior alegria que alguma vez sentira. O mundo não era justo, se tínhamos chegado a este ponto apenas para ser o fim. Apertei mais o braço no seu peito e encostei o rosto ao dele.

– E eu a ti. Amo-te desde o dia em que me tiraste do celeiro.

– Quem me dera que tivéssemos mais tempo.

Levantei a cabeça e fitei-o com expressão suplicante.

– Não digas isso. Não vais morrer. Há certas coisas que não te deixo sequer pensar.

– Olho para a frente e vejo-te lá. Olho para trás, e lá estás tu. Estás dentro de mim e à minha volta. Nunca senti isso antes, com ninguém. – Fez uma pausa e perscrutou-me os olhos. – Terias aceitado casar comigo?

– Sim. – A chorar, beijei-o. – E *vou* casar contigo. Vou *mesmo*.

– Diz à minha mãe que a amo. É a minha rocha. Nunca me afastei tanto que ela não me

conseguisse trazer de volta. Não quero que ela morra por causa disto. Diz-lhe para *viver*. Para casar com o Alfonse. Sim. Tem de casar com o Alfonse. É o meu último desejo. Ele cuidará dela.

– Hás de ser tu a dizer-lhe.

– Diz às outras pessoas que gostei delas. Aquele homem de quem te falei… o velho sargento? O *Popeye*. E a mais quem achares que precisa de o ouvir. Mesmo que não tenhas a certeza. Usa o teu bom senso. Cuida do *Hammer*. Quero que ele fique contigo. E trata o Arthur como um homem. Não te esqueças.

– Não aguento mais ouvir estas coisas. – Encolhi-me contra ele.

– Diz-lhes – insistiu ele, beijando-me os olhos, o nariz, a boca, enquanto eu movia o rosto para capturar os seus beijos. – Diz-lhes que agora sei o que é o amor.

Várias horas depois, ele quase deixara de falar; só abria os olhos de longe a longe quando eu insistia, estava cada vez mais pálido e tinha a pele gelada, apesar de a fogueira continuar acesa. Eu sentia-me gelada e a transpirar, agoniada e aterrada, com as roupas salpicadas do sangue de Quentin, as mãos arranhadas, o rosto vermelho do calor das chamas de cada vez que remexia nas brasas.

O crepúsculo caía e eu já tinha percorrido todas as zonas de fácil acesso nas imediações em busca de lenha para queimar. Depois de escurecer, se não chegasse ajuda entretanto, o fogo acabaria por se extinguir. Deitei-me de novo ao lado de Quentin, encolhida debaixo do casaco, com os braços à volta do corpo dele.

– Ursula – chamou, em voz tão fraca que quase não o ouvi. Inclinei-me ansiosamente para ele.

– Estou aqui – garanti. – Estou *aqui*.

Ele abriu os olhos. A distância que vi nos seus olhos – como se estivessem focados numa lonjura invisível, antes de se fixarem em mim, com esforço – aterrorizou-me. Uma expressão deslumbrada invadiu-lhe o rosto.

– Já percebi por que razão ele o fez.

As lágrimas deslizaram-me pelas faces. Ele estava a ouvir a voz do pai a sussurrar-lhe na semiobscuridade. Eu não queria que ele a ouvisse. Não queria que a seguisse.

– Aguenta-te, Quentin, por favor. Por favor, não desistas. O teu pai não está a levar-te a parares de lutar, como ele fez. Não havia de querer uma coisa dessas. Ele quer que vivas.

– Ele pensava que… nos libertava. Não teríamos de o amar mais. Sem mais sofrimento.

Contive um soluço.

– Estava enganado. O amor nunca acaba. Estás a ouvir? O amor nunca acaba. Agora também sabes disso.

Ele fechou os olhos, franziu a testa e depois relaxou. Encostei-lhe a mão ao peito, aflita. Tinha as mãos entorpecidas do frio. Não conseguia sentir o coração dele, ou talvez conseguisse. *Aqui está. Não? Não tenho a certeza. Oh, meu Deus*. Ele ia morrer, perderia os sentidos e partiria sem que eu

desse sequer por isso.

O pânico começou a apoderar-se de mim. O medo insinuou-se na minha mente e assumiu formas sombrias, e comecei a falar em voz alta para afastar essas formas – prometendo embaraçá-lo com rituais de luto peculiares se ele morresse, explicando cada um deles de forma detalhada. Depois comecei a descrever os filhos que nunca nasceriam se ele não sobrevivesse.

– Primeiro, uma menina – anunciei. – Vamos dar-lhe o nome de Angela Grace… não, espera, isso parece nome de dançarina exótica… mas queria usar o nome da tua mãe. A nossa segunda filha terá o nome da minha mãe, Victoria. Bom, pode ser o segundo nome, mas não me importava de lhe chamar Vick. Vick, não Vicki. Vamos voltar à Angela Grace. Vai ter mau feitio. Teremos de a ensinar a não tratar mal os primos Tiber. E será inteligente. Vou começar a ler para ela desde muito cedo. E tu podes ensiná-la a ver padrões nas pessoas, nos sítios e nos telhados de celeiros. Quando crescer, será engenheira. Mas a Vick, ah, a Vick Riconni será do tipo reservado, muito sensível, uma artista como os avôs…

Cinco filhos. Dez. Quinze. Estava a bater os dentes e a falar em voz rouca como a de uma velha, e por fim calei-me. Toquei nos lábios gelados de Quentin. O seu rosto parecia tão tranquilo. O sol estava a pôr-se, o céu pintado de dourado, roxo e rosa, a fogueira a cuspir fagulhas para as primeiras estrelas da noite, os pirilampos a esvoaçar para longe, como a vida dele. O desespero começou a distorcer a realidade.

Concentra-te, concentra-te – queria mantê-lo ali com a minha obsessão magnética, o peso das lágrimas, a força do amor, ligar a minha pulsação à dele, entrar nele e selar o sítio rasgado deste homem que amava agora tão completamente. Mil antepassados tinham-se sacrificado para nos trazer a este momento. Os nossos pais deviam estar a ver, a ouvir, e com certeza que não iam permitir que acabasse assim, e eu não permitiria que ele morresse. *Concentra-te*.

Ouvi algo e levantei a cabeça. Vi dois olhos cintilantes a espreitarem sobre a orla do mundo, paralelos e focados em nós, em Quentin, na penumbra, e à volta desses olhos uma forma, redonda e primitiva, escura, a erguer-se contra o pôr do Sol. Um fantasma. Um espírito ao qual não podíamos escapar. Annie, ainda à procura dos seus, talvez? Vida ou morte? Protegi Quentin ferozmente e olhei para trás, por cima do ombro, furiosa e aterrorizada, desafiando a visão misteriosa a tornar-se real. *Não o deixarei ir. Sempre soube que estavas por aí – e ele também sabe. Mas agora é diferente, somos diferentes juntos*.

Gritei em desafio e ouvi um rugido em resposta. A cabeça escura e os olhos fatídicos ergueram-se mais, acima do horizonte, e tornaram-se num Urso de Ferro enorme. A constelação que me dera o nome, a Ursa Maior, ganhou vida para caçar vida e desceu do céu, pairando, rosnando, cantando canções profundas no firmamento da noite.

E depois, *transformou-se*.

Apercebi-me de pás de aço, o zumbido de um motor gigante, o pousar lento de uma máquina. O

helicóptero baixou sobre a terra com a gentileza de uma borboleta. Arthur encontrara anjos com asas metálicas.

«Mesmo a tempo», garantiram-me mais tarde. Mesmo a tempo.

Eu estava à porta da sala de espera na enfermaria dos Cuidados Intensivos, imóvel como uma estátua. Uma enfermeira dera-me um uniforme verde para substituir as minhas roupas ensanguentadas e Liza trouxera-me um casaco de malha antes de regressar à quinta para cuidar de Arthur e Esme. Eles estavam abalados, mas bem. Bear Creek fora invadido por Tibers. Todos celebravam o coração intrépido de Arthur e Esme – doces santos, salvadores, guardiões de toda a espécie ursina. E rezavam por Quentin.

Ouvi passos vindos do elevador. Dois pares de pés a moverem-se rapidamente. Um homem de cabelo branco, alto e imponente, de fato e sobretudo, contornou a esquina. Vinha de braço dado com uma mulher esguia, de costas direitas e cabelo castanho a começar a ficar grisalho. O seu casaco preto abria-se com os movimentos da bengala de castão de bronze que usava para não coxear. Quentin mencionara, uma vez, que a mãe nunca deixara que a perna a impedisse de fazer nada.

Os seus olhos desesperados e inquisitivos procuraram os meus à medida que se aproximava, de mão estendida. Reconhecemo-nos imediatamente. Peguei-lhe na mão e apertei-a nas minhas.

– Ele ainda não acordou. Dizem que só poderemos falar com ele de manhã.

– Tenho de o ver.

– Eu levo-a.

– Eu espero aqui – indicou o homem em voz calma e digna. Devia ser Alfonse Esposito, pensei. Ela virou-se para ele.

– Não, vem também. És da família. Ele precisa de ti. E eu… eu também.

Os olhos dele brilharam. Acompanhou-nos pelo corredor, até às portas da enfermaria de Cuidados Intensivos. Uma das minhas primas Tiber, a enfermeira-chefe, fez-me um aceno discreto com a cabeça, como que a indicar que o horário de visitas não se aplicava aos seus. Entrámos no pequeno quarto onde Quentin se encontrava, ligado a uma teia de tubos e máquinas. Fora operado e agora dormia, um sono profundo, abaixo dos sonhos.

Eu sabia que ele estava com péssimo aspeto. Branco como um fantasma, com a cânula do oxigénio presa por baixo do nariz e aquelas máquinas todas a registarem a sua força de vida como se fosse controlado pela tecnologia. A mão pequena de Angele apertou a minha e depois largou-a. Soltou um pequeno gemido desesperado. Eu e Alfonse ficámos para trás.

Ela encostou a bengala à cama e aproximou-se da cabeceira de Quentin. Com as mãos a tremer, tocou-lhe no rosto e acariciou-lhe o cabelo.

– Sabes como te amo? – perguntou. – E que és um bom filho? Não, não sabes, porque não to digo desde que eras pequeno. Perdoa-me, *perdoa-me*. – Beijou-lhe a testa e encostou o rosto ao dele. A

sua voz baixou para um murmúrio fervoroso. – Vais sobreviver. És filho do teu pai e ele sabe o que tens andado a tentar fazer por ele nestes últimos meses. Está muito orgulhoso de ti. E eu também, Quentin. – Levantou a cabeça e, a chorar, olhou para ele. – A tua mãe e o teu pai amam-te. Somos outra vez uma família.

– Odeia-me por ter metido o seu filho nisto? – perguntei-lhe durante aquela longa noite, enquanto aguardávamos na sala de espera.

– Foi o pai que o meteu nisto – respondeu ela baixinho. Depois estendeu a mão, segurou-me no queixo, virou o meu rosto para o dela e acrescentou em tom carinhoso: – E foi você que o salvou. – Com os olhos cheios de lágrimas, sorriu. – Olá, Rosa.

Fechei os olhos e ela encostou a minha cabeça ao seu ombro. Puxei as pernas para cima da cadeira e fiquei ali sentada, como uma criança. Algum tempo depois, o senhor John apareceu. Angele e eu endireitámo-nos e olhámos para ele, incrédulas. Vestia apenas uma bata azul de hospital, meias brancas e um roupão fino com o logótipo das Indústrias Tiber. Por cima da gola do roupão, vimos um dos fios desligados do monitor cardíaco. Não devia demorar muito tempo até aparecerem enfermeiras aflitas à procura dele.

Apresentei-o a Angele. Ele apertou-lhe a mão e inclinou a cabeça numa vénia galante.

– Como está o Quentin? – perguntou-me.

– Estamos à espera que ele acorde; provavelmente só amanhã.

– Ele viverá. É forte. Como o pai, calculo. – Pigarreou. – Costumo demorar muito tempo a aprender coisas novas. Não posso negar que estou impressionado com a evolução do nosso Urso, em termos de valor monetário. Mas é mais do que isso. As pessoas são devotadas àquela estátua, e parece que dou sempre por mim do lado errado da multidão. Não posso garantir que alguma vez gostarei da escultura, mas gosto do que ela representa para as pessoas que amo. – Estendeu de novo a mão para Angele. – Espero sinceramente que me perdoe por todo o mal que possa ter causado em relação à escultura e à memória do seu marido. E rezo pela rápida recuperação do Quentin.

Ela apertou-lhe a mão.

– Aceito o seu pedido de desculpa, pelo Richard e pelo nosso filho.

O senhor John virou-se para mim.

– Gostava muito que o teu paizinho aqui estivesse esta noite.

– O paizinho sabe o que o senhor gostaria de lhe dizer, e eu também. – Levantei-me e abracei-o. – Está tudo bem.

O senhor John fitou-me com um sorriso pensativo e lágrimas nos olhos.

– Estou a ficar mais inteligente – observou. – Há quem veja a luz, mas isso não era o suficiente para mim. – Fez uma pausa. – Eu tinha de ver o *urso*.

Sorri. Ouvimos as enfermeiras correrem no corredor à procura dele. Duas passaram pela porta da

sala de espera, viram-no e entraram.

– Senhor Tiber! – ralhou uma delas. – Vamos ter de o algemar à cama!

– Foi apanhado – brinquei.

– Oh, enfim. – O senhor John olhou para mim com um brilho malicioso nos olhos e riu-se quando as enfermeiras o agarraram.

Quando Quentin acordou, na tarde seguinte, eu estava ao lado da cama, à espera. Inclinei-me sobre ele, beijei-lhe a testa, o nariz, a boca e depois a boca novamente, ao de leve. Ele pestanejou, ensonado e confuso, fechou os olhos para o beijo seguinte e abriu-os com expressão desconcertada. Murmurei o nome dele, acariciei-lhe o rosto, expliquei-lhe onde estava, como estava e o que acontecera na montanha. Ele nunca tirou os olhos de mim, mas percebi que andava perdido nos canais da memória, a tentar reconstruir aquelas horas perdidas. Os médicos tinham-me avisado de que as pessoas que chegavam tão perto da morte podiam ficar profundamente afetadas.

– Se estás perdido, eu ajudo-te a encontrar o caminho de casa – prometi, assustada, mas tentando manter a calma.

– Casa – murmurou ele. A teia de confusão desapareceu-lhe dos olhos e, de súbito, ele voltou, completamente vivo, e olhou para mim como se eu também estivesse rodeada do brilho de um milagre. – As pessoas já não vão poder falar – murmurou. Percebi que ele queria dizer que eu já não o poderia envergonhar, como prometera fazer junto à fogueira. Estava vivo e tencionava assim continuar.

– Oh, vão falar na mesma sobre ti – garanti-lhe emocionada; depois ri-me, chorei e beijei-o. Desta vez, ele devolveu o beijo. Vi a minha devoção refletida no sorriso dele, o carinho nas suas feições e no rosto tão pálido e cansado, no queixo com a barba por fazer, nas olheiras escuras que indicavam que ele fizera uma viagem longa e difícil, mas regressara a casa mais sábio. Era novamente belo, para ninguém senão para mim, e eu aceitava-o, agora e sempre.

25

É uma bênção saber quem amamos, onde devemos estar e aquilo por que estamos dispostos a morrer. É possível salvar peças maravilhosas dos destroços de esperanças destruídas, e construir novas fundações até sobre as memórias mais tristes.

Ele regressara daquela montanha.

Todos tínhamos regressado.

Levei Angele à quinta e atravessámos o pasto.

– Oh, Richard – exclamou ela alegremente, emocionada, ao olhar para o Urso de Ferro. – O Quentin está a recuperar num quarto de hospital cheio de flores e postais das pessoas que conheceu aqui. Levaram-lhe presentes e comida. Cobriram-no de amor. E disseram-me como tinham aprendido a respeitá-lo no pouco tempo em que ele aqui esteve. Contaram-me também as suas histórias sobre o Ursabedoria… o que a escultura significa para eles. Mudou a vida das pessoas. É aqui que deve estar. E decidi que *tem* de ficar aqui. – Hesitou, depois estendeu a mão e pegou na minha. Lançou-me um olhar de afeto antes de voltar a virar-se para a escultura. – E o nosso filho ficará aqui também. Encontrou uma pessoa para amar, uma pessoa muito especial. E agora este é também o lugar dele.

Passámos aquele inverno frio e belo, com mais neve do que o habitual, a descansar em frente à lareira e debaixo de mantas. Coloquei uma cama maior no meu quarto na quinta e a cama enchia o quarto, de uma parede à outra, com o seu aconchego, o seu calor, o seu amor. Os ferimentos de bala de Quentin tornaram-se covinhas cor-de-rosa na pele do tronco, à frente e atrás, por baixo das costelas. Não conseguia deixar de pensar que parecia que um animal gigante qualquer o tinha levantado nos dentes, provado e libertado.

Ele instalou-se na casa da quinta tão facilmente como qualquer Powell, e os residentes depressa se habituaram a ele. A casa adorava-o e ele devolvia esse amor. Tal como a minha frigideira de omeletas pendurada ao lado da frigideira de ferro fundido da minha avó, Quentin prosperava no espírito do progresso. O velho sargento, *Popeye*, apareceu com malas e caixotes, incluindo a janela grande e oval, que colocámos no alpendre das traseiras para a admirarmos.

– O que hei de fazer em Nova Iorque sem ti, capitão? – perguntou ele a Quentin. – E fazes alguma ideia de que diabo vais fazer aqui?

– Estava a pensar em arrendar um armazém na zona industrial que o John Tiber está a construir nos arredores da cidade. Talvez possa fazer revenda de bugigangas recuperadas.

– Vais começar o teu negócio do zero?

– Só se arranjar um assistente para me ajudar a geri-lo e para gritar comigo quando eu quiser carregar coisas demasiado pesadas.

– Arrenda lá o teu armazém, então, porque sou o homem certo para o trabalho e estou contratado.

Popeye regressou a Nova Iorque para cuidar do prédio na antiga fábrica e dos seus inquilinos durante o resto do inverno. Quentin tencionava manter essa propriedade e arranjar alguém para a administrar. Nunca abandonaria os seus inquilinos, os jovens artistas, sem um sítio decente onde viver e trabalhar. Queria colocar uma placa na parede do prédio a dizer: *Ars gratia ars*. *A arte pela arte*. E, por baixo dessas palavras: *In Memoriam, Richard Riconni*.

À medida que ele recuperava as forças, eu recuperava também as minhas. Fui buscar as caixas dos velhos frascos de conservas da mãezinha, armazenadas na despensa. Quando abri um frasco de feijão-verde que o meu pai cozinhara no verão antes de morrer, enfiei os dedos no líquido e comi um pedaço do vegetal verde e tenro, a chorar e a sorrir ao mesmo tempo. O paizinho e a mãezinha continuavam comigo, como um abraço quente na cozinha, um sussurro sábio ao meu ouvido; estavam novamente a alimentar-me, agora que eu voltara para casa não só em corpo, mas também em espírito.

Num dia de março, quando o tempo melhorou, Quentin e eu voltámos à nascente em Ridge Mountain e levámos Arthur e Esme connosco. Vimos pegadas, mas a mãe ursa e a sua cria não nos encontraram, ou nós a elas.

– Achas que ficaram com medo das pessoas depois do que aconteceu com a arma? – perguntou Quentin.

Confirmei com um aceno.

– Espero que sim, para o bem delas.

– Estão em segurança porque têm medo de nós? – inquiriu Arthur, com ar melancólico.

Pus-lhe o braço sobre os ombros.

– Estão em segurança porque tu e a Esme cuidaram delas. E, graças a vocês, sabem o que é melhor para elas.

– Às vezes é difícil ser um homem – lamentou-se o meu irmão, mas Esme sorriu-lhe de forma reconfortante.

Deixámo-los a admirar um ninho de esquilo nos ramos altos de um pinheiro. Quentin pegou-me na mão e caminhámos até ao prado onde tínhamos esperado por ajuda. Ele agachou-se e remexeu nos restos carbonizados da minha fogueira.

– Parece que foi há tanto tempo – comentou.

– E foi.

Puxou-me para junto de si e sentámo-nos, abraçados, a olhar para as montanhas.

– Que sítio fantástico para um pedido de casamento – sugeriu ele. – E se voltasse a fazê-lo?

Olhei para o sol de inverno, encandeada pela claridade do dia, e depois virei-me para ele e partilhei o sol que tinha nos olhos.

– Estou à espera.

– Ursula Powell, queres casar comigo?

Teve a mesma resposta que antes e, desta vez, sorriu.

Quando as primeiras plantas de açafrão espreitaram do solo em finais de fevereiro, Quentin encomendou um carregamento de madeira e construiu uma estrutura de seis metros de altura à volta do inacabado Urso Dois.

– Vou acabá-lo, mas não quero público – admitiu. Colocou a máscara de soldar e começou, lenta e pacientemente, a trabalhar a escultura, agora escondida por trás de uma parede de tábuas de pinho claras.

Angele veio de Nova Iorque. Ela e eu decidimos não lhe contar nada e esperar apenas para ver como as coisas progrediam. Reparei que ela tinha um pequeno anel de noivado na mão esquerda.

– Ficar noiva com a minha idade – comentou ela em tom grave, e abanou a cabeça perante a enormidade do passo. – O que é que me passou pela cabeça?

– Um dia será avó – prometi. – Tem de dar um bom exemplo.

– Vou dizer aos meus netos que o avô deles diria: «Nunca desistam daquilo que amam.» De nada. Nunca desistam.

– Combinado – respondi baixinho.

Passei o resto do inverno com Angele, Liza, Arthur e Esme ao meu lado, e todos juntos cuidámos de Quentin. Na maior parte dos dias, ficávamos sentados junto do Urso de Ferro ou a tremer de frio sob os carvalhos enquanto ouvíamos o sibilar do maçarico e o chocalhar de metal por trás da parede de madeira. Nos dias em que estava sozinha, passava o tempo a ler e a fazer apontamentos sobre as histórias de Bear Creek do doutor Washington.

Mandei uma cópia das histórias para o filho e a filha do doutor Washington, em Boston, e um dia em abril ele ergueu os olhos do seu café da manhã e viu duas limusinas do aeroporto que lhe traziam os filhos e netos. Entusiasmado, trouxe-os à quinta no dia seguinte, onde tomaram chá connosco.

– O que é aquilo? – exclamaram os netos, quando viram o Urso de Ferro no pasto.

– Venham, a Esme e eu mostramos-lhes – instou Arthur e, pouco depois, ele, Esme e as crianças estavam a jogar à apanhada sob o olhar atento do Urso.

– O Urso captou-lhes a imaginação – garanti ao doutor Washington. – Hão de voltar.

Ele acenou, com os olhos a brilhar.

Os inquilinos e eu abrimos nessa primavera a Galeria de Bear Creek, na cidade. Fannie e Bartow ofereceram-se para cuidar da lojinha sossegada e colorida, com a ajuda dos restantes. A visão do meu pai tinha agora também um lar na rua principal. A parede por trás do balcão estava decorada com fotografias emolduradas dele, do Urso de Ferro e da menina Betty. Nas prateleiras havia peças de cerâmica dos Ledbetter e as peças de vidro de Liza. Ao fundo, numa divisão separada, expúnhamos as obras mais controversas de Oswald, mas na frente da loja, num cantinho agradável junto à porta, estavam os primeiros esboços das ilustrações para o livro do doutor Washington. Na primeira semana, vendeu cinco pequenos quadros das crianças de Bear Creek. Tive a sensação de que a sua carreira de artista estava prestes a arrancar de uma forma que ele nunca sonhara.

– Está pronto – anunciou Quentin, numa manhã em meados de maio. Estava na cozinha, coberto de suor e fuligem, com a máscara de soldar na mão e uma expressão de satisfação e pesar no rosto. Corri para ele e beijámo-nos, girámos, ele largou a máscara e levantou-me do chão. Segurei-lhe o rosto nas mãos e abracei-o com força.

– Quero festejar – afirmei.

Ele riu-se.

À noite, com a ajuda de Arthur, Quentin desmontou as paredes de pinho e tapou a escultura com uma lona pesada. Os olhos do meu irmão cintilavam com uma expressão de intriga e secretismo. Arthur e eu estávamos entre o velho e o novo, o Urso de Ferro e o seu descendente oculto.

– A Mãe Ursa ainda se sente sozinha? – perguntei.

Arthur pegou-me na mão.

– Tem saudades do paizinho, e nunca deixará de ter. Mas agora tem um amigo e sabe que, às vezes, não faz mal sentir-se só. Contou-nos que está feliz, a mim e à Esme.

– Tem falado muito contigo ultimamente, não é?

– Está sempre a falar. Só que às vezes eu não sei ouvir. – Levou a minha mão ao rosto e olhou para mim sem hesitação. – Amo-te, Mãe Ursa.

Nesse sábado de maio abrimos os portões e, ao longo de toda a manhã, a quinta foi-se enchendo de pessoas. Angele e Alfonse estavam lá, bem como Harriet Davies e mais Tibers do que eu alguma vez vira na vida. O senhor John recebeu e cumprimentou os seus familiares como se nunca tivesse havido uma época em que nenhum Tiber pisaria terra dos Powell. O doutor Washington ocupava um lugar de honra à sombra de uma árvore, e consigo tinha o neto mais velho, um adolescente que tencionava passar o verão com o avô. Iam tirar juntos um curso de ferreiro na universidade. Os Washington tencionavam forjar o ferro e renovar a âncora que os prendia ao leito rochoso da montanha.

– Que tal estou? – perguntou Quentin no meu quarto no piso de cima da casa, o nosso quarto. Alisei a lapela do fato escuro e elegante que ele comprara; endireitei-lhe a gravata de seda.

– Errado – respondi. – Estás todo fino e simplesmente *errado* para o espírito da ocasião.

Ele sorriu.

– Também tu. – Eu tinha um bonito vestido de seda, com *collants* e sapatos de salto alto a combinar. Despimo-nos, vestimos calças de ganga e *T-shirts* e, quando nos dirigíamos à porta, ele deu-me uma caixinha num bonito embrulho. Lá dentro, reluzia um anel de diamantes. Encostei a cabeça ao ombro dele enquanto me enfiava o anel no dedo da mão esquerda.

No pasto, uma banda tocava sob o sol e debaixo de uma tenda, a multidão – tão colorida como a

que aparecera no funeral do paizinho – comia churrasco servido por uma empresa contratada para o efeito. Arthur e Esme estavam debaixo dos carvalhos, a assistir e a falar em sussurros, como crianças excitadas. Numa plataforma, com microfone, houve discursos, odes ao Urso de Ferro, poesia improvisada, canções, imitações de Elvis e lágrimas. O padre Roy conduziu-nos numa oração.

– O Quentin já visitou a capela várias vezes – murmurou Angele a Alfonse, orgulhosa. – E a Ursula vai com ele. A igreja estará presente na vida dos meus netos, sem qualquer dúvida.

Alfonse enfiou o braço dela no seu e sorriu-lhe com ar pensativo. Há anos que desejava que Quentin, que se habituara a ver como um filho, casasse com Carla. Era um alívio pôr finalmente essa ideia vã de lado. A filha casaria com o banqueiro e seria feliz. E ele, Alfonse, seria feliz com Angele Riconni Esposito, tendo Quentin como enteado.

Janine esteve algum tempo ao pé de mim, a assistir à festa.

– Tenho tantos planos para melhorar as Indústrias Tiber. Se calhar devias vir trabalhar para mim.

Ri-me.

– Oh, seria bonito de se ver.

– Era o que eu temia. – Lançou-me um olhar pesaroso. – O Quentin vai construir mais Ursos?

– Não me parece. Vai estar ocupado com a empresa de recuperação, claro. E estamos a planear construir uma casa na colina, com vista para o riacho.

– O que vais fazer à casa da quinta?

– A Liza ficará lá a viver.

– Estou a ver.

– Ela vai gerir os estúdios dos artistas. Vamos expandir-nos. Construir uma galeria, essas coisas. Vai haver muita construção. Mas não de mais Ursos de Ferro.

Janine olhou para a carrinha colorida do meu pai, agora exposta em lugar de honra no meio do jardim, ao lado do pessegueiro. Empalideceu.

– Expandir os projetos artísticos?

Ri-me.

– Não te esqueças de que sou filha do meu pai.

Quando chegou o grande momento, Quentin aproximou-se de uma das pontas da lona que cobria o Urso Dois, e eu da outra.

– Isto é para ti, papá – declarou ele, tão baixinho que só eu o consegui ouvir.

– E para ti, paizinho – murmurei. Puxámos a lona, deixámo-la cair e demos as mãos.

As pessoas olharam para o Urso Dois, aplaudiram, soltaram exclamações e risinhos e abanaram a cabeça – todas as reações típicas que seriam de esperar a uma obra de arte feita de cinco toneladas de sucata.

– Raios me partam – praguejou o senhor John, mas quando Janine o abraçou suspirou com resignação. Ao pé dele, Angele limpou as lágrimas e sorriu ao olhar para a escultura.

– Ele não construiu uma cópia – disse a Alfonse. – Construiu um *filho*.

Quentin e eu olhámos para as costelas de metal, a cabeça feita de um velho motor, os flancos de ferros entrecruzados e tanta coisa mais. Dentro do peito aberto do Urso Dois estava o presente de Liza – um coração cintilante de vidro trabalhado, frágil e belo, um contraste chocante com o ferro duro à sua volta, mas protegido e esperançoso, a bater sem movimento ao ritmo do seu futuro. O Urso Dois estava vivo e de boa saúde – feio, bonito, desajeitado, gracioso, doce, aterrador, bondoso, cruel, claramente provocador e assombroso.

– O que achas? – perguntou Quentin.

– É *perfeito* – respondi.

Nessa noite, depois de o sol se pôr, dirigi-me ao Urso de Ferro e sentei-me aos seus pés, sozinha, rodeada pelos narcisos amarelos e pela neblina prateada que se erguia rente ao chão, vinda do riacho. Finalmente, compreendia. Nunca ninguém dissera que a vida era fácil. O paizinho, a mãezinha, Richard, todos tinham feito com que assim o parecesse, durante algum tempo – assim é o milagre da criação; mas a vida era difícil, exigia sacrifício e fé.

– Eu é que tenho de cuidar de ti – declarei em voz alta ao Urso –, não és tu que tens de cuidar de mim. Já não te odeio.

Ouvi a porta das traseiras abrir-se e fechar. Quentin saiu para o pátio, à minha procura, a sua silhueta delineada pela luz dourada da casa. Levantei a mão e acenei. Ele dirigiu-se a mim, com passo tranquilo e seguro por entre a neblina. *Feliz*, pensou ele. Feliz. Era tão simples de resumir.

Uma pequena borboleta branca, a caminho de algum sítio seguro, passou por mim e entrou no Urso de Ferro, depois na segunda escultura, onde esvoaçou alguns instantes antes de pousar delicadamente num pedaço de ferro. E, aí, fechou as asas para passar a noite. Observei-a, surpreendida; depois, olhei para Quentin e pensei no nosso futuro. Levei a mão ao coração. A mensagem fora recebida. Eu possuía agora o talento necessário para reconhecer pequenos milagres.

As notícias vindas do Céu e da Terra eram boas.

Levantei-me e caminhei ao encontro dele.